



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

JOSIVALDO BARBOSA DA SILVA

**O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

RECIFE – PE

2023

JOSIVALDO BARBOSA DA SILVA

**O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR**

Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a aquisição do título de Mestre.

Linha de Pesquisa 1: Aquisição e distúrbios de linguagem em suas diversas manifestações.

Orientadora: Profa. Dra. Rossana Regina Guimarães Henz

RECIFE – PE

2023

O que dizem os professores sobre alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. © 2023 by Josivaldo Barbosa da Silva is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

S586q Silva, Josivaldo Barbosa da.
O que dizem os professores sobre alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar / Josivaldo Barbosa da Silva, 2023.
204 f. : il.

Orientadora: Rossana Regina Guimarães Henz.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2023.

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação.
2. Alfabetização. 3. Letramento. 4. Prática de ensino. I. Título.

CDU 371.3

Pollyanna Alves - CRB/4-1002

O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

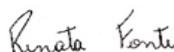
Dissertação apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a aquisição do título de Mestre.

Linha de Pesquisa 1: Aquisição e distúrbios de linguagem em suas diversas manifestações.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rossana Regina Guimarães Henz – UNICAP/UPE
(Profa. Orientadora)



Profa. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte - UNICAP
(Profa. Avaliadora Interna)



Prof. Dr. José Batista de Barros - UFPE
(Prof. Avaliador Externo)

RECIFE – PE

2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da minha força e motivação, por permitir concluir mais uma fase da minha trajetória acadêmica e me dar o dom da vida.

Agradeço à minha irmã Girlene Barbosa pelo apoio, preocupação e disponibilidade em ajudar diante de outras demandas e/ou circunstâncias na dinâmica da minha rotina e vida acadêmica.

Grato à equipe gestora (Florismam Albertin, Gleice Maria e Maria Auxiliadora) e aos meus colegas professores da Escola Municipal Pintor Lula Cardoso Ayres, que me apoiaram, incentivaram, confiaram, se disponibilizaram e se preocuparam comigo durante toda a minha trajetória acadêmica no mestrado.

Agradeço também a uma equipe multiprofissional que me acolheu zelando pelo meu bem-estar. São eles: Dr. Paulo Roberto e Dra. Vera Ramalho. Além disso, as fisioterapeutas que buscaram prevenir, tratar e reabilitar disfunções e/ou lesões no movimento da minha mão direita. São elas: Dra. Cinthia, Dra. Júlia e Dra. Laila. A esses profissionais citados sou muito grato por terem sido atenciosos e competentes em todo o processo da minha reabilitação. Eles me deram esperança e confiança para superar as dificuldades e os desafios que eu enfrentei, eles fizeram a diferença na minha vida.

Aos professores entrevistados nessa pesquisa, pelo acolhimento, disponibilidade e contribuição nas informações que me forneceram. Eles demonstraram interesse, generosidade e colaboração ao participarem da pesquisa, compartilhando suas experiências, opiniões e reflexões. Assim, enriqueceram a minha pesquisa com suas perspectivas e saberes.

Aos professores: Drielli Cavalcanti, Edileuza Honório, Elizama, Jaqueline Calixto, Maria Pereira, Regina de Lima e Severino Ribeiro do Grupo Operacional do Magistério (GOM) da Prefeitura da Cidade do Recife que numa luta conjunta pela nossa licença para estudo na pós-graduação enfrentamos obstáculos, burocracias, pressões... e incertezas. Muitos dias de reuniões, deslocamentos, preocupações e angústias. Mas também, foram dias de partilha, de aprendizado, de resistência e de esperança. Juntos, nós mostramos que a educação é uma prioridade e que os professores da rede pública merecem valorização, respeito e oportunidade de qualificação profissional.

Expresso minha gratidão à professora Dra. Rossana Regina Guimarães Henz, pelo olhar sensível, ético e paciente; pelas orientações criteriosas, pontuais e detalhadas, que foram essenciais para o meu desenvolvimento como estudante pesquisador.

Agradeço aos professores da banca examinadora (Profa. Dra. Renata Fonseca - UNICAP e Prof. Dr. José Baptista – UFPE), que aceitaram o convite para avaliar o projeto e ofertaram valiosas contribuições ao texto, compartilhando conhecimento com assertividade, objetividade e clareza numa demanda exemplar a ser seguida de forma ética, competente, comprometida e transformadora.

Expresso minha profunda gratidão a Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros - Coordenadora do programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) pela sua dedicação, demonstrando respeito, atenção, empatia e profissionalismo com todos os estudantes; comprometida com qualquer pessoa que a ela se direciona, e isso faz toda a diferença na qualidade do ensino e da pesquisa.

Reconheço, também, o papel dos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Ciências da Linguagem, que me proporcionaram uma formação de excelência, competência, compromisso, motivação e cooperação acadêmica. Ressalto que participar do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco era um sonho antigo, desde 2008. Esse mestrado sempre foi minha paixão e, finalmente, pela graça Divina, realizei esse sonho.

Ao pessoal do administrativo da secretaria do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, destaco: Cleyton e Sérgio. Profissionais fundamentais para nos ajudar com a disponibilidade, paciência, empatia e praticidade em momentos da dinâmica comum burocrática do programa, sempre demonstrando cordialidade, eficiência e agilidade.

Por fim, agradeço à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de estudos que oportunizou cumprir minha missão de pesquisador e, assim, estar disponível para contribuir ainda mais na prática da formação docente na Instituição em que atuo ou na região local, num exercício recíproco de saberes no “chão da escola”.

Dedico este trabalho acadêmico ao meu pai, Geraldo Barbosa (*in memoriam*), à minha mãe, Janira Josefa (*in memoriam*) e à minha irmã, Girlene Barbosa que compreendeu o momento e densidade da importância deste trabalho para minha vida acadêmica.

RESUMO

A alfabetização e o letramento representam processos que devem incluir ações que possibilitem ensinar com significado para a criança, de modo que a leitura e a escrita não sejam apenas uma forma de codificar e decodificar palavras, mas sim uma maneira de apreender um sentido ao que está escrito, a fim de que o mesmo processo seja praticado em situações concretas da sociedade. Para isso, faz-se necessário alfabetizar e letrar dentro do contexto da interdisciplinaridade. Com base nisso, o presente estudo teve como objetivo analisar os saberes e a práxis dos docentes nas questões referentes à alfabetização e ao letramento na perspectiva interdisciplinar. O método de pesquisa utilizado foi qualitativo, exploratório e descritivo, e a coleta de dados envolveu pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica teve como foco fundamental o processo histórico do saber sobre a alfabetização que envolve a interlocução entre o campo educacional e o da linguagem com a temática da interdisciplinaridade. A pesquisa de campo foi realizada por meio de estudo de caso, a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com professores do 1º ano do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino de Recife (PE), visando entender a incursão dos docentes pela alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes desta pesquisa não utilizam práticas interdisciplinares no contexto da alfabetização e letramento, ou o fazem sem qualquer planejamento e alheios às teorias atuais de alfabetização. A maioria faz uso de métodos de alfabetização tradicionais e, muitas vezes, não conhecem o seu significado.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Alfabetização. Letramento. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

Literacy and literacy represent processes that must include actions that make it possible to teach with meaning for the child, so that reading and writing are not just a way of decoding words, but rather a way of deriving meaning from what is written, so that the same process is practiced in concrete situations of society. For this, it is necessary to teach literacy within the context of interdisciplinarity. Based on this, the present study aimed to analyze the knowledge and practice of teachers in questions related to literacy and literacy in an interdisciplinary perspective. The research method used was qualitative, exploratory and descriptive and data collection involved bibliographical and field research. The bibliographical research focused on substantiating the historical process of knowledge about literacy that involves the dialogue between the educational field and that of language with the theme of interdisciplinarity. The field research was carried out through case studies, based on semi-structured interviews with teachers of the 1st year of elementary education in the municipal education network of Recife (PE), aiming to understand the incursion of teachers into literacy and literacy from a perspective interdisciplinary. The results indicated that most of the participants in this research do not use interdisciplinary practices in the context of literacy and literacy, or do so without any planning and unrelated to current theories of literacy. Most make use of traditional literacy methods and often do not know their meaning.

Key words: Interdisciplinarity. Literacy; literacy. Pedagogical practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| ANA | Avaliação Nacional da Alfabetização |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| DCNEB | Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica |
| MEC | Ministério da Educação |
| PCN'S | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PNAIC | Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa |
| PNE | Plano Nacional de Educação |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 BASES TEÓRICAS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR | 17 |
| 2.1 DO CONSTRUTIVISMO E O SOCIOCONSTRUTIVISMO AOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO | 17 |
| 2.1.1 <i>O Construtivismo e sua Influência para as Práticas Pedagógicas</i> | 17 |
| 2.1.2 <i>A Abordagem Socioconstrutivista e o Processo de Alfabetização</i> | 19 |
| 2.1.3 <i>Convergências do Construtivismo e Socioconstrutivismo com os Processos de Alfabetização e Letramento</i> | 22 |
| 2.2 INTERDISCIPLINARIDADE, ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PRÁTICA DOCENTE | 31 |
| 2.2.1 <i>Interdisciplinaridade: Conceitos e Diretrizes da Educação</i> | 31 |
| 2.2.2 <i>A Interdisciplinaridade e a Transversalidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN's</i> | 36 |
| 2.2.3 <i>Entre os Saberes e as Práticas Docentes</i> | 39 |
| 2.2.4 <i>Em Busca de uma Síntese: Alfabetização, Letramento e Interdisciplinaridade</i> | 47 |
| 3 METODOLOGIA | 53 |
| 3.1 CLASSIFICAÇÃO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA | 53 |
| 3.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS | 54 |
| 3.2.1 <i>pesquisa bibliográfica</i> | 54 |
| 3.2.2 <i>Pesquisa de Campo</i> | 54 |
| 3.3 ANÁLISE DOS DADOS | 55 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 58 |
| 4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS..... | 59 |
| 4.1.1 <i>Métodos de Alfabetização de acordo com os Docentes</i> | 59 |
| 4.1.2 <i>Interdisciplinaridade: conceitos e práticas pedagógicas (Parte 1)</i> | 97 |
| 4.1.3 <i>Interlúdio</i> | 128 |
| 4.1.4 <i>Interdisciplinaridade: conceitos e práticas pedagógicas (Parte 2)</i> | 129 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 149 |
| REFERÊNCIAS | 153 |
| APÊNDICES | 165 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA | 165 |
| APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA | 167 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 169 |
| APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA..... | 170 |
| ANEXOS..... | 171 |

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da língua e da escrita são fundamentais para o desenvolvimento da criança. Para que isso ocorra, a alfabetização não deve ser trabalhada de forma isolada, mas, sim, de forma que resulte em um letramento que possibilite promover a compreensão com aprendizagem significativa, o que acontece quando alfabetização e letramento são trabalhados dentro do contexto da interdisciplinaridade. Desta forma, pode-se dizer que há uma aprendizagem significativa¹.

O cenário educativo ideal, no que diz respeito a esse processo, é aquele em que o foco está em ensinar a ler e escrever com significado para a criança, de modo que a leitura e a escrita não sejam apenas uma forma de codificar e decodificar palavras, mas sim uma maneira de apreender um sentido do que está escrito, a fim de que o mesmo processo seja praticado em situações concretas da sociedade. Por isso, faz-se urgente a emergência do debate em torno da alfabetização e do letramento na escola e na realidade da educação brasileira.

Alfabetização e letramento representam conceitos que podem ser considerados complementares em duas vias. Entende-se por alfabetização a aquisição da leitura, da escrita e da compreensão do código alfabético (BEZERRA; COSTA, 2021). Já o letramento está relacionado às práticas sociais de leitura e da escrita (KISHIMOTO, 2010). A soma de ambos os conceitos resulta em uma das fórmulas mais reivindicadas nos tempos recentes quando a abordagem é a construção de conhecimento pelo discente. Por esse motivo, é correto afirmar que a alfabetização é um dos elementos do letramento e vice-versa. O letramento, afirma Soares (2010), se refere à capacidade de utilizar a escrita de forma significativa em diferentes contextos sociais, culturais e políticos. Implica compreender e interpretar textos, produzir escritas coerentes, participar ativamente de práticas sociais que envolvam a leitura e a escrita, como a leitura de jornais, revistas, livros, a escrita de cartas, e-mails, entre outras atividades.

¹ A teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel é uma abordagem educacional que enfatiza a importância de conectar novos conhecimentos com os conhecimentos prévios dos alunos. Segundo Ausubel, a aprendizagem ocorre quando os alunos são capazes de integrar novas informações em suas estruturas de conhecimento existentes. Para Ausubel, a chave para a aprendizagem significativa é a organização do conhecimento na mente do aluno. Ele propõe que os educadores devem apresentar o conteúdo de maneira clara e organizada, utilizando estratégias de ensino que ajudem os alunos a fazer conexões entre o novo material e o que eles já sabem (MOREIRA; MASINI, 1982).

Nos tempos recentes, o tema da alfabetização e letramento têm tomado parte com certo protagonismo de muitas propostas de currículos para a Educação Básica em nosso país, como é possível verificar a partir da promulgação de algumas políticas públicas, tais como o Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que foi definido que a consolidação da alfabetização deve ocorrer até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Também podemos citar documentos mais antigos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), que já definiam certa centralidade à alfabetização como uma preocupação da política educacional.

Apesar de haver políticas educacionais que orientem as escolas dos estados e municípios para dedicar mais atenção quanto à alfabetização e ao letramento, simultaneamente, há a ausência de esforços oriundos das autoridades locais quanto ao incentivo e às condições para que os professores possam se envolver com os processos de formação continuada e traduzir para sua prática pedagógica os saberes disponibilizados pela ciência da linguagem. Cabe destacar que, em 2019, 2,4 milhões de crianças no Brasil não aprenderam a ler e escrever, dado que aumentou em 65% durante a pandemia da Covid-19 (SANTOS, 2022).

Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), entre 2019 e 2020, o nível do analfabetismo mudou, por ter sido um período:

De perpetuação de desigualdades sociais no país. Os percentuais de crianças pretas e pardas de 6 e 7 anos de idade que não sabiam ler e escrever passaram de 28,8% e 28,2% em 2019 para 47,4% e 44,5% em 2021; entre as crianças brancas o aumento foi de 20,3% para 35,1%. Já entre as crianças mais pobres, o percentual das que não haviam sido alfabetizadas aumentou de 33,6% para 51,0% entre 2019 e 2021; dentre as crianças mais ricas, o crescimento foi de 11,4% para 16,6% (DIEFENBACH, 2022, p.1).

Conforme a nota técnica do Todos pela educação² (BRASIL, 2021), a pandemia foi nociva para educação e levará, segundo especialistas, pelo menos cinco anos para que os dados comecem a ser revertidos. Ainda, em continuidade, segundo Diefenbach (2022), as consequências no atraso da alfabetização de crianças se alastrarão por

² Todos pela Educação é um movimento social que busca promover melhorias na qualidade da educação básica no Brasil. Fundado em 2006, por empresários e líderes de diversos setores, o movimento tem como objetivo principal garantir que todas as crianças e jovens tenham acesso a uma educação de qualidade, contribuindo para o desenvolvimento individual e coletivo do país.

muito tempo. Acredita-se que a alfabetização, no seu processo de aprender, não mobilize apenas os aspectos cognitivos, mas diferentes e complexas nuances do sujeito. A recuperação dessas crianças em atraso na alfabetização requer um esforço na qualidade de ensino e uma boa formação docente, contribuindo para que os professores se engajem num processo de formação continuada, aplicando os conhecimentos adquiridos.

Porém, o processo de alfabetização e letramento no Brasil já representava um problema mesmo antes da pandemia. Um aspecto que dificulta o trabalho, e que é apontado por Figueiredo, Raspante e Sousa (2022), é que as políticas públicas em educação têm um caráter descontinuado, contrastando com as exigências do Plano Nacional de Educação (PNE) que estabelece medidas como o prolongamento da alfabetização e letramento para os três primeiros anos do Ensino Fundamental (CARDOSO; DA LUZ; LAFONTAINE, 2017).

De acordo com a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA, 2016), 54,73% de 2 milhões de educandos considerados concluintes do terceiro ano do Ensino Fundamental apresentaram uma taxa ineficiente de desempenho nos testes relacionados à proficiência de leitura e escrita. Dessa parcela, 450 mil educandos tiveram sua classificação no nível 1 da escala de proficiência, o que indica uma incapacidade de identificação de informações explícitas em textos considerados curtos e com fácil linguagem, como, por exemplo, convites, anúncios, receitas e/ou bilhetes.

Segundo, ainda, a Ana (2016), quando a abordagem é ligada diretamente à escrita, 33,95% transitavam entre os níveis de 1 a 3 (em uma escala de 1 a 5). Embora os números não se mostrem elevados em comparação com a proficiência de leitura, ainda assim é possível caracterizar a gravidade em relação à problemática. A média geral é de 680 mil crianças com a idade média de 8 anos que transitam entre os níveis 1 e 2, o que significa que não conseguem desenvolver a escrita de palavras usuais, tendo como principal característica os episódios de desvios ortográficos (ANA, 2016). É importante salientar que, quando se fala de textos, o quadro piora ainda mais, uma vez que, quando há a capacidade de produção textual, os textos, mesmo curtos, são produzidos com uma escrita ilegível. Para Ferreiro e Teberosky (2008), no processo de escrita, existem avanços significativos que se transpõem em hipóteses de escrita, que envolvem o nível pré-silábico (desenho: garatujas, números, letras); silábico (percebe segmento da escrita: cada letra vale uma sílaba), silábico (percepção de que

uma letra não representa uma sílaba) e alfabético (representação do fonema em signo gráfico).

As dificuldades inerentes ao processo de alfabetização e letramento dos alunos concluintes do 3º ano do Ensino Fundamental, que inclui interpretação e identificação de informações em textos, prejudicam o desenvolvimento do aluno também em outras disciplinas e em toda a sua trajetória escolar. Em nosso entendimento, é preciso identificar os aspectos que influenciam para a continuidade dos problemas relacionados à alfabetização e ao letramento, com o objetivo de se confrontar com o agravamento de um processo mais amplo de exclusão social pela educação.

Nesse sentido, diante de toda a importância que este tema adquiriu nas pautas da política educacional no Brasil, é de suma relevância que discussões e ações sejam incentivadas tomando como referência as realidades contextuais específicas, com o intuito de fomentar melhorias que, embora já estejam efetivadas em algumas realidades, carecem de respostas específicas quando se observa, por exemplo, as demandas de aprendizagem numa comunidade periférica de uma grande cidade como a de Recife (PE).

Para que de fato a alfabetização e o letramento sejam desenvolvidos com transmissão dos saberes pertinentes para o aluno, o professor alfabetizador precisa não apenas dos saberes teóricos da alfabetização e do letramento, mas, também, necessita de conhecimentos das práticas pedagógicas capazes de transmitir para a criança o significado da leitura e da escrita, além de saber fazer relações com o contexto em que a criança está inserida. Quando nos referimos às práticas pedagógicas, podemos significar que uma prática (trabalho pedagógico) bem consolidada, segundo Veiga (2015), é uma prática social, orientada por conhecimentos, objetivos e finalidades; e está inserida num contexto social, tornando-se parte de um conjunto de outras práticas sociais intermediadas pelos professores.

Diante dessa prática, o docente que se propõe a alfabetizar necessita ter em seus saberes o domínio do conhecimento sobre o estágio da alfabetização em que a criança se encontra, fazendo desta uma etapa necessária à consolidação do seu saber e da construção de sua prática. Para o educando, esse processo, em específico, é responsável pela adesão dos demais conhecimentos da Educação Básica (Infantil, Fundamental e Médio), possibilitando a abertura de diversos caminhos que levam à aprendizagem de novos saberes.

Neste trabalho, optamos por estudar a efetiva importância das práticas pedagógicas para o processo de alfabetização numa perspectiva interdisciplinar, uma vez que a interdisciplinaridade assume um papel essencial quando se identifica que o educando passa a ter uma aprendizagem mais eficiente, quando ele identifica uma correlação entre saberes pré-existentes, a sua realidade e os conteúdos transmitidos entre os componentes curriculares que fazem parte do currículo escolar. Nesse sentido, entendemos que a alfabetização e o letramento, como dois alicerces da educação, devem ser ampliados e conectados de maneira interdisciplinar, visto que se trata de elementos de referência na formação docente e, principalmente, na aplicação direta do ensino e aprendizagem nos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Para Costa *et al.* (2021), entende-se por interdisciplinaridade a reunião de dois ou mais componentes curriculares, com o incentivo do estudo crítico de várias abordagens sobre um determinado assunto. Para Fazenda (2015), o conceito de interdisciplinar se dá pela junção de saberes ou componentes curriculares e, para isso, a autora propõe a interdisciplinaridade numa busca da ordenação científica e social.

A interdisciplinaridade sempre permeou a minha formação docente e prática de ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem dos meus alunos, tornando-se mais efetiva nos anos entre 2007 e 2017, quando assumi a coordenação de projetos educacionais em uma das escolas municipais da região metropolitana do Recife (PE). Nessa, participei da elaboração de projetos juntamente com o corpo docente para otimizar as práticas pedagógicas relacionadas ao domínio do sistema de escrita alfabética, práticas e usos da escrita e da leitura de textos pelos alunos com a finalidade de melhorar a fluência leitora e a compreensão textual.

Deste modo, cito alguns projetos desenvolvidos com as seguintes intitulações: Meu Amigo Leitor; Boca Aberta; Viagem ao Centro da Terra; Redescobrimo a Leitura; Ipojuca de Cantos a Contos; Minha Escola, Meu Jardim; Luiz Gonzaga: o matuto que conquistou o mundo; Clube da Leitura; Água: fonte de vida; Educação em Ação; Exposição João-de-barro; Exposição Manguetown; Retratos da Cultura Pernambucana etc. Todos eles tinham um caráter interdisciplinar. Logo, admitimos o conhecimento apropriado nesta perspectiva.

Assim, para a realização desta pesquisa, tomamos como objeto de estudo os saberes e as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. O objetivo geral deste estudo foi o de analisar os saberes e a práxis

dos docentes nas questões referentes à alfabetização e letramento na perspectiva interdisciplinar.

Os objetivos específicos se constituíram de: revisar os conceitos de interdisciplinaridade e sua articulação com o processo de alfabetização e letramento; descrever os saberes e as práticas pedagógicas dos docentes no processo de alfabetização e letramento envolvendo o trabalho com atividades interdisciplinares; e apontar implicações, dificuldades e viabilidades nas práticas pedagógicas dos docentes no processo de alfabetização e letramento sob uma perspectiva interdisciplinar. No que se refere à organização deste estudo, a seção 2 apresenta a fundamentação teórica, a seção 3, a metodologia, a seção 4, os resultados e discussão, e a seção 5, as considerações finais.

O método de pesquisa utilizado foi qualitativo, exploratório e descritivo, e a coleta de dados envolveu pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo principal fundamentar o processo histórico do saber sobre a alfabetização que envolve a interlocução entre o campo educacional e o da linguagem, mobilizando saberes em torno da emergência da abordagem construtivista e socioconstrutivista na educação e apontando as convergências deste processo com o surgimento da articulação com a temática da interdisciplinaridade.

Assim, iniciamos este estudo, apresentando, na segunda seção deste estudo, os conceitos que fundamentam o construtivismo e o socioconstrutivismo e a sua relação com os processos de alfabetização e letramento. Para isso, apresentamos o estado da arte do construtivismo e sua influência para as práticas pedagógicas, as bases da abordagem socioconstrutivista e a sua relação com o processo de alfabetização, e finalizamos a seção, apresentando as convergências do construtivismo e socioconstrutivismo com os processos de alfabetização e letramento.

Na sequência, demos ênfase à interdisciplinaridade, alfabetização, letramento e prática docente, iniciando com a discussão dos conceitos e diretrizes que permeiam a educação interdisciplinar. Na sequência, discutimos a interdisciplinaridade e a transversalidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, saberes e práticas docentes, e finalizamos com uma síntese que envolve os conceitos de alfabetização, letramento e interdisciplinaridade.

Para a pesquisa de campo, utilizamos o método de estudo de caso, em que realizamos entrevistas semiestruturadas com professores do 1º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Recife (PE), visando entender à

incursão dos docentes pela alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. As entrevistas foram transcritas e os resultados apresentados na 4ª seção deste estudo. Para finalizar, apontamos algumas considerações que consideramos relevantes acerca deste estudo.

Cabe destacar que existem muitos estudos (FERREIRO, 2001a; 2007; MARCUSCHI, 2010, entre outros) que mostram como os processos de alfabetização e letramento, em uma perspectiva interdisciplinar, representam estratégias eficientes de ensino. Porém, neste estudo, mostramos como ele tem sido empregado por professores da rede municipal de Recife. Esperamos, com este estudo, mostrar que as políticas públicas nacionais e locais ainda são frágeis e que há a necessidade de ampliar os incentivos para que os professores tenham conhecimento e condições de alfabetizar e letrar crianças de tal forma que se transformem em adultos capazes de ler, escrever e interpretar conteúdos nos mais variados graus de complexidade.

2 BASES TEÓRICAS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

2.1 DO CONSTRUTIVISMO E O SOCIOCONSTRUTIVISMO AOS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

2.1.1 O Construtivismo e sua Influência para as Práticas Pedagógicas

Ao visualizar uma linha cronológica, a alfabetização de crianças estava envolvida basicamente com o ato de soletrar palavras isoladas, que muitas das vezes não se apresentavam dentro de um contexto, não sendo munida de sentido algum. Atos como escrever o próprio nome, realização de alguns exercícios de repetição e memorização, além das atividades básicas de leitura de textos eram comuns e faziam parte da rotina de qualquer escola em âmbito brasileiro.

Nesse sentido, o cenário era composto por práticas pedagógicas pouco dinâmicas e pouco criativas, colocando o docente em uma posição empobrecida de mero reprodutor de informações aleatórias, sendo considerado apenas um canal de transmissão de conhecimento engessado. Embora essas práticas ainda façam parte da realidade de muitas escolas, é possível notar uma grande movimentação no que diz respeito ao construtivismo, que, por sua vez, tem atribuído um novo sentido no processo de ensino e aprendizagem.

É necessário ter em mente que o construtivismo tem como função propor que o educando participe de maneira ativa do próprio aprendizado, tendo como principais mediadores a pesquisa, o estímulo, à dúvida, a experimentação e o desenvolvimento do raciocínio lógico, entre outros aspectos. Levando em consideração toda sua proposta, ele vai estabelecendo algumas propriedades dos objetos e edificando as características da realidade que cerca o aluno. As escolas utilizam métodos construtivistas que costumam ter em sua estrutura uma abordagem distinta das escolas que fazem uso de outros métodos mais tradicionais.

De acordo com Fernandes *et al.* (2018), em sua pesquisa, os autores constataram algumas questões pertinentes ao construtivismo. Eles dizem que;

[...] aplicando as ideias do Construtivismo, foi possível verificar que mudanças na postura do educador dentro da escola, tem resultado em melhorias satisfatórias no ensino. Com a implantação das propostas do modelo, as aulas se tornaram vivas e significativas, o aluno passou a interagir, e o professor também ganhou mais espaço para desenvolver sua criatividade,

para fins de tornar as aulas mais dinâmicas e produtivas. Houve, então, uma aparente transformação no ambiente escolar que possibilitou a canalização de forças no sentido de atingir as metas e objetivos da educação (FERNANDES *et al.*, 2018, p. 144).

Nesse contexto, é possível dizer que o construtivismo representa uma das correntes teóricas que tem como empenho explicar como a inteligência humana evolui e se desenvolve, levando em consideração que o desenvolvimento da inteligência é estabelecido pelos atos mútuos entre o indivíduo e o meio em que ele vive. Toda essa concepção em relação a conhecimento e aprendizagem são derivadas, em especial, das teorias da epistemologia genética de Piaget, que parte do princípio de que o homem não nasce com seu intelecto desenvolvido, mas também não é caracterizado como passivo sob o meio, isto é, o ser humano responde aos estímulos que recebe de forma externa, agindo sobre eles para edificar e organizar o seu próprio conhecimento, de maneira cada vez mais elaborada e complexa.

É importante salientar que o construtivismo representa um movimento de grande relevância na atualidade, uma vez que, a partir dele, foi possível rever o desenvolvimento da aprendizagem, tornando-se viável demonstrar que todo e qualquer indivíduo é detentor da inteligência, sendo apenas preciso alguns estímulos para que o seu intelecto se desenvolva, evolua e, conseqüentemente, amplie estímulos que podem ser considerados a porta de entrada para uma aprendizagem efetiva.

O construtivismo tem sido utilizado por inúmeras instituições de ensino, o que vem dificultando a utilização de um ensino diferente e mais dinâmico do conhecido tradicionalmente, uma vez que na medida em que o educador é capaz de usar a sala de aula para um novo método pedagógico, simultaneamente, é possível notar o desenvolvimento e a evolução das habilidades, competências e potencialidades das crianças também por meio do seu entorno social.

Dessa maneira, esses moldes têm sido fundamentais e de grande importância, visto que por meio de seus pressupostos compreensivos, depreendem os trajetos do desenvolvimento humano em relação à inteligência, sendo possível identificar distintas contribuições para o processo de alfabetização e letramento. A principal delas está interligada com a compreensão de que o educando deve ter total liberdade para aprender das mais variadas formas, seja de maneira coletiva ou individual.

Embora o construtivismo se mostre um método mais abrangente em relação ao processo de ensino e aprendizagem, para Oliveira,

É muito difícil definir o que seja “construtivismo”. No Brasil não existem propostas teóricas originais que permitiriam caracterizar algum autor nacional como “construtivista”. O que existe são pessoas que se autointitulam construtivistas, seja divulgando ideias e instrumentos desse movimento, seja considerando-se um praticante dessas ideias. Muitos autores são citados em conexão com as ideias construtivistas. As mais frequentemente citadas são Piaget e Vygotsky, que compartilham entre si algumas ideias e divergem frontalmente em outras. Mais comumente são pouco lidos e muito incompreendidos (OLIVEIRA, 2008, p. 429).

Assim, diante da ausência de um modelo de educação nacional considerado eficaz e capaz de suprir as necessidades, dificuldades e complexidades que assolam à docência, o construtivismo tem alcançado um grande destaque, uma vez que inseriu uma nova maneira de lecionar para os educadores.

No que diz respeito ao cotidiano pedagógico e ao construtivismo, é possível citar a afirmação de Oliveira, que diz que "o mestre só é mestre, porque tem conhecimento e, por tê-los, pode ajudar outrem a aprender" (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, a frase se aloca perfeitamente na prática pedagógica em que o educador deve procurar se qualificar de maneira profissional na intenção de compreender de maneira substancial os desafios que permeiam o processo de alfabetização e, conseqüentemente, de letramento.

Assim, torna-se evidente que é inviável o professor obter êxito na missão de educar, caso não entenda de maneira prévia as maneiras de alfabetizar. Essa, por sua vez, parte do pressuposto da existência de métodos e abordagens próprias, inerentes à realização pedagógica, devendo ao educador conhecer tanto a estratégia técnica, quanto todos os seus possíveis desdobramentos.

2.1.2 A Abordagem Socioconstrutivista e o Processo de Alfabetização

A expressão socioconstrutivismo foi utilizada por educadores no Brasil a partir dos anos de 1990, não sendo um método de educação e alfabetização, mas uma solução didático-pedagógica para a alfabetização (MORTATTI, 2018). O socioconstrutivismo tem como ideia que o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem no meio social (FONSECA; TEIXEIRA; CARMONA, 2021).

Vygotsky (1991) já dizia que, mesmo antes da criança frequentar uma escola, ela já tem um determinado conhecimento adquirido em seu meio social, seja em casa e/ou na sua comunidade. Isso porque, até a criança ter acesso à escola, ela se desenvolve através da relação com as pessoas que estão em seu meio social e, depois disso, o desenvolvimento ocorre internamente.

Sob essa abordagem teórica, é possível inferir que o ser humano começa a construir conhecimentos desde pequeno, sendo influenciado pelos saberes que se encontram à sua volta. A leitura do mundo é realizada de forma constante e é a partir daí que se desenvolvem a leitura e a escrita. A teoria socioconstrutivista explica o conhecimento das vivências sociais. Logo, a valorização do meio em que se vive é importante para a alfabetização, com interação dos saberes (BISPO, 2018).

Nesse contexto, essa abordagem enfatiza as vivências sociais de aprendizagem, com construção do conhecimento. Quando existe o envolvimento de outras pessoas, abrem-se oportunidades para a compreensão dos pensamentos dos outros e compartilhamento de conhecimentos (SANTROCK, 2010). Logo, este é construído a partir do que se aprende com outras pessoas, da forma de pensar e entendimentos diferentes sobre algo.

Na teoria socioconstrutivista, o processo da aprendizagem acontece primeiramente no social e depois no individual. Segundo Vygotsky (1991), existe a “zona de desenvolvimento potencial” e a “zona de desenvolvimento real”. A primeira está relacionada ao desenvolvimento de uma determinada atividade com a ajuda de outra pessoa mais experiente. Já a de desenvolvimento real se refere ao momento em que uma pessoa já possui uma aprendizagem já adquirida, e consegue realizar atividades sem ajuda, ou seja, realiza de forma autônoma. Voltando para o entendimento do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pode-se realizar um comparativo segundo o qual, em determinada fase, a criança pode já desenvolver algo e ou realizá-lo sozinho ou, ainda, não saber algo. Para isso, precisa de ajuda e auxílio de alguém mais experiente (FONSECA; TEIXEIRA; CARMONA, 2021).

Existe ainda, conforme Vygotsky (1991), a zona de desenvolvimento proximal, que é intermediária entre as duas zonas de desenvolvimento potencial e zona de desenvolvimento real. Elas são determinadas quando existe interação entre o aprendiz com os indivíduos que tenham maior experiência. Logo, para que haja a zona proximal, é preciso que os discentes interajam, através de agrupamentos produtivos. Em outros termos, no processo educacional, um aluno aprende com o outro e é na

troca de informações que se ampliam os seus conhecimentos (JULIO, 2012). O professor entra como mediador e precisa buscar alternativas variadas e dinâmicas para a interação dos alunos e a construção do conhecimento coletivo.

A criança começa a se desenvolver após o nascimento, através da emissão de sons, fala e imitações. No entanto, quando se trata da representação da palavra escrita ou falada, isso não é um processo fácil, pois requer mais do que simplesmente imitar. É necessário contar com mediação e apoio pedagógico para a realização de atividades que envolvam reflexão, percepção, imaginação, entre outros aspectos. Logo, a aplicação da zona de desenvolvimento proximal é essencial nesse processo, pois envolve a ajuda de outra pessoa para o desenvolvimento de atividades mais complexas e a interação entre indivíduos (COLACIQUE; VARGAS; REYNOZO, 2020).

No século passado, com o surgimento da teoria construtivista, muitos educadores acreditavam que isso poderia intervir nos rumos da aprendizagem, que só poderiam trazer à escola a realidade do aluno, esperando uma dinâmica espontânea do discente em lidar com o conhecimento. O professor defendia sua tarefa de planejamento, intervenção, informação, correção, recuperação e, promover dinâmicas (COLELLO, 2015). No entanto, o socioconstrutivismo não cria atividades inéditas, pois tem o papel de valorizar os saberes, valores e ritmo de aprendizagem de cada aluno (FERREIRO, 2001b), isso porque cada aluno possui seu ritmo de absorver e processar conhecimentos.

A aprendizagem da escrita tem início fora da escola, não sendo uma repetição da escrita adulta, mas exige uma análise e compreensão. A criança elabora hipótese da escrita, não cabendo ao docente estabelecer o que é certo ou errado. Destaque-se que na reelaboração das hipóteses, a criança amplia os conhecimentos e habilidades da escrita (RIBEIRO, 2015). Cada criança possui um desenvolvimento da aprendizagem de forma individual, sem repetições e/ou correções do indivíduo adulto.

Percebe-se que a alfabetização é entendida como um processo de desenvolvimento em nível individual, desvinculada dos usos sociais, em que a linguagem escrita é considerada um espelho da linguagem oral, com aprendizagem e representação de fonemas em grafemas (escrita) e grafemas em fonemas (leitura). No entanto, a decifração de códigos foi criticada por Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, como um processo mecânico que ele atribui à "educação bancária". Ele entendeu que, neste processo mecânico, o professor depositava informações para o aluno, achando-se possuidor do conhecimento (professores) e de informações sobre

aqueles que, segundo eles, julgam que nada sabem (os alunos), alimentando com isso uma “ignorância absoluta” e de “opressão” (FREIRE, 2019). Ainda segundo as concepções de Freire, o professor que desse modo procede em suas práticas pedagógicas tende a não desenvolver uma consciência crítica dos discentes e considera que a alfabetização deve ser libertadora. Acrescente-se que esse é um momento para desenvolvimento da consciência crítica dos oprimidos (alunos) (FREIRE, 2019).

A alfabetização não deve ser uma habilidade mecânica. No entanto, os discentes devem utilizar a leitura e escrita para as atividades disponíveis em sua cultura e seu meio social. Segundo Ferreiro (2001a, p. 43), a escrita é um produto resultante de um trabalho coletivo, ou seja, não é um produto escolar, mas cultural. Logo, cumpre funções sociais. Ler e escrever vão além de atividades mecânicas, isso porque existe uma continuidade para construção e reconstrução do código linguístico, havendo uma incompletude da alfabetização.

Quanto à leitura, a teoria socioconstrutivista enfatiza que, ao invés do professor impor sobre o aluno a sua própria interpretação de algo, este deve estimulá-los a criar a sua própria interpretação do que se leu. Não é apenas o professor que possui os conhecimentos, pois estes se encontram disponíveis no meio social, seja em revistas, jornais, internet, considerando que essa última é uma via de aprendizagem para a educação à distância (LIMA, 2011).

Para essa teoria, é preciso ter um engajamento entre os indivíduos envolvidos no ensino-aprendizagem, professores/alunos e alunos/alunos. Assim, o engajamento e interação entre os indivíduos envolvidos no sistema educativo é de grande relevância para a produção de conhecimento e para a qualidade do ensino e aprendizagem. As ideias socioconstrutivistas colocam o aluno como um indivíduo ativo, que interage com os demais discentes e professores, sendo protagonista do seu próprio conhecimento e não apenas um acumulador de conteúdo (SILVA; QUEIROZ, 2019).

2.1.3 Convergências do Construtivismo e Socioconstrutivismo com os Processos de Alfabetização e Letramento

O letramento é fundamentado em uma proposta interativa, no discurso oral/escrito e valorização do saber adquirido no cotidiano e na vida acadêmica.

Existem múltiplos letramentos (visual, sonoro, gestual e outros) sendo percebidos nas ações dos falantes e na interação dos sujeitos de uma cultura, lugar ou grupo social. O letramento não é similar a alfabetização, mas também não é visto como antagônico. É considerado um percurso de interação social, desenvolvido ao longo da existência do sujeito (SOUSA, 2019a). Nota-se que o letramento é considerado uma prática social entre sujeitos de grupos iguais ou diferentes, que acontece em meio a um processo interativo e com multiculturas, com propostas diferentes de interação, seja com bens tecnológicos ou culturais (SOUSA, 2019b).

Já a alfabetização exige um reconhecimento de elementos que estão inseridos na língua dos falantes que interagem socialmente. É possível uma pessoa ser letrada, mas não alfabetizada. Uma pessoa que é apenas letrada pode ser capaz de demonstrar suas necessidades e se sobressair em algumas situações (SOUSA, 2019a). Uma pessoa alfabetizada reconhece a ortografia, domina as representações e regras dos grafemas e fonemas da língua falada (ROJO, 2010). Uma pessoa letrada não significa que ela saiba ler e escrever, no entanto, sabe interagir com os contextos das relações sociais, dentro da proposta socioconstrutivista (SOUSA, 2019c).

As crianças vivenciam situações de leitura e escrita no seu cotidiano, seja ao ver um familiar ler um jornal, ler um livro, fazer alguma anotação, escrever um bilhete, usando a escrita como informação ou entretenimento. Isso faz com que as crianças possam ter a percepção das diferentes formas de apresentação da escrita, com diferentes sentidos e funções (BRITO, 2007). Em outros termos, as situações de leitura e escrita vivenciadas por qualquer indivíduo não proporcionam a ação do letramento.

Rojo (2010) expõe que o letramento envolve a escrita de uma forma ou de outra, valorizada ou não no meio social, podendo ser local (de uma determinada comunidade) ou global, com envolvimento nos contextos sociais (família, trabalho, igreja, escola, outros), ou seja, envolve comunidades com culturas diversificadas. Assim, é possível que uma pessoa não alfabetizada participe de determinadas ações da sociedade, até por motivos de relacionamentos e sobrevivência. Por outro lado, o analfabeto não consegue se inserir em um local em que as práticas letradas são valorizadas, como a escolar, que exige alfabetização mínima até o mais alto nível de entendimento.

Ao reconhecer as diversas práticas de letramento existentes na sociedade, o indivíduo não deve aplicar rótulos sobre o que é ser ou não letrado, já que essa

definição depende de como cada sujeito acredita, seja na capacidade de conseguir um trabalho, de ser capaz de escrever uma carta ou, até mesmo, de assinar o próprio nome (TERRA, 2013). Logo, no letramento não existe uma “exigência” para compreender algo escrito, se comparado ao processo de alfabetização, que exige entendimento da escrita das palavras e seus sons³.

Logo, na alfabetização, existe uma interrelação entre compreensão das letras e sons. Já o letramento está inserido nos contextos socioculturais do indivíduo. Como afirmado anteriormente que existem múltiplos letramentos, este vai depender de qual contexto se insere, como exemplo, pessoas com deficiência visual têm o letramento auditivo; existe o letramento sobre uma imagem; sobre a palavra; sobre o texto, e outros. É preciso existir uma compreensão e interpretação da mensagem, seja através de imagens, textos, palavras, sons ou gestos (SOUSA, 2019a).

Vieira e Santos (2018) destacaram uma proposta socioconstrutivista publicada em 1990, dos autores Maria Fernandes Cocco e Marco Antonio Hailer (1990), tendo como tema “Alfabetização: análise, linguagem e pensamento”. Para a época, a mensagem apresentada no livro fugia da tradição das cartilhas, que tinham uma apresentação de ensino sequencial: as vogais, consoantes, palavras, sentenças e depois o texto. As cartilhas trouxeram os textos, de forma lúdica, propondo ao professor ler e analisar junto com os alunos, inserindo-os no universo da leitura e escrita. A proposta era de trabalhar unidades temáticas, utilizando gêneros textuais⁴, como poesias, jogos, músicas, pinturas, com atividades de interpretação textual a ser realizada de forma oral pelo discente e demais colegas de classe.

Atualmente, os exercícios de produção textual, no formato oral, tornaram-se comuns entre os aprendentes. Nesse tipo de trabalho, a criança ganha voz e pode se expressar, sendo importante no processo de letramento. Além do desenvolvimento da linguagem oral, o aluno interage socialmente no meio em que está inserido, induzindo-

³ Possivelmente, seja essa uma das dificuldades de os docentes reconhecerem essa diferença, pautando-se numa prática de não junção do alfabetizar e letrar.

⁴ Os gêneros textuais circulam do cotidiano das pessoas, fazendo parte de várias áreas do conhecimento, seja em um panfleto ou outdoor. Não basta apenas saber ler, mas também conhecer e interpretar o que está escrito. É importante trabalhar diferentes gêneros textuais, considerando que estes devem estar articulados com a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. A alfabetização assume uma perspectiva interdisciplinar quando a apropriação da leitura e escrita é feita considerando as vivências reais, ou seja, através da observação e registros de conversas, relacionando o que se aprende na escola com o que se ouve (FREITAS, 2017). Nesse sentido, não basta apenas ensinar a ler e escrever, mas é preciso compreender e interpretar os significados do que está escrito e do que se ouve.

o a pensar, construir opinião e expressar publicamente seu ponto de vista. O letramento tem como desafio fazer com que as crianças tenham uma visão crítica, com opinião e expressão do seu modo de pensar e entender sobre algo (PIRES; MOREIRA; CATARINO, 2017).

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (SCHNEUWLY, 2004, n.p.).

Segundo Julio (2012), a leitura diária realizada pelo professor com seus alunos, através de roda de reconto, proporciona o desenvolvimento da oralidade, faz com que esses conheçam as marcas do discurso e reescrevam a história. Com o avanço dos saberes, esses alunos serão capazes de produzir textos e dominar a escrita e leitura, com a utilização de práticas sociais.

Nesse contexto, os professores devem deixar os alunos buscarem seus próprios conhecimentos por meio da leitura diária, com desenvolvimento da oralidade dos discentes, em que esses podem reescrever a história e praticar a escrita. Nesse sentido, além de entender como o aluno processou a informação do texto lido, o professor também pode verificar as dificuldades dos discentes, seja na compreensão, leitura ou escrita.

De acordo Ferreira (2001a), o educador alfabetizador tem uma imagem empobrecida da criança, esquecendo que ali existe um sujeito que pensa, que pode construir suas interpretações, escutar o real e fazer o seu. Muitos professores entendem que a língua escrita se torna complexa dentro de uma abordagem socioconstrutivista e, nesse contexto, eles podem criar situações para que o aluno vivencie os usos sociais da grafia, adotando gêneros textuais com linguagem adequada aos diversos contextos comunicativos (SOUZA, 2006).

Muitas vezes, a prática da escrita na escola se distancia do contexto da sociedade, com o uso mecânico e descontextualizado. Nesse contexto, a alfabetização deve transcender aos métodos mecanicistas de ler e escrever, com ampliação para o cenário socioeducacional, com a utilização de práticas escolares diferenciadas. Para isso, a escola precisa trabalhar uma escrita dinâmica, para que a

criança possa vivenciar as funções da grafia, como comunicação, registro de informações, e utilizar a leitura para buscar informações e entretenimento. Considerando esse entendimento, a alfabetização na escola deve ser para construção social, com a participação da criança nas diferentes práticas culturais do uso da escrita (BRITO, 2007), isso porque a aquisição da escrita está relacionada “à interação de fatores internos e externos ao indivíduo – linguísticos, culturais, pedagógicos e didáticos” (MICOTTI, 2014, p.195).

Percebe-se que a alfabetização “é a consciência reflexiva da cultura”, em que é possível “a abertura de novos caminhos”, sendo um ato político, não podendo ser reduzido a um aprendizado mecânico, acreditando, ainda, que, junto com a aprendizagem da leitura e escrita, o aprendiz deveria ter a responsabilidade pela transformação social (FREIRE, 2016, p.14).

Logo, a alfabetização e o letramento são processos interdependentes, isso porque quando uma criança ou um adulto analfabeto entram no mundo da escrita, ocorre a aquisição desta através da alfabetização e o desenvolvimento dessa habilidade nas práticas sociais (letramento). Porém, antigamente, no sistema tradicional, esses dois processos eram vistos como independentes, em que a alfabetização precedia o letramento. Mas, hoje, os dois processos são vistos como simultâneos. Embora sejam processos com fundamentos diferentes, possuem especificidade quanto aos conhecimentos, habilidades e competência (SOARES, 2004).

Algumas premissas norteiam o letramento, em que este é considerado uma prática social e não apenas uma habilidade técnica ou neutra; a abordagem da escrita possui concepções de aprendizagem pessoal; as práticas de letramento possuem aspectos da cultura e da estrutura de poder da sociedade⁵. Isso porque o letramento não se restringe apenas à escola, mas faz parte das atividades diárias dos indivíduos, tendo suas particularidades em uma cultura específica (TERRA, 2013).

⁵ Pode-se pensar, também, na contribuição de Gomes e Moraes (2013), em que os autores destacam a necessidade de resgatar a tradição oral, valorizando histórias, contos, fábulas e músicas como recursos pedagógicos para desenvolver habilidades linguísticas e estimular o gosto pela leitura e escrita. Ao longo do livro, são apresentadas propostas de atividades e jogos que utilizam a tradição oral como ponto de partida para a alfabetização, proporcionando um ambiente lúdico e prazeroso para a aprendizagem. Além disso, os autores discutem a importância da interação entre alunos e professores, ressaltando a necessidade de um ensino contextualizado e significativo. Para Gomes e Moraes (2013) estas estratégias respeito à fala do educando, destacando aspectos lúdicos do letramento.

Nesse contexto, o ensino precisa levar em consideração o avanço das tecnologias na atualidade, em que a internet é um meio bastante utilizado pelas pessoas, inclusive pelas crianças que fazem parte de uma geração tecnológica. Assim, o professor, como mediador, deve aproveitar essa ferramenta no ensino-aprendizagem, entre o aprendiz e o conhecimento e aprendiz e equipamento tecnológico (computador, tablete, celular, outros). No entanto, muitas vezes, o aprendiz domina a ferramenta e o professor não tem o conhecimento que o aluno possui, quanto à manipulação dessas tecnologias. Considerando esses aspectos, é importante que exista o compartilhamento desse conhecimento entre todos os envolvidos no ensino-aprendizagem, interações na zona de desenvolvimento proximal, como elementos para o conhecimento (LIMA, 2011).

O professor pode considerar a incorporação da leitura de hipertextos eletrônicos em suas aulas, porque contribui para uma diversidade de informações, possibilitando leituras dinâmicas e a compreensão textual. Além do mais, possibilita ao aluno a construção das suas próprias reflexões a partir das interações (LIMA, 2011). O hipertexto, por exemplo, é um texto com conexões (*links*) com outros textos, e o leitor é capaz de produzir um texto linear após as informações adquiridas na leitura, criando leitores mais capacitados. No entanto, devido à infinidade de conexões de vários textos, é importante que o leitor tenha o letramento digital (LOUREIRO, 2015).

Nesse contexto, a interação professor-aluno é caracterizada por mecanismos de mobilização e ativação do conhecimento para a direção desejada, considerando o que o sujeito sabe, o que não sabe e o que precisa aprender, incidindo na zona de desenvolvimento proximal, lidando com tema, reflexão e confronto cognitivo (COLELLO, 2015). Ademais, a interação favorece o desenvolvimento das crianças de modo que as instiga a se comunicarem, a trocarem ideias umas com as outras ou com o professor; ajudam a formular hipóteses, e dar opiniões. Isso porque é a partir das relações inter e intrapsicológicas que o sujeito interativo pode construir seus conhecimentos (SANTANA, 2013).

Logo, ao utilizar diferentes gêneros textuais dentro de um objeto de ensino é necessário ter um percurso pedagógico que conduza o aluno a ter uma compreensão dos aspectos formais que organizam esses gêneros, levando a refletir sobre o que o cerca na sociedade, os discursos e temas. Nesse sentido, o assunto a ser elaborado deve ser de acordo com a faixa etária dos discentes, em que o conhecimento deve ser ativado nesses alunos, para que esses busquem mais informações sobre a

temática trabalhada em diversos meios, seja em jornais, revistas, livros e internet, que possam refletir sobre as estratégias linguísticas importantes para a escrita do texto (MARCUSCHI, 2010).

Depreende-se, portanto, que a atividade de alfabetização e letramento, na abordagem socioconstrutivista, precisa de abertura para diálogo e debates, além de contato com muitos gêneros textuais e materiais gráficos, como livros, jornais, revista, placas, para a interação da leitura e escrita, fundamental para o letramento (COLACIQUE; VARGAS; REYNOZO, 2020). Considerando esses aspectos, dentro de uma abordagem socioconstrutivista, Sola (2019) apresentou em seu trabalho um jogo digital com o intuito de contribuir para o ensino-aprendizagem e o sistema de escrita alfabético de forma lúdica, de modo que cativa o interesse e curiosidade das crianças contemporâneas. A autora propôs essa ferramenta tecnológica, por ser atraente aos olhos das crianças, que já estão acostumadas ao dinamismo da internet, ao uso do celular e à velocidade das mensagens instantâneas.

Por sua vez, Carneiro (2013) explica que os softwares educativos devem ser criados “com concepções epistemológicas socioconstrutivistas e interacionais”, em que os discentes possam “ficar cada vez mais autônomos para a construção da sua aprendizagem e formação da sua cidadania” (CARNEIRO, 2013, p. 112). Isso porque existem muitos programas, sejam educacionais ou não, em que é possível a interação de duas ou mais pessoas. E é nesse processo de troca de saberes que a criança desenvolve seu conhecimento.

Como percebido no decorrer do texto, muitos autores trouxeram suas defesas e vantagens em relação ao socioconstrutivismo na alfabetização/letramento. Todavia, outros autores apontam críticas a essa abordagem, como Belintane (2017), que afirma que os socioconstrutivistas investiram muito na ideia da espera do tempo da criança para seu desenvolvimento, ideias metodológicas consideradas muito ideológicas em relação ao letramento, e tangenciaram outras (*apud* FERRAZ; DUBOC; SOUZA, 2020). De acordo Colello (2012), o ensino socioconstrutivista possui grande desafio para poder considerar o ponto de vista dos alunos, como esses interpretam informações e lidam com elas, como assimilam e valorizam experiências, e como evoluem nas competências de ler, escrever, compreender, dentre outras.

Percebe-se que, no percurso da aprendizagem na abordagem socioconstrutivista, dá-se ênfase de sentido ao texto e as atividades de conhecimentos sobre a escrita, considerando que a alfabetização e o letramento são

indissociáveis, isso porque os indivíduos (adultos e crianças) desenvolvem compreensões do que se passa no ambiente que os cercam (MICOTTI, 2014). No entanto, a alfabetização vai além de apenas ensinamentos adquiridos na prática, seja no meio familiar (nas formas de se comunicar), na igreja, em grupo de amigos, na escola, dentre outros.

De acordo com os PCN's, estabelecidos pelo MEC (Ministério da Educação), a alfabetização, considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita alfabética, ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem da Língua Portuguesa (PCN, 1998). Todo esse processo acaba ganhando um certo sentido no momento em que o educador trabalha a leitura de maneira interativa, dando vida ao texto e as ações provenientes dele, deixando de lado apenas a tradicional decodificação de palavras isoladas e letras e partindo para um campo onde a escrita alfabética se torna uma oportunidade de produzir e compreender os textos selecionados para estudo.

Com base no exposto, a compreensão em relação aos métodos de alfabetização e letramento demonstra ser de extrema relevância, uma vez que ultrapassa os limites impostos pelo tradicionalismo, deixando de lado a mecanização de ações frequentemente reproduzidas dentro da instituição escolar. Kramer define a alfabetização da seguinte maneira:

[...] entendo que alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se. Isso significa que uma criança começa a ler quando descobre que o mundo é feito de coisas que pode pegar, cheirar, apertar, morder etc., e que pode ser imitado, dramatizado, expresso na música, na dança, no desenho, na fotografia, na colagem, na palavra falada, na palavra escrita. [...]. Alfabetizar não se restringe à decodificação e aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo. [...]. (KRAMER, 2010, p. 98).

Essa maneira mais abrangente de compreender a alfabetização e o letramento tem como função orientar o docente a depreender todos os desafios e procurar por resolutivas capazes de solucioná-los de forma coletiva, buscando envolver todos atores que fazem parte dessa realidade, isto é, escola, professores, pais, funcionários e comunidade, aproveitando, desta maneira, toda a diversidade de saberes e valores provenientes dos educandos para alfabetizar e letrar de modo muito mais interativo e interessante, levando em consideração uma troca de conhecimento direta entre os educandos e docentes, sempre tendo em mente o cuidado para que os alunos saiam do âmbito escolar alfabetizados e letrados na idade correta, ou seja, até o terceiro ano do Ensino Fundamental.

A partir dessa visão mais realista do âmbito educacional, o docente deve buscar estabelecer uma previsibilidade capaz de sanar qualquer problemática que venha a surgir no decorrer do processo. Em geral, o professor planeja e elabora a agenda de atividades, que posteriormente deve ser seguida de maneira rigorosa, contribuindo para uma maior facilitação em relação aos processos de observação de cada educando, levando em consideração todas as suas particularidades e necessidades, orientando tanto o aluno quanto seus responsáveis sobre como deve ser realizado o acompanhamento das tarefas em casa, destacando a relevância do educando não perder nenhuma atividade que compõe a rotina escolar (FERNANDES *et al.*, 2018).

Ainda de acordo com os autores supracitados,

Assim, é comum adentrar em uma escola e se deparar com alunos realizando atividades diferenciadas no pátio da escola, na quadra, embaixo de uma árvore, nas residências dos próprios familiares, e outros ambientes que possuem a capacidade de serem utilizados como ambiente de alfabetização. É perceptível que este tipo de didática ajuda os educandos a superar possíveis problemas e limitações, causando, ainda, uma sensação de bem-estar na criança, que passa a gostar do ambiente educacional, pois passa a ver aquele lugar como um ambiente de descobertas e de aprendizagens. A sala de aula se transforma num verdadeiro laboratório, ambiente de construção do saber, em que todas as paredes são aproveitadas para expor a produção textual e artística dos educandos, como forma de incentivá-los e parabenizá-los. Assim, temos uma sala de aula incomum, em que os alunos são divididos em pequenos grupos para facilitar a interação entre os educandos, bem como para tornar mais o direcionamento das atividades pelo professor. Essa relação estabelecida entre o professor e o aluno acontece, como explica Paulo Freire (1996) de modo horizontal, na qual também confere ao aluno o poder de discutir com criticidade o assunto trabalhado. Durante o processo de alfabetização, o educador procura trabalhar conteúdos relacionados ao cotidiano das crianças. Nessa perspectiva, o educador traz para sala de aula situações capazes de desenvolver em seus alunos uma visão crítica do mundo que o cerca (FERNANDES *et al.*, 2018, p. 148).

Após toda a contextualização, é possível dizer que a teoria de aprendizagem construtivista tem como papel viabilizar tanto para o educador quanto para o educando uma dinâmica maior em relação aos processos de alfabetização e letramento, o que por sua vez foge do tradicionalismo que mantém cada disciplina, cada assunto e cada conteúdo dividido de maneira segregada. Em um cenário construtivista, é possível notar melhor abertura a uma postura interdisciplinar como um conceito que contribui para a formação de cada aluno, principalmente no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento, proporcionando ao aluno novas possibilidades que permeiam os seus interesses, realidades e vivências.

Há diversos pontos convergentes entre o socioconstrutivismo e o construtivismo. Ambas correntes teóricas, afirma Colello (2012), enfatizam a importância do aluno como construtor ativo do seu próprio conhecimento, destacando o papel central da interação social no processo de aprendizagem.

Assim, no construtivismo, como já se viu, afirma Fernandes (2018), acredita-se que o conhecimento é construído pelo sujeito a partir de suas interações com o ambiente. Segundo essa teoria, o aluno é visto como um agente ativo na construção do seu conhecimento, construindo significados a partir de suas experiências e interações com o mundo ao seu redor. O professor assume um papel de facilitador, criando situações desafiadoras que estimulam o aluno a refletir, questionar, experimentar e construir seu próprio conhecimento.

Já o socioconstrutivismo, cujo grande teorizador foi Vygotsky (VIEIRA; SANTOS, 2018), expande essa perspectiva ao enfatizar a importância das interações sociais no processo de aprendizagem. De acordo com essa teoria, o conhecimento é construído de forma coletiva, mediada pelas interações entre os indivíduos e o ambiente cultural em que estão inseridos. Vygotsky destaca também a zona de desenvolvimento proximal, que é a diferença entre o que a criança é capaz de fazer sozinha e o que ela é capaz de fazer com a ajuda de um adulto ou de seus pares mais experientes. Assim, o papel do professor é ainda mais ativo, atuando como mediador entre o aluno e o conhecimento, proporcionando situações de aprendizagem que favoreçam a interação e a colaboração entre os estudantes.

As duas teorias, no entanto, afirmam Vieira e Santos (2018), são convergentes, na medida em que enfatizam a importância da construção ativa do conhecimento, destacando a necessidade de o aluno estar envolvido em seu próprio processo de aprendizagem. Além disso, ambas valorizam a interação social como um elemento fundamental na construção do conhecimento, seja por meio da troca de ideias entre os estudantes, seja pela mediação do professor.

2.2 INTERDISCIPLINARIDADE, ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E PRÁTICA DOCENTE

2.2.1 *Interdisciplinaridade: Conceitos e Diretrizes da Educação*

A interdisciplinaridade é considerada, segundo o dicionário de Houaiss, na sua “etimologia Inter + disciplina + idade”. Quando se refere à educação e,

particularmente, à escola, ela está relacionada a relações entre disciplinas do conhecimento, visando melhorar a aprendizagem e estabelecer o estreitamento entre professor e aluno (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001).

Historicamente, a temática da interdisciplinaridade teve seus movimentos na legislação da política educacional brasileira. É possível indicar sua presença nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), no que diz respeito à Formação Básica Comum na organização do currículo, tendo a seguinte ênfase:

Na organização e gestão do currículo, as abordagens disciplinares, pluridisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar requerem a atenção criteriosa da instituição escolar, porque revelam a visão de mundo que orienta as práticas pedagógicas dos educadores e organizam o trabalho do estudante (DCNEB, 2013, p. 27).

A interdisciplinaridade teve suas primeiras discussões pautadas em âmbito brasileiro, a partir da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, e desde esse momento, ela vem ganhando destaque no cenário educacional, tornando-se, assim, mais presente, primeiramente com a nova LDB nº 9394/96 e, depois, com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, que é considerado um documento referencial aos currículos da Educação Básica, e que já contemplava, desde a época, um conjunto de possibilidades diferenciadas de compreender e usar este conceito (GARCIA, 2012).

Desde então, a interdisciplinaridade vem se tornando uma pauta cada vez mais comum no discurso e na prática docente. Um aspecto a ser lembrado é que a interdisciplinaridade implica diretamente na articulação de ações de caráter disciplinar que tem como finalidade buscar um interesse comum. Sendo assim, ela só será eficaz se compor a sua função de maneira estratégica, atingindo os objetivos e metas educacionais previamente determinados pelos envolvidos na instituição educacional. A interdisciplinaridade ainda oferta uma nova postura e perspectiva em relação ao conhecimento, caracterizando-se como uma mudança e readaptação de atitude à procura de um contexto de saberes, além do desafio quanto à integralidade do ser humano, visando garantir uma construção de conhecimento global, ultrapassando barreiras e superando limites impostos pelo tradicionalismo de segregar as disciplinas.

Tendo em vista a sua presença significativa na organização e gestão dos currículos, nosso estudo tem como pressuposto a abordagem interdisciplinar, através do planejamento e desenvolvimento do trabalho de forma coletiva e integrado com a

comunidade educativa, dando ênfase aos processos de alfabetização e letramento no Ensino Fundamental I.

A interdisciplinaridade nos anos iniciais do Ensino Fundamental requer uma capacitação docente que envolva um olhar crítico para essa tarefa a ser realizada com qualidade. Ela é concebida como um diálogo entre as disciplinas escolares, duas ou mais disciplinas, a fim de uma construção universal do conhecimento. Nela, pretende-se que os estudantes possam construir seus conhecimentos, através dos conteúdos ministrados pelos docentes e atentos às particularidades de cada disciplina, almejando a integração entre os conteúdos.

Para isso, alguns aspectos são necessários. De início, a contextualização garante a necessidade de interagir com a realidade discente. Com isso, um rigor pedagógico e técnico do docente diante dessa temática demanda também que o currículo e o Projeto Político Pedagógico sejam flexíveis. Logo, a ação docente é realizada em grupo até nos momentos de planejamento com as reuniões pedagógicas, tendo a coordenação pedagógica o papel de mediação nesse processo.

A interdisciplinaridade, segundo Nogueira (2001 *apud* DCNEB, 2013), é baseada em um estudo de determinado conhecimento que ultrapassa uma disciplina. É uma forma de abordagem conteudista, com envolvimento de outras ciências na transversalidade do conhecimento. Não se pode meramente ser interdisciplinar. Para que o próprio ensino-aprendizagem seja transdisciplinar também, a transversalidade tem o seu conteúdo próprio indo além dele, permitindo uma abertura entre os sujeitos da educação para acolher outros, buscando a unidade do conhecimento em um pareamento que envolve a cultura presente ou passada, a dimensão humana e social, ou seja, uma rede de conhecimento.

Para Balsara Nicolescu (2000 *apud* DCNEB, 2013), a interdisciplinaridade é compreendida como uma atividade metodológica e teórica com foco na junção de diferentes disciplinas do conhecimento, pautada na flexibilização do planejamento no sentido de haver uma colaboração, troca, diálogo entre elas. Esta atividade direcionada por um eixo de proposta de conhecimento precisa ser trabalhada transversalmente (integração de conhecimentos reais de vários saberes, expostos no planejamento de modo sistemático e integral).

Alinhando a perspectiva interdisciplinar no processo de alfabetização e letramento, faz-se necessário fazermos inferências, visando uma atuação pedagógica de forma crítica, autônoma e investigativa com ações concretas e significativas para

o estudante. Nesse contexto, não temos como conceber a interdisciplinaridade sem a transversalidade.

A transversalidade, conforme DCNEB (2013), é gerida por temas para organizar o trabalho didático, associado às disciplinas com eixo temático que perpassam pelas disciplinas escolares, não sendo estável e, sim, dinâmico. É algo da aprendizagem que condiz com a prática docente/educativa de aprender a analisar a realidade. A transversalidade possibilita a integração de conhecimentos. Logo, os sujeitos - professor/aluno - devem buscar procedimentos interdisciplinares para integrar as diversas ciências e os saberes.

Nesse sentido, a prática interdisciplinar⁶, conforme DCNEB (2013), é um facilitador para integrar o conteúdo ou eixos temáticos no trabalho pedagógico, indo ao encontro de uma formação significativa dos estudantes não só para os conhecimentos formais da escola, mas para a vida. Assim, nessa perspectiva, dar-se conta de “sujeitos conscientes de seus direitos e deveres e da possibilidade de se tornarem aptos a aprender a criar novos direitos, coletivamente” (DCNEB, 2013, p. 29).

O que sustenta essa forma de construção do conhecimento significativo é a gestão de conhecimento. Pressupõe dizer que a globalização do conhecimento envolve coletar do estudante um dado problema, provocá-lo a busca de solução do problema, fazendo permuta de conhecimento e saberes. A seguir, mostra-se a importância da globalização do conhecimento, pois, assim, fazem-se vínculos com o saber escolar e não escolares.

A interdisciplinaridade é a interação entre disciplinas que se complementam para o desenvolvimento crítico-reflexivo mediante o diálogo entre estas e possibilitando que os sujeitos envolvidos possam construir um entendimento diferente da mesma realidade (FERNANDES *et al.*, 2018)

Outro aspecto relevante disso se refere à alteridade, permitindo troca mútua do pensamento e da linguagem e ampliando horizontes no processo sócio-histórico educacional. Neste sentido, decorre disso a valorização do conhecimento das

⁶ “O conhecimento social e o escolar se fundem no currículo integrado, que se torna um relevante conjunto articulado de saberes e competências situado e contextualizado em representações, linguagens, sinais, espaços e territórios personalizados, nos quais a reflexão crítica, a problematização, as mediações e as apropriações constroem autonomia e também a coletiva” (PICAWY, 2013, p. 51).

potencialidades, limites, diferenças e do processo criativo de cada ciência, objetivando uma melhor relação entre os saberes (BEDIN, 2017).

Com o passar dos anos, a escola vem clamando por mudanças nas formas de avaliar o conhecimento, buscando a qualidade e não a quantidade. Porém, muitos professores ainda são resistentes a mudanças, priorizando o ensino tradicionalista, embora também encontremos alunos que pressionam por inovações em sala de aula, isso porque, estes, na maioria das vezes, estão mais engajados com os conhecimentos, principalmente devido ao uso e familiaridade com as tecnologias mediante a internet.

Nesse contexto, percebe-se que a tecnologia permite a globalização de conhecimentos, facilitando o acesso às diversas ciências e a sua integração com a realidade do aluno, ou seja, deve-se considerar que as disciplinas alcancem o mundo real, principalmente o meio em que o discente vive, não apenas se baseando em algo escrito e estático, mas dinamizando, produzindo uma aprendizagem significativa e, acima de tudo, uma atitude do aluno.

Logo, o planejamento das aulas não pode ser algo mecânico e desvinculado da realidade social. Procura-se no planejamento pedagógico ter objetivos definidos frente aos diversos conhecimentos, sendo um processo dinâmico e contínuo, o que demanda tempo e empenho do docente. A integração pode ser através de disciplinas, de temas escolhidos pelos alunos, de ideias, dentre outros, aumentando o diálogo entre as diversas ciências. O aluno passa a ser um sujeito ativo, e não apenas um espectador à espera de conteúdos “prontos” (BRISOLLA, 2020).

Interessa saber, ainda, que a globalização marcada pela era da informação deve propiciar novas ideias e recursos didáticos inovadores (SOUZA; SOUZA, 2017). O docente precisa se permitir a novas aprendizagens, buscar novas ideias e recursos de forma que as aulas se tornem mais atrativas, envolventes, induzindo o aluno a construir seu próprio conhecimento.

Além disso, a interdisciplinaridade deve estar conectada às necessidades da comunidade. Nesse sentido, o professor precisa se desvincular do ensino tradicional, que, na maioria das vezes, é o maior desafio e, ao sair da zona de conforto, buscar, juntamente com os alunos, novos conhecimentos para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem (BRISOLLA, 2020) e novos conhecimentos presentes na realidade do aluno e na sociedade.

2.2.2 A Interdisciplinaridade e a Transversalidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN's

Os PCN's para a Educação Básica foram implantados em 1997, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, com a novidade dos temas transversais, incluindo temas como meio ambiente, saúde, orientação sexual, ética e pluralidade cultural. A inclusão desses temas no currículo escolar provocou um debate sobre determinados assuntos, considerados urgentes e que, tradicionalmente, muitas vezes, não eram contemplados nas disciplinas convencionais (SILVA; ARAÚJO, 2020).

Os Parâmetros propõem mudanças na forma de ensino dos conteúdos curriculares, ou seja, sem focar apenas no conteúdo em si, mas introduzindo abordagens culturais, sociais e econômicas, buscando integrar o cotidiano social com o conhecimento escolar. Porém, cabe a cada escola possibilitar que os alunos dominem determinados instrumentos que os auxiliem na busca de um conhecimento significativo (BRASIL, 1998).

Os PCN's apontam ainda para o Ensino Fundamental a integração de determinados temas para serem incorporados ao currículo, integrando os componentes curriculares à realidade do aluno, ajudando no desenvolvimento do discente como cidadão. Já os PCN's para o Ensino Médio, o trabalho interdisciplinar surgiu como proposta para revigorar a integração dos conhecimentos em um processo permanente de interdisciplinaridade (FORTUNATO; CONFORTIN, 2013).

Entende-se que a interdisciplinaridade descrita nos PCN's seria a contribuição da integração dos conhecimentos. Logo, os professores deveriam orientar os alunos a pensar sobre determinados temas que poderiam ser integrados nas disciplinas, assim como a interação entre eixos temáticos dos componentes. A interdisciplinaridade também está representada como instrumento de articular conhecimentos no currículo, revendo as relações entre disciplinas e sugerindo outras visões de conhecimento (GARCIA, 2012).

Acrescente-se que a alfabetização e o letramento são processos diferentes, mas que se complementam. Logo, o professor ao trabalhar determinada disciplina, deve trazer momentos de reflexão, explorar conceitos e aproximar os conteúdos com a realidade do aluno, facilitando a compreensão e a vivência no mundo real, para que o conhecimento seja significativo (BRAIDA; HECK, 2017). Nesse contexto, o professor

deve buscar atividades práticas, próximas à realidade do aluno, não se atendo apenas às fotografias disponíveis em livros.

Ao ministrar uma determinada disciplina, seja em matemática, ciências ou outras áreas, o professor precisa conhecer o ambiente social em que a escola está inserida, para poder desenvolver os conteúdos voltados para a realidade do aluno e escola (LOPES; VICTER; CATARINO, 2017), indo também “além dos muros da escola”.

Quando o assunto é interdisciplinaridade, com foco na leitura e na escrita, o docente precisa levar em conta os conhecimentos previamente adquiridos pelos alunos, na intenção de oportunizar uma organização de pensamentos, além de propiciar situações de conflitos para que o educando tenha a chance de se confrontar com estes e encontrar suas respostas. É importante salientar que as crianças utilizam as mais diversas linguagens para se organizar a partir da sua realidade. E o educador assume um papel fundamental de proporcionar condições que dinamizem e facilitem a aprendizagem.

Ainda de acordo com os PCNs, a interdisciplinaridade se caracteriza como a dimensão que:

questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não levam em conta a inter-relação e a influência entre eles, questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constitui (BRASIL, 1998, p.30).

A escola deve oferecer uma proposta pedagógica conectada com a comunidade em que o aluno está inserido, uma vez que é a partir dela que o aluno se encontra contextualizado, de onde retira suas referências, suas experiências e seus conhecimentos prévios.

De acordo com Silva (1993), para que seja possível dispor de uma perspectiva mais ampla do que é de fato a leitura e toda a dimensão que a envolve, o ato de ler deve ser encarado como uma necessidade factual, sendo de extrema relevância para atribuição e aquisição de significados e, de maneira consequente, de experiências e vivências diante da sociedade na qual a escrita se faz presente, caracterizando-se também como um fato.

Diante de todo esse contexto, Barbosa (1990) acaba refletindo sobre o processo de letramento e alfabetização e, conseqüentemente, sobre a leitura e a

escrita, o que leva o autor a destacar métodos tradicionais relacionados ao processo de alfabetização, que costumam tratar a língua escrita de uma maneira solta e fragmentada, desconectada de um contexto de produção, limitando os educandos a um processo rígido e focado em aspectos relacionados à grafia, como letras, sílabas e sons, deixando de lado a edificação do sentido, o que por sua vez sugere que esses métodos mais tradicionais podem até alfabetizar, mas não tem a capacidade de formar leitores e escritores, quer dizer, letrar.

Ferreiro (2007), *apud* Silva e Nascimento (2012), demonstraram que os docentes têm uma concepção errônea da língua, sugerindo que há a necessidade de novas transformações e adaptações capazes de enfrentar as limitações impostas pelos métodos tradicionais do passado, mudando as perspectivas e trazendo uma nova visão sobre as novas bases em relação ao ensino da língua. Nesse sentido, é necessário mudar o foco dos debates, perpassando sobre como se ensina e como se aprende, demandando um abandono em relação às práticas tradicionais de ensino (FERREIRO, 2007 *apud* SILVA; NASCIMENTO, 2012).

Nesse viés, Soares (2001) aponta que:

Quando as pessoas aprendem a ler e escrever, quando participam de práticas sociais de leitura e escrita elas se tornam diferentes, mudam seu estado e condição, isto é, não são as mesmas de antes, quando não sabiam ler e escrever. A apropriação da escrita faz com que as pessoas mudem seu lugar na sociedade, sua relação com as pessoas e inserção na cultura, isto é, modificam a forma de viver. Além de tudo isso, a leitura e escrita ainda transformam os aspectos cognitivos, as pessoas passam a ter controle sobre o que falam, ampliam o vocabulário e modificam a condição linguística (SOARES, 2001, p. 37).

Em sua pesquisa realizada com crianças dentro do ambiente escolar, Silva e Nascimento (2012) constataram que:

as práticas pedagógicas realizadas na sala de aula, foram de grande relevância para a vida daqueles educandos, pois eram aulas bem planejadas e sempre buscando estimular a participação de todos foi notável o crescimento de alunos que antes não sabiam nem ao menos as vogais e ao término do semestre já estavam conseguindo formar frases. Acredita-se ter respondido com a necessidade de todos, pois foi um projeto bem estruturado, onde é perceptível o resultado positivo que se obteve, pois quando chegamos à escola, encontramos crianças que ao menos conheciam as vogais e ao fim do semestre já estavam formando frases, enfim é muito gratificante o resultado visto, esse é o intuito, transformar alunos em leitores e escritores críticos para a vida (SILVA; NASCIMENTO, 2012, p. 7).

Com base no exposto, é possível afirmar que o processo de aquisição da leitura e da escrita está intimamente relacionado com diversos fatores, porém o alicerce principal é indiscutivelmente o poder de observação do docente juntamente com as suas práticas, métodos e abordagens pedagógicas, que na prática é o que vai fazer diferença em relação ao interesse dos educandos perante a dinâmica. É necessário ter em mente que os alunos levam em consideração seus interesses e preferências, que são baseados em suas experiências dentro e fora do ambiente escolar. Assim, estabelecer uma relação entre os saberes previamente adquiridos juntamente com as disciplinas curriculares é um dos grandes trunfos do docente para efetivar o processo de ensino e aprendizagem na prática.

2.2.3 Entre os Saberes e as Práticas Docentes

A ideia de que as práticas docentes e as práticas pedagógicas são a mesma coisa é um equívoco comum. Ao falar sobre práticas docentes, devemos considerar que estamos nos referindo à ação concreta de ensinar, que ocorre no contexto educacional. Já a prática pedagógica está relacionada às questões sociais que são realizadas com o objetivo de concretizar determinados processos de ensino e aprendizagem (FRANCO, 2016).

A prática docente considera todas as ações que colocam em prática os saberes do professor enquanto mediador da construção do conhecimento. O educador tem como missão não apenas mediar toda essa edificação, como também pensar e praticar a sua docência com maior aproveitamento possível, visto que é a partir das suas dinâmicas e práticas que o processo de aprendizagem se torna facilitado ou complexo para o educando.

A formação continuada nesse sentido é um grande pilar para que as práticas docentes sejam condizentes com a realidade brasileira e local em que a criança se encontra inserida. É importante ressaltar que um professor desatualizado acaba lidando com maiores limitações, visto que se encontra em uma situação mais difícil em relação às barreiras e desafios impostos pela docência enquanto ação capaz de transformar o mundo.

A discussão em torno da formação do professor tem tido um impulso significativo nas últimas décadas no Brasil. Em uma breve análise sobre essa temática, é possível atribuir esse fenômeno às novas exigências sociais e

econômicas, que tendem para um modelo de escola diferenciado do atual e, conseqüentemente, de ensino, como também pelos estudos, cada vez mais crescentes nesta área, que vêm influenciando as decisões nas diversas instâncias acadêmicas sobre o tipo de formação a ser proporcionado ao professor (MORORÓ, 2017, p. 37).

Nesse viés, a prática docente assume um papel fundamental no que diz respeito à ação profissional do educador, gerando dinâmicas interessantes capazes de despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento. Levando em consideração todo o cenário atual, a prática docente está intimamente ligada a diversos fatores, como é o caso do saber docente, por exemplo. Entre tantos aspectos, componentes e fatores, é possível citar três essenciais para contextualizar a prática docente dentro do panorama da presente pesquisa, isto é, interdisciplinaridade, alfabetização e letramento. Todos os três pontos se encontram intimamente interligados quando o assunto é a prática docente e, conseqüentemente, todo o saber adquirido pelos educadores para praticar e exercer tal atividade.

Em primeira instância, é necessário ter em mente que a formação continuada é a base para superar o tradicionalismo, e que seja aberto um espaço mais amplo, capaz de dar autonomia para o professor enquanto mediador do saber e para o aluno enquanto protagonista do seu próprio conhecimento.

Ao longo do tempo, foi-se atribuindo ao docente toda a responsabilidade pelo processo de aprendizagem dos alunos, fazendo com que a sociedade depositasse toda sua confiança nesse agente considerado transformador, o que acabou resultando em discussões, em investimentos acerca da formação permanente, isto é, a formação continuada, visto que num cenário que se modifica frequentemente é necessário que o docente saiba como acompanhar o ritmo ditado pela globalização em relação ao âmbito educacional (ROSSI; HUNGER, 2012).

A formação continuada para docentes vem se destacando no campo educacional de maneira nítida desde a década de 1990, devido, principalmente, às pressões da sociedade e do mundo do trabalho em relação às evidências de precárias condições de desempenho escolares de uma parcela significativa da população. A partir desse momento, a formação contínua do docente passou a fazer parte da maioria das reformas educativas (GATTI, 2008).

Entretanto, diversas práticas formativas não são munidas pela preocupação das autoridades competentes e poder público, que, por sua vez, são peças fundamentais na formação continuada. Isso acaba atribuindo ao professor uma

imagem de sujeito ativo em relação ao seu próprio desenvolvimento, que leva em consideração apenas as suas experiências previamente adquiridas nas atividades profissionais docentes, estabelecendo e determinando os saberes de maneira experiencial (TARDIF, 2002). Nesse sentido, é possível notar como consequência um panorama em que a formação continuada acaba evidenciando que diversas ações e atividades não têm contribuído de maneira efetiva para provocar mudanças e transformações no que diz respeito às práticas pedagógicas.

De acordo com Freire,

A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes (FREIRE, 1996, p. 22).

O ato de ensinar sugere saberes concernentes ao âmbito educacional. Além da sociedade, a história, cultura e ao conhecimento em relação aos sujeitos envolvidos, sugere conhecer a educação de maneira completa, na sua integralidade. O processo de formação continuada deve considerar que o educador traz consigo suas próprias ideologias, concepções, vivências e, acima de tudo, a sua experiência em sala de aula, o que por sua vez influencia diretamente na composição da sua prática docente.

É importante ressaltar que a formação continuada de professores só é viabilizada a partir do momento em que deixam de enxergar a educação como apenas um campo cercado de moldes e padrões pré-estabelecidos em relação ao processo de ensino e aprendizagem, e passam a encarar o âmbito educacional como uma possibilidade transformadora, que deve ser dinâmica, assim como também deve considerar diversos fatores externos e internos à instituição. A teoria construtivista, conforme já visto anteriormente, é um dos principais pilares que sustentam uma atualização contínua da docência, fazendo com que o professor saia da posição de detentor do conhecimento e passe para um lugar de mediação em relação à construção do conhecimento de cada um de seus alunos enquanto sujeitos em formação.

Nesse viés, levando em consideração o papel da formação continuada e a prática docente atualizada, e tomando como referência a realidade em que o aluno

está inserido, é possível adentrar no primeiro ponto de relevância deste tópico, isto é, a interdisciplinaridade.

É comum definir a interdisciplinaridade como a união das disciplinas, direcionando pensamento apenas para questões curriculares. Entretanto, esse conceito deve ser visto como uma atitude capaz de buscar a frente do seu tempo o conhecimento necessário que envolva a cultura local e todos os aspectos humanos. Desta maneira, é possível observar o surgimento da possibilidade de explicitar o seu espectro epistemológico. É a partir deste momento que é possível debater sobre o docente e a sua formação e, dessa maneira, as disciplinas curriculares (FAZENDA, 2015).

Yves Lenoir aponta para uma forma brasileira de formar docentes. O autor se fundamenta na análise de estudos e pesquisas em relação à interdisciplinaridade na formação de docentes produzidos no Brasil. Ele constata em sua pesquisa que há a busca de um saber interdisciplinar, e que essa busca acaba explicitando na inclusão de toda a experiência docente, levando em consideração a intenção e a função, diferenciando todo o saber teórico e científico do saber profissional e prático (LENOIR; REY; FAZENDA, 2001).

A prática docente interdisciplinar tem como missão permitir o questionamento em relação às práticas tradicionais e, simultaneamente, alimentar indagações que nos levem a práticas consideradas inovadoras. Desta forma, a atenção entre o passado e o presente pode ser um ambiente para que as práticas interdisciplinares desempenhem um papel contribuidor em relação à redefinição do conceito de disciplina, ampliando o diálogo entre o currículo escolar e a prática. Ainda é necessário se atentar a contínua e constante mudança para não sucumbir ao desejo de crer que a interdisciplinaridade pode garantir ao educador lugar de destaque, criando uma hierarquização em que o educador se encontra acima da organização das disciplinas na educação escolar, o que, por sua vez, configura em uma atitude que nega as possibilidades de uma ação de caráter pedagógico, que deve ser resultado de muito debate e diálogo entre distintas disciplinas escolares. É importante ter em mente que a intenção é viabilizar a construção do conhecimento, e não tornar o processo mais complexo e difícil, tanto para o docente quanto para o discente.

Acredita-se que uma das possibilidades para que as práticas docentes interdisciplinares exerçam sua real função está intimamente relacionada ao processo de rever as metodologias de práticas passadas, retirando apenas o que é bom e o que

condiz com a realidade atual, abandonando o que é velho e readaptando o que era passado para uma nova perspectiva, contribuindo desta forma com a interação entre as disciplinas, instituições e pessoas (HAAS, 2007).

De acordo com Lenoir,

a interdisciplinaridade encontrará terreno na interação entre as disciplinas, na relação entre produção, existência e difusão do “saber disciplinar”, ao mesmo tempo em que ocorre um questionamento interdisciplinar e faz ressurgir o elo indissociável entre a produção do saber e a formação de membros sociais (LENOIR, 2005, p. 6).

Diante de uma prática mais alinhada com a realidade atual, que leva em consideração uma boa formação continuada, juntamente com a bagagem docente, alguns processos acabam sendo facilitados, como, por exemplo, o processo de alfabetização e de letramento.

Barros diz que:

Diversos são os papéis viáveis para o professor nesse contexto, mas, evidentemente, desempenhar o papel de escriba ou de leitor é bem importante. Quando o professor desempenhar o papel de escriba, a criança aprende a participar como produtora de textos e aprende a ditar para que o outro produza um texto escrito. Diferentemente do ditado usualmente usado para avaliar a ortografia, propõe-se que as crianças ditem ao professor, que se prestará como escriba para produzir um texto. Ao realizar ditados de textos memorizados, aproveita-se uma dupla capacidade das crianças: a de memorizar e a de ditar. A capacidade de memorizar, porque elas são capazes de reter na memória textos bastante extensos, que ouviram na leitura dos adultos; e a de ditar, porque podem produzi-los para que outras transcrevam (BARROS, 2019, p. 22).

Nesse sentido, o professor desempenha um papel extremamente relevante em relação à escrita e à leitura, permitindo edificar nas crianças a capacidade e habilidade de ouvir de maneira audiente, uma vez que o ato de escutar a leitura não é caracterizado como algo passivo. Para que seja possível uma leitura interativa, o docente deve estimular que os alunos entrem no contexto do texto, isto é, promova o interesse necessário para que participem de maneira completa da leitura, independentemente da sua maneira: seja olhando as figuras enquanto professor lê o texto, imitando e escutando, memorizando histórias ou, até mesmo, incorporando traços linguísticos dos discursos escritos. Ao escutar a leitura, os educandos têm a oportunidade de aprender que a linguagem escrita pode ser analisada de diversas

formas, como, por exemplo, através de reprodução, citação, repetição e comentários (TEBEROSKY; COLOMER, 2003).

O processo de alfabetização e o processo de construção do letramento, diante de uma perspectiva construtivista, representam processos complementares, em que a dinâmica propicia possibilidades para que os educandos expressem essa construção de conhecimento a partir das práticas docentes adequadas. Nesse sentido, quanto mais atualizadas e inovadoras forem as práticas docentes, maiores serão as chances de os alunos construírem o seu próprio saber, de maneira protagonizada, atribuindo ao educador o papel de mediador essencial para que essa construção ocorra de maneira adequada, principalmente no que diz respeito à alfabetização e ao letramento, visto que são caracterizados como alicerces para o futuro dos alunos em relação à novas edificações de saber.

A ludicidade na prática docente pode ser considerada uma forma de inovar a prática educativa, assumindo uma importante função para o desenvolvimento do educando, principalmente na fase infantil, uma vez que neste período a criança se encontra em um processo contínuo de desenvolvimento cognitivo. Desta maneira, uma sala de aula regida de maneira prazerosa pelo docente gera, como consequência, uma aprendizagem mais significativa e, neste quesito, as atividades lúdicas favorecem uma melhor compreensão do processo de aprendizagem.

Silva afirma que,

A ludicidade na prática docente tem se tornado a estratégia ideal no processo de formar os discentes. Uma vez que a representatividade do lúdico em forma de brincadeiras e utilização de jogos educativos tem se tornado uma prática essencial no desenvolvimento da criança, que aprenderá de forma significativa a partir da vivência relacional com os materiais concretos. Portanto, colabora para que ocorra uma práxis educativa interessante, instigando uma participação efetiva das crianças pela escola, desconstruindo os métodos arcaicos. Faz-se necessário em primeiro lugar mudar o pensar de cada profissional e posteriormente renovar as práticas pedagógicas em sala de aula que envolvam as dinâmicas pedagógicas (SILVA, 2021, p. 2).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, quando realizada de maneira correta, a interação entre o sujeito e o objeto desperta inúmeros fatores cognitivos, como, por exemplo: a criatividade, motivação, curiosidade, a criticidade, entre outros fatores capazes de direcionar o educando a procurar resolutivas para resolver seus conflitos ou, até mesmo, criar trajetórias. Nesse viés, é possível observar uma preocupação por parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em relação à Educação Infantil, o que sugere o lúdico como uma das ferramentas pedagógicas

mais relevantes para que as dimensões de aprendizagem sejam devidamente desenvolvidas, devendo ser uma das grandes prioridades da prática docente. Desta forma, o docente deve assumir uma posição inovadora em relação às suas práticas, na intenção de atender a todas as necessidades e anseios dos educandos que são oriundos de diversos contextos distintos (BECKER, 2012).

A utilização do método lúdico no ambiente escolar, especialmente em sala de aula, tem uma grande importância no processo de desenvolvimento da aprendizagem, o que, por sua vez, deve ser compreendida pela Sociedade Educacional devido à sua contribuição necessária às práticas docentes em sala de aula no Ensino Infantil. Villar *et al.* (2016) dizem que “esse componente lúdico desperta a imaginação e a memória; porém, mais do que isso, durante os jogos e as brincadeiras, o professor pode criar situações educativas”.

Dessa maneira, o docente deve ter uma nova perspectiva em relação às práticas e dinâmicas que compõem esse processo, uma vez que, a partir desse fator, é possível romper paradigmas do passado que tendem a classificar o lúdico apenas como um mero passatempo, transformando a prática docente em uma ação consciente. Assim, os professores têm ciência de que ensinar demanda atender a visão de seus alunos em um mundo globalizado e de caráter contemporâneo, levando em consideração também a faixa etária de cada criança, além dos contextos em que seus os alunos estão inseridos.

É necessário considerar que a interação das crianças por meio da ludicidade é capaz de desenvolver o bem-estar e momentos prazerosos em âmbito escolar, que, por sua vez, estão diretamente ligados à construção de novos saberes e de novos valores de caráter significativos. Isso porque o trabalho realizado com base na realidade dos educandos tem como característica a singularidade, sendo essa uma grande aliada no processo de desenvolvimento e evolução da autonomia e da cooperação do aluno enquanto sujeito responsável pelo seu próprio protagonismo sob suas ações. Além disso, ao interagir, os alunos acabam se apropriando de todo o mundo que os cerca, modificando desta forma todos os elementos de maneira particular, sugerindo que os adultos devem colocar a sua escuta em um local privilegiado e atentarem de maneira respeitosa a todo o processo.

Ainda de acordo com Villar *et al.* (2016), a interação do aluno junto com jogos e brincadeiras pode ser considerada uma maneira de perceber suas atitudes, que, por sua vez, são caracterizadas como reflexos da sua realidade. Por meio das

ferramentas lúdicas que compõem o ambiente da sala de aula, o docente acaba propiciando um desenvolvimento em relação ao processo de aprendizagem de maneira eficaz e, principalmente, interessante e agradável para seus alunos. A relação através de brinquedos acaba proporcionando diversas mudanças no âmbito cognitivo, bem como no comportamento dos educandos, facilitando desta forma a aquisição de novos conhecimentos. Observando esse cenário, é possível afirmar que a ludicidade pode trazer benefícios para o processo de ensino e aprendizagem, visto que tanto docentes quanto educandos acabam conquistando autonomia para gerar novas estratégias de ensino e aprendizagem. Segundo Silva,

O trabalho sobre a ludicidade inserido na prática do docente tem por objetivo investigar como as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, subsidiando o seu trabalho de forma criativa e inovadora e, é neste processo que de fato ocorre a troca de saberes. As utilizações das atividades lúdicas desenvolvem nas crianças várias habilidades (atenção, memorização, imaginação, participação, autonomia, criatividade). É diante dos desafios educacionais, que existe uma cobrança maior no fazer pedagógico do professor, na criação de meios atrativos, que venham favorecer a aprendizagem das crianças, pois, é diante do problema que o educador precisa ter autonomia para solucionar as dificuldades apresentadas pelos educandos. É fundamental questionarmos. Será que os professores estão preparados, para utilizar o lúdico em suas práticas cotidianas, que possam conter no campo técnico brincadeiras e jogos para proporcionar aos alunos um aprender de forma mais eficaz e inovadora? (SILVA, 2021, p. 4).

Nesse contexto, a ludicidade passa a assumir um papel fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança, o que, por sua vez, está intimamente ligado ao processo de alfabetização e letramento. Propiciar práticas docentes lúdicas é uma das principais formas de atribuir leveza e interesse ao processo de alfabetização e letramento.

A utilização de jogos e brincadeiras no ensino da leitura na alfabetização acaba por facilitar o desenvolvimento motor, psicológico e cognitivo das crianças. O seu uso em sala de aula transforma o ambiente em um espaço de divertimento por meio da manipulação de objetos, de modo que a criança acaba se tornando livre e agindo de forma autônoma e criativa em relação ao saber que está sendo adquirido. Então, os jogos e brincadeiras podem contribuir para o aprendizado dos alunos na Educação Infantil, o que evidencia que as práticas pedagógicas devem ser munidas de estratégias como elementos lúdicos para propiciar uma maior facilidade em relação ao processo de aprendizagem.

2.2.4 Em Busca de uma Síntese: Alfabetização, Letramento e Interdisciplinaridade

O intuito de apresentar estudos e vivências práticas dos professores quanto à alfabetização, letramento e a interdisciplinaridade nos primeiros anos do Ensino Fundamental - 1º ao 3º ano - é entender como os professores se utilizam das ferramentas disponíveis e das estratégias para o processo de alfabetização e letramento, seja em turmas de uma única série e ou em turmas multisseriadas.

Os professores em diferentes contextos e dificuldades para o processo de ensino-aprendizagem devem ser criativos e utilizar meios para que os discentes possam ter sucesso na construção do seu conhecimento, como pode ser observado no estudo de Sousa, Carvalho e da Silva (2022), que relataram vivências interdisciplinares de alfabetização e letramento em turmas do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal. Os autores articularam atividades para estimular a interdisciplinaridade entre a Língua Portuguesa, História, Ensino Religioso, Ciências e Geografia. As atividades foram desenvolvidas na época do pico da pandemia da Covid-19 e o acompanhamento foi feito em uma plataforma de ensino, com orientações através de aplicativo de WhatsApp. As temáticas trabalhadas tinham relação com o cotidiano das crianças e, como complementação das atividades, realizou-se a contação de história por meio de vídeos do Youtube e rodas de leitura, considerando que, para vivências interdisciplinares, é preciso que o professor mude sua postura no ensino-aprendizagem, contemplando diversas áreas do conhecimento, para que o aluno tenha um aprendizado mais contextualizado, ou seja, o processo de aprender resulta da alfabetização e do letramento em diferentes contextos.

Em outro estudo realizado durante a pandemia da Covid-19, em uma escola na cidade de Manaus-AM, os professores tiveram que reinventar e buscar alternativas para o ensino-aprendizagem em turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental, de modo que Condera *et al.* (2022) utilizaram como estratégias de alfabetização e letramento os jogos digitais e atividades de pega letras para formar e relacionar palavras do texto com objetos presentes em sala de aula, objetos de casa, animais ou aqueles que os alunos viam no trajeto escola/casa. Percebe-se que o professor pode aplicar atividades divertidas com inclusão do seu ambiente cotidiano, proporcionando o envolvimento do aluno e uma aprendizagem interdisciplinar.

No processo de alfabetização e letramento, é importante que o professor utilize diversos materiais pedagógicos, tecnológicos ou não, como livros, varais, jogos online

e outros, desde que proporcionem momentos de diversão e adquiram a atenção da criança, por meio de brincadeiras e ludicidade (FERNANDES; TEIXEIRA; ROLIM, 2022). Mesmo em alguns locais, como na zona rural, um professor precise ensinar alunos de diversas idades e séries, este deve buscar meios pedagógicos para o processo de alfabetização e letramento.

Em turmas multisseriadas dos anos iniciais (1º ao 3º ano) do Ensino Fundamental, da área rural de Manaus-AM, os autores Pereira e Bezerra Neto (2019) apontaram a necessidade da construção de novas bases pedagógicas (teóricas e práticas), assim como novas organizações curriculares para subsidiar os professores. A interdisciplinaridade deve ir além do que estava previsto no cronograma de atividades oficializadas pelo sistema educacional. A sala multisseriada tem uma heterogeneidade de discentes, o que já requer do professor uma organização e planejamento interdisciplinar. No entanto, existem alguns elementos que dificultam a alfabetização das turmas multisseriadas, o que inclui a falta de material pedagógico, falta de formação continuada, condições físicas precárias para atendimento aos discentes etc. Para melhorar o planejamento interdisciplinar, tem-se o registro diário dos conteúdos trabalhados, a elaboração de um guia para planejamento interdisciplinar e a formação continuada.

Considerando que a turma multisseriada é uma solução para alfabetizar e letrar alunos de diferentes idades e séries, Behrmann (2014) defende que as políticas públicas devem garantir uma escola que saiba lidar com suas limitações, com responsabilidade de alfabetizar na idade certa ou não alfabetizando as crianças com idade de até 8 anos, 9 anos ou 10 anos, ou quando for necessário. O que não pode ocorrer é procurar meios que justifiquem a não alfabetização.

Para a autora, a sala de aula é o espaço que permite a construção e organização do conhecimento, possibilitando um trabalho interdisciplinar, com formação da criticidade, criatividade e responsabilidade, em que a compreensão interdisciplinar tem como objeto de valor o entendimento das relações entre o sujeito e o objeto, com o conhecimento dando sentido à aprendizagem constitutiva.

Um resultado em alfabetização e letramento satisfatório começa ao priorizar as séries iniciais, com profissionais que realmente desejam ser alfabetizadores, que buscam formação continuada e/ou que tenham mais experiências para assumir as salas de alfabetização, evitando que alunos cheguem aos anos posteriores com sérias dificuldades no domínio da escrita e leitura, evitando passar pela vergonha da

exclusão (GIL; SOUZA, 2018). Somando-se a isso, é importante que os professores e gestores deem maior importância para a escolha do profissional que vai atuar no processo de alfabetização, não escolhendo apenas por formação, mas por capacidade e engajamento, demonstrando que vai em busca de capacitação e conhecimento sobre novos métodos inclusive numa perspectiva interdisciplinar.

Nessa mesma via, os gestores devem constantemente incentivar a formação dos professores, principalmente para os que atuam nos primeiros anos do Ensino Fundamental, promovendo um trabalho juntamente com o professor e a família e considerando, também, que a gestão se atualize, incentive e ofereça suporte aos projetos e ações para o processo de alfabetização e letramento da escola (FERNANDES; TEIXEIRA; ROLIM, 2022).

Na verdade, a escola pública de Ensino Fundamental geralmente possui como maioria professores advindos de cursos de licenciatura em Pedagogia, com minoria tendo formação em área específica, vindo de diferentes instituições de ensino superior. Certamente, devido às necessidades do trabalho docente, esses profissionais precisam constantemente buscar conhecimentos para a prática do ensino com foco na interdisciplinaridade, que é marcada pelo exercício da profissão, com integração de teoria e prática (AMORIM; SOUSA; KOCHHANN, 2018).

Todavia, muitos professores ainda estão presos ao ensino tradicional e, como solução, Serpa e Baldoni (2021) orientam que é importante promover a interdisciplinaridade nos anos iniciais e romper propostas tradicionais de ensino, proporcionando ao aluno a oportunidade de ser o protagonista do seu aprendizado, através da utilização de recursos de aprendizagem, para que esta seja mais ativa e significativa.

Acrescenta-se também que, quando as salas são tradicionais, é comum notar palavras descontextualizadas, em que o aluno passa todo o ano letivo juntando letras do alfabeto, seguindo uma ordem alfabética e percebe-se, também, a não inclusão de outras disciplinas, como se estas não existissem e não fizessem parte do currículo (SILVA, 2019).

Por outro lado, além da necessidade de o professor buscar conhecimentos através de capacitação, a escola também precisa proporcionar um ambiente alfabetizador e colaborativo, que proporcione aos alunos e professores a construção de uma aprendizagem contextualizada e colaborativa, mesmo que ainda existam alguns professores com ideias limitadas no ensino das habilidades de leitura e escrita,

na apropriação do código pelo aluno. Um aspecto positivo é que a escola é formada por um universo diferenciado de profissionais, uns mais tradicionais e outros com a mentalidade mais ampla, que poderão ajudar outros professores a perceber que a leitura e escrita vai além da decodificação, com busca do envolvimento com as práticas sociais, com leitura dos diversos discursos encontrados na sociedade e não apenas na pronúncia de palavras.

Em relação à interdisciplinaridade, ainda existem dúvidas de como trabalhar disciplinas de forma integrada, considerando que ainda existe muito individualismo entre professores, tendo em vista que é preciso existir um trabalho coletivo (ANSILIERO; SOPELSA, 2014).

Conforme Freitas (2017), o trabalho disciplinar não é anulado ao se integrar a alfabetização, o letramento e a interdisciplinaridade. No entanto, para interagir com conhecimentos, é preciso partir da disciplinaridade. E a concepção sociointeracionista de linguagem é que proporciona a integração entre as práticas pedagógicas da alfabetização, letramento e interdisciplinaridade.

A propósito, a interdisciplinaridade permite que o professor integre disciplinas, de forma divertida, com utilização de brincadeiras. Por exemplo, para o ensino da matemática, é importante que este esteja associado à parte lúdica, aliando conceitos matemáticos à brincadeiras. Nas atividades de geografia, podem ser trabalhadas imagens que identifiquem a zona urbana e a zona rural, em que os alunos podem citar elementos identificados nas imagens com os quais que têm maior familiaridade, podendo também trabalhar o som e a escrita através da identificação dos elementos por letras, como palavras com sons de “C” e “V” (Cadeira e Vaca). É importante que a interdisciplinaridade esteja voltada à realidade do aluno, porque faz com que este se sinta mais confortável e mais próximo da aula, tornando a aprendizagem significativa, com letramento presente, considerando as múltiplas situações sociais (SANTIAGO *et al.*, 2022).

Em outras palavras, é preciso que o professor busque alternativas para incluir duas ou mais disciplinas, como, por exemplo, o ensino de ciências naturais pode ser integrado com geografia e leitura. O professor pode abrir um diálogo com o aluno sobre seu animal de estimação, e trabalhar sobre a fauna do bioma brasileiro, em que os animais podem ser conhecidos por região, o que inclui o reconhecimento do mapa, integrando ciências e geografia. Para o aprofundamento dos conhecimentos, pode, ainda, aliar a leitura e interpretação textual de forma coletiva, através de roda de

conversa, proporcionando um momento diferente para os alunos (SERPA; BALDONI, 2021), apesar de que ainda existem escolas que supervalorizam apenas o ensino da língua portuguesa e matemática, não trabalhando outros conhecimentos com os alunos, principalmente o científico, talvez devido à falta de professores com formação específica, desinteresse, falta de apoio ou até mesmo por não saber como trabalhar outros conteúdos com as disciplinas supracitadas (CARVALHO et al., 2018).

Como integração de conteúdos entre disciplinas, o ensino de ciências também pode ser trabalhado juntamente com o processo de alfabetização da língua portuguesa, como descrito por Teles e Corrêa (2019), que utilizaram a temática plantas medicinais, através do lúdico, e relacionaram o uso dessas plantas em chás para tratamento de enfermidades e bem-estar, além de realizar atividades que associassem as letras do alfabeto com a letra inicial dos nomes das plantas apresentadas (A: alecrim; B: babosa; C: cidreira) e reconhecimento das plantas do meio social. Ainda foram trabalhadas imagens das plantas, as iniciais em maiúsculo/minúsculo (em letras bastão/cursivas), paródia de música (abecedário), jogos (trilha das plantas/trilha alfabética), e produção de livro compondo todas as atividades, com base no perfil do público-alvo.

Do mesmo modo, é possível desenvolver sequência didática⁷ com a literatura infantil em perspectiva interdisciplinar com a matemática, utilizando a ludicidade tais como brincadeiras, curiosidades e descobertas com crianças na fase de alfabetização de 6 e 7 anos de idade, tendo em vista que é importante desenvolver o pensamento algébrico em crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental, considerando que os desafios algébricos, integrados à literatura infantil, induzem a criança ao imaginário da história (CONCEIÇÃO; ROCHA; GRANDO, 2022). Ademais, ao relacionar de forma interdisciplinar a literatura infantil e a matemática é possível despertar no aluno o interesse, a comunicação, a expressão, a interação social e o desejo em aprender.

⁷ Sequência didática, de acordo com Cabral (2017), é uma estratégia de ensino que tem como objetivo organizar e planejar atividades sequenciais, com base em um tema ou conteúdo específico, de modo a promover a aprendizagem de forma progressiva e significativa para os alunos. Essa estratégia envolve a sequência de diferentes etapas, como a problematização, a investigação, a sistematização e a aplicação do conhecimento. A sequência didática parte da ideia de que a aprendizagem é um processo construtivo, em que os alunos são protagonistas ativos e participantes ativos do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a sequência didática busca estimular a curiosidade, a reflexão, o diálogo e a interação entre os alunos, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. Nessa abordagem, o professor desempenha o papel de mediador, orientando os alunos no processo de aprendizagem, apresentando desafios, propondo atividades, promovendo a discussão e a troca de ideias.

Assim, nas práticas de ensino, é preciso considerar como centro do processo o aluno e suas experiências no cotidiano (TRAMONTIN; PINHEIRO; COSTA, 2022).

Igualmente, a pesquisadora Souza (2018) aplicou em turmas do 1º ano atividades da língua portuguesa, direcionando a alfabetização matemática, utilizando o conto com realização de leitura, roda de conversa e exploração de dados apresentados na história. Em seguida, trabalhou jogos para compreender conceitos/conteúdos matemáticos e atividades com gênero textual, com exploração de conceitos como dezena, número/quantidade e resolução de problemas matemáticos. Devido a isso, foi observado que as crianças tinham maior desempenho nas atividades que existiam em material concreto, que era possível manipular, se comparado à atividades de apenas leitura, por meio das quais as crianças facilmente costumam esquecer o que eles tinham escrito nos textos.

Nesse contexto, infere-se a importância de o professor utilizar materiais diversos, incluindo os concretos, que possibilitam ao aluno manipular objetos didáticos, a integração entre os saberes e a construção do seu próprio conhecimento. Dessa forma, Aguiar (2020 *apud* AGUIAR; CARNEIRO, 2020) entende que alfabetizar não consiste em apenas ensinar o discente a ler e a escrever, mas inserir o aluno na cultura escolar e permitir a aprendizagem da leitura, escrita, matemática, incluindo as diferentes áreas do conhecimento a serem alcançadas a cada ano do ciclo de alfabetização. Para isso, é importante conhecer a realidade do aluno, suas necessidades e preferências, bem como seu meio social, valorizando o discente para uma aprendizagem significativa.

No mais, pode-se dizer que não existe uma receita pronta para o planejamento da alfabetização e letramento e integração com demais disciplinas. No entanto, é preciso que exista cooperação entre os docentes para a inovação das práticas educacionais (LUZ; DOMINGUES, 2021). Desta forma, é possível alfabetizar letrando, integrando componentes curriculares, desde que o professor se empenhe e trabalhe de forma colaborativa, que receba apoio da escola, da família, para que o trabalho docente obtenha resultados satisfatórios.

3 METODOLOGIA

Apresentamos neste capítulo os aspectos referentes aos procedimentos metodológicos adotados. Assim, esta seção está dividida da seguinte forma: classificação e estratégia da pesquisa, método de coleta de dados e análise de dados.

3.1 CLASSIFICAÇÃO E ESTRATÉGIA DA PESQUISA

A pesquisa apresenta caráter qualitativo, uma vez que, por meio dela, buscamos identificar a compreensão dos professores a respeito dos seus próprios métodos de alfabetizar e letrar em uma perspectiva interdisciplinar. Assim, neste estudo, adotamos o paradigma interpretativista, em que, como pesquisadores, interpretamos o que compreendemos de cada entrevista realizada.

Este estudo se caracteriza também como exploratório, por meio do qual foi possível identificar, de maneira mais completa, adequada e verdadeira a realidade do fenômeno estudado. Também se caracteriza como um estudo descritivo, uma vez que tivemos a intenção de verificar como o processo de alfabetização e letramento tem sido empregado em uma perspectiva interdisciplinar pelos professores entrevistados e, a partir disso, apresentar uma nova visão sobre esta prática no ensino da rede pública de Recife (PE).

Este estudo contou com duas estratégias de pesquisa, sendo uma bibliográfica e outra de campo. A pesquisa bibliográfica teve como foco principal a imersão sobre o tema da alfabetização e o letramento, retomando um processo histórico do saber sobre a alfabetização que envolve a interlocução entre o campo educacional e o da linguagem. Para isso, buscou mobilizar saberes em torno da emergência da abordagem construtivista e socioconstrutivista na educação, apontando as convergências deste processo com o surgimento da articulação com a temática da interdisciplinaridade. Já a pesquisa de campo usou a estratégia de estudo de caso, sendo realizada por meio de entrevistas semiestruturadas.

3.2 MÉTODO DE COLETA DE DADOS

3.2.1 *pesquisa bibliográfica*

Segundo Minayo (2004), a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que se baseia no levantamento e análise de fontes de informação escritas, como livros, artigos científicos, teses e dissertações, obras de referência, entre outros. Essa pesquisa tem como objetivo reunir e sistematizar o conhecimento disponível sobre um determinado assunto, a partir da análise crítica e reflexiva das diferentes fontes bibliográficas consultadas. Ela é fundamental para embasar teoricamente um estudo, fornecendo subsídios para a construção de um referencial teórico consistente.

Então, para a pesquisa bibliográfica, foram consultadas produções acadêmicas do Portal de Periódicos da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco, Google Acadêmico, além de livros e artigos associados à temática e indicados na disciplina de Aquisição da escrita, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Estes serviram de base para a construção dos capítulos teóricos precedentes.

3.2.2 *Pesquisa de Campo*

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevista semiestruturada (Apêndice A) com o objetivo de entender a incursão dos docentes pela alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. Para Minayo (2004), a entrevista representa o instrumento mais usual de coleta de dados em pesquisas de campo e tem como foco analisar um nível de realidade que não pode ser quantificado. Além disso, o autor afirma que, por meio de entrevistas, é possível trabalhar com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Interessa saber, ainda, que esta pesquisa faz parte do macroprojeto intitulado “Aspectos Cognitivos, Sociais e pedagógicos da Alfabetização e Letramento”, coordenado pela Professora Dra. Rossana Regina Guimarães Henz, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, sob número de parecer 527220-LET-063-2019/1, homologado pelo CPP – Reunião Ordinária do dia 06/08/2019.

Participaram deste estudo professores da Rede Municipal de Ensino de Recife (PE), do 1º ano do Ensino Fundamental de diversas escolas. A indicação dos professores foi feita por gestores escolares e/ou coordenadores escolares da Rede Municipal de Recife, assim como por Professores Multiplicadores do Programa intitulado “Primeiras Letras da Secretaria Municipal de Educação”, caracterizando-se, desta forma, como uma seleção por conveniência.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, a partir de um roteiro semiestruturado, nas dependências das escolas, com a carta de anuência da Secretaria Executiva de Gestão Pedagógica (Apêndice B e D). A indicação dos professores pelos coordenadores pedagógicos ou diretores foi realizada no momento da visita à escola, após apresentação do pesquisador e objetivo do estudo. As entrevistas foram realizadas individualmente em ambiente reservado, durante o horário de aula e foram gravadas. Para isso, as escolas disponibilizaram professores auxiliares para a condução das aulas durante a entrevista dos professores.

Antes de iniciar cada entrevista, o pesquisador apresentou o objetivo do estudo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). Após a leitura e assinatura do referido documento pelos participantes, deu-se início às entrevistas, com autorização para a gravação.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados a partir da pesquisa bibliográfica foram utilizados para a redação da fundamentação teórica deste estudo. Os trabalhos selecionados foram lidos na íntegra e as informações relevantes inseridas na redação da seção 2 deste estudo.

Já, para a análise dos resultados das entrevistas, foi aplicada a metodologia de análise de Koener e Cristofolini (2022), que, ao abordar o trabalho com professores no processo de letramento, buscou compreender o que os docentes vivenciam numa determinada realidade social com foco no conteúdo expresso, do qual podemos depreender um significado e um sentido que se articula com as condições contextuais dos sujeitos desta pesquisa: professores do Ensino Fundamental dos anos iniciais de duas escolas municipais da grande Recife-PE.

Também nos servimos da análise de conteúdo de Bardin (2016).

Antes de proceder à análise de conteúdo das entrevistas, vale ressaltar a forma como as categorias de análise foram criadas.

Para Bogdan e Biklen (1994), a criação das categorias é uma das etapas de extrema importância, por possibilitar a verificação de padrões ou não presentes nos documentos, desenvolvendo um sistema de codificação, onde:

O desenvolvimento de sistemas de codificação na investigação qualitativa encerra parâmetros semelhantes. Determinadas questões e preocupações de investigação dão origem determinadas categorias. Algumas abordagens teóricas e disciplinas acadêmicas sugere determinados esquemas de codificação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 22).

Para Laurence Bardin (2016), não se pode esquecer que há pelo menos três momentos distintos na análise de conteúdo.

O primeiro deles, a pré-análise, tem por intenção permitir ao pesquisador a percepção do que vale a pena ser analisado e do que não tem esse valor para a pesquisa que está elaborando. É por essa razão que, neste momento, o pesquisador precisa fazer uma leitura flutuante do material disponível, selecionando os documentos que podem ser analisados. É também o momento de se formular hipóteses e alguns objetivos a serem atingidos.

A seguir, dentro da fase da exploração do material, deve-se fazer o recorte e preparar as unidades de registro, separando os textos de acordo com as suas palavras-chave ou o tema. Aqui, ainda se deve fazer a categorização do objeto de pesquisa que precisa seguir alguns dos critérios a seguir: semântico, léxico, sintático ou expressivo.

Esses critérios, afirma Bardin (2016, p. 117), emergem da “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos”.

Para Bardin (2016), uma categoria precisa de alguns dos princípios a seguir:

- **exclusão mútua** - “Esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (BARDIN, 2016, p. 120).
- **homogeneidade** - “O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve governar a sua organização” (BARDIN, 2016, p. 120).

- **pertinência** - “uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido” (BARDIN, 2016, p. 120).
- **objetividade e a fidelidade** - “As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetida a várias análises” (BARDIN, 2016, p. 120).

Finalmente, na última etapa do trabalho, o pesquisador deve proceder à análise propriamente dita do material, a partir, por exemplo, da inferência que, para Bardin (2016, p. 133), “deve apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”.

Desse modo, esse trabalho traz como base duas grandes categorias investigativas. Explica-se que as entrevistas realizadas com 14 docentes renderam as mais diversas respostas. Além disso, interessa saber que elas foram realizadas em momentos e espaços distintos. Também não se pode dizer que os educadores atenderam às expectativas do pesquisador, esclarecendo todos os pontos da entrevista. Justamente em razão da dessemelhança, entre si, das respostas dos professores é que se decidiu agrupá-las em duas grandes categorias:

- a) **Métodos de alfabetização de acordo com os docentes**, na qual se descreve, a partir das entrevistas, o que os educadores compreendem acerca dos termos alfabetização e letramento e, também, a forma como estes entendem as próprias práticas pedagógicas.
- b) **Interdisciplinaridade: conceitos e práticas pedagógicas**, na qual se busca compreender o que os entrevistados entendem acerca do conceito de interdisciplinaridade, se são capazes de defini-la e, ainda, de entender o seu alcance e dimensão.

Feitas estas considerações pode-se partir, então, para a análise propriamente das respostas transcritas, conforme as falas dos educadores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 14 entrevistas com professores, com base na prática docente de letramento e alfabetização, com enfoque interdisciplinar. Os professores que participaram das entrevistas apresentaram entre 10 e 39 anos de experiência docente. A maioria apresentava graduação em Pedagogia e todos possuíam, no mínimo, uma pós-graduação. O perfil dos participantes é apresentado no Quadro 1. Na sequência, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos em cada entrevista.

Quadro 1 - Resumo do perfil dos professores entrevistados

| Entrevistado | Tempo de atuação no magistério (anos) | Graduação | Pós-graduação |
|---------------------|--|--------------------------|---|
| A | 27 | Letras e Pedagogia | Arteterapia |
| B | 25 | Pedagogia | Educação Infantil e Educação Especial |
| C | 26 | Pedagogia | Psicopedagogia |
| D | 27 | Pedagogia | Recursos Humanos para educação |
| E | 39 | Pedagogia | Neuropsicopedagogia e Supervisão Escolar |
| F | 15 | Pedagogia | Coordenação Escolar |
| G | 25 | Licenciatura em História | Arquivo Público e Patrimônio Imaterial e Material; Psicopedagogia; Novas Tecnologias e EAD (online) |

| | | | |
|----------|----|--|---|
| H | 26 | Pedagogia | Coordenação Pedagógica |
| I | 10 | Pedagogia | Psicopedagogia Clínica e Institucional |
| J | 24 | Pedagogia com licenciatura em administração e magistério | Supervisão Escolar |
| K | 28 | Licenciatura em História | Educação Especial e Gestão Escolar |
| L | 35 | Letras | Linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa |
| M | 32 | Pedagogia | Psicopedagogia clínica e institucional |
| N | 17 | Pedagogia | Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia |

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

A análise de conteúdo das entrevistas se deu a partir das categorias formuladas previamente e apontadas acima no capítulo referente à metodologia.

4.1.1 Métodos de Alfabetização de acordo com os Docentes

Na sequência, apresentamos uma síntese, no Quadro 2, das respostas dos educadores acerca dos seus métodos de alfabetização:

Quadro 2 – Concepções teórico-metodológicas dos educadores acerca da forma como ensinam as crianças a ler e escrever

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO A | <p>Hoje em dia, eu digo o seguinte, que eu não tenho um método. Não tenho um método único, sabe. Vamos supor: tradicional ou Piaget ou Montessori. Assim; não tenho um método único. Pelo simples fato que cada aluno aprende de um jeito, sabe? Então, eu vou mesclando um método tradicional, sabe? Eu também utilizo na sala inteira e depois eu verifico, né? Porque, às vezes, tem aluno que você fala: ba - be- bi - bo – bu, ele entende. Tem aquele que precisa além disso, né? Ele precisa de um material ali, em mãos, às vezes, ele precisa de uns jogos. Ele precisa de uma música. Ele precisa vivenciar. Às vezes, ele precisa além daquilo, né? Então quer dizer, aí eu preciso cada dia também fazer isso, né? Em outros momentos eu vou interagir com os alunos, conversando e trabalhando hoje em dia a oralidade. Porque é muito importante assim, porque nesse momento eles vão se expressando. Nisso, eu vou percebendo a leitura até problemas na fala, né?</p> <p>Como é que aquele falou? Porque, às vezes, tem o que fala, mas na hora ele não consegue escrever. Aí, eu tenho que perceber o que está acontecendo. Então, creio que meu método, eu utilizo até o nome mistureba, falo: método mistureba porque eu utilizo tudo para ver o que eu atinjo naquele aluno, sabe? Então, conforme eu atinjo, eu vou aperfeiçoando mais. Mas tem momentos assim, que às vezes eu utilizo o método só para todos e, aí, tem momentos que eu vou mesclando na sala de aula, porque às vezes eu vejo que determinado método não o atinge. Então fico às vezes...</p> <p>(Insiste o pesquisador): Esta questão de método, você pode definir melhor?</p> <p>Não... É porque eu posso... Então...vamos supor...tradicional, às vezes, eu falo: Hoje eu preciso realmente trabalhar a letra. Que é o tradicional: ba – be – bi – bo - bu. E aí, eu tenho que mostrar, eu tenho que pintar. Aí, eu tenho que fazer que ele fale. Eu tenho que mostrar figuras para ele. Então, e aí, tem momentos que eu tenho que fazer isso com todos. Né? Aí, tem momentos que eu tenho que pegar, mesmo que eu faço com</p> |
|----------------|---|

| | |
|----------------|---|
| | <p>todos, tem que chamar alguns, porque eu já sei que aquele isso não atingiu o aluno. Aí eu tenho que pegar usar outro estilo, sabe, às vezes, tá vendo intervenção, pegar um joguinho, fazer só com ele.</p> <p>(Insiste o pesquisador): E na escrita, como você decide fazer?</p> <p>Não, geralmente, achei no início, eu trabalho mais coletivamente. Por quê? Porque muitos alunos, eles ficam inseguros. E ao mesmo tempo eu vou deixando eles assim, se sentindo com essa segurança. Porque eles ficam tímidos e eles ficam com vergonha. Porque ele fica assim: “ah! Eu não sei.” E, então, eles travam. Então, aí eu tenho que fazer primeiro coletivo. Então, sempre mesmo quando eu faço o coletivo, eu estimulo. Olha! Agora quem quiser pode tentar fazer do seu jeito. Aí, tem gente, tem o que fala: Eu posso? Pode. Aí, tem gente: Eu já entendi. Eu posso fazer? Eu falo: Pode, né. Porque mesmo assim é nesse momento que eu acabo descobrindo, por exemplo, quem é que sabe. Que processo de escrita aqui ele está, sabe? Que, às vezes, aparece lá, sabe se é silábico, silábico com valor alfabético. E, às vezes, nesses momentos, às vezes, você trabalha tanto com o aluno que, às vezes, nesse... eu falo: Nossa! Eu não sabia. Que esse aluno tá assim?! Meu Deus, vou chamar ele aqui para mim, sabe?</p> <p>Então, aí você consegue perceber e nesse momento também que você fala assim: Oh! Quem quiser pode fazer sozinho. E aí, tem aquele que fala: -Mas, eu não sei fazer sozinho. Então, espera que daqui a pouco eu vou fazer com todos. Aí, eu faço com todos. Escrevo, aí eu faço com todos. E, aí é a atividade coletiva, mas sempre, eu mesmo assim, estimulo que alguém que faz. Sempre tem alguém que faz, aquele que tenta. Aquele que diz assim: Ah! eu só sei... Essa letra, mas eu não sei toda. Eu falo: Não tem problema. O importante é tentar. Aí, eles vão colocando. É assim que eu procuro fazer.</p> |
| ENTREVISTADO B | <p>Aí, eu procuro utilizar de forma lúdica. É com jogos. E brincadeiras em sala de aula. Na escrita é escrita espontânea e leitura deleite em grupo e todo coletivo.</p> |

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO C | É, eu uso muito materiais lúdicos, jogos...e atividade sempre voltada para o letramento e alfabetização. |
| ENTREVISTADO D | É partindo do que ela já conhece, né? A gente primeiro faz uma diagnose do que ela já sabe. Do que ela já traz. Porque elas trazem muita coisa, não é? Algumas até já trazem a própria leitura. Aí, a gente vai é mais formalizar, né? Trazer mais para o contexto da sala de aula. E fazendo essa interação daqueles que já trazem uma bagagem de leitura e de escrita com aqueles que ainda vem, vamos usar o termo assim: “zerado”, né? No sentido da alfabetização. Não do conhecimento, porque quando a gente fala em alfabetização, não é só o ler escrever, tem a questão da oralidade, né? Tem crianças que não ler, ainda mais que tem uma boa oralidade, que tenha uma boa observação, uma boa percepção. É, e claro que isso tudo a gente leva em consideração, né? |
| ENTREVISTADO E | Bem, atualmente, eu estou trabalhando num colégio de professor a nível municipal. É diferente de uma escola particular de onde eu venho, a minha vida toda. Então, existe diferenças. Atualmente, eu estou trabalhando com eles a questão primeiro do zero. Porque a minha turma é uma turma que vem oriundos do lar. Então, alguns tinham conhecimento de letras, números, símbolos, por conta dos pais. Ou até mesmo em alguma escolinha particular que iniciou, mas outros não. Então, é muito diversificado. Então, eu estou partindo do zero por conta disso. Saber o que é letra, saber o que é número. É... procuro saber o que é que eles sabem. O que é que eles conhecem de uma letra, de um número, uma palavra geradora. Eu pego oportunidades, por exemplo. Ontem, domingo, foi aniversário de Recife. Então, eu peguei a palavra Recife. Na palavra Recife procurei saber que letra começa; se alguém conhecia; se tinha algum aluno com essa letra na sala; quantas letras tinha; letra inicial; letra final; Outras palavras que eles venham a conhecer porque sempre tem um ou outro que pela percepção do som. Ele pelo menos arrisca dizer o nome. |

| | |
|----------------|---|
| | <p>Então, eu estou partindo do zero por conta disso. Saber o que é letra, saber o que é número. É... procuro saber o que é que eles sabem. O que é que eles conhecem de uma letra, de um número, uma palavra geradora. Eu pego oportunidades, por exemplo. Ontem, domingo, foi aniversário de Recife. Então, eu peguei a palavra Recife. Na palavra Recife procurei saber que letra começa. Se alguém conhecia; se tinha algum aluno com essa letra na sala; quantas letras tinha; letra inicial; letra final; outras palavras que eles venham a conhecer porque sempre tem um ou outro que pela percepção do som. Ele pelo menos arrisca dizer o nome.</p> |
| ENTREVISTADO F | <p>Eu parto de palavras geradoras e a gente começa a dinamizar a palavra. O que ela significa? Por exemplo: a palavra BOLA. O que é uma bola? É um brinquedo. Depois vou partindo do princípio quem é a primeira letra? Quem é a última? Se naquela palavra tem vogais. Tem? Quais são as vogais que aparecem na palavra? O que não é vogal? É o quê? Consoante. Aí, apresento as consoantes. Peço para eles identificarem as consoantes da palavra: Circular, pintar, identificar algo que destaque. Depois a gente parte para a questão do som.</p> <p>Na palavra BOLA, quantas vezes abrimos a boca? E aí, eles contam. Ou levantando os dedinhos que eu acho menos confuso que as palminhas. Às vezes, na contagem das palmas eles se perdem e nos dedinhos não. Quando eles erram: Vamos contar de novo. Aí, a gente faz essa recontagem e dali a gente parte tipo BOLA. Que outra coisa ou outro objeto começa com som do BO? Aí, eles começam a fazer outras relações ou com outros brinquedos e exercer outras coisas fora do campo semântico.</p> <p>Gosto muito de trabalhar com ditados curtos. Tipo: cinco palavrinhas. Escolho essas cinco palavras onde eu faço todo esse levantamento de percepção de cada som e depois eu registro. Porque se eu fizer com uma quantidade muito grande de palavras. Eu não vou ter tempo hábil de trabalhar detalhadamente cada uma. E cinco eu consigo. Aí, eu começo: uma polissílaba, uma trissílaba, dissílaba e uma monossílaba.</p> |

| | |
|----------------|--|
| ENTREVISTADO G | O diagnóstico, né? Primeiramente a gente precisa fazer essa avaliação diagnóstica pra identificar qual é o cenário, né? Que a gente tá trabalhando, então a gente identifica quais são os níveis de escrita, quais são os níveis de leitura, alfabetização matemática e tudo né em relação a tudo como é que é como é que estão os conhecimentos prévios e a partir daí vamos traçar né as metas né os objetivos de aprendizagem e vão fazer as intervenções, pensar nos objetivos e pensar quais são as estratégias que serão desenvolvidas, né? Ao longo do processo, né? De ensino e aprendizado. |
| ENTREVISTADO H | Através de...de... é... de práticas pedagógicas com usando muito o prático. Então, eu uso muito: o rótulo, eu uso tampas, alfabeto móvel. Tudo que está ao meu alcance, né? O meu objetivo é fazer com que eles aprendam a ler e escrever. |
| ENTREVISTADO I | Através do método fonético de alfabetização. |
| ENTREVISTADO J | Então. Assim... é... cada ano que eu vou percebendo a dificuldade da turma. No início do ano quando a gente faz a sondagem, eu vou traçando é... os objetivos para eu trabalhar naquele ano que eu consigo perceber que não deu certo no ano anterior. Eu não faço no ano seguinte. E o que é que eu percebo que... teve um bom resultado. Logo, a gente vai tentando aprimorar no decorrer do ano. Eu vou trabalhando assim; como as turmas são mistas, né? A gente tem alunos que estão mais avançados do que outros. Eu vou procurando trazer atividades que possa atender tanto a um quanto ao outro. Aqui na escola, a gente tem o dia da reclassificação. Da reclassificação, não é do reagrupamento. E aí, nesse dia, eu faço os grupos na sala para poder trabalhar com os meninos e sempre bota assim; num grupo, por exemplo, com 5 crianças, eu coloco uma que está mais avançada junto com as outras, que tem um pouquinho mais de dificuldade que aí aquele fica como se fosse um aluno monitor para poder ajudar os outros amigos na sala. |

| | |
|----------------|--|
| | <p>Sim. Eu tenho uma sala, o banner com as famílias silábicas, as atividades que eu vou fazendo com eles. Eu vou estimulando eles a entenderem é... a junção da consoante com as vogais para eles poderem formar as sílabas. Eu tenho esse quadro da consciência fonológica na sala também, que a gente vai trabalhando a palavra: quantas sílabas? Letras? letras iniciais? finais? Para eles começarem a ter a consciência. Isso aí, por exemplo, trabalhei a palavra palhaço. Eu escrevo no quadro e coloco a família do “P”, LH e do “Ç” (cedilha) para eles poderem ver como que a gente faz. E eu tenho aqui na sala, porque eu trabalhei com educação infantil ano passado, o material do “Descobrinçar”, que é esse que está aqui no cantinho. E ali eu tenho fichinhas para eles completarem a palavra com a letra que está faltando, tem o alfabeto móvel e aí vou trabalhando dessa forma com os meninos procurando sempre assim está estimulando eles a lerem, a conhecer as letrinhas, identificar quem são os colegas que tem aquela letra. Inclusive, foi o que eu apresentei lá na no seminário. Eu apresento a eles também as letras em libras, como eu fiz o curso, eu faço essa introdução eles</p> |
| ENTREVISTADO K | <p>Eu utilizo a consciência fonológica. Isso ocorre trabalhando no dia a dia no miudinho. Pegando o texto. Eu não gosto de trabalhar diretamente da letra pra depois ir pro texto. Eu pego um texto. Coloco o texto no quadro, ou no numa folha sulfite, ou numa folha de cartolina; e a partir daí, a gente vai trabalhando... Primeiro, a gente lê o texto várias vezes. Decora mais ou menos aquele texto. Depois a gente vai procurar as palavras no texto. Há uma variedade de texto pode ser uma contação de história, pode ser uma poesia, pode ser um texto a partir do texto deles mesmo criado por eles dentro da sala de aula. A partir de uma temática, de um desenho. A gente vai criando esses textos e os textos vão servindo como elementos pra gente estudar as palavras. Aí, a gente estuda sempre do macro pra o micro. Aí, a gente vai fazer a reconstrução. Porque aí a gente pega essa palavra depois. Pega esse texto. Aí, a gente vai pros campos semânticos. Aí, eles criam</p> |

as palavras deles. Aí, eles vão pra outro... pra produção, né? Primeiro a leitura. Depois, encontrar as palavras dentro do texto. Depois, pra ter o texto montar o texto de novo. É... de várias maneiras. Então, eles veem sempre o todo e depois a gente vai pro miudinho; e quando a gente vai pro miudinho; aí, a gente vai ver a palavra. E a palavra a gente vai contar: primeira letra, a última letra. Quantas letras? Quantas sílabas? É... aí, começar esse trabalho e a partir desse trabalho, eu pego as letras móveis, passo pra eles e a gente vai criar é... novas palavras, a partir das palavras daquele texto. Dos campos semânticos mesmo. É assim... é um texto falando sobre animais. Então, eles vão pegar os animais criar um monte de palavras. Então, agora vocês vão criar palavras. A gente estudou o lobo. A história do lobo mau. Então, agora vamos pegar as palavras que tem no Lobo Mau. Ou então, um tema e passo pra eles. Pronto. Se for, é... Chapeuzinho Vermelho. No Chapeuzinho Vermelho, eu vejo, o que que tem na cesta da vovó? Eles vão pegar as coisas que se colocam numa cesta e vão escrever os nomes numa... no... na... letra móvel. Depois, que eles escrevem o nome na letra móvel, aí, eu vou ajudando de banca em banca. Se vier alguma letra errada. Se tiver algum ponto é... incompleto. Eu vou ajudando. Vou fazendo as intervenções. E aí, eles vão criando e um vai ajudando o outro. Né? Uma criança, de certa forma, é... o... a zona de desenvolvimento proximal. Vão ajudando um ao outro, e aí, vai se criando e vai se construindo. Geralmente, eu trabalho em é... em grupos. Vão construindo as palavras. Depois que eles constroem as palavras... e os é... distribuo fichas. E eles vão colocar esses nomes nas fichas. E aí, a gente vai colocar numa num determinado local na sala, num painel com essas palavras. Pra eles, sempre se reportarem. Pra eles... vão ter um referencial dentro da sala palavras que eles construíram. Eles encontram as palavras porque como foram eles que fizeram, então, eles... eles encontram tudo. E encontra dos amigos. Porque eu sempre faço uma apresentaçõzinha. Cada um tem que dizer a sua palavra. Tem que dizer o que foi e colar. Então, isso aí, faz com que haja uma interação dentro

| | |
|----------------|--|
| | <p>da sala de aula e um crescimento muito grande. Por exemplo: eles fazem a palavra maçã. Aí, da palavra maçã, ele com esse “ma”, eles fazem associações com outra... Pode fazer associação com outras, ou ele pode ter aquela..., aquela palavra ali como referencial. Pode ter uma figura ao lado. Ou não ter figura nenhuma. Mas, como foram eles que colocaram. Eles sabem onde foi que colocaram a palavra.</p> |
| ENTREVISTADO L | <p>É... muita coisa, vem mudando ao longo dos anos. Assim, eu tenho a impressão, inclusive, que a educação ela passa por modismos. Principalmente, na área de alfabetização. É... eu compreendo que a gente vinha numa metodologia muito antiquada, que era muito tradicional. Aí, depois foram e foi surgindo a questão da alfabetização no método fônico. Depois, vem outras questões mais amplas. Eu participei de uns cursos de atualização na Federal com pessoal que hoje, eu acho, que chamam de primeiras letras também. Mas era... Eu não lembro. Não lembro o nome agora. Mas, é aí a gente vai juntando hoje um pouco da perspectiva construtivista, um pouco da perspectiva fônica, e eu acho que o professor na verdade ele tem que ter segurança do que ele está trabalhando. Então, a questão foi metodológica, não é que eu me perdi, que eu falo muito.</p> <p>(O pesquisador repete a pergunta, pois não sentiu uma resposta direcionada).</p> <p>Eu junto um pouco de cada coisa. Porque como eu tenho muitos anos de magistério, eu passei pelo ensino muito tradicional depois. Veio para o ensino mais construtivista. Juntei um pouco que eu fiz cursos também do método fônico.</p> <p>(O pesquisador repete a pergunta, pois não sentiu uma resposta direcionada).</p> <p>Eu tô me perdendo e não digo. Eu uso muitos textos, textos de uso cotidiano, muita parlenda. Muitos poemas. Eu amo poema. Inclusive foi meu tema de trabalho, foi a poesia na sala de aula como um excelente instrumento para alfabetizar. Então, eu uso através de textos.</p> |

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO M | <p>É pra ler, para escrever, a gente usa sempre uma forma assim..., do mais alto ao mais baixo, o contexto, palavras geradoras. E aí, depois a gente vem decodificar os símbolos. Com a separação entre os símbolos de letras. Números. Depois, a gente vai associar os fonemas, né? E os grafemas para ela ter uma alfabetização assim mais funcional.</p> |
| ENTREVISTADO N | <p>É inicialmente eu como eu realizo uma diagnose, né? Para identificar o nível de leitura e escrita que os alunos estão. Pra que dessa forma a partir desse dessa observação eu possa trabalhar dentro da realidade de cada aluno pra ver qual nível ele está, né? Atualmente, pra tentar da melhor maneira possível suprir essa necessidade dele para que ele consiga ler e escrever compreendendo. Após essa diagnose, eu preparo as aulas, né. Conforme a maneira que vá suprir, né? Atende a realidade de cada aluno. Organizando eles. Eh... inicialmente em grupos de acordo com o nível que ele se encontra. Eh... através de dinâmicas, material de uso concreto, né? Gosto muito também de estimular a prática da leitura com momentos de leitura.</p> <p>É... atualmente, eu estou com trabalhando com eles né? Momento da leitura onde ao iniciar a aula todos os dias, eu disponibilizo uma caixinha com alguns tipos de textos, né. Já dentro desses níveis de leitura e escrita. É... sílabas, palavras, frases. É... pequenos textos pra apresentar a esses alunos a diversidade, né? De como ele pode trabalhar a leitura e a escrita.</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

É possível fazer a síntese do quadro acima, no qual se busca rastrear quais são as concepções teórico-metodológicas dos educadores acerca da forma como ensinam as crianças a ler e escrever, a partir da elaboração do quadro a seguir:

Quadro 3 – Síntese do quadro anterior acerca das concepções teórico metodológicas dos educadores

| ENTREVISTADO | CONCEPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA |
|--------------|---|
| A | Método Fonético |
| B | Ludicidade |
| C | Ludicidade |
| D | Avaliação Diagnóstica e Conhecimento Prévio |
| E | Avaliação Diagnóstica e Palavras-Geradoras |
| F | Palavras-Geradoras |
| G | Avaliação Diagnóstica e Conhecimento Prévio |
| H | Letramento e Interdisciplinaridade |
| I | Método Fonético |
| J | Avaliação Diagnóstica e Consciência Fonológica |
| K | Consciência Fonológica |
| L | Método Fonético e Uso de Parlendas, Textos (Letramento) |
| M | Palavras-Geradoras |
| N | Avaliação Diagnóstica e Letramento |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Os entrevistados apresentaram uma variedade de concepções teórico-metodológicas no processo de alfabetização, destacando-se alguns métodos predominantes.

Um dos métodos mencionados com frequência foi o **método fonético**, mencionado pelos entrevistados A, I e L.

Esse método, afirma Grossi (2002), enfatiza o ensino das correspondências entre os fonemas e as letras. Através do treinamento em identificar sons e associá-los às letras correspondentes, as crianças aprendem a ler e escrever. Ele é considerado tradicional e é largamente utilizado nas escolas. O processo de alfabetização fonética geralmente começa com o ensino dos sons individuais das letras, conhecidos como fonemas. As crianças aprendem a pronúncia correta de cada letra, bem como os diferentes sons que cada letra pode fazer dependendo do

contexto. Por exemplo, a letra "a" pode fazer o som de /a/ em "casa" e o som de /e/ em "amigo". À medida que as crianças adquirem proficiência na identificação e produção dos sons das letras, elas começam a combinar esses sons para formar palavras. A ênfase é colocada na decodificação das palavras, ou seja, na habilidade de ler as palavras em voz alta com base na correspondência entre sons e letras. Além disso, o método fonético de alfabetização também inclui atividades de consciência fonêmica, que envolvem a capacidade de identificar e manipular os sons individuais nas palavras. Isso ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de segmentação e fusão dos sons, o que é fundamental para a leitura e escrita.

Outro método mencionado por alguns entrevistados foi a **ludicidade**, mencionado pelos entrevistados B e C. Esse método utiliza jogos, brincadeiras e atividades lúdicas como forma de estimular o interesse das crianças pela leitura e escrita. Acredita-se que o lúdico facilita a aprendizagem e torna o processo mais prazeroso. Ao usar a ludicidade, os educadores criam um ambiente de aprendizagem descontraído, onde as crianças se sentem livres para explorar, experimentar e descobrir o mundo da leitura e escrita de forma prazerosa. Isso possibilita que elas desenvolvam habilidades cognitivas, linguísticas e motoras, além de estimular a criatividade, a imaginação e a socialização (SILVA, 2021).

Nesse método, prossegue o autor, as atividades são estruturadas de forma a envolver os sentidos e estimular diferentes áreas do desenvolvimento infantil. Jogos de palavras, quebra-cabeças com letras, brincadeiras de rimas, histórias interativas, músicas e danças com letras e sílabas são alguns exemplos de estratégias que podem ser utilizadas.

A **avaliação diagnóstica** também foi mencionada por vários entrevistados, como os entrevistados D, E, G, J e N. Esse processo consiste em realizar uma avaliação inicial para identificar o nível de conhecimento prévio e as dificuldades dos alunos em relação à leitura e escrita. A partir dessas informações, os professores podem planejar estratégias de ensino mais adequadas e personalizadas. De acordo com Gontijo (2008) a avaliação diagnóstica é realizada no início do processo de alfabetização e tem como objetivo identificar o nível de conhecimento dos alunos em relação à leitura, escrita e compreensão de textos. Através dessa avaliação, os educadores podem identificar quais habilidades os alunos já possuem e quais precisam ser desenvolvidas. Isso permite que o ensino seja direcionado de acordo com as necessidades de cada aluno, evitando a repetição de conteúdos já dominados

e trabalhando de forma mais intensiva nas áreas em que os alunos apresentam dificuldades. Esta tem estreita relação com o **conhecimento prévio** dos alunos que também é essencial para a alfabetização, pois cada aluno traz consigo uma bagagem de experiências, conhecimentos e habilidades que podem influenciar o processo de aprendizagem. Ao levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos, os educadores podem estabelecer conexões entre os novos conhecimentos e o que os alunos já sabem, facilitando o processo de aprendizagem e tornando-o mais significativo para os alunos.

A **consciência fonológica** também foi mencionada como método pelos entrevistados J e K. Esse método consiste em desenvolver a habilidade de refletir sobre os sons da língua e as relações entre eles. Acredita-se que essa consciência fonológica é fundamental para o desenvolvimento da leitura e escrita (ALMEIDA, 2018).

O uso de **palavras-geradoras** também foi mencionado por alguns entrevistados, como os entrevistados E, M e L. Essa estratégia consiste em selecionar algumas palavras que possuam características semelhantes e explorá-las em diferentes contextos, facilitando a compreensão e a atribuição de significado das palavras (LEITE; DUARTE, 2009).

O letramento e a interdisciplinaridade foram mencionados pelo entrevistado H. O letramento vai além do ensino da leitura e escrita, buscando desenvolver habilidades de compreensão e produção de textos, além de explorar diferentes linguagens e gêneros textuais. Já a interdisciplinaridade busca relacionar a alfabetização com outras áreas do conhecimento, tornando o processo mais integrado e significativo.

Vale dizer que, ainda que quase todos os entrevistados possuem uma dificuldade em articular a definição de seu trabalho como interdisciplinar, é evidente que muitos deles acabam realizando atividades interdisciplinares na forma como descrevem suas atividades.

É importante destacar que esses métodos não são excludentes e podem ser utilizados de forma complementar, de acordo com as necessidades e características de cada aluno. O método fonético, por exemplo, pode ser combinado com atividades lúdicas e avaliação diagnóstica para melhorar a aprendizagem.

Dito isto, pode-se prosseguir pela discussão dos dados relativos a cada um dos entrevistados em particular.

A primeira entrevistada, que se chamará de **entrevistada A**, possui Graduação em Letras e em Pedagogia e Pós-graduação em Arteterapia. Em seu relato, constatamos 27 anos de exercício do magistério. Ela reconhece que a ausência de sistematização de método.

Tendo em vista o fato de que a docente entrevistada não tenha declarado sua vinculação a uma tendência pedagógica para orientar seu processo de alfabetização, o que nos ocorre no momento é saber que aspectos podem estar inscritos em sua prática que nos permita apontar o seu modo de compreensão da alfabetização e quais questões teóricas podemos indicar em nossa análise.

De início, ela admite, como já notamos acima, que não tem um método específico, ou como ela define “único” e vai mesclando algumas possibilidades de ação e verificação com os alunos, argumentando o seguinte:

Assim; não tenho um método único. Pelo simples fato que cada aluno aprende de um jeito, sabe? Então, eu vou mesclando um método tradicional, sabe? Eu também utilizo na sala inteira e depois eu verifico, né? (ENTREVISTADA A).

Este argumento, embora esteja, de certo modo, orientado por uma percepção empírica da aprendizagem dos alunos, também nos indica que afirmar que não tem propriamente um método pode significar duas coisas que nos interessa nesta pesquisa: primeiro, isto pode resultar da relação superficial que a professora teve com as elaborações teóricas da aprendizagem em sua formação inicial e que não lhe permitem apontar relações entre sua prática e uma fundamentação ou orientações teóricas de alguma tendência pedagógica ou pesquisas que tenha tido acesso ou conhecimento. Além disso, observamos que a formação inicial docente, ainda que seja em instituições reconhecidas como instituições de referência na formação de professores, não garante um movimento com o saber pedagógico, que se trata de mobilizar em sua prática pedagógica os saberes da alfabetização, tanto para constituir uma leitura deste processo, assim como para repensar continuamente a prática de alfabetização em sala de aula.

Segundo, a decisão de se orientar por algumas intuições pessoais confirma ainda mais a ausência de uma relação com o conhecimento sobre a alfabetização, renunciando a um conjunto de possibilidades que já foram estudadas e experimentadas em pesquisas educacionais. Veja o que ela diz:

Então, creio que meu método, eu utilizo até o nome mistureba, falo: método mistureba porque eu utilizo tudo para ver o que eu atinjo naquele aluno, sabe? Então, conforme eu atinjo, eu vou aperfeiçoando mais. Mas tem momentos assim, que às vezes eu utilizo o método só para todos e, aí, tem momentos que eu vou mesclando na sala de aula, porque às vezes eu vejo que determinado método não o atinge. Então fico às vezes... (ENTREVISTADA A).

Por isso, esta resposta de não ter propriamente um método é uma indicação muito menos de opção teórico-metodológica ou maturidade crítica em relação às possíveis insuficiências das abordagens, e bem mais da ausência de intermediação das opções teóricas na sua prática pedagógica. Tal como observamos, nos argumentos da entrevistada não há qualquer recurso a discussões de natureza teórica ou orientações de pesquisas que lhe servem de orientação ou referência, ou seja, toda a sua argumentação segue um tipo de intuição empírica para ver o que dá certo, embora não se saiba bem que fundamentação que se tem disso, criando palavras para as coisas que lhes acontece, tais como “métodos só para todos”, ou “eu utilizo tudo para ver o que eu atinjo naquele aluno”.

Como vimos em nossa discussão inicial, tomando como referência o trabalho de Veiga (2015), a prática pedagógica não está distante das práticas sociais interditas pelos professores num dado contexto social. No entanto, não se pode admitir que um professor com longo processo de vivência com instituições escolares desenvolva uma prática de alfabetização totalmente desvinculada de saber produzido pelos estudos neste domínio da educação. Mostramos em nosso texto, principalmente na primeira parte da fundamentação teórica, que os saberes sobre alfabetização têm um processo histórico que remonta à emergência do interacionismo como perspectiva do desenvolvimento e da aprendizagem no campo da educação, chegando ao debate mais contemporâneo que envolve os aspectos da relação entre alfabetizar e letrar, assim como o que se propõe este trabalho, que trata de avançar para uma perspectiva interdisciplinar.

A única oportunidade que percebemos na indicação de articulação de saberes docentes sobre a alfabetização é quando a docente foi indagada sobre o trabalho com a escrita dos alunos. Vejamos o que ela afirma:

Porque mesmo assim é nesse momento que eu acabo descobrindo, por exemplo, quem é que sabe. Que processo de escrita aqui ele está, sabe? Que, às vezes, aparece lá, sabe se é silábico, silábico com valor alfabético. E, às vezes, nesses momentos, às vezes, você trabalha tanto com o aluno

que, às vezes, nesse... eu falo: Nossa! Eu não sabia. Que esse alur assim?! Meu Deus, vou chamar ele aqui para mim, sabe? (Entrevistada A).

Mesmo reconhecendo o seu esforço trazer à tona alguma classificação do processo de escrita da criança, que, como sabemos, remonta ao trabalho desenvolvido por Emília Ferreiro (2001) sobre o desenvolvimento da escrita da criança, e estando este dividido em fases (pré-silábico, silábico e alfabético), esta apropriação feita pela docente se configura numa percepção tópica do que lhe restou de referência do seu processo formativo, constituindo numa referência isolada e descontextualizada.

No mais, retomando aqui o trabalho de Oliveira (2008, p. 429), segundo o qual “é muito difícil definir o que seja ‘construtivismo’” e que no “Brasil não existem propostas teóricas originais que permitiriam caracterizar algum autor nacional como construtivista”, é importante considerar que o relato que apontamos não se trata de uma abertura interpretativa e, sim, de uma negligência na prática de saberes sobre o processo de alfabetização mais do que consolidado pela produção acadêmica, fazendo-nos concluir que o longo tempo com prática de alfabetização da docente está associado a um longo processo de afastamento do processo histórico de saberes docentes constituídos no campo da alfabetização.

Como exemplo, o seguinte texto ilustra este modo empírico de se relacionar com o processo de alfabetização:

E aí, eu tenho que mostrar, eu tenho que pintar. Aí, eu tenho que fazer que ele fale. Eu tenho que mostrar figuras para ele. Então, e aí, tem momentos que eu tenho que fazer isso com todos. Né? Aí, tem momentos que eu tenho que pegar, mesmo que eu faço com todos, tem que chamar alguns, porque eu já sei que aquele isso não atingiu o aluno. Aí eu tenho que pegar usar outro estilo, sabe, às vezes, tá vendo intervenção, pegar um joguinho, fazer só com ele (Entrevistada A, *grifo nosso*).

Outro aspecto importante se refere ao trabalho com a oralidade, por meio do qual a Entrevistada A infere que o trabalho como oralidade é apenas fazer o estudante se expressar. Todavia, sabemos que isto vai além. Nas atividades de escrita, há uma lacuna no conhecimento docente que não lhe permite promover uma interação com os contextos das relações sociais, dentro da proposta socioconstrutivista (SOUSA, 2019c).

Neste caso, sua prática deveria propiciar às crianças vivenciar situações de leitura e escrita no seu cotidiano, seja ao ler um jornal, ler um livro, fazer alguma anotação, escrever um bilhete, usando a escrita como informação ou entretenimento, ou seja, diversificando as práticas sociais da leitura. Isso faz com que as crianças possam ter a percepção das diferentes formas de apresentação da escrita, com diferentes sentidos e funções (BRITO, 2007), proporcionando a ação do letramento.

Já quanto à **entrevistada B**, afirma-se que é formada em Pedagogia, tem especialização em Educação Infantil e Educação Especial e acumula 25 anos de atuação no magistério. Esta, quando indagada acerca da forma como ensina as crianças a ler e escrever, afirma que desenvolve o seu trabalho por meio de atividades lúdicas, utilizando jogos e brincadeiras em sala de aula, informando que procura incentivar a escrita de forma espontânea. Ela afirma que: “Aí, eu procuro utilizar de forma lúdica. É com jogos. E brincadeiras em sala de aula. Na escrita (...) é escrita espontânea e leitura deleite em grupo e todo coletivo.” (ENTREVISTADA B).

De início, percebe-se certo engano quanto ao trabalho com alunos que estão em fase de desenvolvimento da leitura e da escrita. Sabe-se, por longa tradição de estudos da Educação Infantil, que um aspecto importante para o desenvolvimento é o incentivo ao brincar. Já no Ensino Fundamental, embora possamos até defender de que a ludicidade possa integrar as atividades de leitura e escrita, não podemos prescindir de uma sistematização.

Quanto à ludicidade, pode-se afirmar que é uma ferramenta mediadora entre o ensino e a aprendizagem, já que, enquanto ferramenta didática, é de grande valia para o professor, e auxilia o educando a compreender os conteúdos com muito mais facilidade. Entre as vantagens do uso do lúdico em sala de aula, está a de que o educador pode promover um ensino muito mais atrativo, que tenha por intenção resgatar o sabor da infância e o seu ambiente cheio de sonhos e fantasias.

Assim, afirma Vygotsky:

A aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente relacionados, sendo que as crianças se inter-relacionam com o meio objeto e social, internalizando o conhecimento advindo de um processo de construção. O brincar permite, ainda, aprender a lidar com as emoções. (VYGOTSKY, 1991, p.134).

A brincadeira, portanto, para além de reforçar os laços sociais que educam o indivíduo, como acredita Vygotsky, também permite que os educandos passem a compreender e a lidar com as próprias emoções.

Logo, não é um engano afirmar que a brincadeira tem uma função cognitiva, isto é, que auxilia no processo de aprendizagem do aluno, contribuindo, também, para que este se forme enquanto indivíduo e cidadão.

Para Kishimoto (2000, p. 34), “a criança é um ser em pleno processo de apropriação da cultura, precisando participar de jogos de uma forma espontânea e criativa”. Não se pode pensar a criança como um ser pronto, tampouco como uma tábula rasa. Pelo contrário, ela é um ser em desenvolvimento pleno, que busca se apropriar da realidade e se relacionar com o mundo. Para tanto, deve brincar e fazer jogos que imitem a realidade, já com a intenção de se reproduzir as condições da vida adulta. Além desta dimensão, que permite ao educando aprender divertindo-se, é necessário estimular a criatividade do educando pelos jogos e seu caráter de fantasia.

Desta feita, afirma Sampaio:

O brincar direcionado para a aprendizagem – ludicidade – pode ser o meio tão almejado pelos educadores na busca da melhoria do ensino em sala de aula; com essa metodologia de formação do alunado, poderemos tanto sensibilizá-los, propiciando o ensino com apreensão, vivência e encantamento, quanto prepará-los para o futuro em sociedade (SAMPAIO, 2010, p. 31).

O autor, viu-se, reafirma o caráter fantástico do lúdico e o seu poder de permitir ao educando que este desenvolva vivências específicas capazes de permitir a aprendizagem dos conteúdos ministrados, preparando-os para os desafios da vida.

Logo, não se pode deixar de pensar que, para o docente de Educação Infantil, o lúdico é uma ferramenta de muita utilidade na construção da visão de mundo dele, e que há de contribuir para o seu percurso formativo.

Tanto é assim que Kishimoto (2009) informa que o jogo tem um caráter de formação que não pode ser desprezado, uma vez que fomenta a produção de cultura e de sentido por parte do educando. Por esta razão, cabe apontar que uma das formas do lúdico em sala de aula é a da contação de histórias, que permite aos educandos desenvolver o amor pela leitura e a sua compreensão das estruturas narrativas básicas e, também dos gêneros literários, todos conteúdos ligados à Educação Infantil.

O que se expôs aqui, por fim, foi para esclarecer que ludicidade e interdisciplinaridade, como pensam alguns dos entrevistados, não é a mesma coisa.

É necessário que o educador seja capaz de sistematizar sua prática de

alfabetização, ou seja, organizar seu método de ensino de forma estruturada e coerente. Isso porque cada criança é única e possui suas próprias características e ritmo de aprendizagem. Assim, é imprescindível que o educador adapte sua abordagem de acordo com as necessidades individuais de cada aluno (SCHÖN, 2000).

A sistematização da prática de alfabetização permite ao educador identificar quais são os conteúdos e habilidades que devem ser trabalhados em cada etapa do processo de aprendizagem. Dessa forma, ele poderá planejar suas aulas de forma mais efetiva, garantindo que os alunos sejam expostos a um ambiente estimulante e desafiador, mas ao mesmo tempo adequado ao seu nível de desenvolvimento.

Ao sistematizar sua prática, afirma Ferreiro (2001), o educador também pode monitorar o progresso dos alunos de forma mais precisa. Isso significa que ele será capaz de identificar rapidamente quais são as dificuldades e lacunas de conhecimento de cada aluno, e assim poderá intervir de forma adequada e personalizada. Essa intervenção é essencial para que o aluno não fique para trás e consiga acompanhar o ritmo da turma.

Ferreiro (2001) afirma, também, que sistematizar a prática de alfabetização tem a vantagem de garantir a possibilidade de avaliar constantemente os resultados obtidos. O educador pode utilizar diferentes instrumentos de avaliação, como provas, atividades práticas e observações em sala de aula, para verificar se os objetivos de aprendizagem estão sendo alcançados. Com base nessa avaliação, ele pode fazer ajustes em sua prática pedagógica, buscando sempre aprimorar seu método de ensino.

Saber sistematizar o próprio conhecimento e as suas práticas de ensino tem relação direta com um novo paradigma na educação, chamado de "formação reflexiva do professor", que surgiu nos anos 80 e teve influência dos trabalhos de Dewey. Acrescente-se, ainda, que essa formação foi sistematizada por Schön.

Esse paradigma buscava superar o ensino behaviorista, que limitava a atuação do professor a aplicar técnicas produzidas por terceiros. Para Schön (2000), ser um professor reflexivo requer uma postura permanente de reflexão ancorada no trabalho cotidiano.

Essas reflexões são instrumentos que possibilitam as mudanças na atitude profissional dos professores. A imprevisibilidade do ato de educar é considerada como pano de fundo para a reflexão sobre o trabalho docente, pois gera situações

inesperadas na sala de aula, levando o professor a se estranhar com sua prática cotidiana. Schön (2000) utiliza o imprevisto como base para sua teoria sobre o professor reflexivo, entendido como alguém que aprende, a partir de situações práticas, e constrói novas teorias, esquemas e conceitos. Isso faz com que o professor se torne mais qualificado para lidar com os desafios da prática docente imprevisível.

O que Schön (2000) argumenta é que uma prática de ensino reflexiva deve ser baseada em três aspectos principais: conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a ação.

O primeiro aspecto se refere ao conhecimento adquirido e incorporado pelo professor por meio de experiências e atividades intelectuais, que são utilizados de forma inconsciente em suas ações diárias. O segundo aspecto, a reflexão na ação, ocorre durante o ato de ensinar, utilizando o conhecimento implícito na ação como uma ferramenta para desenvolver novas percepções, esquemas e conceitos. Isso permite que o professor se torne mais flexível diante dos desafios surgidos na prática e crie estratégias para promover a reflexão na ação.

Por fim, o terceiro aspecto, a reflexão sobre a ação, envolve uma atividade de pensamento que ocorre após a ação pedagógica, por meio de um processo reflexivo sobre o evento e os conhecimentos implícitos nele. Esse momento é essencial para a autoformação do educador, pois pode promover as mudanças desejadas na prática de ensino.

Quando se observam as respostas dos educadores ao questionário elaborado, nota-se, com clareza, a dificuldade destes quanto ao segundo aspecto, o da reflexão na ação. Pelo fato de não conseguirem articular os conceitos-chave para o seu trabalho pedagógico, foi possível perceber a falta de ancoragem teórica deles. Não há lastro, percebeu-se, que garanta, por fim, o terceiro aspecto, que é o da reflexão sobre a ação.

Para Schön (2000), ao analisar as experiências do passado, é possível favorecer a autoanálise do professor, comparando o que se deseja com o que realmente se faz no dia a dia. Nessa situação, é possível compreender as contradições entre as metas desejadas e as ações efetivamente realizadas na prática profissional diária. Ao refletir sobre essas contradições, surge um conflito que pode levar à identificação de elementos para resolvê-las, fortalecendo e direcionando para uma nova ação que, frequentemente, resulta em mudanças.

Segundo Schön (2000), é possível pensar no profissional como um praticante reflexivo se ele não fizer reflexões acidentais, mas sim se dedicar à edificação de processos cotidianos de reflexão, embasados na prática do trabalho profissional.

O autor acredita que é por meio desse exercício de reflexão na e sobre as situações diárias que as características ocultas da realidade se revelam, possibilitando a criação de novas formas de intervenção e novas perspectivas de percepção e ação.

Dessa forma, os professores podem desenvolver um trabalho criativo capaz de superar as dificuldades do cotidiano, encontrando soluções para as singularidades, incertezas e conflitos da profissão docente. Sistematizar, então, o próprio conhecimento ou, ainda, ser capaz de conceituar as próprias práticas pedagógicas é uma atividade essencial para que o educador possa alfabetizar e letrar os educandos de forma mais rica.

Logo, deve-se privilegiar uma forma mais sistemática de trabalho, com uma metodologia bem definida de como se vai trabalhar a aquisição da leitura e a produção da escrita. Ao contrário disso, percebe-se uma prática sem aspecto organizacional, dando a impressão de ideias metodológicas soltas, ou até a ausência disso.

A **entrevistada C** possui 26 anos de atuação no magistério e é formada em Pedagogia com pós-graduação *lato senso* em Psicopedagogia. Ao ser questionada sobre seu procedimento para o ensino da leitura e da escrita com seus alunos, ela respondeu: “É, eu uso muito materiais lúdicos, jogos...e atividade sempre voltada para o letramento e alfabetização.” (ENTREVISTADA C).

Quanto à **entrevistada D**, continua recorrente o fato de que os docentes abordam a alfabetização e letramento sem saber conceituar esses termos, demonstrando limitações na articulação do que faz com os alunos e saberes disponíveis no campo da educação para inferir sobre o seu trabalho.

Em relação ao conceito de letramento, Soares (2010) afirma que ele é resultado do processo de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, e também da condição adquirida por um grupo social ou indivíduo ao se apropriar da escrita e de suas práticas sociais.

Street (2014) afirma que o letramento está relacionado ao uso efetivo da escrita em diferentes contextos de leitura e escrita, ampliando, assim, o conceito de alfabetização e tornando-o mais social e útil para a vida cotidiana. Por isso, o mesmo autor discute o letramento como uma prática social, na qual as pessoas utilizam a escrita em diversos contextos cotidianos, históricos e culturais. Ele considera as

práticas letradas como produtos da cultura, história e discursos, enfatizando a natureza social da leitura e da escrita, bem como a multiplicidade das práticas letradas.

Street (2014) também apresenta o modelo "autônomo de letramento", que favorece a escrita em relação à fala e o define como atividades voltadas exclusivamente para textos escritos. No entanto, esse modelo é considerado reducionista, pois concebe a escrita como um produto completo em si mesmo, desvinculado de um contexto.

O mesmo autor fala de um modelo ideológico em que as práticas de letramento não sejam apenas culturais, mas também englobem as estruturas de poder da sociedade. Neste modelo, as práticas de letramento estão ligadas a aspectos sociais e culturais, sendo determinadas por eles. Em outras palavras, isso se refere à ampla gama de significados que a escrita assume em diferentes contextos nos quais está presente.

Com base nesta teoria, Soares (2010) esclarece que o modelo ideológico propõe observar como as pessoas constroem significados no processo de socialização. Além disso, esse modelo está interessado não apenas nas instituições educacionais, como no modelo autônomo, mas também nas instituições sociais em geral.

Embora indique o uso de aspectos da ludicidade em sua prática, ela não aponta qualquer apropriação desses, com frases pontuais, sintéticas e sem qualquer exposição de motivos.

A profissional entrevistada tem 27 anos de regência escolar, graduação em Pedagogia e especialização em Recursos Humanos na Educação. Ao responder à questão acerca da forma como ensina as crianças a lerem e escreverem, afirmou:

É partindo do que ela já conhece, né? Agente primeiro faz uma diagnose do que ela já sabe. Do que ela já traz. Porque elas trazem muita coisa, não é? Algumas até já trazem a própria leitura. Aí, a gente vai é mais formalizar, né? Trazer mais para o contexto da sala de aula. E fazendo essa interação daqueles que já trazem uma bagagem de leitura e de escrita com aqueles que ainda vem, vamos usar o termo assim: "zerado", né? No sentido da alfabetização. Não do conhecimento, porque quando a gente fala em alfabetização, não é só o ler escrever, tem a questão da oralidade, né? Tem crianças que não ler, ainda mais que tem uma boa oralidade, que tenha uma boa observação, uma boa percepção. É, e claro que isso tudo a gente leva em consideração, né? (ENTREVISTADA D).

A docente, embora já demonstre conhecimento dos saberes consolidados pelos alunos em sua prática de leitura, não permitiu que se identificasse, a partir da sua fala, uma forma sistemática sobre como realiza este diagnóstico. Isto fica mais evidente quando não consegue intermediar saberes do campo da alfabetização em seu trabalho.

Segundo Soares (2010), o letramento é uma concepção recente que parece ser diferente da alfabetização, mas, na verdade, são processos inseparáveis. O termo letramento é novo e sujeito a diferentes interpretações. Vários autores buscam atribuir ao letramento as práticas da alfabetização, destacando sua importância. No entanto, o termo carece de divulgação e estudo para esclarecer dúvidas. A autora argumenta que o termo alfabetismo, que surgiu para atender às novas demandas sociais de leitura e escrita, não conseguiu expressar o que realmente deveria, levando à necessidade de uma nova palavra. As dificuldades e impossibilidades do letramento estão relacionadas à sua ampla gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais, o que torna difícil uma definição única.

Sobre a **entrevistada E**, a professora possui quase 40 anos de atuação no magistério e é formada em Pedagogia. Além disso, possui pós-graduação em Neuropsicopedagogia e em Supervisão Escolar, o que lhe permite exercer a coordenação pedagógica. Possui, portanto, uma vasta experiência e qualificação. Quando indagada acerca da forma como ensina as crianças a ler e escrever, a professora respondeu:

Bem, atualmente, eu estou trabalhando num colégio de professor a nível municipal. É diferente de uma escola particular de onde eu venho, a minha vida toda. Então, existe diferenças. Atualmente, eu estou trabalhando com eles a questão primeiro do zero. Porque a minha turma é uma turma que vem oriundos do lar. Então, alguns tinham conhecimento de letras, números, símbolos, por conta dos pais. Ou até mesmo em alguma escolinha particular que iniciou, mas outros não. Então, é muito diversificado. Então, eu estou partindo do zero por conta disso. Saber o que é letra, saber o que é número. É... procuro saber o que é que eles sabem. O que é que eles conhecem de uma letra, de um número, uma palavra geradora. Eu pego oportunidades, por exemplo. Ontem, domingo, foi aniversário de Recife. Então, eu peguei a palavra Recife. Na palavra Recife procurei saber que letra começa; se alguém conhecia; se tinha algum aluno com essa letra na sala; quantas letras tinha; letra inicial; letra final; Outras palavras que eles venham a conhecer porque sempre tem um ou outro que pela percepção do som. Ele pelo menos arrisca dizer o nome (ENTREVISTADA E).

A resposta da professora mostra que ela trabalha atualmente com uma turma heterogênea em termos de conhecimento prévio. Ela começa a partir do zero, garantindo que todos tenham a mesma base de conhecimento. Procura saber o que cada criança sabe e, a partir disso, cria oportunidades para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita.

A forma como ela usa a palavra "geradora" sugere que ela está trabalhando com a ideia de que algumas palavras podem ser usadas como base para criar outras palavras e, assim, expandir a capacidade de leitura e escrita dos alunos. Além disso, a forma como ela aproveita ocasiões, como o aniversário de Recife, para ensinar sobre letras e palavras, também indica que ela está atenta a oportunidades para ensinar de forma contextualizada e interessante para as crianças.

A professora demonstra valorizar a oralidade como estratégia de alfabetização. A oralidade é uma das estratégias mais importantes para a alfabetização de crianças e adultos. Através dela, é possível desenvolver habilidades fundamentais, como a compreensão, a expressão e a comunicação (SANTOS; FARAGO, 2015).

Ao utilizar a oralidade como ferramenta de ensino, afirmam os autores supracitados, o professor pode incentivar a participação ativa dos alunos nas atividades escolares, estimulando o diálogo, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a oralidade representa uma importante estratégia para a formação de leitores e escritores competentes, pois permite que o aluno desenvolva a capacidade de compreender e interpretar textos, bem como de produzir textos coesos e coerentes. Além disso, a oralidade também contribui para o desenvolvimento da autoconfiança e da autoestima dos alunos, que se sentem mais seguros para se expressar e compartilhar suas ideias com os demais colegas e com o professor.

Para Ribeiro (2012), a oralidade é a primeira forma de comunicação a que a pessoa é exposta, e revela sua identidade pessoal e cultural, sendo provavelmente a única que dificilmente será excluída da vida do sujeito. Para o autor, a oralidade representa um conjunto de gêneros textuais mais formais, com tratamento estético e literário, que ficam armazenados na memória da criança e contribuem para a memorização e para o aprendizado da escrita e da leitura.

Santos e Farago (2015) definem a oralidade como a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória humana e enfatizam que ela é adquirida nas relações sociais e é uma forma de inclusão cultural e de socialização. Por isso,

dizem os mesmos autores, o desenvolvimento da oralidade é uma das habilidades esperadas nos primeiros anos de escolaridade e pode ser estimulado por meio de brincadeiras cantadas ou faladas, que ampliam as possibilidades de comunicação e expressão e promovem o interesse pelos vários gêneros orais e escritos. A narrativa e as brincadeiras com textos rimados e ritmados são formas de incentivar a prática da leitura e da escrita, permitindo que a criança compare e perceba como as palavras são escritas.

A **entrevistada F** possui 15 anos de experiência no magistério e formação em Pedagogia. Além disso, ela também realizou um curso de Pós-graduação em Coordenação Escolar, o que mostra seu interesse em desenvolver habilidades de gestão e liderança na educação.

Ao responder sobre a forma como ensina as crianças a ler e escrever, a participante afirmou:

Eu parto de palavras geradoras e a gente começa a dinamizar a palavra. O que ela significa? Por exemplo: a palavra BOLA. O que é uma bola? É um brinquedo. Depois vou partindo do princípio quem é a primeira letra? Quem é a última? Se naquela palavra tem vogais. Tem? Quais são as vogais que aparecem na palavra? O que não é vogal? É o quê? Consoante. Aí, apresento as consoantes. Peço para eles identificarem as consoantes da palavra: Circular, pintar, identificar algo que destaque. Depois a gente parte para a questão do som.

Na palavra BOLA, quantas vezes abrimos a boca? E aí, eles contam. Ou levantando os dedinhos que eu acho menos confuso que as palminhas. Às vezes, na contagem das palmas eles se perdem e nos dedinhos não. Quando eles erram: -Vamos contar de novo. Aí, a gente faz essa recontagem e dali a gente parte tipo BOLA. Que outra coisa ou outro objeto começa com som do BO? Aí, eles começam a fazer outras relações ou com outros brinquedos e exercer outras coisas fora do campo semântico.

Gosto muito de trabalhar com ditados curtos. Tipo: cinco palavrinhas. Escolho essas cinco palavras onde eu faço todo esse levantamento de percepção de cada som e depois eu registro. Porque se eu fizer com uma quantidade muito grande de palavras. Eu não vou ter tempo hábil de trabalhar detalhadamente cada uma. E cinco eu consigo. Aí, eu começo: uma polissílaba, uma trissílaba, dissílaba e uma monossílaba (ENTREVISTADA F).

A professora utiliza uma abordagem que parte de palavras geradoras, para ensinar as crianças a lerem e escrever. Ela utiliza a palavra BOLA como exemplo e incentiva as crianças a identificarem a primeira e a última letra, bem como as vogais e consoantes presentes na palavra. A partir disso, ela trabalha o som da palavra e incentiva as crianças a fazerem outras associações com objetos ou palavras que tenham sons semelhantes. Além disso, a professora gosta de trabalhar com ditados

curtos, escolhendo cinco palavras para cada atividade, o que permite um trabalho mais detalhado com cada uma delas. Essa abordagem permite às crianças desenvolverem a percepção dos sons das palavras e ampliar seu vocabulário.

Leite e Duarte (2009) adaptaram o conhecido método de Paulo Freire de alfabetização com palavras geradoras para crianças. De acordo com as autoras, quando se traz Paulo Freire para o universo da alfabetização infantil, está-se enfatizando a importância da alfabetização e conscientização andarem juntas. A participação livre e crítica dos alunos é fundamental para alcançar a liberdade com afetividade.

Nesse sentido, dizem Leite e Duarte (2009), a avaliação é contínua e processual, visando melhorar as relações com o conhecimento e com as pessoas, construindo conhecimento, valores e atitudes com base na experiência comum. Durante as aulas de alfabetização, não há atribuição de notas, apenas o reconhecimento pelo esforço conjunto do educador e do aluno em busca de um ambiente inclusivo. Cada momento compartilhado contribui para a construção e reconstrução da história do aluno, através da ação-reflexão-ação diante da realidade. Nessa direção, é importante que o professor explore a pluralidade cultural e respeite as diferentes vozes, saberes e opiniões, orientando-os e estimulando uma leitura crítica do mundo. O trabalho de (re)alfabetização começa com as apresentações individuais dos alunos, informando-os sobre o objetivo e a importância da colaboração, para que todos se beneficiem dos encontros, buscando igualdade com os colegas de turma.

De acordo com Leite e Duarte (2009), no processo de alfabetização, o uso de "palavras geradoras" é uma estratégia pedagógica que se mostra muito eficiente para auxiliar as crianças a desenvolver suas habilidades de leitura e escrita. Essa abordagem consiste em utilizar palavras que possuam semelhanças gráficas e sonoras com outras, de forma a facilitar o aprendizado e a compreensão dos princípios da língua escrita.

As palavras geradoras, afirmam as autoras, são selecionadas levando em consideração os conhecimentos prévios das crianças, partindo de palavras simples e avançando gradativamente para palavras mais complexas. Por exemplo, a palavra "casa" pode ser considerada uma palavra geradora, pois a partir dela é possível formar outras palavras como "cama", "sala", "mala", entre outras (LEITE; DUARTE, 2009).

Essa estratégia é especialmente importante para os alunos que estão em processo de aprendizagem da leitura e escrita, pois permite que eles percebam a relação entre os sons das palavras e seus respectivos grafemas. Além disso, o uso de palavras geradoras estimula a autonomia e a construção do conhecimento, uma vez que as crianças são encorajadas a experimentar e formar novas palavras a partir das já conhecidas.

Outro benefício do uso de palavras geradoras é a ampliação do vocabulário dos alunos, afirmam Leite e Duarte (2009). Ao explorar diferentes combinações de letras, os estudantes são incentivados a criar palavras, aumentando, assim, suas habilidades linguísticas e enriquecendo seu repertório de palavras. É importante ressaltar que o uso de palavras geradoras deve ser combinado com outras estratégias e atividades, como leitura de textos, jogos e atividades de escrita. Dessa forma, os alunos terão a oportunidade de vivenciar a língua escrita de maneira significativa e contextualizada.

Não é isto, no entanto, que se percebe no trabalho realizado pela educadora. Quer dizer, ainda que não se tenha tido acesso à observação de sua prática em sala de aula, a forma como descreve seu trabalho parece, não raro, desconexo, revelando se tratar de uma educadora não que não faz a reflexão a respeito da própria prática de ensino.

Ao analisar a resposta da professora sobre sua forma de ensinar as crianças a ler e escrever, percebe-se que ela possui conhecimentos sobre consciência fonológica e a importância da prática da leitura e escrita para as crianças. Acerca da consciência fonológica, cabe destacar que o que se entende por esta é:

A consciência fonológica é um dos níveis da consciência metalinguística. É o mais estudado e investigado e diz respeito à capacidade que o indivíduo possui de refletir a língua em sua estrutura, mesmo antes de iniciar sua vida escolar, e que na escola deve ser aprimorado para a apreensão do princípio alfabético (ALMEIDA, 2018, p. 32).

Percebeu-se, então, a partir de meados dos anos 70, que os humanos teriam de desenvolver a consciência fonológica, isto é, certa sensibilidade aos sons e à segmentação das palavras. Em suma, a consciência fonológica expressa a capacidade reflexiva que os sujeitos possuem de compreender a língua como um objeto.

Assim, trata-se da compreensão por parte do falante da língua de que a palavra falada pode ser segmentada e, então, é constituída de partes. Além disso, pode-se mesmo dizer que desenvolver tal consciência significa dizer compreender que cada palavra é composta por uma combinação de sons diferentes. Pode-se, também, definir a consciência fonológica como: “a representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala” (FREITAS, 2003, p. 156).

Por outro lado, “a habilidade de manejar explicitamente as estruturas internas da palavra e, em consequência, não ter dificuldade de operar com ela” (RUEDA, 1995, p. 53).

Ora, o que se percebe é que, em geral, para os falantes, estes expressam a consciência fonológica em situações em que ignoram o sentido ou significado de um algum termo e, mentalmente, fazem uma operação para “desmontar” as palavras em unidades de sentido, na tentativa de construir um significado. Trata-se, assim, de manipular os segmentos menores de uma palavra com o propósito de se construir um sentido. Na verdade, a consciência linguística permite ao sujeito que realize uma operação cognitiva, de forma que este possa “reconhecer e manipular sons, como, por exemplo, identificar que palavras rimam, terminam ou começam com o mesmo som dentro de um conjunto de palavras” (SILVA, 2014, p. 14).

Segundo Ferreiro (2001), a alfabetização não deve ser vista como um processo mecânico, mas sim como resultado do processo social e cultural.

Nessa perspectiva socioconstrutivista, o papel do professor é estimular o aluno a criar sua própria interpretação do que se lê, em vez de impor sua própria interpretação. A docente usa ditados curtos para trabalhar a percepção de cada som, mas se limita a cinco palavras para conseguir trabalhar detalhadamente cada uma.

A **entrevistada G** tem formação em Pedagogia. Além disso, possui uma especialização na área educacional, mas não com foco na alfabetização.

Quando indagada sobre a forma como ensina as crianças a ler e escrever, assim afirmou a entrevistada G: “Eu procuro utilizar de forma lúdica. É com jogos. E brincadeiras em sala de aula. Na escrita, é escrita espontânea e leitura deleite em grupo e todo coletivo”. Como é possível observar, este comentário aponta para a falta de organização e metodologia na prática da educadora em relação ao ensino da leitura e escrita para crianças. Para obter sucesso nesse processo, é necessário que o docente possua uma noção preliminar sobre como ensinar a ler e escrever, ou seja, é preciso ter uma abordagem pedagógica específica para alfabetizar as crianças.

Portanto, é sugerido que a educadora desenvolva um método mais estruturado e organizado para que as crianças possam aprender de forma eficiente (FERREIRO, 2001).

Trata-se, então, de letramento. Alfabetizar e letrar, viu-se ao longo do referencial teórico desta pesquisa, é de grande valia, uma vez que permite ao educando aprender a ler e a escrever a partir de seu próprio universo cultural.

Segundo Soares (2010), o letramento é definido como a condição em que indivíduos ou grupos sociais de uma sociedade letrada efetivamente exercem práticas sociais de leitura e escrita e participam competentemente de eventos de letramento. A autora distingue o letramento em duas categorias: individual e social. O letramento individual envolve a habilidade de ler, escrever e compreender o que está sendo lido e escrito. Já o letramento social ocorre em um contexto específico, como o ambiente escolar, onde as pessoas demonstram familiaridade com práticas de leitura e escrita.

Dessa forma, de acordo com a perspectiva do letramento, a leitura e a escrita não devem apenas ser aprendidas, mas também ensinadas e praticadas. Ela acrescenta, ainda, que o letramento não é sinônimo de alfabetização, sendo um processo sócio-histórico. A autora discute o termo *literacy*, originário do inglês, que se caracteriza como a habilidade de ler e escrever relacionada à escolarização e ao sucesso educacional.

Muitas vezes, lembra Soares (2010), o letramento se confunde com a alfabetização, mas eles não são apenas relacionados ou complementares.

No processo de aprendizagem da língua escrita, é necessário adicionar o uso do letramento como um conjunto de práticas sociais para garantir a efetividade da aplicação e formar leitores aptos para as demandas da sociedade letrada. Soares (2010) sugere que a alfabetização e o letramento devem ser realizados em conjunto, ensinando a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, para que o indivíduo se torne simultaneamente alfabetizado e letrado.

Logo, é fundamental estabelecer uma relação entre alfabetização e letramento no processo educacional, considerando os múltiplos aspectos envolvidos em ambos os processos. Isso implica em utilizar elementos significativos em uma construção social que permita que a aprendizagem seja uma experiência social mediada pelo uso de instrumentos e sinais, como defendido por Vygotsky (1991).

Segundo Vygotsky (1991), os sujeitos vivenciam os processos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita desde muito pequenos, e é

possível identificar diferentes fases nesses processos. Ele argumenta que, quando o sujeito ingressa na escola, ele já possui um conjunto de habilidades que o capacita a aprender a escrever em um curto período.

Portanto, ao entrar no ambiente escolar, o indivíduo traz consigo habilidades sociais, culturais e intelectuais que influenciam o processo de aprendizagem. Além disso, Vygotsky (1991) afirma que a aprendizagem das habilidades culturais da escrita envolve a progressão por diferentes estágios nos quais técnicas anteriores são substituídas por outras.

Assim, a educadora, que parece confundir letramento e alfabetização, bem como parece não ter uma clareza suficiente sobre a forma e os métodos pelos quais ensina as crianças a ler e a escrever, mostra-se uma educadora não-reflexiva.

De acordo com Schön (2000), ao se deparar com a realidade da escola, o professor começa a enfrentar os desafios resultantes de sua formação na Licenciatura e das expectativas presentes na vivência em sala de aula da escola pública. Isso marca o início de um processo de aprendizagem docente que resultará em um conhecimento adquirido por meio da prática.

Para o mesmo autor, os professores desenvolvem um conhecimento específico e relacionado à ação; é um conhecimento pessoal, implícito, não sistemático, espontâneo, intuitivo, experimental e cotidiano. Essa análise leva à criação da categoria de professor reflexivo e dos conceitos de reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão sobre a reflexão na ação.

Schön (2000) afirma que a reflexão na ação consiste em refletir durante uma ação, sem interrompê-la, permitindo, assim, interferir na situação em desenvolvimento. Através da observação e reflexão sobre as ações, é possível descrever o conhecimento implícito nelas. Ao se posicionar diante do que se deseja observar, é possível encontrar novas pistas para a solução dos problemas. Esse processo é um diálogo com a situação problemática que exige intervenção concreta. O autor destaca que o profissional envolvido nessa situação é constrangido pelas pressões espaciais, temporais, psicológicas e sociais do cenário em que atua. Dessa forma, esse processo de reflexão não possui o rigor, a sistematização e o distanciamento exigidos pela análise racional, mas possui a riqueza da captação imediata das variáveis envolvidas e a grandeza da improvisação e criação.

Os educadores entrevistados, com poucas exceções, parecem refletir, apenas, na ação. Não há, conforme se pode ver à medida que vão surgindo as respostas, uma reflexão sobre a prática pedagógica realizada.

A **entrevistada H** tem 26 anos de atuação no magistério e é formada em Pedagogia. Além disso, possui pós-graduação em Coordenação Pedagógica. Quando indagada acerca da forma pela qual ensina as crianças a lerem e escreverem, a educadora afirmou:

Através de...de... é... de práticas pedagógicas usando muito o prático. Então, eu uso muito: o rótulo, eu uso tampas, alfabeto móvel. Tudo que está ao meu alcance, né? O meu objetivo é fazer com que eles aprendam a ler e escrever (ENTREVISTADA H).

Assim, apesar da insistência do pesquisador, observa-se que a docente não articulou com clareza a sua metodologia de ensino. É bem verdade, porém, que o trabalho com os rótulos e as tampas poderia ser aproximado do letramento a partir dos gêneros textuais.

Já o **entrevistado I** é um profissional com 10 anos de atuação no magistério. Possui graduação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Quando indagado acerca do método pelo qual ensina as crianças a lerem e escreverem, destacou, categoricamente, que segue o método fônico de alfabetização, que é um dos métodos sintéticos de alfabetização, e que enfatiza a conexão entre grafemas e fonemas, uma abordagem que entende a alfabetização como um processo individual e mecânico, desvinculado dos usos sociais da linguagem escrita.

Paulo Freire (1989) criticou essa abordagem, argumentando que ela é mecânica e opressiva, e que a alfabetização deve ser libertadora e contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos. A alfabetização deve ir além de simples habilidades mecânicas, permitindo aos alunos a utilização da leitura e escrita em sua cultura e meio social. A escrita é um produto cultural e socialmente significativo, e ler e escrever são atividades que requerem continuidade e reconstrução constante do código linguístico.

Acerca do método fônico, antes da década de 80, este era o principal método de alfabetização utilizado no Brasil. Esse método tinha como base a teoria Empirista, que via a criança como uma "tábula rasa" ou um "vaso vazio" a ser preenchido com

conhecimento. Esse modelo de aprendizagem tinha como principal representante John Locke e se caracterizava pelo estímulo-resposta, ou seja, a criança dependia de estímulos externos para produzir respostas que, quando repetidas, levavam à aprendizagem da língua escrita (FREIRE, 1989).

No entanto, esse modelo de ensino foi criticado por diversos estudiosos, que apontaram para a necessidade de uma abordagem mais construtivista na alfabetização. Essa abordagem valoriza a participação ativa da criança no processo de aprendizagem, permitindo que ela construa seu próprio conhecimento por meio da interação com o ambiente e com os outros (FERREIRO, 2001).

Grossi segue na linha da crítica ao método fônico:

Portanto, o que é preciso desmistificar é a ideia de aprendizagem sem lógica. Ou de aprendizagem sem prazer, sem desejo, ou sem que ela se apresente como um valor para a pessoa que aprende. É preciso desmistificar uma aprendizagem pela percepção ou pelo exercício motor, isto é, em que a memória funciona como um depósito de informações que entrariam pelos sentidos ou pelo movimento, sem nenhuma interferência de aspectos lógicos. Outrossim, não queremos cair no extremo de dizer que aprender é só estabelecer relações lógicas, como se estas não fossem imbricadas na dramática dos desejos e na esfera do perceptivo-motor. A matéria-prima da lógica são as percepções, os movimentos, as palavras e os afetos (GROSSI, 2002, p. 15).

Grossi (2002) afirma que o método fônico de alfabetização é um dos mais tradicionais utilizados nas escolas. Ele consiste em ensinar as crianças a ler e escrever por meio dos sons das letras. O processo começa com a apresentação de cada letra do alfabeto, associando-a a um som específico. Em seguida, os alunos aprendem a juntar esses sons para formar as primeiras palavras. Nesse método, a leitura é ensinada de forma sistemática e progressiva, partindo do simples para o complexo. Os alunos são expostos a palavras e textos que contenham as letras e os sons que já foram aprendidos, para que possam praticar e consolidar o conhecimento.

Além disso, o mesmo autor afirma que esse método se concentra apenas na decodificação das palavras, sem levar em consideração o significado delas. Isso significa que a criança pode ser capaz de ler uma palavra em voz alta, mas não compreender o que ela significa, o que pode comprometer o entendimento do texto como um todo. O método fônico pode ser considerado tedioso e cansativo para a criança, que precisa repetir muitas vezes os mesmos exercícios de decodificação. Isso pode levar a uma desmotivação e desinteresse pela leitura.

Outra crítica é que o método fônico é pouco eficiente para crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, como dislexia. Essas crianças podem ter dificuldades em associar os sons das letras com as palavras, o que pode levar a uma frustração e agravar ainda mais o problema (GROSSI, 2002).

Ao fim, a interdisciplinaridade é uma abordagem importante na educação, pois permite que os estudantes sejam expostos a diferentes áreas do conhecimento e desenvolvam habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas. Embora seja positivo que o professor entrevistado utilize o método fônico de alfabetização, sabendo articular uma definição deste, é importante que ele considere a interdisciplinaridade em sua prática pedagógica. Isso pode ajudar os alunos a relacionarem o que estão aprendendo em diferentes áreas e a entender como o conhecimento é integrado. Portanto, é fundamental que os professores explorem diferentes métodos de ensino e combinem diferentes áreas do conhecimento para fornecer uma educação mais completa e significativa para seus alunos (GROSSI, 2002).

A **entrevistada J** possui 24 anos de experiência no magistério e é graduada em Pedagogia com licenciatura em administração e magistério. Além disso, possui pós-graduação em Supervisão Escolar. Com essa formação, está apta a atuar em diversas áreas da educação, desde a sala de aula até a gestão escolar. Sua especialização em Supervisão Escolar demonstra sua preocupação em aprimorar a qualidade do ensino e sua capacidade de liderança e gestão.

Quando indagada acerca de como ensina as crianças a ler e escrever, afirma que utiliza uma abordagem flexível e adaptável, levando em consideração as dificuldades e necessidades de cada turma. Ela faz uma sondagem no início do ano para traçar objetivos efetivos e descarta práticas que não funcionaram no ano anterior. Além disso, utiliza atividades que possam atender tanto aos alunos mais avançados quanto aos que possuem mais dificuldades.

De acordo com Soares (2010), o letramento é a forma concreta que as práticas de leitura e escrita assumem em contextos sociais específicos, indo além do estudo formal e escolar. A autora também destaca que a alfabetização é um componente necessário, mas não suficiente, no processo de aprendizagem, e que o letramento é complementado pela dimensão sociocultural. Portanto, o letramento é um processo histórico, social e cultural que não está restrito à escolarização e é influenciado pela cultura e pelas estruturas da sociedade. Mesmo os indivíduos não alfabetizados ou

que não frequentaram a escola possuem um certo nível de letramento, adquirido em situações cotidianas.

A mesma autora argumenta que o letramento é mais amplo que a alfabetização e independe do nível de escolaridade, pois os indivíduos inseridos em um contexto social desempenham um papel na sociedade e utilizam a língua, apresentando características de um pensamento letrado.

Segundo Soares (2004), o letramento surgiu da necessidade de lidar com atividades sociais cada vez mais exigentes em termos de alfabetização, demandando um grau de letramento que permitisse a realização das tarefas cotidianas, especialmente aquelas que envolvem leitura e escrita. A autora destaca a importância de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais relacionadas à leitura e escrita que vão além do domínio do sistema alfabético e ortográfico, visando à prática social efetiva dessas habilidades.

Street (2014) argumenta que o objetivo do processo de letramento é formar indivíduos conscientes, críticos e transformadores, que participem do poder da linguagem escrita em uma sociedade letrada. É evidente a distinção entre letramento e alfabetização.

Martins (2014) discute a alfabetização como a aquisição da escrita como aprendizagem, enquanto o letramento é o aspecto sociocultural da aquisição de um sistema de escrita. No processo de aprendizagem, ambos devem ser indissociáveis. O mesmo Martins (2014) afirma que, apesar de interpretações distintas, alfabetização e letramento são processos interdependentes, pois estão correlacionados com práticas sociais e o desenvolvimento da leitura e escrita.

Quanto à prática da educadora, esta também utiliza o expediente da reclassificação para formar grupos com alunos que possuem diferentes níveis de habilidades, possibilitando que os mais avançados ajudem os que têm mais dificuldades, o que contribui para o desenvolvimento social e emocional dos alunos. Na sala de aula, ela utiliza *banners* com famílias silábicas, atividades que estimulem a formação de sílabas, consciência fonológica, além de trazer a língua de sinais para os alunos. Seu método de ensino foca na participação ativa dos alunos e na construção do aprendizado de forma lúdica e criativa.

A **entrevistada K** possui 28 anos de experiência no magistério e é formada em Licenciatura em História. Além disso, possui duas especializações, sendo uma em Educação Especial e outra em Gestão Escolar.

Quando indagada sobre a forma como a educadora ensina as crianças a ler e escrever, ela afirma que utiliza a consciência fonológica como método para ensinar as crianças a ler e escrever. Ela trabalha com textos, colocando-os no quadro ou em folhas de sulfite ou cartolina e, a partir daí, leem o texto várias vezes, procurando as palavras dentro dele. Depois, fazem a reconstrução e exploram os campos semânticos para criar novas palavras. A educadora também usa letras móveis para criar novas palavras a partir das palavras já estudadas. Ela trabalha em grupos e incentiva as crianças a ajudarem um ao outro na construção do conhecimento.

De acordo com Zanella (2011, p. 113), recorda-se:

A Zona de Desenvolvimento Proximal consiste no campo interpsicológico onde significações são socialmente produzidas e particularmente apropriadas, constituído nas e pelas relações sociais em que os sujeitos se encontram envolvidos com problemas ou situações em que há o embate, a troca de ideias, o compartilhar e confrontar pontos de vista diferenciados.

A teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal foi desenvolvida por Vygotsky (ano), que analisou interações entre adultos e crianças para entender o papel delas no desenvolvimento. Posteriormente, outros autores aplicaram o conceito de forma mais branda, a partir da premissa de que indivíduos mais experientes influenciam os menos experientes. As relações envolvendo a ZDP podem ser adulto/criança, de pares, ou mesmo com um interlocutor ausente, mas sempre buscam a confrontação ativa e cooperativa de compreensões variadas sobre uma dada situação. É importante destacar que essa troca de experiências não é apenas uma simples troca de aprendizado mecânico, mas sim uma busca pelo desenvolvimento de novas habilidades, significados e possibilidades de criações (ZANELLA, 2011).

Ainda sobre esta educadora, cabe dizer que ela revela que ensina a ler e escrever por meio da consciência fonológica e análise das unidades sonoras e gráficas das palavras. Ela utiliza textos variados como ponto de partida para trabalhar as letras, sílabas e palavras, buscando relacionar som e escrita. Além disso, propõe atividades de reconstrução e produção de textos, explorando os campos semânticos e a criatividade dos alunos. No entanto, demonstra uma preocupação inicial com o letramento, mas não deixa claro como promove o contato dos alunos com diferentes gêneros textuais e suas funções comunicativas, reduzindo o trabalho da escrita apenas à produção. Embora privilegie a alfabetização como aquisição do código escrito, essa abordagem pode limitar as possibilidades de aprendizagem dos alunos

e não atender às demandas das políticas públicas educacionais, que defendem uma alfabetização na perspectiva do letramento numa abordagem interdisciplinar.

Sobre a avaliação diagnóstica, à qual a professora chama “sondagem”, trata-se de uma ferramenta fundamental no processo de alfabetização, pois permite que os professores tenham um panorama completo do nível de desenvolvimento dos alunos em relação à leitura e escrita. Através da avaliação, é possível identificar quais são os pontos fortes e fracos dos alunos, bem como suas dificuldades específicas, o que possibilita ao professor planejar atividades e estratégias pedagógicas mais adequadas e individualizadas (GONTIJO, 2008).

A avaliação diagnóstica, afirma a autora, também oferece aos professores a oportunidade de acompanhar a evolução dos alunos ao longo do tempo, permitindo que sejam realizados ajustes e intervenções necessárias para garantir que todos os alunos possam alcançar o sucesso na alfabetização. Além disso, a avaliação é uma forma de garantir que o processo de ensino e aprendizagem seja justo e equitativo, atendendo às necessidades de cada aluno individualmente.

Outra importante vantagem da avaliação diagnóstica, diz Gontijo (2008), é que ela permite que os professores identifiquem alunos que apresentam dificuldades mais acentuadas e que possam necessitar de intervenções mais intensivas ou, até mesmo, encaminhamento para atendimento especializado. Esse processo de identificação precoce é fundamental para garantir que esses alunos possam receber o suporte necessário para superar suas dificuldades e desenvolver as habilidades necessárias para a alfabetização e para o sucesso escolar em geral.

A **entrevistada L** atua no magistério há 35 anos e possui formação na área. Ela é graduada em Letras e pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa. Quando perguntada sobre a forma como ensina as crianças a ler e escrever, a professora apresentou dificuldades em descrever seus métodos. Ela fez menção ao método fônico, mas parece empregar o método silábico pela descrição que fez do próprio trabalho.

Relembra-se que há os métodos de alfabetização sintéticos, entre os quais estão o alfabético, o fônico e o silábico. De acordo com Fraga (2021), o método alfabético, até recentemente, é o mais utilizado no Brasil e ensina a partir de unidades menores, como fonemas, até chegar ao texto. Porém, é criticado por desvincular o sentido da leitura e da escrita.

O método fônico trabalha com os sons das letras e a relação entre letra e fonema, mas é criticado, afirma Fraga (2021), por seguir uma ordem no ensino das letras e fonemas. Já o método silábico ensina a partir de sílabas, e recebe críticas por oferecer textos sem sentido e pobres em vocabulário, o que prejudica a escrita dos estudantes. Assim, a entrevistada L, a respeito da forma como ensina as crianças a ler e escrever, afirma:

Eu tô me perdendo e não digo. Eu uso muitos textos, textos de uso cotidiano, muita parlenda. Muitos poemas. Eu amo poema. Inclusive foi meu tema de trabalho, foi a poesia na sala de aula como um excelente instrumento para alfabetizar. Então, eu uso através de textos (ENTREVISTADA L).

Quanto à **entrevistada M**, ela atua no magistério há 32 anos. Ela possui formação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Quando indagada acerca da forma como ensina as crianças a ler e escrever, afirma:

É pra ler, para escrever, a gente usa sempre uma forma assim..., do mais alto ao mais baixo, o contexto, palavras geradoras. E aí, depois a gente vem decodificar os símbolos. Com a separação entre os símbolos de letras. Números. Depois, a gente vai associar os fonemas, né? E os grafemas para ela ter uma alfabetização assim mais funcional (ENTREVISTADA M).

A resposta parece apontar para um método de ensino que se baseia na decodificação dos símbolos. A educadora, ainda, destaca uma “alfabetização funcional”, sem, contudo, esclarecer o que entende por tal.

Considerando esta resposta, ressalta-se que Barbosa (1990) reflete sobre o processo de alfabetização e letramento, evidenciando a limitação dos métodos tradicionais que focam apenas na grafia, desconsiderando a construção do sentido.

Ferreiro (2007), em complemento, destaca a necessidade de transformações e adaptações para superar essas limitações, abandonando as práticas tradicionais de ensino.

Por fim, Soares (2001) ressalta a importância da alfabetização e letramento para a transformação da condição social e cultural das pessoas, além dos aspectos cognitivos. É necessário mudar o foco do debate para como se aprende e não apenas o que se ensina, dimensão esta que evidentemente a educadora parece não considerar.

Por fim, a **entrevistada N**, formada em Pedagogia, com dezessete anos de experiência e Pós-Graduação em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, quando

indagada acerca da forma como ensina as crianças a lerem e escreverem, apenas enumera uma série de estratégias:

(...) Após essa diagnose eu preparo as aulas, né? maneira que vá suprir né? Atender a realidade de cada aluno. Organizando eles eh inicialmente em grupos de acordo com o nível que ele se encontra eh através de dinâmicas material de uso concreto, né? Gosto muito também de estimular a prática da leitura com momentos de leitura. Como ocorre essa prática de leitura e essa prática de escrita, é, atualmente eu estou com trabalhando com eles, né? Momento da leitura onde ao iniciar a aula todos os dias eu disponibilizo uma caixinha com alguns tipos de textos, né? Dentro desses níveis de leitura e escrita. É sílabas, palavras, frases, é pequenos textos pra apresentar a esses alunos a diversidade, né? De como ele pode trabalhar a leitura e a escrita?

O que se pode perceber, aqui, com esta prática da caixa com vários tipos de texto, é, justamente, uma tentativa de alfabetização por meio dos gêneros textuais.

Os gêneros textuais, lembra-se, como visto de acordo com Marcuschi (2010), são textos que apresentam características específicas em relação ao seu estilo, função, composição e conteúdo, refletindo aspectos sociais e comunicativos presentes no nosso cotidiano. Ao escrever um texto de um determinado gênero, é importante que o produtor de texto esteja ciente da tipologia também presente, podendo conter uma ou mais, como, por exemplo, conto e fábula (tipo narrativo), artigo de opinião (tipo dissertativo), entrevista e notícia (tipo dissertativo-expositivo), receita culinária e manual de instrução (tipo injuntivo).

A educadora, ao trabalhar com esta caixa de textos, parece promover um trabalho com os gêneros textuais. Dever-se-ia assistir às suas aulas para ver se, de fato, há um desenvolvimento da atividade de letramento a partir da explicação das principais características dos gêneros textuais.

Por exemplo, os gêneros textuais em textos narrativos incluem conto, biografia, fábula, romance, lenda, novela, carta. Por sua vez, os gêneros textuais em textos descritivos incluem diário, anúncio de classificados, cardápio, relato de viagem. Já os gêneros textuais em textos injuntivos incluem receita, manual de instrução, regras de jogo, bula. Finalmente, os gêneros textuais em textos expositivos incluem verbete de dicionário e enciclopédia (MARCHUSCHI, 2010).

Na verdade, fala-se muito pouco em método propriamente. O que há é exemplificação e não uma teorização a respeito. O que se deve destacar é que a entrevistada realiza uma diagnose com o propósito de identificar o nível de leitura e escrita que os seus educandos têm.

4.1.2 Interdisciplinaridade: conceitos e práticas pedagógicas (Parte 1)

Antes de proceder à análise das respostas dos entrevistados, apresentam-se, na sequência, dois quadros (Quadro 3 e 4) com a síntese das suas afirmações acerca do que é interdisciplinaridade e, também, de que forma está se relaciona à alfabetização e o letramento no dia a dia da prática pedagógica:

Quadro 4 – Concepções dos educadores acerca do conceito de interdisciplinaridade

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO A | <p>Interdisciplinaridade é quando você utiliza um determinado tema e abrange todos, né? Por exemplo, já fiz isso foi ano passado, ainda não cheguei... ainda... de frutas, né? Aí, se aprofunda em alimentação, alimentação saudável. Você pode fazer lista de frutas. Aí, depois você pode ver na sala de aula, quais frutas que os alunos gostam? Aí, você pode montar um gráfico, não é? Aí, nesse gráfico já gera matemática. Aí, nisso você pode ver quantos gostamos de maçã? Quantos gostam de banana? Aí, depois você pode falar até um probleminha oral. Tem mais ou tem menos? Se seu juntar a banana com a maçã dá quanto? Qual fruta foi mais? Qual fruta foi menos? Aí, manda essa pessoa..., se a gente tiver tempo, você pode até pesquisar assim; essa fruta é original de onde? Aí, quer dizer, que você já pode partir para outra coisa para dar para outras coisas, pode tomar partir para as esteja solo, né? Vê, às vezes tem até um que fala: Aê! Não sei o que. Eu já vi o animal comendo. Aí, você já pode partir para a parte da dos animais. Então a gente vai tentando fazer isso, né? Puxando um assunto, né?</p> <p>É sim, é sim significativa. Quando você pesquisa de uma vez, né? Então, por exemplo, ano passado eu fiz do sapo. Sabe aquele? O sapo não Lava o pé? Aí, eu trouxe o texto: O sapo não Lava o pé. Aí, é trouxe um videozinho. Vídeo não né, porque hoje na sala tem uma televisão, não é? Aí, eu mostrei um vídeo do sapo. Aí, eles viram. Achei uns vídeos bem infantil, né? Falando sobre o sapo, que tipo de animal que ele era, onde ele vive, como é que é a pele dele, sabe assim? É, aí, quer dizer, eu já coloquei, eles se interessam, né? Porque se não fica só assim: Agora, vamos cantar musiquinha. Agora, pinta a letra S, tá bom. Sa, se, si, so, su e pronto acabou. Aí quer dizer, a sua aula já se encerrou, né? Mas quando você coloca: O sapo. Depois, você conta como que é o sapo, mostra lá o vídeo, o</p> |
|----------------|---|

| | |
|----------------|---|
| | <p>aluno vê o vídeo, vê assim também. Não só desenho, né? Quando ele vê imagens reais mesmo o sapo realmente verdadeiro na televisão, sabe assim. Na televisão, ele olha e vê, ele vê onde ele mora, você está mostrando e vê até os olhinhos assim brilhando. Aí, depois até eu falo assim um dia: Ah! Sabia que eu vi um sapo! É então. Aí, eles falam assim: Sabia que eu vi um sapo não sei da onde. Aquilo que você contou. Aí, quer dizer, eles acabam gostando. Se você trabalha realmente, só que você tem que pesquisar, né? Aí você traz tudo pronto, né? Aí, eu lembro que eu terminei no final, com desenho do sapinho que eles colocar assim na mão e linguinha, saía, sabe.</p> <p>Então, quer dizer que o aluno já sabe da musiquinha, quer dizer uma música bem de praxe, o sapo Lava Pé. Aí, trabalhou que eu queria, por exemplo, a letra inicial final, quantidade de letra, palavras, formamos palavras, formamos frases, formamos sílabas, entendeu? E aí depois, mostrei esse vídeo. Eles contaram até aquele conto. Eu já vi um sapo. Eu nunca vi sapo. Ele começa a contar as histórias dele, né? E partindo, passando o que que é, o sapo mesmo em si. Animal. O que que é? Aí, fica bem interessante, né.</p> |
| ENTREVISTADO B | <p>Eu acho que essa questão da interdisciplinaridade na educação, na parte da alfabetização e do letramento, ela na minha prática, precisa ser um pouco mais aprimorada por causa da demanda dos alunos. Então, assim, eles precisam de um foco maior nessa questão da leitura e da escrita, para que depois a gente consiga ir dar passos juntos.</p> |
| ENTREVISTADO C | <p>Assim, a gente tem que usar várias alternativas para aplicar todas as disciplinas. Como: Eu vou dar hoje Ciência. Mas, ao mesmo tempo, estou usando o Português, Matemática e assim por diante.</p> |

| | |
|----------------|--|
| ENTREVISTADO D | <p>Oh! Essa palavra, ela é bem...e ela já foi até muito... É... Vamos dizer assim.... Mastigada, criticada e nunca se chegou... vamos dizer assim...a um consenso, ao meu ver. Porque quando a gente fala em interdisciplinaridade, o primeiro ver e que você vai usar todas as disciplinas, não é? E é mais ou menos isso é trazer a leitura, né? Mas não só a leitura e a escrita, mas a interpretação de texto, a produção textual em todos os momentos da sala de aula. Isso na quando for trabalhar: História, Geografia, Ciências. É porque havia um consenso que a gente vai misturar todas as disciplinas. Eu já entendo que na alfabetização é a gente aproveitar o momento dessas disciplinas, né? Para que a gente possa estar também trabalhando, leitura, escrita, produção, interpretação, trazendo tudo para essa questão da alfabetização, né? E o letramento.</p> |
| ENTREVISTADO E | <p>Bem, depende. Na rede particular, você trabalha de um jeito, diferente da rede municipal. Como eu tenho as 2 vivências. Eu consigo assim, tentar acoplar todo o conteúdo que eu estou dando relacionado a outras matérias. Sempre tentando buscar ganchos da realidade. Como falei do aniversário de Recife, sempre que eu posso, eu trabalho assim. Porque quando eu..., na minha visão pedagógica, a criança ela é, ela não é uma criança que não saiba nada. Ela não é um papel em branco. Ela vem com bagagem. Então, não adianta dizer: só vou dar português, só vou dar a matemática, Só vou dar Geografia porque um conteúdo está interagindo com outro. Nem todos, mas a maioria. Você pode fazer uma interdisciplinaridade.</p> |
| ENTREVISTADO F | <p>É trabalhar vários conteúdos juntos que é o que estou tentando fazer agora. Que às vezes, eu acho que a gente se perde um pouco, porque tudo que abrange muito, a gente não consegue fechar o suficiente e preciso. Eu acredito numa metodologia mais simples, mais objetiva. Que quando você,</p> |

| | |
|----------------|---|
| | <p>eles são pequenos a concentração é menor. Então, o tempo menor, eu consigo perceber que eles se concentram mais. Trabalho, falo, mas, bem rápido. Foco naquilo ali, acho melhor.</p> <p>Não sei se posso dizer o que vou dizer agora; eu particularmente, não que a gente não fosse trabalhar: Ciências, Geografia História. Mas, eu acho que seria um conteúdo menorzinho exigido nessa fase inicial. Acho que a gente teria que focar mais a questão da consciência fonológica. Acho ela muito importante. A consciência fonológica viria primeiro e a interdisciplinaridade viria depois.</p> <p>Se ele pelo menos conseguiu decodificar, aí a gente vinha com mais conteúdo porque ele já ia entender fazer no mínimo a leitura daquilo que a gente estava falando.</p> <p>O processo de alfabetização primeiro ano em si, eu que assim. A gente pode falar pode. Mas, não perder tanto tempo nisso que focasse mais na questão da consciência fonológica.</p> |
| ENTREVISTADO G | É um conjunto, né? Várias disciplinas ao mesmo tempo. |
| ENTREVISTADO H | É.. juntar tudo. É.. numa coisa só, não é? Todas as disciplinas de todas... até a maneira de vida das crianças, né? A família... É um conjunto de tudo. |
| ENTREVISTADO I | Interdisciplinaridade a relação entre os conteúdos abordados em sala de aula. |
| ENTREVISTADO J | É...seria uma forma de eu trabalhar com um conteúdo, mas é... incluindo outras disciplinas juntas. É..., por exemplo, quando eu trabalho, a casa, posso trabalhar a região, local que o aluno está. Trabalho a palavra casa. E tudo o que tá envolvido ali; casa, família, o espaço, o caminho que eu faço para poder sair da escola para minha casa, da minha casa pra escola, o que que eu observo no caminho? Então, dessa forma, eu vou trabalhando com eles, não é? Interdisciplinaridade. |

| | |
|----------------|--|
| ENTREVISTADO K | <p>É quando você consegue misturar tudo isso. Você consegue colocar Matemática... porque aí você... pronto! Se você pegar a maçã. Você consegue trabalhar matemática, consegue trabalhar... Se você fizer dentro da sala de aula, quando você não fez um monte de palavras? Não trabalhou como os meninos? Depois disso, você pode montar uma tabela com eles. Qual foi a palavra que saiu mais, né? Qual foi a palavra que é mais comum de vocês? Quem mais gostou dessa palavra? E aí, a gente pode construir um gráfico de barra. Então, a gente já fez a interdisciplinaridade com Matemática. A gente depois pode também, fazer uma feirinha. Já que... ele teve só... um... é... frutas e legumes. Estou dando um exemplo só disso aí, né? Então, a gente pode fazer uma feirinha dentro da sala de aula. Colocar preços, né? E vender. Aí, fazer aquela questão da... do... sistema monetário de troca e venda, né? As barraquinhas. E aí, a gente pode fazer muita coisa. Também a gente pode ver localização. Vocês vão ver o Lobo mau. Como eu trabalhei no ano passado. A gente foi ver é... a questão do... de... Geografia. Onde é que fica localizado os lobos aqui no Brasil? Que aqui no Brasil, o lobo é diferente. O lobo não é aqueles lobos da história. Mas é o lobo-guará. Onde é que o lobo-guará é... está localizado? Aqui tem muito material. Tem muito livro dessa história. E tem umas... uns... atlas são bem antigos. Mas, aí a gente pegou os Atlas, foi olhar nos Atlas e depois eu passei um documentário pra eles. Aqui a gente tem um monte de computadores, ou seja, é... se você é da rede você sabe né? Que a gente ganhou a caixa de computadores. Assim, os computadores vão pra sala de aula.. Só eu passar o link pra eles. Eles entram, e aí, a gente começa a ver as coisas, o material. Tenho meninos especiais que eu trabalhei com eles com massinha. Enquanto, os meninos estavam construindo é... os gráficos, as tabelas e os mapas. O menino, o menino especial estava construindo o lobo com massa. Massa de</p> |
|----------------|--|

| | |
|----------------|--|
| | <p>modelar. Ele não trabalha com escrita, mas aí, ele já trabalhou com massa de modelar, mas o mesmo assunto.</p> |
| ENTREVISTADO L | <p>Eu entendo que a gente nunca consegue trabalhar, principalmente, nos anos iniciais. A gente não consegue trabalhar. Uma disciplina só isolada, principalmente que a gente consegue colocar a língua portuguesa praticamente em tudo. A gente está dando uma aula de matemática e entra outras questões sociais. Entre questões de Geografia. Então, eu acho muito importante o professor que possa transitar através de todas as disciplinas e sempre que possível, ele fazer da sua aula, é trazer um pouco disso... além da sua disciplina. Eu estou um pouco confusa nas coisas que eu estou falando que eu estou falando assim, pensando tudo de uma vez, e está me escapando palavras. Mas, é isso, é... a disse, é..., eu não vou dar uma aula unicamente de matemática. Na aula de matemática, surgem questões de outras disciplinas e a gente vai é... introduzindo. Embora a aula continue sendo matemática.</p> |
| ENTREVISTADO M | <p>A interdisciplinaridade no meu ver, experiência que a gente já estudou também, já viu até hoje. Dentro do que eu entendo, é... a interdisciplinaridade é interdisciplinar todas as disciplinas, onde busca trazer a criança para que ela possa ter uma melhor leitura de mundo no conhecimento mais abrangente, entendeu? Dentro do conhecimento dela, com as demais disciplinas, onde, por exemplo, a gente está ensinando sobre a natureza, mas dali a gente também vai enfatizar as demais disciplinas, português, matemática, geografia, enfim. É um leque bem amplo, né? A interdisciplinaridade.</p> |

| | |
|----------------|--|
| ENTREVISTADO N | Interdisciplinaridade é, são ações pedagógicas né? Desenvolvidas articulam com esses saberes de diversas áreas de ensinamentos né? Que se conectam entre si né? Se articulam a partir de um mesmo conteúdo com olhares é conectados e diferentes abordagens acho que é isso. |
|----------------|--|

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 4 – Concepções dos educadores acerca da forma como se relacionam, na prática pedagógica, a alfabetização, o letramento e a interdisciplinaridade

| | |
|----------------|--|
| ENTREVISTADO A | Eu acho que...eu acho que... eu não sei se vou estar correta, mas eu acho assim, que é o sentido de você despertar mesmo no aluno. Igual falei. Porque nesse momento você, além de você estar dando informações para o aluno, o aluno está aprendendo, O aluno está aprendendo que o sapo não é só S-A-P-O, né? Que o S-A tem no sabonete, que o PO vai ter em algum pote, sabe, que tem sentido, sabe. A partir daqui o aluno vai construindo outros processos, né. Então, ele vai entender como eu falo. Até falo com os pais. A vida não é letra. Que eu falei, até falando com os pais assim, se eu tiver, se eu pedir para alguém escrever agora, vai escrever uma história. Ele não vai escrever A, J, P. O, A. escrever e os alunos também. Então quer dizer, você tem que estimular, né? Às vezes, é através disso que você consegue alfabetizar, né? Porque isso vai ter um significado para o aluno. Uma vivência. Você só porque você chegar e falar: Vou falar da bola...ah! Você sem graça. Aí, quando você começa a falar onde surgiu a bola. Aí, você traz uma bola. Aí, você mostra o desenho da bola, aí você conta onde surgiu, que material que é feito. Vamos pesquisar? Vamos escrever? Aí, você está montando uma lista, sabe? Você está organizando. O aluno vai aprender letramento, alfabetização tudo ali, oh! As vezes, sem ele perceber de uma forma lúdica, sabe. Ele aprende aquele jeito, fala, |
|----------------|--|

| | |
|----------------|--|
| | <p>aprende brincando. E nesse processo. Por isso, se o professor conseguiu, ele já vai mostrando assim, oh!: Aqui é assim, aqui, desse jeito, sabe? Sem o aluno perceber?</p> <p>(O pesquisador insiste na pergunta) Você falou em letramento aí? Como é que você entende essa concepção neste processo?</p> <p>Eu acho que é isso mesmo que eu falei, né? Que esse processo de letramento cabe tudo misturado com alfabetização, né? Às vezes, a pessoa tem conhecimento, mas não sabe, né? Como esse ano, tem alunos assim ... que tem... mais não consegue. Tá faltando essa parte. Tá faltando eu fazer algum trabalho que traga esse processo para o aluno letramento, essa alfabetização que eu acho assim, tem gente que diz que ela é, às vezes a gente que usa elas. Separado, eu acho que está junto. Eu acho que tá junto. Assim, eu acho mais fácil você trabalhar com adultos explicando assim...</p> <p>Olha, acho que em tudo. Tudo que eu posso... por exemplo, eu escrevi um textinho. Eu já dei um pronto. Escrevi um textinho, eu vou chamando: quem conhece aquilo? Então essa aqui, você vai. Aí, nisso você vai tirando o aluno. Você faz ele procurar e aí início, às vezes até aquele que não reconhece. Ele acaba reconhecendo alguma letra, alguma coisa. Daí, você está instigando alguma coisa do aluno, sabe?</p> |
| ENTREVISTADO B | <p>Eu acho que essa questão da interdisciplinaridade na educação, na parte da alfabetização e do letramento, ela na minha prática, precisa ser um pouco mais aprimorada por causa da demanda dos alunos. Então assim, eles precisam de um foco maior nessa questão da leitura e da escrita, para que depois a gente consiga ir dar passos juntos.</p> |

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO C | Sempre buscar alternativa para trabalhar as disciplinas voltada para alfabetização, né? Como assim? Eu hoje trabalho Matemática. Mas é trabalhar com os números, mas eu posso trabalhar é leitura, posso trabalhar formas e assim por diante. Eu trabalho essas disciplinas. |
| ENTREVISTADO D | É mais ou menos isso que eu já falei, né? É justamente aproveitar todo momento. Eu acho que na alfabetização, na turma de primeiro ano, que é a turma de alfabetização, a gente tem que aproveitar tudo que é todas as nossas ações até o brincar, o jogar. O parque, todo o momento que a gente puder estar trazendo para essa criança a oportunidade dela identificar letra dela, identificar sílabas dela, se vê, vê aquilo no seu contexto. Eu acho que é mais ou menos isso que a gente traz como interdisciplinaridade e letramento, né? Porque o letramento é, é o todo, né? O alfabetizar o ler e o escrever, ele afunila, né? Ele vai, mas num num vamos dizer assim, na prática mesmo que você vê a criança lendo e escrevendo. E a criança letrada é aquela que entende que que existe letra, que existe número, que existe figuras. Tudo isso faz parte do dia a dia dela, né? E essas, essa interdisciplinaridade, como também a contextualização. Ela traz justamente isso. |
| ENTREVISTADO E | Bem, é muito importante que você não isole somente a alfabetização, como se fosse decodificar letras. Porque na minha concepção de professora, a alfabetização vai muito além disso. Uma coisa, é você, a criança saber ler decodificando letras. Outra coisa, ela sabe ler, interpretando aquilo que ela está lendo. O que é importante. Então, a partir do momento que você faz essa interdisciplinaridade, crianças que não sabe ler, mas eles veem placas de outdoor na rua; eles veem uma bula de remédio que a mãe toma; eles veem uma receita. Então, daí você pode puxar um gancho. Não necessariamente. Exclusivamente só na língua portuguesa. Mas, em outras situações. Ou seja, |

| | |
|----------------|--|
| | <p>aproveitar situações até mesmo de improviso em sala de aula. Porque você tem que ver que a criança ela, enquanto você pensa num patamar. Tem crianças que pensa 2, 3 patamares. Por conta da realidade que ela vive. Principalmente de escola municipal. Porque muitos pequenos têm vivência maior do que o outro. Trabalha com o pai, trabalha com a mãe. Mesmo que não seja ganhando dinheiro, mas o pai precisa sair ou a mãe precisa sair, leva ele. Então, eles têm uma vivência concretizada, uma vivência menos abstrata do que o aluno de escola particular, entendeu? Então, eu acredito que seja isso.</p> |
| ENTREVISTADO F | <p>Você fala de um tema maior e vai depois partilhando até chegar ao menor. Um exemplo: Você vai falar da Borboletinha. Você fala das fases da borboleta, da questão do casulo, tá. Traz toda aquela questão da transformação da metamorfose da borboleta. Então, assim, é interessante? É! Você está trabalhando ciências de uma forma geral. É legal? É! Mas, aí quando você já fez todo esse levantamento. Quando você vai partir para o básico que ele precisa básico, que é a palavra, ele tá cansado. Ele tá cansado. Então, ele já não vai dar mais aquela atenção devida.</p> <p>Então, você começa a parlenda. Eu gosto muito de trabalhar com parlenda. Textos curtos. Texto pequeno. Material pequeno que tenha conteúdo dentro dele. Quando a gente começa trabalhando, sempre a gente consegue vê.</p> <p>Inclusive, eu tenho um material para lhe mostrar aqui que eu achei na internet belíssimo que ele trabalha tanto com família simples, como as complexas, as palavrinhas chaves. Mas, é um texto curto. Então, não vai cansar ele. Você vai fazer uma interpretação com eles, uma exposição oral, mas na hora que ele vai centrar ali é uma coisinha pequena. Que é um grande erro dos nossos livros didáticos,</p> |

| | |
|----------------|--|
| | <p>textos muito grandes pra crianças que estão iniciando. Então, a criança não conhece nem um “B”, nem um “A”. Aí, vem um texto gigante. Ela não quer... e assim... sou a favor de textos, de gêneros textuais pequenos. Nada muito grande nessa fase inicial. Nada para perder o foco.</p> <p>Justamente, quando o texto é pequeno, você consegue pegar quatro ou cinco palavrinhas daquele texto, aí, você vai trabalhar: letra inicial, letra final, som inicial, som medial, som final. Que outra palavra tem com mesmo som no meio da palavra MACACO? Aí, ele diz MALA. Então, ele começa a fazer relação. Se um texto é muito grande, ele vai ter muitas palavras, inclusive ele se cansa.</p> <p>Inclusive esse material que existe do Recife para reposição da aprendizagem é fora da casinha. Eu já disse que não vou trabalhar com isso não. É fora da casinha com textos muito grande. Com contos de 3 páginas e meia para uma criança de 6 anos é absurdo. Tendo conto. Os mesmos contos menores. Tipo: maior clareza para eles que instiga mais eles do que uma coisa muito grande. Não, mas é você que vai ler. Mas se o texto for muito grande, em cinco em dez minutos eles se perde. Ele não vai conseguir fazer relação com que ele viu no início com o final.</p> |
| ENTREVISTADO G | <p>É... eu acredito que especificamente seria um trabalho que contextualiza esse processo de alfabetização. né? Que vai direcionar, que vai trazer uma abordagem. né? Que vai conectar com outros saberes com os saberes sobre história, sobre geografia, sobre outros Conteúdos programáticos não, né? Que matemática também. E é nessa perspectiva que a gente procura trabalhar dentro da unidade.</p> |

| | |
|----------------|---|
| ENTREVISTADO H | Ah!... eu entendo que aí eu tenho que... mesclar o meu conteúdo junto com o que a crianças sabe para obter o meu resultado. Pelo menos, eu faço assim. Assim que eu entendo essa, essa interdisciplinaridade. |
| ENTREVISTADO I | Importante porque é... reúne vários conteúdos e assuntos inerentes à alfabetização. Nesse caso, na relação. |
| ENTREVISTADO J | Então. É como eu falei com você agora é... estou trabalhando, é... casa, né? Cômodos da casa, é o que que eu tenho naquele local e, a partir daí, a gente vai fazendo... Geralmente, eu faço lista de palavras no quadro com eles também. E aí, a gente vai trabalhando essas palavrinhas e eu coloco no quadro da consciência fonológica. |
| ENTREVISTADO K | <p>É isso. É estar sempre atento para aproveitar o máximo possível para que eles aprendam, para que eles é assimilem os conteúdos de... é... da construção mesmo, da... do... da... leitura e da escrita. Com... assim...?! atrelado com os conteúdos da disciplina, né, das disciplinas.</p> <p>(Insiste o pesquisador na pergunta): E o letramento, como você o entende?</p> <p>Isso. É o tempo todinho, você está lendo com os meninos, né? Porque assim, não adianta eu chegar e só falar ou deixar ele de lado. Então, a gente está sempre com os textos na mão. Está sempre com... com histórias, contação de história, texto, a palavra. Então, isso tem que estar muito dentro da sala de aula. A sala de aula não pode ser uma sala de aula lim... vazia. Assim, não pode ser uma sala de aula... tudo tem que estar em cartaz. Tudo tem que estar construído e eles têm que estar construindo isso, porque não adianta um letramento que eles não possam construir. Então, tem que ser como: eu sou a escriba, eu escrevo para eles. Mas, depois, isso aí não vai ficar perdido. Isso aí, vai pra pra</p> |

| | |
|----------------|---|
| | parede. Na parede, eles vão lá marcar as palavras principais, as palavras chaves. Então, o texto e a palavra para ir na alfabetização tem que estar o tempo todinho entrelaçado. Não pode ficar...é... perdido lá. Eu escrevi um texto, botei lá e pronto, esqueci. |
| ENTREVISTADO L | Veja, eu já considero até como interdisciplinaridade. Quando eu aproveito que estou trabalhando ciências, por exemplo. Foco em algum termo ali que eu estou destacando também para alfabetizar e continuo trabalhando conteúdo lá de ciência. Esse lá, sobre a água, importância da água e por que não? O que vem na área da parte de alfabetização trabalha a lista, não é? Já é um gênero textual. Trabalho a lista. Que pode ser lista de palavras relacionadas a água ou que que lembrem água que lembre todo o cuidado para não desperdiçar água e por aí vem, vai. Então, foi só um exemplo, eu vou aproveitar e trabalho uma lista. É..., eu posso fazer uma interdisciplinaridade, por exemplo, com a arte .Eu posso pegar algum artista que trabalhou essa questão da arte... através da água, ou uma pintura mais aquosa, foi o que eu fiz ultimamente foi com a Aquarela. Assim, parece um pouco perdido, mas a gente que está no dia a dia da sala de aula vai sabendo encaixar tudo. |
| ENTREVISTADO M | É mostrar a criança que ela tem uma condição de, além de ler e escrever. Ela também vai entender o que é que ela está fazendo no assim, entendendo o que ela está fazendo. Construindo é um processo de formação que ela precisa ter dentro do conhecimento de mundo e junta mesmo e formar uma coisinha só lá. |
| ENTREVISTADO N | É...vamos como eu posso falar né? Eu pego um tema né? Gosto muito de trabalhar da seguinte forma um livro paradidático, é abordando no caso agora no <i>Carnaval Frevolina</i> (livro paradidático). Trabalhei com eles o texto eu aí eu já vou trabalhar ciências eu posso trabalhar artes daquele texto daquele |

| | |
|--|---|
| | livro paradidático inicialmente eu desenvolvo né? Os conteúdos que eu posso trabalhar quais habilidades que os alunos terão que ser desenvolver no decorrer daquele período né? Pode ser semanal ou quinzenal vai de acordo com o planejamento. |
|--|---|

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quando indagada acerca do conceito de interdisciplinaridade, a **entrevistada A** também mostrou ausência de apropriação conceitual. Nos relatos da entrevistada, este conceito é visualizado de uma forma restrita, porque indica apenas uma configuração que busca uma articulação entre temas a serem trabalhados em sala de aula. Veja-se o que ela diz inicialmente, quando lhe pedimos para falar sobre seu entendimento:

Interdisciplinaridade é quando você utiliza um determinado tema e abrange todos, né? Por exemplo, já fiz isso foi ano passado, ainda não cheguei... ainda... de frutas, né? Aí, se aprofunda em alimentação, alimentação saudável. Você pode fazer lista de frutas. Aí, depois você pode ver na sala de aula, quais frutas que os alunos gostam? Aí, você pode montar um gráfico, não é? Aí, nesse gráfico já gera matemática. Aí, nisso você pode ver quantos gostamos de maçã? Quantos gostam de banana? Aí, depois você pode falar até um probleminha oral. Tem mais ou tem menos? Se seu juntar a banana com a maçã dá quanto? Qual fruta foi mais? Qual fruta foi menos? Aí, manda essa pessoa..., se a gente tiver tempo, você pode até pesquisar assim; essa fruta é original da onde? Aí, quer dizer, que você já pode partir para outra coisa para dar para outras coisas, pode tomar partir para as esteja solo, né? Vê, às vezes tem até um que fala: Aê! Não sei o que. Eu já vi o animal comendo. Aí, você já pode partir para a parte da dos animais. Então a gente vai tentando fazer isso, né? Puxando um assunto, né? (ENTREVISTADA A).

Sabe-se que um dos desafios da interdisciplinaridade é superar a experiência pedagógica disciplinar que instituiu os saberes como algo circunscrito a uma linguagem e deslocado do contexto da aprendizagem. O que a docente faz, de certo modo, estimula os alunos a iniciar um processo de correlação temática, tentando construir atividades que possam fazer o aluno perceber uma configuração mais complexa sobre o tema.

Diante disso, mesmo reconhecendo a intenção de visualizar uma melhor correlação entre os temas de estudo, percebe-se que sua percepção sobre este conceito se restringe ao que desenvolve na rotina da sala de aula, deixando de lado o trabalho mais sistemático de articulação realizado por um projeto pedagógico que possa envolver a relação com outros docentes e até outros espaços de aprendizagem com implicações para a melhor contextualização da aprendizagem.

Já se abordou neste texto que a construção do conhecimento significativo se faz pela gestão dele. Nesse contexto, pressupõe dizer que, num cenário de globalização, é importante que o estudante comece a visualizar um dado problema e que seja provocado a buscar uma solução, fazendo uma articulação de conhecimento e saberes, principalmente porque isso poderá permitir construir vínculos com os

saberes escolares e não escolares. Isso porque a interdisciplinaridade representa a interação entre disciplinas que se complementam para o desenvolvimento crítico-reflexivo mediante o diálogo entre essas, e possibilitando que os sujeitos envolvidos possam construir um entendimento diferente da mesma realidade (FERNANDES, 2018).

Portanto, concluímos que a docente não consegue se desvincular do ensino tradicional, fazendo com que as práticas instituídas e orientadas por sua intuição empírica sejam mais predominantes na orientação da sua forma de trabalhar do que os saberes docentes dos quais supostamente teve acesso em seu processo de formação inicial. Poderia dizer que sua relação com os saberes da alfabetização, do letramento e da interdisciplinaridade não foram significativos o suficiente para interferir e influenciar a sua prática pedagógica.

Não basta exigir do educador, no entanto, que trabalhe a interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento dos educandos. Isto não basta. É preciso, isto sim, lhe dar as condições para tal. Silva (2019) discute exaustivamente a necessidade de garantir uma formação interdisciplinar para o professor alfabetizador.

Os educadores entrevistados demonstraram dificuldade em formular o conceito de interdisciplinaridade, pela confusão que fazem com outros conceitos, como ludicidade, entre outros, conceitos para os quais não receberam uma formação adequada.

Assim, escreve Silva (2019), se se considera a interdisciplinaridade como um elemento fundamental para um ensino que integre e abranja todas as áreas do conhecimento, estar-se-á proporcionando aos nossos alunos o desenvolvimento crítico, criativo e abrangente de suas habilidades, pesquisas e reflexões. Isso os tornará participantes ativos das questões sociais e abertos à discussões de diferentes áreas, capacitando-os a serem agentes transformadores da sociedade. Além disso, deve-se lembrar que fragmentar as disciplinas também fragmenta a visão dos alunos, tratando-os como partes separadas ao invés de seres integrais. Isso facilita o trabalho da escola, mas limita o potencial do aluno e aliena grande parte da futura população:

Ao considerarmos o Ciclo de Alfabetização, entendemos a importância de um trabalho colaborativo que promova o processo de alfabetização e letramento. Durante esse período, a criança precisa adquirir habilidades no sistema de escrita alfabética e entender como a escrita é usada socialmente através da leitura e produção de textos. Além disso, é fundamental oferecer conhecimentos em outras disciplinas, além da Língua Portuguesa. Dessa

forma, um trabalho interdisciplinar pode contribuir para uma compreensão mais profunda e crítica do conhecimento, beneficiando a formação da criança (PNAIC, 2015, Caderno 03, p. 07 *apud* SILVA, 2019, p. 03).

Por isso, Silva (2019) propõe uma abordagem interdisciplinar no ciclo de alfabetização, combinando o que precisa ser trabalhado com algo prazeroso e envolvente para as crianças, despertando o interesse pela aprendizagem e pela escola.

Segundo Silva (2019), hoje, contamos com uma ampla gama de materiais de apoio pedagógico para os professores, visando a continuidade de sua formação e trazendo novas ideias, um pensamento atualizado que busca romper as barreiras existentes em nossa educação. Programas como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que se concentra especificamente no ciclo de alfabetização, renovam os conhecimentos, trazendo a interdisciplinaridade com clareza de ideias, objetividade e, até mesmo, exemplos.

Para a mesma Silva (2019), trata-se, isto sim, de se trazer para dentro da escola uma ação interdisciplinar. Dessa forma, a escola se transforma em um lugar melhor para se trabalhar e conviver, tornando-se um ambiente acolhedor e prazeroso. Ao invés de apenas se definir a interdisciplinaridade, como já se fez em diversas passagens do referencial teórico desta pesquisa, é mais importante, pretende Silva (2019), refletir sobre as atitudes que a constituem: humildade diante dos limites do próprio conhecimento, abertura para a dúvida e para o novo, encantamento diante dos desafios, respeito pelo outro e cooperação.

Reforça-se a importância da atitude interdisciplinar proposta aqui, vinda de professores dispostos a estabelecer relações entre as disciplinas, mesmo enfrentando obstáculos impostos pelas instituições. Destacamos, ainda, que este não é um trabalho fácil, requer competência, comprometimento e disposição para questionar e incomodar o projeto ou a proposta da escola.

Assim, quando o presente pesquisador se depara com as respostas “engessadas” dos educadores entrevistados, isto é, que poderiam ter sido dadas há 10 ou 15 anos atrás, respostas que não consideram os avanços e as contribuições da interdisciplinaridade para a alfabetização e o letramento, fica bastante preocupado.

Semelhante superficialidade no que se refere ao conceito de interdisciplinaridade pode ser percebida, também, na resposta da **entrevistada B**. Veja-se: “É um conjunto, né? Várias disciplinas ao mesmo tempo.” (ENTREVISTADA

B). Já se argumentou ao longo do texto sobre a importância do saber docente para a consolidação da prática pedagógica e para o resultado efetivo de seu trabalho com os alunos. Para avançar em direção a uma perspectiva interdisciplinar, faz-se necessário o domínio do conceito da interdisciplinaridade, pois isso repercutirá na sua prática docente, interferindo diretamente na atuação com os alunos.

No caso em pauta, o desconhecimento dos aspectos que envolvem o seu fazer, que é a alfabetização dos alunos, torna-se uma implicação direta para o melhor exercício de sua prática e, tal como já apontamos neste trabalho, deve-se encontrar um espaço de intermediação com as outras práticas sociais já desenvolvidas pelo professor, buscando integrar os seus saberes para, com isso, entender como sua prática perfila este entendimento, tal como afirma o autor abaixo:

O conhecimento social e o escolar se fundem no currículo integrado, que se torna um relevante conjunto articulado de saberes e competências situado e contextualizado em representações, linguagens, sinais, espaços e territórios personalizados, nos quais a reflexão crítica, a problematização, as mediações e as apropriações constroem autonomia e também a coletiva (PICAWEY, 2013, p. 51).

Ao ser indagada sobre a interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento, a Entrevistada B afirma:

Eu acho que essa questão da interdisciplinaridade na educação, na parte da alfabetização e do letramento, ela na minha prática, precisa ser um pouco mais aprimorada por causa da demanda dos alunos. Então, assim, eles precisam de um foco maior nessa questão da leitura e da escrita, para que depois a gente consiga ir dar passos juntos. (ENTREVISTADA B).

Diante do exposto, o que se percebe é ainda uma visão centrada na leitura e escrita de modo isolado, reconhecendo que o processo precisa ser consolidado em sua formação, pois não se pode trabalhar de modo interdisciplinar sem permitir uma abertura entre os sujeitos da educação para acolher outros, buscando a unidade do conhecimento em um pareamento que envolve a cultura presente ou passada, bem como a dimensão humana e social, ou seja, uma rede de conhecimento.

Para Nicolescu (2000 *apud* DCNEB, 2013), interdisciplinaridade é compreendida como uma atividade metodológica e teórica com foco na junção de diferentes disciplinas do conhecimento, pautadas na flexibilização do planejamento no sentido de haver uma colaboração, troca, diálogo, entre elas. Esta atividade precisa

ser trabalhada transversalmente (integração de conhecimentos reais de vários saberes) e exposta no planejamento de modo sistemático e integral.

Alinhando a perspectiva interdisciplinar no processo de alfabetização e letramento, faz-se necessário desenvolver também uma atuação pedagógica de forma crítica, autônoma e investigativa com ações concretas e significativas para o estudante. Nesse contexto, não temos como conceber a interdisciplinaridade sem a transversalidade.

Por fim, uma postura insegura e indefinida se confirmou quando questionamos sobre como a docente aplica a interdisciplinaridade em suas práticas e se tem dificuldades em elaborar atividades nesta perspectiva. Sua resposta pode ser observada a seguir.

Com atividades escritas, né? Com leitura, é rodas de conversa e jogos. (...) Não. Eu procuro..., primeiro procuro ver a faixa etária deles, né? Com esse ano é primeiro ano e depois eu vou selecionando as atividades que, como dizem que tanto com a faixa etária com a série que eles tão eles são exercendo.

Observamos, então, uma resposta vaga, fragmentada e não coerente com a pergunta, ao afirmar que “seleciona as atividades...tanto por faixa etária”, pois a resposta não convém com a pergunta indagada. Logo, inferimos que a docente não compreendeu ou tem dificuldade de elaborar atividades de alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar. E, conseqüentemente, pode não ter o domínio dos conceitos de alfabetização e letramento.

A entrevistada, apesar de confirmar a sua carência formativa quanto a este aspecto, revela, ainda, a sua sensibilidade com o processo de alfabetização:

É desafiador. Não é fácil, e engrandeço muito os grandes alfabetizadores, porque não é uma tarefa simples. E muitas vezes a gente não tem esse apoio necessário da família junto com os filhos, não é? E na escola também. Então é um desafio. A palavra é essa o desafio, mas ao mesmo tempo, aos poucos, a gente vê alguns pequenos progressos que nos deixam assim engrandecida. A gente vê que o trabalho está indo por um bom caminho, certo? (ENTREVISTADA B).

Por fim, a docente reconhece as limitações, a falta de apoio da família nas atividades escolares, principalmente as de casa, e reforça o desafio que é alfabetizar. Todavia, ela também engrandece os pequenos avanços que seu trabalho tem promovido na aprendizagem de algumas crianças. Com isso, percebe que está indo

no caminho certo, embora dependa dela também uma mudança significativa em seu saber sobre alfabetização, letramento e interdisciplinaridade, fazendo de seu processo formativo ainda um desafio de sua prática.

O questionamento à **entrevistada C** sobre seu entendimento do conceito de interdisciplinaridade teve a seguinte resposta: “Assim, a gente tem que usar várias alternativas para aplicar todas as disciplinas. Como: Eu vou dar hoje Ciência. Mas, ao mesmo tempo, estou usando o Português, Matemática e assim por diante.” (ENTREVISTADA C).

Aqui, temos que considerar uma certa incompletude e reducionismo no conceito afirmado pela docente, contrastando com a definição que aparece descrita nos PCN's, vejamos:

A contribuição da integração dos conhecimentos, logo, os professores deveriam orientar os alunos a pensar sobre determinados temas que poderiam ser integrados nas disciplinas, assim como, a interação entre eixos temáticos dos componentes. A interdisciplinaridade também está representada como instrumento de articular conhecimentos no currículo, revendo as relações entre disciplinas e sugerindo outras visões de conhecimento (GARCIA, 2012).

Deste modo, observamos que a interdisciplinaridade representa muito mais do que “alternativas para aplicar todas as disciplinas”, configurando-se numa integridade de saberes articulados ao currículo e tendo como prerrogativa a ampliação do conhecimento com eixos temáticos e norteadores. Quando se refere à articulação entre a interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento, a Entrevistada afirma:

Sempre buscar alternativa para trabalhar as disciplinas voltada para alfabetização, né? Como assim? Eu hoje trabalho Matemática. Mas é trabalhar com os números, mas eu posso trabalhar é leitura, posso trabalhar formas e assim por diante. Eu trabalho essas disciplinas (ENTREVISTADA C).

A sua resposta demonstra ausência de clareza no seu trabalho pedagógico, certa confusão e até dificuldade para interpretar o conteúdo da pergunta. O mesmo observamos quando introduzimos outra questão, abordando a aplicação da interdisciplinaridade na sua prática. Vejamos o que a Entrevistada C diz:

É durante as salas semanais. Eu sempre busco. Eu sempre busco trabalhar dessa forma. Essa sim, como é? Interdisciplinaridade. Eu trabalho muito de forma assim... com eles, brincadeiras, luta, vídeo, sempre buscando essa prática.

Essa resposta, além de refletir o não domínio do conhecimento da questão pela Entrevistada C, trata-se de uma dificuldade inerente ao processo formativo do professor já constatado por pesquisas realizadas sobre o tema, tal como os autores abaixo apontam que:

Para uma forma brasileira de formar docentes. O autor se fundamenta na análise de estudos e pesquisas em relação a interdisciplinaridade na formação de docentes produzidos no Brasil. Ele constata em sua pesquisa que há a busca de um saber interdisciplinar, e que essa busca acaba explicitando na inclusão de toda a experiência docente, levando em consideração a intenção e a função, diferenciando todo o saber teórico e científico do saber profissional e prático (LENOIR, REY, FAZENDA 2001).

Ainda assim, quando indagada sobre dificuldades em elaborar atividades que envolvessem a relação entre alfabetização e letramento numa abordagem interdisciplinar, ela respondeu negativamente: “Não, não, não tenho não.” (ENTREVISTADA C). A sua opção é evitar, de qualquer modo, o reconhecimento de suas limitações com os saberes necessários à sua prática pedagógica. E o que vem a seguir só confirma a tentativa de se confrontar com uma dificuldade inerente à sua formação, quando o reconhecimento desse desafio já seria um bom passo para começar um movimento diferente em sua prática pedagógica. Suas considerações finais só corroboram o cenário anterior, vejamos:

É sobre o meu trabalho...eu sempre busco, busco sempre busco trabalhar de forma que meus alunos aprendam que eles alcançam o objetivo que eu quero dar sobre letramento e alfabetização, sempre buscando o melhor para ele. Eles, não é? É sempre fazendo atividade lúdica, trazendo atividades como jogos para trabalhar dentro dessa perspectiva de alfabetização e letramento (ENTREVISTADA C).

Assim, observa-se que a docente apresenta limitações no campo da educação para inferir sobre o seu trabalho, assim como falta de clareza sobre o conceito de interdisciplinaridade na teoria e na prática.

Quanto à **entrevistada D**, no que se refere ao conceito de interdisciplinaridade, ela afirma que:

Oh! Essa palavra, ela é bem...e ela já foi até muito... É... Vamos dizer assim.... Mastigada, criticada e nunca se chegou... vamos dizer assim... há um consenso, ao meu ver. Porque quando a gente fala em interdisciplinaridade, o primeiro ver e que você vai usar todas as disciplinas, não é? E é mais ou menos isso é trazer a leitura, né? Mas não só a leitura e a escrita, mas a interpretação de texto, a produção textual em todos os momentos da sala de aula. Isso na quando for trabalhar: História, Geografia, Ciências. É porque havia um consenso que a gente vai misturar todas as disciplinas. Eu já entendo que na alfabetização é a gente aproveitar o momento dessas disciplinas, né? Para que a gente possa estar também trabalhando, leitura, escrita, produção, interpretação, trazendo tudo para essa questão da alfabetização, né? E o letramento (ENTREVISTADA D).

Mais uma vez, constata-se como a compreensão que os docentes têm da sua prática se afasta progressivamente dos saberes da alfabetização. Em tempo, ela reconhece que o tema da interdisciplinaridade é muito discutido no campo da educação, mas restringe a sua compreensão ao domínio da interrelação entre disciplinas e não as visualiza. Com isso, surge a necessidade de construção de uma prática que coloque à sua disposição outros saberes e a relação com outros sujeitos na construção de seu trabalho.

Conforme discutido no referencial deste texto, o desafio da interdisciplinaridade se coloca na possibilidade de uma construção pedagógica que envolve um trabalho coletivo com os sujeitos da cena do trabalho educativo (outros professores, coordenador, agentes extraescolares). Assim, o fato constatado pela docente entrevistada de que o debate sobre a interdisciplinaridade já é “mastigado”, não significa que algo muito falado já se dá por compreendido e consolidado em suas práticas pedagógicas.

Este caminhar à margem dos saberes da alfabetização fica mais evidente quando visualizamos as duas temáticas e perguntamos: Você tem dificuldade em elaborar atividades de alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar?

É mais ou menos isso que eu já falei, né? É justamente aproveitar todo momento. Eu acho que na alfabetização, na turma de primeiro ano, que é a turma de alfabetização, a gente tem que aproveitar tudo que é todas as nossas ações até o brincar, o jogar. O parque, todo o momento que a gente puder estar trazendo para essa criança a oportunidade dela identificar letra dela, identificar sílabas dela, se vê, vê aquilo no seu contexto. Eu acho que é mais ou menos isso que a gente traz como interdisciplinaridade e letramento, né? Porque o letramento é, é o todo, né? O alfabetizar o ler e o escrever, ele afunila, né? Ele vai, mas vamos dizer assim, na prática mesmo que você vê a criança lendo e escrevendo. E a criança letrada é aquela que entende que que existe letra, que existe número, que existe figuras. Tudo isso faz parte do dia a dia dela, né? E essas, essa interdisciplinaridade, como também a contextualização. Ela traz justamente isso (ENTREVISTADA D).

Assim, novamente, percebe-se que a docente não consegue fazer distinções básicas destes conceitos, como observado nas entrevistadas anteriores. Ela também acrescenta:

Bom, é como eu já disse. É uma coisa que eu gosto muito de fazer. É uma turma que eu me identifico muito, né? Eu fiz várias, tive vários momentos. De fazer é o próprio, a própria prefeitura, né? Teve o PNAIC que foi muito bom. Aí teve outros cursos que a gente fez. As formações têm trazido muita coisa boa para a gente. A grande dificuldade do aluno de alfabetização, né? Do aluno do primeiro ano na escola é pública, é que muitas vezes ele é oriundo do lar. E principalmente agora, depois dessa pandemia. Então, como ele é oriundo do lar, a gente perde muito tempo, até a gente chegar onde a gente quer, né? No nosso objetivo inicial, a gente perde muito tempo em, vamos dizer assim é, conseguir com que o aluno ele se perceba na escola. Porque como ele não passou pela educação infantil, ele não tem. Esse é o primeiro momento dele. Então, ele vem sem conhecimento nenhum do que a escola, né? Na escola pública principalmente. Justamente, porque eles são oriundos de famílias, que eu sempre acho que não é porque é pobre. É porque não entende o valor da educação. Por eles terem um histórico de nunca ter alcançado, galgado uma coisa melhor, então isso pra eles, não faz com que eles valorizem tanto a criança na escola. Então assim, você tem a proposta na sala de aula. Mas, a proposta não é recebida pela família. A atividade de casa não é feita, não é valorizada, né? Não, a gente não, não, não tem. É na família não tem esse respaldo, esse momento. Que seria necessário para que a gente pudesse caminhar melhor, né? A gente faz o possível que a gente tem que fazer, mas a gente não tem o respaldo com relação à família? (ENTREVISTADA D).

Por fim, a docente demonstra certa idealização em relação à sociedade, esperando que tenha outro aluno, outra família, que o seu capital cultural entre pela porta da sala de aula para ajudar com as práticas pedagógicas.

A **entrevistada E**, assim que indagada acerca do que compreende enquanto interdisciplinaridade no processo de alfabetização, afirmou que o processo de alfabetização não pode se limitar apenas à decodificação de letras, mas que é necessário também desenvolver a capacidade de interpretação do que se está lendo.

Para ela, a interdisciplinaridade é fundamental para que as crianças possam relacionar a leitura com outras áreas do conhecimento, como a saúde, a culinária e a publicidade. Além disso, a professora destaca que é importante levar em consideração a realidade dos alunos, especialmente aqueles que frequentam escolas públicas.

A docente enfatiza a importância de aproveitar situações cotidianas como oportunidades de aprendizado e acredita que a interdisciplinaridade pode contribuir para uma alfabetização mais significativa e abrangente.

Silva e Nascimento (2012) refletem sobre o processo de alfabetização e destaca que os métodos tradicionais costumam tratar a língua escrita de forma fragmentada e desconectada, limitando os educandos a aspectos relacionados à grafia, e deixando de lado a construção de sentido. Além disso, indicam que os docentes têm uma concepção errônea da língua escrita, o que sugere a necessidade de adaptações capazes de enfrentar as limitações dos métodos tradicionais.

Soares (2001) destaca que a apropriação da escrita transforma a vida das pessoas, modificando sua relação com a sociedade e a cultura, além de ampliar o vocabulário e modificar a condição linguística. É necessário abandonar as práticas tradicionais de ensino e trazer uma nova perspectiva sobre as novas bases em relação ao ensino da língua. A resposta da educadora parece estar em consonância com estas afirmações.

Sabe-se da importância da interdisciplinaridade no processo de alfabetização. Assim, o poder de observação do docente, suas práticas, métodos e abordagens pedagógicas são fundamentais para despertar o interesse dos educandos. Além disso, é preciso levar em conta as preferências e experiências dos alunos para estabelecer uma relação entre os saberes previamente adquiridos e as disciplinas curriculares.

No entanto, é importante ressaltar que alfabetização e letramento são conceitos complementares e devem ser trabalhados em conjunto para que a leitura e a escrita tenham significado para as crianças e sejam praticadas em situações concretas da sociedade (BEZERRA; COSTA, 2021).

Quando indagada acerca da forma como pratica a interdisciplinaridade dentro de suas aulas, ela afirma que essa abordagem depende muito da situação e do conteúdo que está sendo ensinado. A professora busca conectar diferentes conteúdos e disciplinas, como ao falar sobre o aniversário de Recife e sua relação com a escola.

Ela também menciona a importância de partir da realidade das crianças e de sua escola para tornar o conteúdo mais significativo para elas. Ela procura fazer perguntas que levem as crianças a refletir sobre sua experiência na escola, o papel dos pais e funcionários, e outras questões relevantes para sua realidade.

Ao fazer essa conexão entre diferentes disciplinas e a realidade das crianças, a professora cria um ambiente de aprendizagem mais integrado e significativo. Essa abordagem pode ajudar as crianças a entender como diferentes áreas do conhecimento se relacionam e como elas se aplicam em suas vidas diárias.

Fernandes (2018) afirma que a prática interdisciplinar consiste na fusão do conhecimento social e escolar no currículo integrado, que se torna um conjunto articulado de saberes e competências contextualizados em espaços personalizados, em que a reflexão crítica, a problematização, as mediações e as apropriações constroem autonomia e coletividade. A prática interdisciplinar, então, é um facilitador para integrar o conteúdo ou eixos temáticos no trabalho pedagógico, proporcionando uma formação significativa dos estudantes tanto para a escola quanto para a vida.

Essa abordagem visa a construção de conhecimentos significativos com base na gestão do conhecimento, que envolve a coleta de dados dos estudantes e a busca por soluções para problemas, fazendo a permuta de conhecimentos e saberes. Além disso, a interdisciplinaridade possibilita a interação entre disciplinas complementares para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo por meio do diálogo entre elas, permitindo que os sujeitos envolvidos construam um entendimento diferente da mesma realidade.

Quando indagada, por fim, acerca de suas dificuldades para abordar a interdisciplinaridade em seu planejamento de aulas, a professora destacou que enfrenta dificuldades em elaborar atividades de letramento a partir de uma perspectiva interdisciplinar, principalmente porque vem de uma escola com uma realidade diferenciada. No entanto, ela ressalta que não consegue isolar essa questão, pois acredita que a criança não é um ser isolado e que aprende com uma tempestade de ideias. Sendo assim, ela tenta primeiro criar essa tempestade de ideias, dependendo da situação do dia.

Observa-se que a docente apresenta dificuldades em organizar seus conhecimentos e práticas pedagógicas de forma sequencial, o que resulta em propostas um tanto confusas. Para atuar de maneira crítica e autônoma na alfabetização e letramento, destaca-se, mais uma vez, é fundamental adotar uma perspectiva interdisciplinar, que envolve a transversalidade como um dos princípios centrais. Essa abordagem permite a integração de diferentes áreas do conhecimento, através da utilização de temas que atravessam as disciplinas escolares em um processo dinâmico e contínuo de análise da realidade. Professores e alunos devem buscar procedimentos interdisciplinares para integrar saberes e ciências, visando uma atuação pedagógica mais significativa e eficaz (BRASIL, 2013).

Por fim, a docente acrescentou: “Eu tento entrar no universo dele para que ele se sinta confortável e daí eu conseguia prosseguir”. Pode-se afirmar, com Brisolla

(2020), e também considerando a resposta da educadora, que a gestão do conhecimento é fundamental na construção de um aprendizado significativo para os alunos.

De acordo com Lopes, Victor e Catarino (2017), os professores das diversas áreas concordam em relação às habilidades que os alunos devem desenvolver, levando em consideração os modelos curriculares adotados no país. Eles enfatizam a importância da contextualização para uma interpretação mais crítica e consciente do mundo, assim como a capacidade de resolver problemas. Esses elementos são considerados fundamentais para que os alunos se tornem alfabetizados em ciências, matemática e na língua materna.

Para isso, defende-se a problematização dos conteúdos, pois os problemas podem auxiliar diretamente no processo de letramento, envolvendo a escrita, leitura, criatividade e comunicação. Acredita-se que essa orientação também se aplica ao ensino de ciências nos anos iniciais, e que todas as disciplinas podem convergir para uma perspectiva interdisciplinar de alfabetização, considerando seus conteúdos específicos para entender e explicar o mundo. Estes autores (LOPES; VICTER; CATARINO, 2017) tratam especificamente da alfabetização e do letramento aliados ao ensino de ciências e dentro de uma perspectiva de interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade envolve a alteridade e a valorização das potencialidades e diferenças de cada ciência, bem como a utilização da tecnologia para permitir a globalização do conhecimento e sua integração com a realidade do aluno. Logo, o planejamento das aulas deve ser dinâmico e contínuo, envolvendo objetivos definidos e aumentando o diálogo entre as diversas disciplinas. Destaque-se, ainda, que o aluno deve ser um sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Sobre a questão “O que é interdisciplinaridade?”, a **entrevistada F** acredita que consista em trabalhar vários conteúdos juntos. Porém, ela reconhece que, quando se abrange muita coisa, pode ser difícil fechar tudo de maneira suficiente e precisa. Ela prefere uma metodologia mais simples e objetiva, especialmente porque a concentração das crianças pequenas é menor. Então é melhor focar em um tema de cada vez.

A educadora não descarta a importância de Ciências, Geografia e História, mas considera que, na fase inicial da alfabetização, é mais importante concentrar-se naquilo que chama de consciência fonológica. Ela sugere que, depois que as crianças tiverem adquirido essa habilidade, será mais fácil trabalhar com mais conteúdo, pois

elas já serão capazes de compreender e fazer a leitura do que é apresentado. A educadora, então, considera que a interdisciplinaridade é importante, mas deve ser aplicada de forma estratégica e pensando nas necessidades e capacidades dos alunos.

A educadora em questão entende que a interdisciplinaridade não se restringe apenas à junção de disciplinas específicas para se trabalhar um conteúdo, mas, sim, envolve todas as áreas do conhecimento. Ela reconhece a importância da perspectiva interdisciplinar no processo de alfabetização e letramento, mas não a utiliza com frequência e não prioriza a atuação pedagógica interdisciplinar.

A prática interdisciplinar é vista como uma forma crítica, autônoma e investigativa, que facilita a integração do conteúdo ou eixos temáticos no trabalho pedagógico. Isso vai ao encontro de uma formação significativa dos estudantes não só para os conhecimentos formais da escola, mas para a vida, ou seja, para que se tornem sujeitos conscientes de seus direitos e deveres (BRASIL, 2013).

A docente reconhece que não trabalha regularmente com outras áreas do conhecimento com os discentes, perdendo a oportunidade de ampliar o vocabulário da criança numa fase em que ela está em condições para isso. Essa prática limita a compreensão do domínio da linguagem específica das outras áreas do conhecimento na criança, o que pode causar prejuízo futuro.

A resposta da educadora sobre a interdisciplinaridade também revela uma visão limitada sobre a capacidade das crianças e a variedade de usos da linguagem. Ferreiro (2001) destaca que é importante reconhecer a criança como um sujeito que pensa e constrói suas próprias interpretações. Nesse sentido, a alfabetização deve ir além dos métodos mecânicos e descontextualizados de ler e escrever, e incluir práticas que permitam a vivência das funções sociais da linguagem escrita.

Isso requer uma abordagem dinâmica e interdisciplinar, que leve em consideração fatores linguísticos, culturais, pedagógicos e didáticos. Focar apenas na consciência fonológica é importante, mas não deve ser o único aspecto abordado no processo de alfabetização, pois a linguagem é dinâmica e inserida em um contexto social mais amplo (MICOTTI, 2014).

Quando indagada acerca do que compreende por interdisciplinaridade no processo de letramento, a educadora compreende que esta consiste em abordar temas maiores e partir para os menores, levando em consideração a capacidade de atenção e absorção das crianças.

Ela enfatiza a importância de trabalhar com textos curtos e gêneros textuais pequenos, evitando textos muito grandes, que podem cansar e perder o foco da criança. Para exemplificar esse processo interdisciplinar, a educadora cita o exemplo da borboleta, que pode ser abordada sob uma perspectiva científica, mas que deve ser apresentada em uma abordagem mais acessível para o aprendizado da palavra.

Ela defende a utilização de parlendas como material de ensino, permitindo que a criança desenvolva sua interpretação e exposição oral. Por fim, a educadora critica a utilização de materiais didáticos com textos muito grandes, considerando-os inadequados para o aprendizado da alfabetização:

Inclusive esse material que existe do Recife para reposição da aprendizagem é fora da casinha. Eu já disse que não vou trabalhar com isso não. É fora da casinha com textos muito grande. Com contos de 3 páginas e meia para uma criança de 6 anos é absurdo. Tendo conto. Os mesmos contos menores. Tipo: maior clareza para eles que instiga mais eles do que uma coisa muito grande. Não, mas é você que vai ler. Mas se o texto for muito grande, em cinco em dez minutos eles se perde. Ele não vai conseguir fazer relação com que ele viu no início com o final (ENTREVISTADA F).

A interdisciplinaridade, defende Micotti (2014), é fundamental no processo de letramento, pois permite que o educador perceba a criança como um sujeito ativo e capaz de construir suas próprias interpretações. Além disso, a abordagem socioconstrutivista deve ser adotada para que o aluno vivencie os usos sociais da grafia em diferentes contextos comunicativos.

É importante também que a prática da escrita na escola esteja contextualizada e dinâmica, permitindo que a criança experimente as funções da grafia na comunicação, registro de informações e busca por entretenimento. Para isso, é necessário que a alfabetização seja uma construção social e que a criança participe de diferentes práticas culturais do uso da escrita. Nesse sentido, a perspectiva interdisciplinar é fundamental para que o docente possa trabalhar de forma ampla e integrada, considerando fatores internos e externos ao indivíduo, como linguísticos, culturais, pedagógicos e didáticos (FERREIRO, 2001).

Sobre a questão da forma como aplica a questão interdisciplinar em suas práticas pedagógicas, assim respondeu a educadora:

Palavras geradoras. Eu agora mesmo, eu tirei cópia de todos os meus livros adotados pela Rede e dali eu vou tentar pegar uma atividade de português

que dê para casar com ciências e fazer um bloquinho. Agora, foco na palavra e num contexto geral todo (ENTREVISTADA F).

A educadora apresenta uma resposta enfática sobre sua prática pedagógica interdisciplinar, demonstrando compreensão do processo envolvido. No entanto, ela não foi clara na explicação desse processo. Em questões posteriores, ela consegue desenvolver melhor a prática interdisciplinar, usando a palavra "borboleta". Embora ela tenha mencionado existir dificuldades, demonstrou disposição para superá-las e fazer seu trabalho bem.

A educadora acrescenta que tem dificuldades em elaborar atividades de alfabetização e letramento com base em uma perspectiva interdisciplinar. Ela afirma que tem muitas ideias, porém tem dificuldades com a formatação e o uso das novas tecnologias para elaborar e montar as atividades de forma dinâmica e que despertem a atenção dos alunos. Ela também menciona que tem um material com sílabas simples e complexas, textos curtos e produção textual, mas que a caminhada para chegar ao nível de primeiro ano é longa. Enfatiza a importância da base da alfabetização e que muitas pessoas desconhecem essa base, ao pensar em atividades de alfabetização. A educadora destaca, ainda, a importância de atividades simples, com objetivos bem definidos, para alunos com problemas de coordenação motora.

A educadora demonstra um esforço em elaborar atividades de alfabetização e letramento, mesmo que não tenha domínio completo das ferramentas tecnológicas. No entanto, sua preocupação principal ainda está na decodificação das palavras e não na compreensão de textos e na escrita contextualizada. Isso vai contra a abordagem socioconstrutivista defendida por Ferreiro (2001) e por outros autores, que enfatizam a importância da escrita dentro do contexto social e cultural da criança. A alfabetização deve transcender a simples mecânica de ler e escrever, e ser vista como uma construção social, com a participação ativa da criança em práticas culturais diversas. A escola deve trabalhar para uma escrita dinâmica, que permita à criança experimentar as diferentes funções da grafia, como comunicação e registro de informações. A aquisição da escrita é influenciada por fatores internos e externos ao indivíduo, e a escola deve considerar todos esses aspectos ao trabalhar a alfabetização (FERREIRO, 2001).

Já quanto à questão: "O que é interdisciplinaridade?", a **entrevistada G** responde de forma direta: "É um conjunto né? Várias disciplinas ao mesmo tempo".

Destaca-se a importância do domínio do conceito de interdisciplinaridade na prática pedagógica e formação do professor. A educadora respondeu que a interdisciplinaridade é um conjunto de várias disciplinas ao mesmo tempo, mas o comentário ressalta que ela vai além disso. A interdisciplinaridade é a fusão do conhecimento social e escolar em um currículo integrado que é contextualizado e personalizado para os alunos. É importante que o professor não se concentre apenas na leitura e escrita, mas considere o contexto em que seus alunos estão inseridos (MICOTTI, 2014).

Sobre o que compreende por interdisciplinaridade no letramento e na alfabetização, a entrevistada parece não ter clareza. Sua percepção está focada apenas no ensino de leitura e na escrita. A verdade é que a interdisciplinaridade é definida como uma abordagem que ultrapassa uma disciplina e envolve outras ciências na transversalidade do conhecimento. Entretanto, para que o ensino-aprendizagem seja transdisciplinar, a transversalidade deve ter um conteúdo próprio que permita a abertura entre os sujeitos da educação para acolher outros conhecimentos e buscar a unidade do conhecimento. Logo, a perspectiva interdisciplinar no processo de alfabetização e letramento exige uma atuação pedagógica crítica, autônoma e investigativa, com ações concretas e significativas para o estudante, e não pode ser concebida sem a transversalidade (NICOLESCU, 2000).

Quando perguntada sobre a forma pela qual aplica a interdisciplinaridade em suas aulas, assim afirma a entrevistada G: “Com atividades escritas, né? Com leitura, é rodas de conversa e jogos”.

Tem-se, então, uma resposta vaga, fragmentada e não coerente com a pergunta. De acordo com a fundamentação teórica apresentada, a aplicabilidade da interdisciplinaridade na prática pedagógica requer um planejamento dinâmico e contínuo, com objetivos claros e integrando diferentes disciplinas, temas e ideias. Isso permite aumentar o diálogo entre as diversas ciências e tornar o aluno um sujeito ativo, em vez de um espectador passivo. É necessário tempo e empenho do docente para implementar a interdisciplinaridade de forma efetiva (BRISOLLA, 2020).

4.1.3 Interlúdio

Antes de se prosseguir pela análise das entrevistas, cabe que se faça um breve relato de incorrência nesta pesquisa.

Durante o processo de coleta de dados (que corresponde à realização das entrevistas), o presente pesquisador participou, ao lado de diversos educadores, de uma formação diretamente relacionada ao tema desta dissertação. Nesta, foi possível conhecer mais docentes da cidade do Recife que dedicam ao processo de alfabetização.

A formação continuada é fruto do projeto de alfabetização e letramento intitulado: Programa Primeiras Letras – alfabetização na Idade Certa, cujo objetivo é o de assegurar o processo de alfabetização até os 7 anos de idade. Assim, nos dias 28/03/2023 e 29/03/2023, ocorreu o 3º Seminário do Programa Primeiras Letras – Conectando boas práticas de leitura e alfabetização.

Para o dia 28/03/2023, a temática da palestra foi sobre *Vivências na Educação Infantil* com a Profa. Dra. Ana Carolina Perrusi Brandão. Na ocasião, o público-alvo se constituía de docentes que ministram aulas nas turmas do grupo IV e V. No seguinte dia, a temática apresentada foi sobre *A importância da leitura* com a Profa. Dra. Telma Ferraz Leal. Para essa temática, o público-alvo foram professores que lecionam nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental.

Diante disso, teve-se a ideia de verificar o domínio dos conteúdos dos docentes minutos antes do iniciar o evento. Uma vez que se percebeu, pelas entrevistas anteriores, que os docentes tinham certa dificuldade de comentar a reflexão acerca do próprio trabalho, entrevistar alguns docentes durante a formação pareceu uma estratégia interessante.

Além disso, já que se estava no 3º seminário, pressupondo-se que os entrevistados posteriores haviam frequentado os dois anteriores, julgou-se que os docentes participantes tinham já certa capacidade de formular, de maneira mais clara, seu entendimento acerca das práticas de alfabetização e letramento.

De imediato, então, o pesquisador realizou a entrevista com dois docentes antes de iniciar o evento, quais sejam, os entrevistados H e I. Isto não pareceu bastar. Mostrava-se a necessidade de maior clareza na prática pedagógica para alfabetizar e letrar. Ora, o presente pesquisador, ao longo das entrevistas, sempre se deparava com uma alfabetização numa perspectiva ainda pautada pela decodificação.

Felizmente, na sequência da programação do Seminário, houve um momento em que os educadores foram convidados a relatar as suas experiências a partir do trabalho que desenvolviam nas escolas. Foi aí que se pode ouvir os relatos de ao menos duas educadoras cujo trabalho está um pouco mais voltado à questão da interdisciplinaridade como estratégia pedagógica de alfabetização e letramento. Todavia, ressalta-se que, ainda que as educadoras que realizam estas práticas não sejam capazes de explicar ou enunciar, de forma clara, a maneira pela qual trabalham a interdisciplinaridade, ficou evidente (a referência aqui é às entrevistadas J e K), que seu trabalho corresponde a práticas plausíveis e significativas em consonância com a formação que estava sendo realizada e pautada nos fundamentos desta dissertação do mestrado.

Daí a importância de se entrevistar essas educadoras, o que ocorreu logo na sequência do evento. Fato é que o pesquisador comunicou à sua orientadora os fatos acima relatados. Ela, então, sugeriu a criação da presente seção cujo propósito era o de relatar o ocorrido.

4.1.4 Interdisciplinaridade: conceitos e práticas pedagógicas (Parte 2)

Quando indagada sobre o que entende por interdisciplinaridade, a **educadora H** respondeu:

Ah!... eu entendo que aí eu tenho que... mesclar o meu conteúdo junto com o que a crianças sabe pra obter o meu resultado. Pelo menos, eu faço assim. Assim que eu entendo essa, essa interdisciplinaridade (ENTREVISTADA H).

Em seu estudo sobre interdisciplinaridade e alfabetização, Ferreiro (2001) destaca que o processo de alfabetização e letramento ocorre em diferentes etapas na construção do conhecimento. Quando o aluno aprende a decodificar e codificar o sistema alfabético, ele pode intervir em várias situações do seu contexto social, o que torna a alfabetização uma extensão do processo de letramento. Para o mesmo autor, o letramento é uma habilidade que requer a conexão das estruturas mentais com a tecnologia da leitura e da escrita, para que o indivíduo possa compreender e interpretar diferentes tipos de textos e articular diferentes saberes. Ele também destaca que o processo de letramento é influenciado pelos processos sócio-históricos, que extrapolam os muros da escola e são usados em diferentes contextos sociais.

Ferreiro (2001) ressalta que a educação deve contribuir para a formação de pessoas capazes de enfrentar os problemas do ambiente cultural e natural, por meio de uma perspectiva globalizadora e interdisciplinar. Nessa abordagem, o aprendizado em sala de aula está relacionado às práticas da leitura e da escrita em várias situações do cotidiano, em que os conhecimentos podem ser utilizados de maneira integrada.

Quanto às outras questões, a educadora expressou claramente não ter entendimento acerca de seu fazer pedagógico, no sentido de não conseguir formular suas respostas de forma satisfatória e conexa. Sua concepção de alfabetização está conectada, de forma geral, apenas a ideia de decodificação.

Müller (2018) critica veementemente a ideia de alfabetização por decodificação. A autora dedica boa parte de seu trabalho à discussão das relações entre letramento, alfabetização e interdisciplinaridade como uma solução, ou melhor, uma alternativa ao sistema tradicional de ensino.

Müller (2018, p. 40) identifica três formas de alfabetização:

(I) alfabetização por imersão no letramento; (II) alfabetização a partir de textos elaborados para alfabetizar (cartilhas) e (III) alfabetização pela perspectiva do letramento.

A primeira tendência, que a autora chama de imersão por letramento, tem relação com os textos de circulação social. De acordo com a autora, é umas melhores formas de aprendizagem da língua, quando ocorre a imersão dos alunos em práticas de leitura e escrita.

Nessa abordagem, os alunos são expostos a textos diversos e aprendem o sistema de escrita e a língua de forma integral e engajada. Pesquisadores como Goulart (2010) concordam com essa tendência, afirmando que o mundo letrado gera significado para as crianças e, gradualmente, elas vão se apropriando do sistema de escrita. No entanto, essa concepção prioriza o uso dos textos de circulação social e não explora as unidades menores da língua para desenvolver reflexões sobre sua configuração, o que pode criar a ilusão da alfabetização e privar os alunos de conhecimento.

Ao contrário disso, Goulart (2010) argumenta que atividades focadas na reflexão sobre o sistema notacional são necessárias para evitar a ampliação da legião de analfabetos funcionais, pois a descontextualização do sistema alfabético retira da escrita seu caráter público e histórico. Portanto, segundo essa pesquisadora, a

reflexão sobre o sistema notacional não deve ser negligenciada, pois contribui para a formação de alunos mais habilidosos na leitura e escrita.

De acordo com o trecho Müller (2018), deve-se considerar simplista a ideia de que as crianças aprendam a escrever seguindo os mesmos passos que levaram à criação do princípio alfabético da língua escrita, ou seja, a relação entre fonemas e letras, a distinção entre vogais e consoantes, a sílaba, seus diferentes padrões e a formação de palavras.

No entanto, a autora não nega a importância desses conteúdos para a aprendizagem da leitura e da escrita. Ela questiona a ideia de que esses conteúdos possam ser adquiridos apenas por meio da imersão, sem a necessidade de atividades reflexivas sobre o funcionamento do sistema de escrita. A autora também critica a abordagem didática tradicional que sistematiza o ensino do Sistema de Escrita Alfabética, argumentando que isso apaga a subjetividade e o sentido cultural da aprendizagem. Em contrapartida, elas defendem uma abordagem de letramento que valoriza as experiências de leitura e escrita dos alunos em seus contextos sociais.

Quanto à segunda tendência identificada pela autora (MÜLLER, 2018), a alfabetização a partir de textos elaborados para alfabetizar (ou cartilhas, por exemplo), a aprendizagem do código ocorre antes da leitura de textos de circulação social, e esses textos não são utilizados no ensino do sistema de escrita. Em vez disso, a proposta é criar materiais didáticos com padrões silábicos e pseudotextos simplificados, nos quais os alunos possam produzir e ler textos. Essa abordagem também preconiza que o ensino do sistema de escrita alfabética seja feito de forma sistemática e controlada, utilizando materiais didáticos estruturados que progridam em dificuldade. Nessa proposta, não são oferecidas atividades voltadas à leitura e produção de textos (MÜLLER, 2018).

Além disso, essa abordagem desconsidera a autonomia do professor, pois trata todos os alunos de forma generalizada e tem uma concepção de escrita como código.

Já a alfabetização na perspectiva do letramento e da interdisciplinaridade, diz Müller (2018), pretende que é necessário inserir os alunos em práticas reais de leitura e escrita em diferentes gêneros textuais e contextos de letramento na sociedade e na escola, a fim de formar sujeitos capazes de ler e produzir textos autênticos.

Ao contrário da primeira tendência, esses pesquisadores concordam com a necessidade de realizar um trabalho reflexivo com unidades menores da língua, integrado ao texto. De acordo com a proposição de Soares (2004), o ideal seria

alfabetizar enquanto letrando, ensinando a ler e escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita, para que o indivíduo se torne, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. Nessa tendência, os textos são utilizados não apenas para promover o letramento, mas também para refletir sobre o sistema linguístico.

De acordo com Leal *et al.* (2007, p. 92):

Alfabetizar na perspectiva do letramento traz implicações pedagógicas importantes. Por um lado, sabemos hoje que um sujeito que não domina a escrita alfabética pode envolver-se em práticas de leitura e de escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada e, nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade. Por outro, o domínio do sistema alfabético não garante que sejamos capazes de ler e produzir todos os gêneros de textos [...] apenas o convívio intenso com textos que circulam na sociedade não garante que os educandos se apropriem da escrita alfabética, uma vez que essa aprendizagem não é espontânea e requer que o aluno reflita sobre as características do nosso sistema de escrita.

Percebe-se que, nessa visão, já se considera a importância de refletir sobre o sistema de escrita, assim como o convívio, evitando os extremos observados nas primeiras e segundas tendências. Segundo Maciel e Lúcio (2008), trabalhar a alfabetização sob a perspectiva do letramento é uma escolha política. Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto que precisa ser refletido, pois não é suficiente compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e escrever, além de proporcionar o domínio de uma tecnologia, cria condições para que o indivíduo se insira em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento em diferentes esferas sociais e políticas.

Dessa forma, os alunos devem aprender sobre o sistema de escrita alfabética por meio de reflexões sobre a língua, utilizando os diferentes textos presentes na sociedade. Assim, os textos desempenham um papel de extrema importância como material didático que não apenas aborda questões políticas e sociais na formação do indivíduo, mas também aspectos sistêmicos de reflexão e análise linguística. No entanto, não devem ser utilizados textos cartilhados, criados exclusivamente para ensinar a ler, o que é característico da segunda tendência (MÜLLER, 2008).

No que diz respeito ao ensino sistemático do Sistema de Escrita Alfabética, essa abordagem indica claramente a necessidade de envolver os alunos em práticas de leitura e produção de textos de diferentes gêneros, desde o início do processo de escolarização. Mas também é essencial desenvolver estratégias de reflexão sobre o

sistema de escrita. Vale lembrar que muitas das educadoras entrevistadas empregam este sistema.

Portanto, é necessário incentivar, medir, estruturar, planejar e mediar reflexões sobre o sistema de escrita alfabética. Nesse sentido, o ensino do sistema de escrita precisa ser sistemático, envolvendo um tempo pedagógico dedicado a essa atividade. Essas reflexões podem ser realizadas por meio de diferentes materiais didáticos, jogos, quadro negro, atividades impressas, exposições, feiras, entre outros (MÜLLER, 2008).

Esses materiais, por sua vez, podem ser elaborados por meio de projetos didáticos, sequências didáticas e diversos planejamentos que envolvam objetivos de reflexão e uso da língua de forma sistemática.

No ensino sob a perspectiva do letramento, conforme Soares (2010), o ensino deve ser baseado na organização de situações de ensino voltadas para atividades de leitura e escrita de textos e reflexões sobre as correspondências entre som e escrita de forma coordenada, mas sem exercícios fonológicos ou padrões rígidos de ações didáticas. A proposta envolve a realização de perguntas investigativas, problematizadoras, a partir das quais os alunos vão se apropriando de como o sistema notacional funciona para, então, dominá-lo.

É certo, então, que os educadores não podem se furtar, como fazem diversos dos entrevistados, de formular conceitos e reflexões sobre a própria prática pedagógica. Ao aparentar desconhecer as práticas de letramento e empregar um sistema tradicional de ensino, tais educadores demonstram não colocar em prática aquilo que teriam aprendido na graduação e na pós-graduação (se se considera como são os seus currículos em dias recentes), mas sim replicando a forma pela qual aprenderam a ler e a escrever.

Quando indagada acerca do que entende por interdisciplinaridade, a **educadora J** afirmou:

É... seria uma forma de eu trabalhar com um conteúdo, mas é... incluindo outras disciplinas juntas. É..., por exemplo, quando eu trabalho, a casa, posso trabalhar a região, local que o aluno está. Trabalho a palavra casa. E tudo o que tá envolvido ali; casa, família, o espaço, o caminho que eu faço para poder sair da escola para minha casa, da minha casa pra escola, o que que eu observo no caminho? Então, dessa forma, eu vou trabalhando com eles, não é? Interdisciplinaridade (ENTREVISTADA J).

De acordo com a resposta da professora, a interdisciplinaridade se refere à combinação de diferentes disciplinas em uma mesma atividade ou projeto, com o objetivo de ampliar a visão do conteúdo trabalhado, considerando aspectos de diversas áreas do conhecimento. No entanto, ela ressalta que a interdisciplinaridade não se trata apenas de juntar informações de diferentes campos, mas deve ser vista como uma forma de estabelecer diálogos e conexões entre as disciplinas, permitindo a construção de novos saberes.

É necessário que o educador tenha uma postura crítica, questionando as fronteiras entre as disciplinas e buscando novas formas de abordagem dos conteúdos. Além disso, é importante que a atividade interdisciplinar seja cuidadosamente planejada, para que seja significativa e relevante para os alunos. Apesar da importância apontada para a interdisciplinaridade, a resposta da professora sugere que ainda falta uma visão mais aprofundada e crítica sobre esse conceito. Quando perguntada acerca do que compreende por interdisciplinaridade no processo de alfabetização, a educadora respondeu:

Então. É como eu falei com você agora é... estou trabalhando, é... casa, né? Cômodos da casa, é o que que eu tenho naquele local e, a partir daí, a gente vai fazendo... Geralmente, eu faço lista de palavras no quadro com eles também. E aí, a gente vai trabalhando essas palavrinhas e eu coloco no quadro da consciência fonológica (ENTREVISTADA J).

A professora discorre, então, sobre a importância da interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento. Ela destaca que essa abordagem implica na integração efetiva dos conhecimentos de diferentes áreas, a fim de promover uma compreensão ampla e completa do objeto de estudo. Porém, ressalta que a interdisciplinaridade não deve ser entendida apenas como a junção de diferentes conteúdos em uma mesma atividade.

É preciso considerar a abordagem pedagógica utilizada e a adequação às características dos alunos, levando em conta suas vivências e experiências. A reflexão constante sobre os objetivos do processo de alfabetização e letramento é fundamental para que a interdisciplinaridade possa ser utilizada de forma efetiva e contribuir para uma formação integral dos alunos.

Vale lembrar que, de acordo com Bianchetti e Jantsch (2011), a interdisciplinaridade não consiste em reduzir diferentes áreas do conhecimento, mas

sim em um trabalho colaborativo que considera as contribuições de mais de uma ciência. Isso envolve a compreensão específica de uma área e a ampliação de suas conexões ao veicular o conhecimento relacionado a outros campos, partindo do específico para o global.

A interdisciplinaridade é um princípio que não pode ser reduzido a um denominador comum, mas sim um elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. Ela busca explorar ao máximo as potencialidades de cada ciência, compreendendo seus limites, mas, acima de tudo, valorizando a diversidade e a criatividade.

Estes autores informam que a interdisciplinaridade está ligada à diferença e ao confronto, sendo um princípio que favorece a prática pedagógica. Quando falamos em interdisciplinaridade emancipadora, estamos nos referindo a processos complexos e à historicidade do real, em que as diferenças são importantes e o confronto é universal na história do pensamento. Os processos complexos se relacionam aos fenômenos que não podem ser analisados sem levar em consideração as interações dos sujeitos em uma realidade específica, envoltos por aspectos culturais que apresentam contradições.

É importante valorizar as diferenças e o confronto ao invés da imposição do pensamento único, bem como buscar uma relação equilibrada entre a especialização e a generalidade para a construção de conhecimentos de forma interdisciplinar. Daí a sua importância para a alfabetização e para o letramento.

Sobre a questão relativa à maneira que a educadora pratica a interdisciplinaridade em suas aulas, esta afirmou:

É nessa forma do dia a dia que eu falei agora, né? Tô trabalhando..., por exemplo, plantas. É como que se desenvolve a planta? E aí, a gente vai vendo as palavrinhas: que planta? É qual é o nome dessa plantinha? Ano passado nós fizemos na sala, na escola um Jardimzinho, não. Nós. Nós plantamos coentro, uma hortinha. Plantamos coentro. Vimos que Na... Na.. Areia tinha minhoca. E, na hora foi uma surpresa grande para as crianças. Aí, fui trabalhando a palavra minhoca com eles ano passado. Eles ficaram super surpresos de encontrar minhoca ali na Terra que eles não conheciam. Aí, puderam tocar na minhoca. É... então, é dessa forma que a gente vai fazendo, né? Eu trago conteúdo, mas em cima do conteúdo eu vou trabalhando a parte de linguagem com eles também (ENTREVISTADA J).

A educadora pratica a interdisciplinaridade em suas aulas, ao integrar diversas áreas e habilidades em atividades práticas. Um exemplo foi o projeto de jardinagem

que ensinou sobre plantas, explorou o ambiente e desenvolveu habilidades de observação e comunicação. A professora conectou conceitos de botânica e linguagem, enfatizando a importância da comunicação clara em todas as áreas do conhecimento. No entanto, a resposta foi limitada em relação ao processo de interdisciplinaridade. Seria interessante que a professora fornecesse mais exemplos para ajudar os alunos a entenderem as conexões entre diferentes áreas de conhecimento.

A educadora afirma, quanto às dificuldades em elaborar as atividades interdisciplinares, que é comum que os professores sintam dificuldade em elaborar atividades interdisciplinares de alfabetização e letramento, mas é importante buscar materiais novos e planejar com antecedência, integrando conhecimentos de diversas áreas para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

A interdisciplinaridade não se resume em juntar atividades de diferentes disciplinas, mas sim em trabalhar em equipe com outros profissionais e adequar as atividades às necessidades e interesses dos alunos. A constante formação e atualização sobre práticas educativas interdisciplinares também são fundamentais para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem (FERREIRO, 2001).

De forma geral, observamos que a professora tem conhecimento dos elementos teóricos de sua prática docente e demonstra saber o quanto esses elementos são importantes na sua atuação com os alunos. Também demonstrou ser experiente no que se refere à interdisciplinaridade, evidenciando como faz a integração entre a teoria e a prática.

Esta educadora, no entanto, ainda que tenha dificuldades em sistematizar e conceituar a interdisciplinaridade, na verdade, realiza práticas pedagógicas interdisciplinares.

Fazenda (2005) defende que a interdisciplinaridade é, antes de qualquer coisa, ação. Para esta autora, a interdisciplinaridade requer uma abordagem que vá além do campo empírico e intencional, envolvendo uma atitude na prática. Neste estudo, buscamos identificar práticas interdisciplinares que favorecem a integração de disciplinas e potencializam as ações e atitudes do professor, permitindo um ensino mais global.

A autora ressalta que a interdisciplinaridade não se resume a uma junção de conteúdos, métodos ou disciplinas, mas, sim, a uma postura que privilegia a abertura para uma vivência interativa mediada por conhecimentos diversificados. É necessário

romper com a noção tradicional de tempo disciplinar, reorganizando o currículo de forma a superar a linearidade. Os defensores, lembra Fazenda (2005), dessa perspectiva acreditam que o ensino deve se basear em uma relação pedagógica convergente e dialógica com os sujeitos, sendo o professor o principal agente dessa prática.

Fazenda (2005), assim, defende que o ensino precisa deixar de ser uma transmissão hierárquica e linear de conteúdos específicos e se tornar uma relação pedagógica convergente e dialógica com os alunos. O professor é o principal agente dessa prática. No entanto, para que esse processo de ensino-aprendizagem interdisciplinar possa ser desenvolvido, é necessário romper também as barreiras curriculares e organizacionais nas escolas. Para isso, é preciso manifestar uma atitude interdisciplinar no compromisso profissional e romper as fronteiras entre as disciplinas, garantindo uma aprendizagem mais holística. Segundo a autora, uma atitude interdisciplinar é caracterizada pela busca, pesquisa, investigação e construção por meio da interação entre pares. Essa perspectiva requer uma reflexão mais ampla sobre o conhecimento, os sujeitos envolvidos e as ações escolares.

Isto quer dizer, do ponto de vista desta pesquisa, que os educadores precisam descentralizar o saber. Já não basta que sejam, eles, os únicos protagonistas no processo de ensino e aprendizagem. Daí a necessidade de voltar ao aluno, também, a capacidade de protagonizar, fomentando estas habilidades e, também, democratizando o ensino.

De acordo com Müller (2018), a interdisciplinaridade só funciona como estratégia de ensino e alfabetização se se adota uma abordagem sociointeracionista de linguagem para desenvolver práticas pedagógicas integradoras e interdisciplinares efetivas.

Isso implica em reconhecer, prossegue Müller (2018), que o objetivo do ensino é formar alunos proficientes em leitura, escrita e oralidade. Nessa abordagem, o uso da língua envolve agir sobre o outro. Portanto, para aprender a língua na escola, é preciso criar situações de comunicação semelhantes às vividas na sociedade, permitindo que o aprendiz participe de situações concretas de comunicação.

Por isso, é essencial que os educadores entrevistados (que se revelaram, na maioria das vezes, verdadeiros centralizadores do saber) sejam capazes de promover um ensino que diga respeito à realidade do educando, o letramento propriamente, por

meio da interdisciplinaridade. Por meio deste, pode-se interligar as mais diversas disciplinas e aproximar a construção do saber do próprio mundo do educando.

A **entrevistada K** explicou que a interdisciplinaridade consiste na conexão entre diversas áreas do conhecimento, ao trabalhar um mesmo tema ou conteúdo, utilizando diferentes recursos e estratégias. Ela deu exemplos práticos, como o trabalho com a maçã e o lobo mau, para mostrar como explorar a interdisciplinaridade com os alunos. Para uma alfabetização na perspectiva do letramento em abordagem interdisciplinar, é necessário que o ensino da leitura e da escrita esteja conectado com outras disciplinas e formas de expressão, como a música, artes, educação física, matemática, ciência, história e geografia.

Para ela, o professor deve selecionar textos significativos e propiciar situações didáticas que envolvam os alunos em práticas autênticas e funcionais de leitura e escrita, avaliando o processo de forma contínua e formativa. Tudo isso visa ampliar o universo de referências culturais dos alunos e garantir seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (FERREIRO, 2001).

A educadora acrescentou que utiliza a interdisciplinaridade em sua prática pedagógica de forma natural, mostrando que tudo está interligado e que uma atividade puxa a outra. Ela destaca a importância do planejamento e da organização das atividades para que tudo esteja atrelado e faça sentido dentro do objetivo proposto.

Ela exemplifica como trabalha a interdisciplinaridade em sua sala de aula, utilizando diferentes temas e atividades que envolvem disciplinas, como: Língua Portuguesa, Música, Artes, Geografia, História, entre outras. É possível perceber que ela valoriza muito a participação dos alunos no processo de aprendizagem, incentivando-os a explorar e construir o conhecimento de forma lúdica e colaborativa. Ela também demonstra sensibilidade e atenção às necessidades individuais de cada aluno, como no caso da aluna autista que precisava de estímulos específicos para se engajar na sala de aula. Além disso, a educadora demonstra um amor genuíno pela leitura e pela aprendizagem, o que serve como um exemplo inspirador para seus alunos.

Assim, a interdisciplinaridade é, para além de ação, também estratégia. Há uma tendência interdisciplinar única que repensa todos os componentes de um sistema de ensino, incluindo o conhecimento, os sujeitos e os objetivos, antes de pensar em uma curricularização. A partir disso, é possível elaborar estratégias ou ações, visando uma aprendizagem mais ampla, que não se limita à assimilação de conteúdos, mas sim à

construção de conhecimentos. Isso implica em relativizar o planejamento, a disciplina, a avaliação, os conteúdos e objetos de aprendizagem, o tempo e os espaços escolares, entre outros aspectos (MÜLLER, 2018).

Para concluir, resta lembrar com Müller (2018), que em meio aos obstáculos presentes na estrutura organizacional escolar, como o ensino positivista e dogmático, a proposta deste novo modelo de alfabetização busca promover práticas interdisciplinares como uma forma de transformação na forma como as escolas são organizadas.

No entanto, romper com a ideia de disciplinas separadas é um desafio, pois está enraizada na cultura escolar. Soares (2010) também destaca que a interdisciplinaridade pode ser uma estratégia de flexibilização e integração das disciplinas, mas não deve eliminar sua existência. Para isso, é necessário que os professores adotem uma postura que vá além do conteúdo prescrito e utilizem metodologias didáticas que permitam a interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade é defendida como uma proposta metodológica que envolve a tomada de decisões em relação à aquisição do conhecimento pelos envolvidos no processo educativo. Assim sendo, é necessário repensar a formação inicial e continuada dos professores, pois a prática interdisciplinar requer trabalho e implica em romper com hábitos e crenças escolares. A organização fragmentada dos currículos escolares, o racionalismo e funcionalismo do poder público, a resistência dos educadores e as exigências de exames nacionais são barreiras a serem superadas nesse processo.

Os princípios teóricos e metodológicos não são as únicas bases para a prática do professor que ensina a ler e escrever. Segundo as autoras, há quatro dimensões a serem levadas em conta na alfabetização: a leitura, a produção textual, o conhecimento sobre o sistema de escrita e a formação crítica da consciência. Aprender a dominar a escrita em português do Brasil é um processo complexo, que envolve a construção de habilidades e capacidades analíticas e linguísticas (FALCÃO; OLIVEIRA, 2017).

Esta mesma entrevistada também se utiliza dos contos de fadas para promover o processo de alfabetização e letramento.

Os contos de fadas, dizem as mesmas autoras, são uma grande ferramenta no processo de alfabetização e letramento de crianças. Isso porque essas histórias apresentam personagens e situações que despertam a curiosidade e imaginação dos

pequenos, além de estimular a compreensão de conceitos, como bem e mal, certo e errado, entre outros.

Os contos de fadas também auxiliam no processo de aprendizagem da leitura e escrita, uma vez que apresentam um vocabulário simples e repetitivo, o que facilita a memorização e reconhecimento das palavras. Além disso, as histórias podem ser utilizadas para desenvolver habilidades de interpretação de texto, já que possuem enredos que exigem a compreensão do que está acontecendo na história.

Outro ponto importante é que os contos de fadas podem ser usados para incentivar a leitura e a escrita, uma vez que, ao se identificarem com as histórias, as crianças se sentem motivadas a ler mais e a produzir suas próprias narrativas. Além disso, os contos podem ser adaptados e recontados pelos próprios alunos, o que estimula a criatividade e a capacidade de expressão escrita.

Para Brandão e Rosa (2011), o uso de contos de fadas no processo de alfabetização é de extrema importância na Educação Infantil, já que as crianças são incentivadas através do lúdico, rodeadas pela escrita e pelo uso das suas diferentes funções. Ao envolver as crianças em práticas de leitura, mediadas por um adulto, elas ampliam suas experiências de letramento e seus repertórios textuais. Mesmo que ainda não saibam ler, estão compreendendo diversos textos e desenvolvendo o comportamento leitor. Ao inserir os contos de fadas nas possibilidades de práticas das leituras infantis, o professor permite que a criança entenda o texto e contexto, mediante o acesso ao imaginário.

Os contos de fadas ajudam a formar a personalidade da criança, aumentando seu repertório de conhecimentos sobre o mundo e transferindo para os personagens seus principais dramas. Além de encantar e distrair, os contos de fadas ajudam a criança a lidar com as divergências internas que estas encaram no processo de desenvolvimento.

Dessa forma, os contos de fadas no processo de letramento podem auxiliar na formação da criança, bem como interferir de modo positivo nas concepções do mundo que a cercam, promovendo situações que ampliem a linguagem da criança, possibilitando o direito de interagirem com o patrimônio cultural que é a escrita, bem como diferentes tipos de textos. O essencial é que as crianças estejam imersas em um contexto letrado desde a Educação Infantil, que desperte o interesse pela leitura (BRANDÃO; ROSA, 2011).

De volta às questões, a docente afirmou não ter dificuldades em elaborar os seus planos de aula e colocá-los em prática a partir de uma perspectiva interdisciplinar, já que aprecia muito seu trabalho. Para ela, o processo de alfabetização deve levar em consideração a realidade do educando. Daí sua proximidade com o método de alfabetização de Paulo Freire (1989).

Para o educador Paulo Freire (1989), os conteúdos, muitas vezes, não estão contextualizados em relação à realidade dos estudantes, tampouco levam em consideração suas vivências, as características regionais e os seus interesses. Por isso, tornam-se desestimulantes.

A proposta do referido educador era de uma alfabetização que partisse da realidade concreta dos estudantes e, para isso, as palavras eram muito importantes e eram progressivamente decodificadas foneticamente.

O método em questão foi pensado para adultos, pois parte das vivências destes, e não se restringia à decodificação das palavras, mas buscava inseri-las no uso social e político destas. É importante compreender que um dos mais importantes pilares da obra de Freire é a perspectiva de que, antes mesmo de aprender a leitura das palavras, os seres humanos já faziam a leitura do mundo, de modo que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 09).

É por isso que o processo de alfabetização precisa partir da realidade das pessoas que estão sendo alfabetizadas, para que estejam dentro de um contexto e que façam referência às coisas já conhecidas. Ao reescrever o mundo por meio da palavra, faz-se isso de forma consciente, refletida, permitindo que haja uma nova leitura do mundo, desta vez, sob outro prisma.

Quando questionada sobre a forma com a qual trabalha a interdisciplinaridade no letramento, a **entrevistada L** afirma que considera como interdisciplinaridade a atitude de aproveitar conteúdos de outras disciplinas para trabalhar o letramento. Ela dá como exemplo ensinar ciências e, ao mesmo tempo, focar em termos específicos para alfabetizar os alunos. Também comenta que trabalha com listas, que podem ser relacionadas à água, por exemplo, para enfatizar a importância do cuidado com esse recurso natural.

Além disso, ela menciona que é possível utilizar a arte em conjunto com outros conteúdos, como a Aquarela, para tornar o aprendizado mais dinâmico e interessante para os alunos. A professora acredita que, com o dia a dia de sala de aula, é possível

encaixar diferentes disciplinas e conteúdos de forma a promover uma aprendizagem mais ampla e integrada.

É certo que, diversas vezes em sua entrevista, esta educadora reitera a importância de se trabalhar a alfabetização por meio dos gêneros textuais, como receitas, rótulos, entre outros. Acerca deste ponto, lembra-se, com Marcuschi (2008), que cada texto está inserido em atividades sociais estruturadas e dependentes de textos anteriores, o que influencia a organização social. Os gêneros são formas textuais padronizadas que são reconhecidas pela sua circulação no contexto social e características textuais familiares.

O educador precisa escolher gêneros que contribuam para os processos de alfabetização e letramento dos alunos, levando em consideração a experiência prévia deles com os gêneros, explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar. Marcuschi (2008) ressalta que o trabalho com gêneros é uma oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos e que a diversidade de gêneros ajuda na ampliação do universo cultural e no contato constante com o mundo letrado.

Marcuschi (2008) destaca, ainda, a importância de compreender a língua como um organismo vivo e em constante transformação, que se desenvolve a partir das práticas sociais dos indivíduos. Para ele, a língua não pode ser reduzida a um código homogêneo exterior ao indivíduo, mas, sim, entendida como um fato social e resultado de um processo histórico. Assim, é fundamental proceder à alfabetização de crianças por meio do letramento, que valoriza a diversidade linguística e compreende a língua como um fenômeno variável e relacionado às práticas sociais.

A interação social é ferramenta indispensável para o desenvolvimento da linguagem e para que o indivíduo domine os códigos de escrita. Marcuschi (2008) defende que a constituição do *self* só é possível por meio do contato com outros seres humanos, que impõem limites e influenciam na formação da linguagem. É necessário que haja um entendimento comum entre os indivíduos para que a interação social por meio da linguagem seja efetiva. Além disso, Marcuschi ressalta que a linguagem deve ser compreendida como ação e que, apesar de ser influenciada pela interação social, também é fruto da internalização de representações sociais.

Gêneros textuais são diferentes tipos de textos, afirma o autor, que possuem diferentes propósitos sociais, podendo ser literários ou não, e são utilizados para

estruturar a linguagem. Eles podem ser narrativos, dissertativos ou argumentativos. Os gêneros textuais são importantes ferramentas no ensino de linguagem e contribuem para o desenvolvimento do letramento.

De acordo com Soares (2004), o conceito de letramento, utilizado na perspectiva do trabalho com gêneros textuais, não enxerga a língua apenas como um meio de transmissão ou comunicação, mas sim como um processo de interação em que o interlocutor vai construindo sentido e significado através das trocas linguísticas. Os significados são constituídos a partir da relação que se estabelece com a língua e o tema abordado. Soares (2004, p. 106) destaca:

No dia a dia, situações e práticas de leitura e escrita acontecem em contextos sociais ou profissionais, atendendo a necessidades ou interesses pessoais ou de um grupo, sendo vivenciados e interpretados de maneira natural, até mesmo espontânea. Na escola, situações e práticas de leitura e escrita são planejadas e estabelecidas, selecionadas com base em critérios pedagógicos, com objetivos pré-determinados, visando à aprendizagem e geralmente conduzindo a atividades de avaliação.

Os gêneros textuais têm a função de comunicar e transmitir um pensamento, sendo que alguns deles possuem características semelhantes a outros, mas com funções diferentes. Por exemplo, uma bula de remédio contém informações sobre o medicamento, seus efeitos esperados e a forma de uso, enquanto uma carta possui elementos como data, cidade, destinatário e enunciado. Portanto, ao analisar os instrumentos, percebe-se que os gêneros textuais são diferentes entre si, mas ainda são considerados textos (SOARES, 2004).

Os gêneros textuais são tipos de textos que são produzidos no cotidiano, possuindo características específicas, como formato, estrutura linguística e função. São facilmente distinguíveis, pois fazem parte das práticas sociais da sociedade (MARCUSCHI, 2008).

Trabalhar com gêneros textuais na alfabetização, prossegue o mesmo autor, é de grande importância, pois proporciona uma perspectiva de ensino contextualizada e permite que a criança reflita criticamente sobre o mundo em que está inserida.

Segundo Soares (2004), uma forma de abordar essa prática é por meio do uso do texto para desenvolver atividades gramaticais, analisando a língua em sua estrutura e funções gramaticais, frases e orações. Nesse sentido, é necessário refletir criticamente sobre o trabalho proposto pelos livros didáticos, que geralmente focam no ensino de regras gramaticais, limitando o ensino e aprendizagem da interpretação.

Refletir criticamente, então, sobre o emprego de gêneros textuais na alfabetização, mas, também, em todo o processo de ensino é essencial. Defender a reflexão na ação e sobre a ação implica reconhecer que refletir não apenas permite uma interpretação crítica da experiência vivenciada, mas também pode levar o educador a um processo criativo que vai além da simples aplicação de conhecimentos prévios. Dois aspectos importantes devem ser destacados: o primeiro é a dificuldade de implementar práticas reflexivas quando o trabalho docente é caracterizado pelo individualismo; o segundo é o fato de que, embora o conhecimento seja adquirido por meio da prática, ele não pode ser exclusivamente situado nela. É necessário ter uma base teórica sólida, que possa subsidiar a resolução dos desafios enfrentados no dia a dia escolar, e essas reflexões devem ser realizadas coletivamente, o mais próximo possível do contexto escolar (SCHÖN, 2000).

Portanto, a alfabetização de crianças por meio do letramento é importante para que eles possam se comunicar efetivamente e compreender as representações sociais presentes na linguagem, além de desenvolver sua subjetividade por meio da interação com outros indivíduos.

Ressalta-se, por fim, que, embora esta educadora pareça não planejar necessariamente suas aulas, já que teve grandes dificuldades em articular uma resposta acerca da forma como ensina as crianças a lerem e escreverem, ela parece ter alguma clareza quanto ao que é interdisciplinaridade e sua importância para se promover o letramento das crianças.

A resposta da **entrevistada M** sobre o que é interdisciplinaridade é incompleta, pois ela não consegue explicar claramente o que é interdisciplinaridade. Ela menciona que é a integração de várias disciplinas para ajudar a criança a ter uma compreensão mais ampla do mundo. Além disso, ela parece ter uma compreensão limitada do conceito, já que menciona apenas algumas disciplinas, quando, na verdade, a interdisciplinaridade envolve a integração de todas as disciplinas. Em resumo, enquanto a educadora tem uma noção básica do que é interdisciplinaridade, ela precisa aprimorar sua compreensão e capacidade de explicar o conceito de forma clara.

Já a respeito do emprego da interdisciplinaridade na alfabetização e no letramento, a resposta da educadora é limitada e não oferece muita clareza sobre o assunto. Ela apenas menciona que a interdisciplinaridade pode ajudar as crianças a entender o que estão fazendo ao ler e escrever, além de ajudá-las a construir

conhecimentos sobre o mundo. No entanto, ela não explica como isso pode ser feito de forma prática e como diferentes disciplinas podem ser integradas para promover uma aprendizagem mais significativa. Seria necessária uma resposta mais elaborada para explicar efetivamente o conceito de interdisciplinaridade na alfabetização.

A prática interdisciplinar na formação de docentes é fundamental para a alfabetização, segundo Lenoir (2005). A busca por um saber interdisciplinar permite incluir toda a experiência docente, levando em consideração a intenção e a função. A prática interdisciplinar permite o questionamento em relação às práticas tradicionais e alimenta indagações que nos levam a práticas inovadoras. É importante lembrar que a intenção é viabilizar a construção do conhecimento, e não tornar o processo mais complexo e difícil, tanto para o docente quanto para o discente. É necessário rever as metodologias de práticas passadas, retirando o que é bom e abandonando o que é velho, contribuindo com a interação entre as disciplinas, instituições e pessoas.

As respostas desta docente, ressalta-se, foram insuficientes, demonstrando que ela não possui um domínio teórico acerca da alfabetização. Quando indagada acerca das dificuldades que tem para elaborar práticas pedagógicas interdisciplinares na alfabetização e no letramento, a educadora falou em BNCC, fugindo completamente do assunto, sem articular uma resposta coerente.

A verdade é que, de acordo com Souza, Carvalho e Da Silva (2022), a prática interdisciplinar é fundamental para a alfabetização e letramento dos alunos, principalmente em tempos de pandemia, em que os professores precisaram ser criativos e utilizar diferentes meios para garantir o sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Estudos recentes, como o destes autores, mostram que é possível estimular a interdisciplinaridade entre as áreas de Língua Portuguesa, História, Ensino Religioso, Ciências e Geografia, por meio de atividades que tenham relação com o cotidiano das crianças. Além disso, é importante que o professor mude sua postura no ensino, contemplando diversas áreas do conhecimento, proporcionando um aprendizado mais contextualizado.

A utilização de materiais pedagógicos, sejam tecnológicos ou não, é essencial para a aprendizagem dos alunos, especialmente quando são utilizadas brincadeiras e ludicidade. Mesmo em locais com alunos de diferentes idades e séries, os professores devem buscar meios pedagógicos para o processo de alfabetização e letramento.

A professora, para terminar, reforça que ama alfabetizar, mas segue, até o fim da entrevista, sem esclarecer a forma como o faz, dando apenas indicações de

realizar um trabalho de alfabetização pelo método silábico. A prática interdisciplinar é fundamental para a alfabetização, pois a decifração mecânica de códigos não é suficiente para desenvolver a consciência crítica dos alunos. Paulo Freire (1989) criticava a educação bancária, em que os professores depositam informações nos alunos, alimentando a ignorância e opressão. Assim, a alfabetização deve ser libertadora e os alunos devem utilizar a leitura e escrita para atividades culturais e sociais.

Segundo Ferreiro (2001), a escrita é um produto cultural e não escolar, cumprindo funções sociais. Portanto, a alfabetização não é apenas uma habilidade mecânica, mas um processo contínuo de construção e reconstrução do código linguístico.

Por fim, a **entrevistada N** não foi capaz de articular uma resposta coerente acerca do que é interdisciplinaridade. Chamou apenas de “estratégia”, sem afirmar do que se tratava.

Quando indagada acerca da forma como se utiliza da interdisciplinaridade na alfabetização e no letramento, a entrevistada afirmou:

Bem, olhe! Diante, diante, da diante da, na minha prática, o que é que eu posso dizer né? Sobre interdisciplinar. A Interdisciplinaridade no processo de alfabetização ajuda muito, né?! Porque a partir das outras disciplinas eu também vou abordar a leitura, a escrita de forma diferenciada e de forma lúdica também trabalhando com material concreto na disciplina de matemática entre outras situações.

O que se pode notar com clareza é que a entrevistada confunde ludicidade e interdisciplinaridade. Todavia, ressalta-se que, no momento em que deve descrever algumas das suas práticas interdisciplinares, a entrevistada afirma:

Eh...vamos como eu posso falar né? Eu pego um tema, né? Gosto muito de trabalhar da seguinte forma: Um livro paradidático eh... abordando no caso agora no carnaval *Frevolina* (livro paradidático). Trabalhei com eles o texto, aí eu já vou trabalhar ciências; eu posso trabalhar artes daquele texto, daquele livro paradidático. Inicialmente, eu desenvolvo, né? Os conteúdos que eu posso trabalhar. Quais habilidades que os alunos terão que ser desenvolver no decorrer daquele período, né? Pode ser semanal ou quinzenal vai de acordo com o planejamento.

De certa maneira, então, pode-se afirmar, a educadora realiza um trabalho interdisciplinar. No entanto, a incapacidade de articular um conceito mais claro acerca do que isto seja, impede-lhe de explorar todas as possibilidades desta.

De forma geral, o que se tem percebido nos educadores com os quais se trabalhou é a incapacidade de autorreflexividade, isto é, de voltar o pensamento para as suas próprias práticas pedagógicas.

Não se tratam, assim, de professores necessariamente reflexivos.

O que se se pôde perceber, ao longo desta pesquisa, é que na fase de alfabetização, os professores precisam ensinar a leitura e a escrita através das práticas sociais. Dessa forma, os alunos podem ser alfabetizados no contexto do letramento e a escola pode cumprir esse objetivo de forma interdisciplinar, promovendo diálogos entre as diferentes disciplinas e evitando a fragmentação do conhecimento, já que a realidade dos alunos não é desintegrada.

Por esta razão, pode-se afirmar que o presente pesquisador reconhece que o trabalho interdisciplinar é desafiador e complexo, pois não se busca apenas ensinar os alunos a ler e escrever, mas também desenvolver competências em diversas áreas do conhecimento.

Portanto, é necessário romper com abordagens simplistas, como acontece com inúmeros dos educadores entrevistados, que praticam a alfabetização a partir de modelos tradicionais e antigos, e envolver os diferentes saberes de forma articulada. Uma prática baseada no letramento tem potencial para promover a interdisciplinaridade.

Por meio de projetos e sequências didáticas, o professor pode utilizar recursos estratégicos para trabalhar as diferentes áreas do currículo de forma criativa e interdisciplinar. Embora projetos e sequências didáticas tenham objetivos e características diferentes, ambos permitem a inclusão de conhecimentos de outras áreas no processo educacional.

Durante a alfabetização, uma maneira de abordar os conteúdos de forma interdisciplinar, como se viu ao longo desta pesquisa, é valorizar as relações entre leitura, escrita e gêneros textuais, possibilitando que os alunos aprendam não apenas em Língua Portuguesa, mas também em outras disciplinas.

É certo que ações planejadas com base no letramento favorecem a seleção de textos e a criação de situações que envolvem atividades de leitura, escrita e oralidade de maneira interdisciplinar. O que diversos dos educadores entrevistados parecem

não perceber é que a leitura pode ser um elo integrador de diferentes áreas do conhecimento e deve ser conduzida pelo professor como mediador pedagógico, visando não só a apropriação da linguagem escrita, mas também o desenvolvimento de capacidades de linguagem para a interação social.

A escrita também pode promover um ensino que envolva o uso real da linguagem, evitando atividades descontextualizadas. Para que os alunos se apropriem da linguagem escrita de forma progressiva, é importante criar situações que envolvam diferentes gêneros textuais, como listas de compras e bilhetes. Neste caso, ressalta-se que algumas das entrevistadas praticam este tipo de estratégia, mas parecem não se dar conta de que o que estão fazendo é letrar os educandos e, também, empregar a interdisciplinaridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se explorar as opiniões e perspectivas dos professores sobre alfabetização e letramento numa abordagem interdisciplinar. Em um primeiro momento, realizou-se a leitura de obras (tanto livros, como teses, dissertações ou artigos científicos) que buscassem contribuir para uma sistematização destes três conceitos-chave, a saber: a alfabetização, o letramento e a interdisciplinaridade.

O que se pôde perceber, ao longo do marco teórico desta pesquisa, é que a relação entre alfabetização e letramento é estreita e complementar. Ambos os conceitos estão relacionados ao domínio da leitura e escrita, mas têm abordagens diferentes. A alfabetização, sabe-se, refere-se ao processo de aprendizagem das letras, da correspondência entre sons e letras, e da codificação ou, ainda, decodificação de palavras e frases.

Já o letramento vai além da decodificação e envolve o uso efetivo da leitura e escrita para compreender e interagir com o mundo. Envolve a capacidade de interpretar textos, analisar informações, construir conhecimentos a partir da leitura e escrever de forma adequada a diferentes contextos e propósitos. Assim, uma das estratégias mais empregadas no letramento, como se pôde verificar no marco teórico, é justamente a dos gêneros textuais. O letramento, portanto, é um processo contínuo que se desenvolve ao longo do ano letivo, sendo influenciado por diversos fatores, como o acesso a diferentes tipos de textos, a prática constante da leitura e escrita e a participação em atividades que exijam o uso da linguagem escrita.

Além disso, ainda com respeito ao referencial teórico desta pesquisa, destacou-se a importância da interdisciplinaridade. Com este conceito, estamos nos referindo à integração de diferentes componentes curriculares ou áreas de conhecimento em um único contexto.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade é fundamental para a compreensão e a realização efetiva da alfabetização e letramento. Ao se trabalhar a alfabetização e letramento de maneira interdisciplinar, é possível explorar diversas áreas do conhecimento, como a linguagem, a matemática, as ciências, as artes, entre outras.

Além disso, a interdisciplinaridade também permite uma abordagem mais contextualizada e significativa para a alfabetização e letramento. Os alunos conseguem relacionar os conhecimentos adquiridos em diferentes disciplinas, compreendendo que a escrita não é apenas um conjunto de letras e palavras isoladas.

Destaca-se que, também nesta pesquisa, foram entrevistados catorze educadores, com o objetivo de descobrir de que forma eles conceituavam a interdisciplinaridade e como a utilizavam como desenvolvem o processo de alfabetização e letramento. Ao longo das entrevistas, foi possível perceber que a maioria dos educadores compreende a interdisciplinaridade como a integração de diferentes áreas do conhecimento, mas nem sempre consegue colocá-la em prática de forma efetiva.

Dentre os entrevistados, apenas as entrevistadas J e K pareceram utilizar de fato a perspectiva indisciplinar em suas práticas pedagógicas. Elas relataram que buscam integrar diferentes áreas do conhecimento de forma a enriquecer o processo de aprendizagem dos alunos, mas também valorizam o aprendizado específico de cada disciplina.

É importante ressaltar que a interdisciplinaridade pode ser uma ferramenta muito poderosa para a alfabetização e letramento, pois permite que os alunos compreendam melhor os conteúdos e estabeleçam conexões entre eles. Além disso, a interdisciplinaridade também pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades como a criatividade, a capacidade de resolver problemas e o pensamento crítico.

A alfabetização e o letramento, não esqueçamos, são processos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, pois proporcionam o acesso à cultura escrita e à capacidade de compreender e se comunicar por meio dela. No entanto, esses processos não são apenas responsabilidade da disciplina de Língua Portuguesa, mas sim de todas as áreas de conhecimento.

A interdisciplinaridade, então, é essencial no processo de alfabetização e letramento, pois permite que diferentes áreas do conhecimento sejam integradas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada para os alunos. Por exemplo, a matemática pode ser trabalhada de forma interdisciplinar na leitura e interpretação de gráficos, tabelas e mapas, enquanto a história pode ser utilizada para contextualizar as diferentes formas de escrita ao longo do tempo.

A interdisciplinaridade não deve ser entendida como uma simples fusão de componentes curriculares, mas sim como uma abordagem pedagógica que busca integrar diferentes áreas do conhecimento de forma consciente e planejada.

No entanto, é preciso que os educadores estejam preparados para colocar a interdisciplinaridade em prática, o que pode exigir uma maior articulação entre as diferentes disciplinas e uma revisão dos currículos escolares. É fundamental, vale

dizer, que os professores tenham uma formação adequada e contínua, para que possam aprimorar suas práticas pedagógicas e utilizar de forma efetiva a interdisciplinaridade.

Diante disso, fica claro que a interdisciplinaridade pode ser uma estratégia eficiente para a alfabetização e letramento, mas é preciso que os educadores tenham a disposição de colocá-la em prática, e que as instituições de ensino ofereçam condições adequadas para que isso aconteça. Portanto, é importante que sejam criados espaços de reflexão e capacitação para os educadores, de forma a estimular a utilização da interdisciplinaridade como método de ensino e aprendizagem.

Assim, observamos que a maioria dos participantes desta pesquisa (12 de 14), não utilizam práticas interdisciplinares, ou o fazem sem qualquer planejamento e alheios às teorias atuais de alfabetização. Grande parte deles, pelo que se pôde identificar, fazem uso de métodos de alfabetização tradicionais. Além disso, tem-se a impressão de que os professores que fizeram menção, por exemplo, ao método fônico, desconhecem o que este signifique, de forma que se utilizam, na prática, do método silábico de alfabetização.

Entre os pontos convergentes dos resultados, está, sem dúvida, o desconhecimento, por parte dos educadores, do próprio método de alfabetização. Não se quer dizer, fique claro, que sejam maus educadores. Longe disso! O que se destaca, apenas, é que embora tenham dificuldade em sistematizar o próprio trabalho, no sentido de descrevê-lo teoricamente, realizam um esforço louvável para alfabetizar as crianças.

A perspectiva interdisciplinar abordada neste estudo é fundamental para a ampliação do olhar sobre a alfabetização e o letramento, pois considera a integração de diferentes áreas do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. Este estudo revelou que, apesar do não domínio pleno dos educadores acerca da conceituação das práticas interdisciplinares, foi possível identificar algumas delas realizadas por eles. Além disso, alguns educadores, apesar da já mencionada dificuldade em conceituar sua prática, apontam a necessidade de promover práticas pedagógicas que estimulem a reflexão, o diálogo e a participação ativa dos alunos no processo de alfabetização e letramento. Eles destacam a importância de proporcionar um ambiente de aprendizagem acolhedor e desafiador, onde os estudantes se sintam motivados a explorar e investigar diferentes fontes de informação, como livros, jornais, revistas e meios digitais.

Por fim, no que diz respeito aos estudos futuros, destaca-se que acreditamos ser importante verificar, por meio da prática da observação dos participantes, a realidade da sala de aula, sem que nos atenhamos apenas aos dados proporcionados pelas entrevistas. Além do mais, poder-se-ia investigar os materiais didáticos utilizados pelos educadores, com o propósito de compreender em que medida favorecem a interdisciplinaridade.

Além disso, outro aspecto relevante a se abordar é a valorização da diversidade cultural e linguística presentes na sala de aula. Trata-se de destacar de a importância de reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão e de aprendizagem dos estudantes, considerando suas vivências e experiências individuais, para as práticas de alfabetização, percebendo seu impacto.

A promoção de uma educação inclusiva e igualitária é fundamental para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de desenvolver suas habilidades de alfabetização e letramento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A.; CARNEIRO, W. Notas sobre alfabetização e letramento no âmbito de uma política pública: PNAIC em questão. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 42348-42364, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12493/10543>.> Acesso em: 03 jan. 2023.
- ALMEIDA, L. C. A consciência fonológica e os níveis de metalinguística. In: CAPELLINI, S. A.; CIASCA, S. M. (Orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: da avaliação à reabilitação**. São Paulo: Plexus, 2018. p. 63-80.
- AMORIM, M. C. S.; DE SOUSA, A. C. M.; KOCHHANN, A. Pedagogia e linguagem: experiência interdisciplinar a partir da formação continuada no “chão da escola”. **Mediação**, v. 13, n. 1, p. 52-66, 2018.
- ANSILIERO, J. B.; SOPELSA, O. Os processos do ensino e da aprendizagem na alfabetização e letramento a partir da interdisciplinaridade. **Colóquio Internacional de Educação**, v. 2, n. 1, p. 963-976, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/coloquiointernacional/article/view/5084/3223>.> Acesso em: 03 jan 2023.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARROS, P. C. **Alfabetização: conhecimentos necessários à prática docente**. 2019. 42 f. Monografia (Graduação) - Graduação em Pedagogia, *Campus* Universitário de Miracema, Universidade Federal do Tocantins - UFT, 2019.
- BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BEDIN, E. Seminário integrado, interdisciplinaridade e formação docente: tríade no ensino médio politécnico. **Itinerarius reflectionis**, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ir.v13i1.39266>.> Acesso em: 25 jan 2023.
- BELINTANE, C. **Da corporalidade lúdica à leitura significativa: subsídios para formação de professores**. São Paulo: Scortecci, 2017
- BEHRMANN, R. M. P. As práticas interdisciplinares com alfabetização e letramento em classes multisseriadas. **Minerva: Magazine of Science Estudos e Investigaciones**, v. 1, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://www.minerva.edu.py/articulo/72/>.> Acesso em: 30 dez. 2022.
- BEZERRA, Maria do Socorro Felix; COSTA, Vanda Elizete Vieira da. Alfabetização e letramento, ensino da leitura e escrita nas séries iniciais: algumas considerações. **ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2021. Disponível em:

http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/21/8739-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf Acesso em: 25 out 2022.

BIANCHETTI, L.; JANTSCH, A. P. **A interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BISPO, N. A. **A alfabetização de jovens e adultos**: a valorização dos diferentes conhecimentos. 2018, 62 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica do Estado do Paraná, Mata de São João, 2018.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAIDA, L. S.; HECK, M. C. A importância das aulas práticas na alfabetização matemática. **X Seminário Internacional de Alfabetização**, Resumo expandido 8694, 5 p. 2017.

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório SAEB/ANA 2016: panorama do Brasil e dos estados**. Brasília: Inep, 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 14 mar. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: primeiro ao quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174p.

BRISOLLA, L. A prática pedagógica no ensino superior: planejamento, interdisciplinaridade e metodologias ativas. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 4, n. 1, p.77-92, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.30905/ded.v4i1.157>> Acesso em: 15 mar. 2023.

BRITO, A. E. Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 44, v. 4, p. 1-9, 2007. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/1877Brito.pdf>.> Acesso em: 12 fev. 2023.

CABRAL, N. **Sequências didáticas: estrutura e elaboração**. Belém: SBEM / SBEM-PA, 2017.

CARDOSO, C. H. A., DA LUZ, A. C. e LAFONTAINE, D. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARNEIRO, F. V. **Letramento digital: As implicações do uso do software na aprendizagem de crianças com baixa proficiência em leitura e escrita**. 2013. 212 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade da Madeira, 2013.

CARVALHO, J. S. *et al.* Alfabetização científica nas séries iniciais do ensino fundamental. **Ciclo Revista**, v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/ciclo/article/view/749/581> Acesso em: 30 dez. 2022.

COLACIQUE, R. C.; VARGAS, D.; REYNOZO, A. **Reflexões e Narrativas Pedagógicas**. 1. ed. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020. 194p.

COLELLO, S. M. G. **A escola que (não) ensina a escrever**. 2. ed. rev. São Paulo: Summus, 2012.

COLELLO, S. M. G. **A escola e as condições de produção textual: conteúdos, formas e relações**. 2015. 495 p. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2015.

CONCEIÇÃO, R. C.; ROCHA, A.; GRANDO, R. C. A colaboração na docência polivalente: uso da literatura como possibilidade interdisciplinar no desenvolvimento do pensamento algébrico. **Revista APeDuC: Investigação e Práticas em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia**, v. 3, n. 1, p. 102-117, 2022. Disponível em: <<https://apeduc revista.utad.pt/index.php/apeduc/article/view/271>.> Acesso em: 16 fev. 2023.

CONDERA, A. A. *et al.* Projeto assistência à docência: da teoria às práticas interdisciplinares em uma escola municipal urbana de Manaus/AM. **Extensão em Revista**, n. 10, p. 124-133, 2022. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/extensaoemrevista/article/view/2529/1401>.> Acesso em: 30 dez 2022.

COSTA, A. P. *Et al.* A equipe interdisciplinar no contexto hospitalar. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, 17(38), 1-20. 2021.

DCNEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FALCÃO, E. S.; OLIVEIRA, A. K. M. de. Dimensões da alfabetização: letramento e numeramento. **Educação em Revista**, v. 33, e161897, 2017.

FAZENDA, I. C. A. **Práticas interdisciplinares na escola**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade: Didática e Prática de Ensino. **Revista Interdisciplinaridade**, n. 6, p. 9-17, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/22623/16405>.> Acesso em: 14 jan. 2023.

FERNANDES, A. M. M.; MARINHO, G. O.; BATISTA, M. D.; OLIVEIRA, G. F. O construtivismo na educação. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 12, n. 40, p. 138-150, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.14295/idonline.v12i40.1049>.> Acesso em: 10 jan. 2023.

FERNANDES, J. E. I.; TEIXEIRA, Z. D.; ROLIM, P. P. A. O papel da gestão escolar no processo de alfabetização e letramento. **Concilium**, v. 22, n. 7, p. 133-152, 2022. Disponível em: <<http://www.clium.org/index.php/edicoes/article/view/661>.> Acesso em: 30 dez. 2022.

FERRAZ, D.; DUBOC, A. P.; SOUZA, L. M. M. Pesquisas, políticas e práticas educacionais em curso: conversa com Ana Paula Duboc e Lynn Mario Menezes de Souza sobre heterogeneidade e normatividade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/01031813815901620201013>.> Acesso em: 19 out. 2022.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

FERREIRO, E. **Atualidade de Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2001b.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Art Med, 2008.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FIGUEIREDO, A. C., RASPANTE, M. F. e SOUSA, S. H. Políticas Públicas Educacionais para a Educação. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. e351464, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i5.1464. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1464>> Acesso em: 5 jan. 2023.

FONSECA, J. R.; TEIXEIRA, L. R.; CARMONA, D. A. O s, a literacia e o trabalho com TICs durante a pandemia de Coronavírus em 2020. **Texto Livre**, v. 14, n. 2, p. e34333, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/1983-3652.2021.34333>.> Acesso em: 10 jan. 2023.

FORTUNATO, R. P.; CONFORTIN, R. Interdisciplinaridade nas escolas de educação básica: da retórica à efetiva ação pedagógica. **Revista de Educação do Cogeime**, v.

22, n. 43, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v22n43p75-89> Acesso em: 12 fev. 2023.

FRAGA, A. Método fônico: a chave para a alfabetização eficaz. **Neurosaber**, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/metodo-fonico-a-chave-para-a-alfabetizacao-eficaz/#:~:text=O%20m%C3%A9todo%20f%C3%B4nico%20geralmente%20utiliza,d e%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20cada%20crian%C3%A7a> Acesso em: 29 abr. 2022

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.> Acesso em: 10 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: Em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. O. Alfabetização, letramento e interdisciplinaridade: diálogo sobre práticas integradoras. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 7, n. 1, p. 39-55, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/praticasdelinguagem/article/view/28531>.> Acesso em: 30 dez. 2022.

FREITAS, M. T. A. Língua falada e consciência fonológica: uma relação necessária. In: Freitas, M. T. A.; Corso, H. L.; Cavalcanti, M. C. (Orgs.). **Linguagem: leitura e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 156-174, 2003.

GARCIA, J. A interdisciplinaridade segundo os PCNs. **Revista de Educação Pública**, v. 17, n. 35, p. 363-378, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/494>.> Acesso em: 22 fev. 2023.

GATTI, B. A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 57--70, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vBFnySRRBJFSNFQ7gthybkH/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso em: 05 mar. 2023.

GIL, J. A. R. S.; SOUZA, M. A. **A formação de professores alfabetizadores a partir de uma perspectiva interdisciplinar**. AMBROSETTI, N. B.; SANTOS, R. A. (Orgs.). Taubaté: Ed Unitaú, 2018, p. 18.

GOULART, C. Cultura escrita e escola: letrar alfabetizando. *In*: MARINHO, M. (Org.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GOMES, L.; MORAES, F. **Alfabetizar**: letrando com a tradição oral. São Paulo: Cortez, 2013.

GONTIJO, C. L. B. Avaliação diagnóstica: conceitos e práticas nas séries iniciais do ensino fundamental. **Cadernos da Pedagogia**, v. 16, n. 34, p. 29-38, jan.-abr. 2008.

GROSSI, E. P. **Método fônico: uma proposta para a alfabetização**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HAAS, C. M. Interdisciplinaridade: uma nova atitude docente. **Olhar de Professor**, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1481>.> Acesso em 12 fev. 2023.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=30431&t=o-que-e> Acesso em: 14 mar. 2022.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. *Narrative interviewing*. *In*: BAUER, M.; GASKELL, B. (Eds.). **Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook**. London, England: Sage Publications, 2000, p. 57-74.

JULIO, E. **Políticas públicas de educação e formação do professor alfabetizador**: O projeto bolsa escola pública e Universidade na alfabetização inicial. 2012. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

KOERNER, R. M.; CRISTOFOLINI, M. N. O letramento como temática na formação docente: O que dizem os professores alfabetizadores. **Questio-Revista de Estudo em Educação**, v. 24, p. 22-28, 2022. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2022v24id4087>.> Acesso em: 12 jan. 2023.

KRAMER, S. **Alfabetização leitura e escrita**: formação de professores em curso. São Paulo: Editora Ática, 2010.

LEAL, T. *et al.* **Produção de textos na escola: Reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEITE, O. S. L.; DUARTE, J. B. Aprender a Ler o Mundo: adaptação do método de Paulo Freire na alfabetização de crianças. **Revista Eletrônica Acolhendo a**

Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, v. III, n. 5, sep.-febr., 2009, p. 22-37.

LEONIR, Y., REY, B. e FAZENDA, I. C. A. **As ciências da educação e a formação de professores: entre saberes e competências**. São Paulo: Cortez, 2001.

LENOIR, Y. Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas. **E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2005. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/1213> Acesso em: 29 mar. 2022.

LIMA, C. A. **O hipertexto eletrônico: Novos paradigmas para a prática e o ensino de leitura**. 2011. 48 p. Monografia (Pós-Graduação em Tecnologia Educacional) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2011.

LOPES, J. R.; VICTER, E. F.; CATARINO, G. F. C. Alfabetização: uma reflexão interdisciplinar. **Cadernos do CNLF**, v. 21, n. 3., Anais do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia: Textos Completos, IICiFEFiL, 2017.

LOUREIRO, V. J. S. Ensino da compreensão leitora em língua adicional pela plataforma Moodle. **Educação ressignificada: formação docente e práticas disruptivas**, n. 8, p. 1-14, 2015.

LUZ, R. M.; DOMINGUES, C. L. K. Um planejamento de alfabetização integrado com os diversos componentes curriculares. **Anais da mostra de iniciação científica do CESUCA**, n. 15, 2021. Disponível em: <<https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/2000>> Acesso em: 04 jan. 2023.

MACIEL, F. LÚCIO, I. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios das articulações entre teoria e prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L.A. Escrevendo na escola para a vida. *In*: RANGEL, E. O.; ROJO, R. (Orgs.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MARTINS, P. B. **Mundo letrado, mundo desejado: alfabetização e histórias de vida**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

MICOTTI, M.C.O. A construção da leitura e da escrita e o ensino. *In* MORTATTI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S. (Orgs.). **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos ou queremos?** Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Editora Unesp, 2014. 352 p.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, M.; MASINI, E. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

MORORÓ, L. P. A influência da formação continuada na prática docente. **Educação & Formação**, v. 2, n. 4, p. 36-51, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.25053/edufor.v2i4.1961>.> Acesso em: 14 mar. 2023.

MORTATTI, M. R. L. Alfabetização, política e democracia: impactos do passado em pactos do presente. **Perspectivas em Diálogo**, v. 5, n. 10, p. 5-32, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/7174>.> Acesso em: 10 fev. 2023.

MÜLLER, A. **Práticas interdisciplinares no processo de alfabetização: uma análise sobre as propostas didáticas do PNAIC**. Juiz de Fora: UFJF, 2018.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2000.

OLIVEIRA, J. B. A. **Programa Alfa e Beta: ABC do Alfabetizador**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2008.

PEREIRA, W. S. C.; BEZERRA NETO, L. Educação básica: planejamento interdisciplinar na alfabetização multisseriada em escolas do/no campo, águas e florestas na Amazônia. **Seminário Internacional de Educação HISTEDBR**, 2019.

PICAWY, M. M.; ACOSTA, A. J. SCHEIBEL, M. F. COSTA, M. R. **Projetos Interdisciplinares**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

PIRES, M. O. C.; MOREIRA, J. N.; CATARINO, E. M. Navegando no processo de construção da alfabetização e do letramento. **Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**, Centro Universitário de Mineiros – Unifimes, 2017.

RIBEIRO, C. I. F. **Alfabetização e letramento na escola do campo**. 2015. 67 p. Monografia (Letramentos e práticas interdisciplinares nos Anos Finais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

RIBEIRO, M. C. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, 36(128), 223-2471, 2012.

ROJO, R. **Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ROSSI, F.; HUNGER, D. A formação continuada de professores: entre o real e o "ideal". **Pensar a Prática**, v. 15, n. 4, p. 915-932, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/15564>.> Acesso em: 10 mar. 2022.

RUEDA, F. M. **Estruturas internas da palavra**. São Paulo: Ática, 1995.

SAMPAIO, A. T. L. Pedagogia vivencial humanescente: educação para o sentipensar a condição humana. *In*: CAVALCANTI, K. B. (Org.) **Pedagogia vivencial humanescente**: educação para o sentipensar os sete saberes na educação. Curitiba: CRV, 2010.

SANTANA, M. L. S. **O pensar e o fazer de alfabetizadoras participantes da proposta do SIGA em Mato Grosso**. 2013. 232 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

SANTIAGO, B. F. et al. Vivências educativas na escola municipal ambientalista Chico Mendes: interdisciplinaridade e experiências ressignificativas em um contexto rural rodoviário. **Extensão em Revista**, n. 10, p. 67-76, 2022. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/extensaoemrevista/article/view/2525/1397>.> Acesso em: 04 jan. 2023.

SANTOS, João. O impacto da pandemia na alfabetização infantil no Brasil. **Educação em Foco**, Brasília, v. 15, n. 3, p. 10-25, set. 2022.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v. 2, n. 1, p. 112-133, 2015.

SANTROCK, J. W. **Psicologia educacional**. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SERPA, I. A.; BALDONI, D. B. Ensino de Ciências: relato de experiência docente em uma turma de 3º do Ensino Fundamental. **Revista de Ciências da Educação, Americana**, v. 23, n. 48, p. 1-22, 2021. Disponível em: <<https://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/11/9>.> Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA, F. S. da. **Consciência fonológica e língua estrangeira: um estudo acerca da aprendizagem de espanhol por falantes brasileiros**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.

SILVA, M. A. S. S. A linguagem escrita numa perspectiva interacionista: Embates e Similaridades. **Caderno ideias**, n. 20, FDE, 1993.

SILVA, R. M. C.; NASCIMENTO, M. V. **A interdisciplinaridade na aquisição da leitura e da escrita**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, - PIBID/Capes, Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. 2012.

SILVA, C. R. O ciclo de alfabetização: a interdisciplinaridade como facilitadora no processo de alfabetização. **Revista Artigos. Com**, v. 3, p. e1108, 2019. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/1108>> Acesso em: 30 dez. 2022.

SILVA, M. J. Prática docente: a ludicidade no desenvolvimento da aprendizagem. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação**, Faculdade São Luís de França – SE, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA101_ID7433_09072021132838.pdf> Acesso em: 10 mar. 2022.

SILVA, P. F.; ARAÚJO, F. M. B. Porque temas transversais não significam transversalidade (ou transdisciplinaridade)? **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e37996677, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6677>> Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, W. S.; QUEIROZ, A. P. T. A prática pedagógica socioconstrutivista da cartografia do curso de licenciatura em geografia do IFPE por meio do estágio Supervisionado. **Anais do V Congresso Internacional das Licenciaturas, IJET-PDVL**, v.2, n.1 p. 150-163, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00021>> Acesso em: 12 jan. 2023.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2001. 95 p.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. 5-17, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>> Acesso em: 01 mar. 2023.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOLA, R. A. P. **Jogo digital**: Uma possibilidade pedagógica para a alfabetização e o letramento. 2019. 159 p. Dissertação (Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

SOUSA, I. V. O professor de língua portuguesa no Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n. 10, p. 131-144, 2019a.

SOUSA, I. V. Letramento e formação do professor de língua portuguesa: políticas, perspectivas e tensões. **Revista Sítio Novo**, v. 3, n. 1, p. 30-38, 2019b.

SOUSA, I. V. **O letramento na deficiência visual e as questões de revisão textual em braille**. In: SOUSA, I. V. A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes (v. 3). Ponta Grossa: Atena Editora, 2019c.

SOUSA, L. S.; CARVALHO, M. B.; SILVA, E. C. N. PIBID e formação docente no ensino remoto: experiências interdisciplinares no Subprojeto de Alfabetização e Letramento. **Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da**

Educação, v. 1, n. 3, p. 192-200, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.29327/235555.1.3>> Acesso em: 04 jan. 2023.

SOUZA, C. **Círculos de cultura infantil: O método Paulo Freire na alfabetização de crianças: um estudo aproximativo socioconstrutivista**. 2006. 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Uninove - Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, 2006.

SOUZA, V. F.; SOUZA, D. C. I. J. Praticando a interdisciplinaridade no ensino de geografia por meio das tiras em quadrinhos e cartuns. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 2, p. 128-144, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5433/2447-1747.2017v26n2p128>> Acesso em: 14 jan. 2023.

SOUZA, C. S. Alfabetização matemática: o uso dos gêneros textuais na alfabetização matemática nas series iniciais do ensino fundamental. **V CONEDU: Congresso Nacional de Educação**, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD4_SA13_ID4908_17092018164137.pdf> Acesso em: 30 dez. 2022.

STREET, B. **Letramentos sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TELES, A. S.; CORRÊA, A. D. Livro-brinquedo de plantas medicinais: uma proposta de ensino de ciências e alfabetização–língua portuguesa com turma de 1º ano do ensino fundamental. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 12, n. 2, p. 293-324, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7222049>> Acesso em: 04 jan. 2023.

TERRA, M. R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio cultural dos usos da escrita. **Revista DELTA.**, v. 29, n. 1, p. 29-58, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502013000100002>> Acesso em: 18 jan. 2023.

TRAMONTIN, L. E.; PINHEIRO, N. A. M.; COSTA, J. M. Literatura infantil e o ensino de matemática: uma prática para o 2º ano do ensino fundamental I. **VIDYA**, v. 42, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/3272/2884>> Acesso em: 04 jan. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Alfabetização: a urgência da aprendizagem**. São Paulo: Todos pela Educação, 2022. 16 p. Disponível em: <1>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2015.

VIEIRA, Z. P. P.; SANTOS, C. E. F. Clássicos conteúdos de cartilhas seculares ainda lembrados em livro socioconstrutivista. **Fólio - Revista de Letras**, v. 10, n. 2, p.

481-502, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22481/folio.v2i10.4294>> Acesso em: 12 fev. 2023.

VILLAR, A. A., SILVA, M. J. D., & SANTOS, M. C. Prática docente: a ludicidade no desenvolvimento da aprendizagem. **Anais do Congresso Nacional de Educação**, 3, 1-121, 2016.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZANELLA, A. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 2, p. 57-63, 2001.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev. atual. ampl. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A presente pesquisa contou com um questionário semiestruturado que teve como principal finalidade obter resultados de cunho qualitativo, com a intenção de gerar uma base de análises mais profunda em relação a amostra selecionada para compor o trabalho. Ainda, buscou compreender o fenômeno com um olhar mais individualizado, oportunizando a fala completa dos participantes em relação à temática.

A primeira parte do questionário teve como função identificar os participantes, sendo composta por perguntas como: nome, idade, sexo e informações sobre o magistério e, principalmente, sobre o ato de lecionar. Já a segunda parte foi composta por indagações sobre a formação do docente. E por fim, o questionário trouxe indagações acerca das concepções teórico metodológicas que envolvem o magistério e a experiência de cada profissional. O roteiro pode ser observado a seguir:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome:
2. Para qual ano leciona atualmente?
3. Quanto tempo tem de atuação no magistério?

FORMAÇÃO DOCENTE:

4. Qual a sua formação?
5. Fez algum curso de pós-graduação? Se sim. Qual?

CONCEPÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

6. Como você ensina as crianças a lerem e escreverem?
7. O que você entende por interdisciplinaridade?
8. O que você entende por interdisciplinaridade no processo de alfabetização e letramento?
9. De que forma você aplica o processo interdisciplinar em suas práticas pedagógicas?

10. Você tem dificuldade em elaborar atividades de alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar?

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA DA SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA



PREFEITURA DO RECIFE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA
GERÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

CARTA DE ANUÊNCIA Nº 45/2023

Recife, 23 de fevereiro de 2023.

Informamos que **JOSIVALDO BARBOSA DA SILVA**, estudante do Curso de MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, ofertado pela Universidade Católica de Pernambuco, com Projeto intitulado "**OS SABERES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES EM SUA REALIDADE?**", está autorizado a realizar nas Escolas Municipais Pintor Lula Cardoso Ayres, Jordão Baixo, Deputado Edson Cantarelli, do Leão, Menino Jesus, Educador Paulo Freire, Pastor José Munguba Sobrinho e Engenheiro Henocho Coutinho, pesquisa qualitativa mediante a aplicação de entrevista semiestruturada com 10 (dez) professores(as) da(s) unidade(s) educacional(is) mediante autorização por escritos dos(as) participantes.

O objetivo do Projeto é analisar os saberes e a práxis dos docentes nas questões referentes à interdisciplinaridade na perspectiva da alfabetização e letramento.

O Projeto está sob a orientação da Prof^a Dr^a Rossana Regina Guimarães Henz, docente da Universidade Católica de Pernambuco.

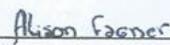
Ressaltamos que o referido pesquisador se compromete a atuar de acordo com as normas éticas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, conforme Resolução CNS/CONEP nº. 466/2012 e com toda a normatização da Rede Municipal de Ensino (<http://www.portaldaeducacao.recife.pe.gov.br/> e <https://www.cepe.com.br/prefeituradiario/>), estando ciente de que todas as ações metodológicas da pesquisa devem ser previamente acordadas com

os/as professores/as, a coordenação pedagógica e a gestão da Unidade Educacional, de modo a respeitar o fluxo das atividades realizadas, o planejamento e a carga horária dos/as docentes, a Matriz Curricular da Rede e os dias letivos dos/as estudantes.

O pesquisador compromete-se, sempre que solicitado pela Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER), a fornecer informações acerca de sua pesquisa, que não trará nenhuma despesa para esta Rede e está ciente de que o descumprimento de qualquer orientação exposta nesta Carta de Anuência confere à RMER o direito de suspender o efeito da anuência a qualquer tempo e sem nenhum ônus.

Salientamos que para as ações de intervenção, gravações (áudio ou vídeo), entrevistas, registros de imagens de pessoas ou do espaço, o pesquisador deverá solicitar autorização individual por escrito, com data e assinatura dos indivíduos e entregar à gestão da unidade educacional cópias xerocadas dessas autorizações.

Explicita-se, também, que o pesquisador deverá elaborar relatório da pesquisa a ser encaminhado à equipe escolar foco de sua investigação e à Gerência de Alfabetização e Letramento, Educação Infantil e Anos Iniciais, no qual sejam elencadas as contribuições pedagógicas da sua pesquisa para a Rede de Ensino do Recife.



ALISON FAGNER DE SOUZA E SILVA

GERENTE GERAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Mat 70564.0

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Para a concretização da presente pesquisa e divulgação e aplicação do questionário, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na intenção de garantir o respeito em relação aos direitos de cada um dos participantes. Observe a seguir o TCLE utilizado:

Eu, _____ RG _____, concordo em participar da pesquisa com tema sobre “Os saberes e as práticas pedagógicas de alfabetização e letramento numa perspectiva interdisciplinar: o que dizem os professores em sua realidade?”, vinculada ao do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, realizada pelo mestrando Josivaldo Barbosa da Silva, sob orientação da Prof. Dra. Rossana Regina Guimarães Henz. Informo ainda que estou ciente e perfeitamente esclarecido quanto ao questionário que respondi e que estes dados serão sigilosos, ou seja, minha identidade não será revelada em nenhum momento dessa pesquisa. Eu entendo que minha participação é voluntária e que tenho direito a retirar minha autorização a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Concordo com a publicação dos resultados em reuniões ou revistas científicas.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador
. Responsável

Recife, _____ de _____ de 2023.

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA

PREFEITURA DO RECIFE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA EXECUTIVA DE GESTÃO PEDAGÓGICA
GERÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO, EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL



CARTA DE ANUÊNCIA Nº 45/2023

Recife, 30 de março de 2023.

Informamos que **JOSIVALDO BARBOSA DA SILVA**, estudante do Curso de MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, ofertado pela Universidade Católica de Pernambuco, com Projeto intitulado "OS SABERES E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: O QUE DIZEM OS PROFESSORES EM SUA REALIDADE?", está autorizado a realizar nas Escolas Municipais (EM): EM Cidadão Herbert de Souza, EM Professor Ricardo Gama, EM Professor Solano Magalhães, EM Pintor Lula Cardoso Ayres, EM Jordão Baixo, EM Deputado Edson Cantarelli, EM do Leão, EM Menino Jesus, EM Educador Paulo Freire, EM Pastor José Munguba Sobrinho e EM Engenheiro Henoch Coutinho, na Creche-Escola José de Souza Ferraz e no CMEI 8 de Março, pesquisa qualitativa mediante a aplicação de entrevista semiestruturada com professores(as) da(s) unidade(s) educacional(is) mediante autorização por escritos dos(as) participantes.

O objetivo do Projeto é analisar os saberes e a práxis dos docentes nas questões referentes à interdisciplinaridade na perspectiva da alfabetização e letramento, e está sob a orientação da Profª Drª Rossana Regina Guimarães Henz, docente da Universidade Católica de Pernambuco.

Ressaltamos que o referido pesquisador se compromete a atuar de acordo com as normas éticas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, conforme Resolução CNS/CONEP nº. 466/2012 e com toda a normatização da Rede Municipal de Ensino (<http://www.portaldaeducao.recife.pe.gov.br/> e <https://www.cape.com.br/prefeituradiaria/>), estando ciente de que todas as ações metodológicas da pesquisa devem ser previamente acordadas com os/as professores/as, a coordenação pedagógica e a gestão da Unidade Educacional, de modo a respeitar o fluxo das atividades realizadas, o planejamento e a carga horária dos/as docentes, a Matriz Curricular da Rede e os dias letivos dos/as estudantes.

O pesquisador compromete-se, sempre que solicitado pela Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER), a fornecer informações acerca de sua pesquisa, que não trará nenhuma despesa para esta Rede e está ciente de que o descumprimento de qualquer orientação exposta nesta Carta de Anuência confere à RMER o direito de suspender o efeito da anuência a qualquer tempo e sem nenhum ônus.

Salientamos que para as ações de intervenção, gravações (áudio ou vídeo), entrevistas, registros de imagens de pessoas ou do espaço, o pesquisador deverá solicitar autorização individual por escrito, com data e assinatura dos indivíduos e entregar à gestão da unidade educacional cópias xerocadas dessas autorizações.

Explicita-se, também, que o pesquisador deverá elaborar relatório da pesquisa a ser encaminhado à equipe escolar foco de sua investigação e à Gerência de Alfabetização e Letramento, Educação Infantil e Anos Iniciais, no qual sejam elencadas as contribuições pedagógicas da sua pesquisa para a Rede de Ensino do Recife.



Documento assinado digitalmente
ANA CRISTINA BEZERRA CAVALCANTI DE AL
Data: 30/03/2023 15:44:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ANA CRISTINA AVELLAR
Gerente de Alfabetização e Letramento,
Educação Infantil e Anos Iniciais

ANEXOS

ENTREVISTADO A

DADOS DA IDENTIFICAÇÃO

Tempo de atuação no magistério: 27anos

Formação docente: Graduação em Letras (PUC-SP) e Graduação em Pedagogia (Unicamp)

Curso de Pós-graduação (Especialização): Especialização em Arteterapia.

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Hoje em dia, eu digo o seguinte, que eu não tenho um método. Não tenho um método único, sabe. Vamos supor: tradicional ou Piaget ou Montessori. Assim; não tenho um método único. Pelo simples fato que cada aluno aprende de um jeito, sabe? Então, eu vou mesclando um método tradicional, sabe? Eu também utilizo na sala inteira e depois eu verifico, né? Porque, às vezes, tem aluno que você fala: ba - be- bi - bo – bu, e ele entende. Tem aquele que precisa além disso, né? Ele precisa de um material ali, em mãos, às vezes, ele precisa de uns jogos. Ele precisa de uma música. Ele precisa vivenciar. Às vezes, ele precisa além daquilo, né? Então quer dizer, aí eu preciso cada dia também fazer isso, né? Em outros momentos eu vou interagir com os alunos, conversando e trabalhando hoje em dia a oralidade. Porque é muito importante assim, porque nesse momento eles vão se expressando. Nisso, eu vou percebendo a leitura até problemas na fala, né?

Como é que aquele falou? Porque, às vezes, tem o que fala, mas na hora ele não consegue escrever. Aí, eu tenho que perceber o que está acontecendo. Então, creio que meu método, eu utilizo até o nome mistureba, falo: método mistureba porque eu utilizo tudo para ver o que eu atinjo naquele aluno, sabe? Então, conforme eu atinjo, eu vou aperfeiçoando mais. Mas tem momentos assim, que às vezes eu utilizo o método só para todos e, aí, tem momentos que eu vou mesclando na sala de aula, porque às vezes eu vejo que determinado método não atinge ele. Então fico às vezes...

Entrevistador: NESSA QUESTÃO DE MÉTODO, VOCÊ PODE DEFINIR MELHOR?

Entrevistado: Não... É porque eu posso... Então...vamos supor...tradicional, às vezes, eu falo: Hoje eu preciso realmente trabalhar a letra. Que é o tradicional: ba – be – bi – bo - bu. E aí, eu tenho que mostrar, eu tenho que pintar. Aí, eu tenho que fazer que ele fale. Eu tenho que mostrar figuras para ele. Então, e aí, tem momentos que eu tenho que fazer isso com todos. Né? Aí, tem momentos que eu tenho que pegar, mesmo que eu faço com todos, tem que chamar alguns, porque eu já sei que aquele isso não atingiu o aluno.

Aí eu tenho que pegar usar outro estilo, sabe, às vezes, tá vendo intervenção, pegar um joguinho, fazer só com ele.

Entrevistador: E NA ESCRITA, COMO VOCÊ DECIDE FAZER?

Entrevistado: Não, geralmente, achei no início, eu trabalho mais coletivamente. Por quê? Porque muitos alunos, eles ficam inseguros. E ao mesmo tempo eu vou deixando eles assim, se sentindo com essa segurança. Porque eles ficam tímidos e eles ficam com vergonha. Porque ele fica assim: “ah! Eu não sei.” E, então, eles travam. Então, aí eu tenho que fazer primeiro coletivo. Então, sempre mesmo quando eu faço o coletivo, eu estimulo. Olha! Agora quem quiser pode tentar fazer do seu jeito. Aí, tem gente, tem o que fala: Eu posso? Pode. Aí, tem gente: Eu já entendi. Eu posso fazer? Eu falo: Pode, né. Porque mesmo assim é nesse momento que eu acabo descobrindo, por exemplo, quem é que sabe. Que processo de escrita aqui ele está,

sabe? Que, às vezes, aparece lá, sabe se é silábico, silábico com valor alfabético. E, às vezes, nesses momentos, às vezes, você trabalha tanto com o aluno que, às vezes, nesse... eu falo: Nossa! Eu não sabia. Que esse aluno tá assim?! Meu Deus, vou chamar ele aqui para mim, sabe?

Então, aí você consegue perceber e nesse momento também que você fala assim: Oh! Quem quiser pode fazer sozinho. E aí, tem aquele que fala: -Mas, eu não sei fazer sozinho. Então, espera que daqui a pouco eu vou fazer com todos. Aí, eu faço com todos. Escrevo, aí eu faço com todos. E, aí é a atividade coletiva, mas sempre, eu mesmo assim, estimo que alguém que faz. Sempre tem alguém que faz, aquele que tenta. Aquele que diz assim: Ah! eu só sei... Essa letra, mas eu não sei toda. Eu falo: Não tem problema. O importante é tentar. Aí, eles vão colocando. É assim que eu procuro fazer.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Interdisciplinaridade é quando você utiliza um determinado tema e abrange todos, né? Por exemplo, já fiz isso foi ano passado, ainda não cheguei... ainda... de frutas, né? Aí, se aprofunda em alimentação, alimentação saudável. Você pode fazer lista de frutas. Aí, depois você pode ver na sala de aula, quais frutas que os alunos gostam? Aí, você pode montar um gráfico, não é? Aí, nesse gráfico já gera matemática. Aí, nisso você pode ver quantos gostamos de maçã? Quantos gostam de banana? Aí, depois você pode falar até um probleminha oral. Tem mais ou tem menos? Se seu juntar a banana com a maçã dá quanto? Qual fruta foi mais? Qual fruta foi menos? Aí, manda essa pessoa..., se a gente tiver tempo, você pode até pesquisar assim; essa fruta é original da onde? Aí, quer dizer, que você já pode partir para outra coisa para dar para outras coisas, pode tomar partir para as esteja solo, né? Vê, às vezes tem até um que fala: Aê! Não sei o que. Eu já vi o animal comendo. Aí, você já pode partir para a parte da dos animais. Então a gente vai tentando fazer isso, né? Puxando um assunto, né?

É sim, é sim significativa. Quando você pesquisa de uma vez, né? Então, por exemplo, ano passado eu fiz do sapo. Sabe aquele? O sapo não Lava o pé? Aí, eu trouxe o texto: O sapo não Lava o pé. Aí, é trouxe um videozinho. Vídeo não né, porque hoje na sala tem uma televisão, não é? Aí, eu mostrei um vídeo do sapo. Aí, eles viram. Achei uns vídeos bem infantil, né? Falando sobre o sapo, que tipo de animal que ele era, onde ele vive, como é que é a pele dele, sabe assim? É, aí, quer dizer, eu já coloquei, eles se interessam, né? Porque se não fica só assim: Agora, vamos cantar musiquinha. Agora, pinta a letra S, tá bom. Sa, se, si, so, su e pronto acabou. Aí quer dizer, a sua aula já se encerrou, né? Mas quando você coloca: O sapo. Depois, você conta como que é o sapo, mostra lá o vídeo, o aluno vê o vídeo, vê assim também. Não só desenho, né? Quando ele vê imagens reais mesmo o sapo realmente verdadeiro na televisão, sabe assim. Na televisão, ele olha e vê, ele vê onde ele mora, você está mostrando e vê até os olhinhos assim brilhando. Aí, depois até eu falo assim um dia: Ah! Sabia que eu vi um sapo! É então. Aí, eles falam assim: Sabia que eu vi um sapo não sei da onde. Aquilo que você contou. Aí, quer dizer, eles acabam gostando. Se você trabalha realmente, só que você tem que pesquisar, né? Aí você traz tudo pronto, né? Aí, eu lembro que eu terminei no final, com desenho do sapinho que eles colocar assim na mão e linguinha, saía, sabe.

Então, quer dizer que o aluno já sabe da musiquinha, quer dizer uma música bem de praxe, o sapo Lava Pé. Aí, trabalhou que eu queria, por exemplo, a letra inicial final, quantidade de letra, palavras, formamos palavras, formamos frases, formamos sílabas, entendeu? E aí depois, mostrei esse vídeo. Eles contaram até aquele conto. Eu já vi um sapo. Eu nunca vi sapo. Ele começa a contar as histórias dele, né? E partindo, passando o que que é, o sapo mesmo em si. Animal. O que que é? Aí, fica bem interessante, né.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Eu acho que...eu acho que... eu não sei se vou estar correta, mas eu acho assim, que é o sentido de você despertar mesmo no aluno. Igual falei. Porque nesse momento você, além de você estar dando informações para o aluno, o aluno está aprendendo, O aluno está aprendendo que o sapo não é só S-A-P-O, né? Que o S-A tem no sabonete, que o PO vai ter em algum pote, sabe, que tem sentido, sabe. A partir daqui o aluno vai construindo outros processos, né. Então, ele vai entender como eu falo. Até falo com os pais. A vida não é letra. Que eu falei, até falando com os pais assim, se eu tiver, se eu pedir para alguém escrever agora, vai escrever uma história. Ele não vai escrever A, J, P. O, A. escrever e os alunos também. Então quer dizer, você tem que estimular, né? Às vezes, é através disso que você consegue alfabetizar, né? Porque isso vai ter um significado para o aluno. Uma vivência. Você só porque você chegar e falar: Vou falar da bola...ah! Você sem graça. Aí, quando você começa a falar onde surgiu a bola. Aí, você traz uma bola. Aí, você mostra o desenho da bola, aí você conta onde surgiu, que material que é feito. Vamos pesquisar? Vamos escrever? Aí, você está montando uma lista, sabe? Você está organizando. O aluno vai aprender letramento, alfabetização tudo ali, oh! As vezes, sem ele perceber de uma forma lúdica, sabe. Ele aprende aquele jeito, fala, aprende brincando. E nesse processo. Por isso, se o professor conseguiu, ele já vai mostrando assim, oh! : Aqui é assim, aqui, desse jeito, sabe? Sem o aluno perceber?

Entrevistador: VOCÊ, VOCÊ, VOCÊ. FALOU EM LETRAMENTO AÍ? COMO É QUE VOCÊ ENTENDE ISSO COMCEPÇÃO NESSE PROCESSO?

Entrevistado: Eu acho que é isso mesmo que eu falei, né? Que esse processo de letramento cabe tudo misturado com alfabetização, né? Às vezes, a pessoa tem conhecimento, mas não sabe, né? Como esse ano, tem alunos assim ... que tem... mais não consegue. Tá faltando essa parte. Tá faltando eu fazer algum trabalho que traga esse processo para o aluno letramento, essa alfabetização que eu acho assim, tem gente que diz que ela é, às vezes a gente que usa elas. Separado, eu acho que está junto. Eu acho que tá junto. Assim, eu acho mais fácil você trabalhar com adultos explicando assim...

Olha, acho que em tudo. Tudo que eu posso... por exemplo, eu escrevi um textinho. Eu já dei um pronto. Escrevi um textinho, eu vou chamando: quem conhece aquilo? Então essa aqui, você vai. Aí, nisso você vai tirando o aluno. Você faz ele procurar e aí início, às vezes até aquele que não reconhece. Ele acaba reconhecendo alguma letra, alguma coisa. Daí, você está instigando alguma coisa do aluno, sabe?

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO DE INTERDISCIPLINARIDADE EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Olha, eu tento fazer sempre..., não necessariamente todo momento, né. Por que se não acaba ficando... óbvio. Por que o aluno vai falar: Quer vê, lá vai ela trazer, contar de novo uma historinha, sabe. Mas, às vezes, eu tento coisas simples. Mas hoje, por exemplo, vamos escrever uma sílaba, vamos contar. Já é número. Vamos contar nos dedos. Já estou estimulando. Cadê você? Fala para o aluno: mostra quatro. Ele não sabe. Vamos contar palavra: A-BA-CA-TE. Aí, o aluno... Gente, tem 4. Quanto que é 4? Então, quer dizer, às vezes, você está fazendo ali sem nem perceber, por exemplo, aluno viu o quê? Ele contou? Trabalhou matemática. Aí, as vezes, você fala abacate é maior do que bola? Vamos contar a a-ba-ca-te tem 4; bo-la só tem 2. Né? Nisso você faz isso constantemente, tá?

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não, não, não. Eu acho que hoje em dia falta mais opções, né, sim. Assim, mas mesmo assim, a internet tá cheio de novidades, sabe? Hoje em dia está assim. Dá pra você te pegar uma coisa já pronta e fazer umas modificações, sabe? Consumir desenhos, né? E hoje está cheio, você pega aqui e monta ali, sabe? E dependendo do que o professor quer naquele momento, atingir, né? O você quer com aluno, aprende letra, aprendi sílaba, aprendi frase. Ele pode pegar algo pronto e já mudar, né? Na sala de aula.

Entrevistador: ESPAÇO RESERVADO PARA COMENTÁRIO, OBSERVAÇÃO E CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Ah! Não sei o que que eu quero falar... Acho que, na minha opinião, falta assim... Acho que materiais, livros mais adequados, né. Porque às vezes, livro mais adequado. Quando a gente escolhe o Livro, às vezes, assim tem que ser algo que é geral para todos. Às vezes, eu gostei do livro, e o pessoal, não gostei. Mas, diz que falta coisas mais direcionada para a alfabetização, sabe. Mais direcionada. Está faltando. Mas assim, está faltando assim, desenho; às vezes você, pega um livro do primeiro ano e ele tem 3 páginas de texto, 3 páginas! Como se termina o livro aluno está assim, ó, com lápis, assim ó... Ele nem sabe o que eu falei. Assim, está faltando coisa assim direcionar realmente alfabetização sabe, alguém que faça um trabalho. Não, também sim, o livro deve ser contextualizado com textinho, sabe? Não coisa assim solta, né? Mas, um texto, sabe? Textos pequenos. Porque olha! Pensa bem, o aluno, ele aprende mais com o trabalho de musiquinha, quadrinhas, que às vezes tem 4 linhas. Você aproveita muito mais. Você explora, às vezes, aquela uma palavra, uma interpretação do que um texto de três folhas. Então, assim, está faltando direcionar isso aí, sabe? Não só sílabas mais assim, direcionar sim palavras, frases, sabe? Trazer algo mais colorido, realmente assim. Trazer algo para o aluno. Mas, acho que está faltando isso, entendeu? Na minha opinião sabe? Isso que eu gostaria se eu pudesse ter na minha sala.

ENTREVISTADO B**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Tempo de Atuação no Magistério: 25 anos

Formação Docente: Pedagogia

Cursos de Pós-Graduação: Especialização em Educação Infantil e Educação Especial

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Aí, eu procuro utilizar de forma lúdica. É com jogos. E brincadeiras em sala de aula. Na escrita, é escrita espontânea e leitura deleite em grupo e todo coletivo.

Entrevistador: O QUE É QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Eu acho que essa questão da interdisciplinaridade na educação, na parte da alfabetização e do letramento, ela na minha prática, precisa ser um pouco mais aprimorada por causa da demanda dos alunos. Então, assim, eles precisam de um foco maior nessa questão da leitura e da escrita, para que depois a gente consiga ir dar passos juntos.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Eu acho que essa questão da interdisciplinaridade na educação, na parte da alfabetização e do letramento, ela na minha prática, precisa ser um pouco mais aprimorada por causa da demanda dos alunos. Então assim, eles precisam de um foco maior nessa questão da leitura e da escrita, para que depois a gente consiga ir dar passos juntos.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Com atividades escritas, né? Com leitura, é rodas de conversa e jogos.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não. Eu procuro..., primeiro procuro ver a faixa etária deles, né? Com esse ano é primeiro ano e depois eu vou selecionando as atividades que, como dizem que tanto com a faixa etária com a série que eles tão eles são exercendo.

Entrevistador: AGORA, ESSE ESPAÇO. ESTÁ RESERVADO PARA VOCÊ FAZER ALGUM COMENTÁRIO, ALGUMA OBSERVAÇÃO. SOBRE O QUE VOCÊ QUISER.

Entrevistado: É desafiador. Não é fácil, é engrandeco muito os grandes alfabetizadores, porque não é uma tarefa simples. E muitas vezes a gente não tem esse apoio necessário da família junto com os filhos, não é? E na escola também. Então é um desafio. A palavra é essa o desafio, mas ao mesmo tempo, aos poucos, a gente vê alguns pequenos progressos que nos deixam assim engrandecida. A gente vê que o trabalho está indo por um bom caminho, certo?

ENTREVISTADO C**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Tempo de Atuação no Magistério: 26 anos

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Psicopedagogia

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: É, eu uso muito materiais lúdicos, jogos...e atividade sempre voltada para o letramento e alfabetização.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Assim, a gente tem que usar várias alternativas para aplicar todas as disciplinas. Como: Eu vou dar hoje Ciência. Mas, ao mesmo tempo, estou usando o Português, Matemática e assim por diante.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Sempre buscar alternativa para trabalhar as disciplinas voltada para alfabetização, né? Como assim? Eu hoje trabalho Matemática. Mas é trabalhar com os números, mas eu posso trabalhar é leitura, posso trabalhar formas e assim por diante. Eu trabalho essas disciplinas.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGOGO?

Entrevistado: É durante as salas semanais. Eu sempre busco. Eu sempre busco trabalhar dessa forma. Essa sim, como é? Interdisciplinaridade. Eu trabalho muito de forma assim... com eles, brincadeiras, luta, vídeo, sempre buscando essa prática.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado. Não, não, não tenho não.

Entrevistador: VOCÊ FICA ABERTO AGORA PARA VOCÊ FAZER ALGUMA CONSIDERAÇÃO SOBRE O SEU FOR SOBRE O SEU TRABALHO, COMO SEU TRABALHO É UM ESPAÇO RESERVADO PARA AS SUAS OBSERVAÇÕES.

Entrevistado. É sobre o meu trabalho...eu sempre busco, busco sempre busco trabalhar de forma que meus alunos aprendam que eles alcançam o objetivo que eu quero dar sobre letramento e alfabetização, sempre buscando o melhor para ele. Eles, não é? É sempre fazendo atividade lúdica, trazendo atividades como jogos para trabalhar dentro dessa perspectiva de alfabetização e letramento.

ENTREVISTADO D

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Atuação no Magistério: 27 ANOS

Formação Docente: Graduação em Pedagogia (FACHO)

Curso de Pós-Graduação: Recursos Humanos para educação

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: É partindo do que ela já conhece, né? A gente primeiro faz uma diagnose do que ela já sabe. Do que ela já traz. Porque elas trazem muita coisa, não é? Algumas até já trazem a própria leitura. Aí, a gente vai é mais formalizar, né? Trazer mais para o contexto da sala de aula. E fazendo essa interação daqueles que já trazem uma bagagem de leitura e de escrita com aqueles que ainda vem, vamos usar o termo assim: “zerado”, né? No sentido da alfabetização. Não do conhecimento, porque quando a gente fala em alfabetização, não é só o ler escrever, tem a questão da oralidade, né? Tem crianças que não ler, ainda mais que tem uma boa oralidade, que tenha uma boa observação, uma boa percepção. É, e claro que isso tudo a gente leva em consideração, né?

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Oh! Essa palavra, ela é bem...e ela já foi até muito... É... Vamos dizer assim.... Mastigada, criticada e nunca se chegou... vamos dizer assim...a um consenso, ao meu ver. Porque quando a gente fala em interdisciplinaridade, o primeiro ver e que você vai usar todas as disciplinas, não é? E é mais ou menos isso é trazer a leitura, né? Mas não só a leitura e a escrita, mas a interpretação de texto, a produção textual em todos os momentos da sala de aula. Isso na quando for trabalhar: História, Geografia, Ciências. É porque havia um consenso que a gente vai misturar todas as disciplinas. Eu já entendo que na alfabetização é a gente aproveitar o momento dessas disciplinas, né? Para que a gente possa estar também trabalhando, leitura, escrita, produção, interpretação, trazendo tudo para essa questão da alfabetização, né? E o letramento.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: É mais ou menos isso que eu já falei, né? É justamente aproveitar todo momento. Eu acho que na alfabetização, na turma de primeiro ano, que é a turma de alfabetização, a gente tem que aproveitar tudo que é todas as nossas ações até o brincar, o jogar. O parque, todo o momento que a gente puder estar trazendo para essa criança a oportunidade dela identificar letra dela, identificar sílabas dela, se vê, vê aquilo no seu contexto. Eu acho que é mais ou menos isso que a gente traz como interdisciplinaridade e letramento, né? Porque o letramento é, é o todo, né? O alfabetizar o ler e o escrever, ele afunala, né? Ele vai, mas num num vamos dizer assim, na prática mesmo que você vê a criança lendo e escrevendo. E a criança letrada é aquela que entende que que existe letra, que existe número, que existe figuras. Tudo isso faz parte do dia a dia dela, né? E essas, essa interdisciplinaridade, como também a contextualização. Ela traz justamente isso.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NA SUA PRÁTICA DA PEDAGOGA?

Entrevistado: E fazendo o que eu vim desde o início falando. Todo momento, né? Que a gente vai dar uma aula de história. Por exemplo, e aí, vai trabalhar do eu não é? É quem sou eu? Quem é minha família? Todo esse momento a gente pode oportunizar a criança e ali identificar letra, identificar sílaba, identificar..., é... até mesmo texto. Que tipo de texto foi aquele que a gente leu? Então, isso na aula de história, isso na aula de Geografia, na aula de ciências. A gente traz, oportuniza a criança a ler. Né? Não só a leitura é... propriamente dita. Mas, a leitura verbalizada, a oralidade, né? Até repetindo o que a gente leu, quando ele vai interpretar, é uma oportunidade dele tá se alfabetizando.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Hoje em dia nem tanto, né? Porque como só na alfabetização. Só que no primeiro ano, só aqui no Paulo Freire. Eu já estou só nessa turma de primeiro ano seguir, né? Eu já estou em 6 anos e a minha história de escola particular foi toda em alfabetização. Desde aquela alfabetização tradicional que se fazia aquele discurso: Casinha Feliz, Montessoriano tudo isso eu fiz. Porque eu trabalhei em escola particular muito tempo com turmas de alfabetização. Aí, quando eu entrei na prefeitura, que não foi nem nessa. Nem foi aqui, foi numa outra. Depois eu vim para cá. Eu já fui para umas turminhas maiores. Mas, foram turmas que eu não me identifiquei.

Eu é uma coisa assim que eu gosto, não é? Então assim, não. Não vou dizer que é muito fácil. Tá? Eu até acho que fazer, elaborar é fácil. O aplicar e o avaliar é que é difícil. É porque aí você, você tá, dá. Quando você dá muitas oportunidades também, você tem um leque muito maior para estar avaliando. É, e para estar também aplicando essas atividades. Então é mais difícil do que propriamente é... Como é que se diz elaborar?

Entrevistador: ESPAÇO RESERVADO PARA COMENTÁRIOS, OBSERVAÇÕES E CONSIDERAÇÃO SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Bom, é como eu já disse. É uma coisa que eu gosto muito de fazer. É uma turma que eu me identifico muito, né? Eu fiz várias, tive vários momentos. De fazer é o próprio, a própria prefeitura, né? Teve o PNAIC que foi muito bom. Aí teve outros cursos que a gente fez. As formações têm trazido muita coisa boa para a gente. A grande dificuldade do aluno de alfabetização, né? Do aluno do primeiro ano na escola é pública, é que muitas vezes ele é oriundo do lar. E principalmente agora, depois dessa pandemia. Então, como ele é oriundo do lar, a gente perde muito tempo, até a gente chegar onde a gente quer, né? No nosso objetivo inicial, a gente perde muito tempo em, vamos dizer assim é, conseguir com que o aluno ele se perceba na escola. Porque como ele não passou pela educação infantil, ele não tem. Esse é o primeiro momento dele. Então, ele vem sem conhecimento nenhum do que a escola, né?

Na escola pública principalmente. Justamente, porque eles são oriundos de famílias, que eu sempre acho que não é porque é pobre. É porque não entende o valor da educação. Por eles terem um histórico de nunca ter alcançado, galgado uma coisa melhor, então isso pra eles, não faz com que ele valorize tanto a criança na escola. Então assim, você tem a proposta na sala de aula. Mas, a proposta não é recebida pela família. A atividade de casa não é feita, não é valorizada, né? Não, a gente não, não, não tem. É na família não tem esse respaldo, esse momento. Que seria necessário para que a gente pudesse caminhar melhor, né? A gente faz o possível que a gente tem que fazer, mas a gente não tem o respaldo com relação à família?

ENTREVISTADO E

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: Quase 40 anos

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Neuropsicopedagogia e Supervisão Escolar (Coordenação Pedagógica)

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: Bem, atualmente, eu estou trabalhando num colégio de professor a nível municipal. É diferente de uma escola particular de onde eu venho, a minha vida toda. Então, existe diferenças. Atualmente, eu estou trabalhando com eles a questão primeiro do zero. Porque a minha turma é uma turma que vem oriundos do lar. Então, alguns tinham conhecimento de letras, números, símbolos, por conta dos pais. Ou até mesmo em alguma escolinha particular que iniciou, mas outros não. Então, é muito diversificado. Então, eu estou partindo do zero por conta disso. Saber o que é letra, saber o que é número. É... procuro saber o que é que eles sabem. O que é que eles conhecem de uma letra, de um número, uma palavra geradora. Eu pego oportunidades, por exemplo. Ontem, domingo, foi aniversário de Recife. Então, eu peguei a palavra Recife. Na palavra Recife procurei saber que letra começa; Se alguém conhecia; se tinha algum aluno com essa letra na sala; quantas letras tinha; letra inicial; letra final; Outras palavras que eles venham a conhecer porque sempre tem um ou outro que pela percepção do som. Ele pelo menos arrisca dizer o nome.

Entrevistador: E VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Bem, depende. Na rede particular, você trabalha de um jeito, diferente da rede municipal. Como eu tenho as 2 vivências. Eu consigo assim, tentar acoplar todo o conteúdo que eu estou dando relacionado a outras matérias. Sempre tentando buscar ganchos da realidade. Como falei do aniversário de Recife, sempre que eu posso, eu trabalho assim. Porque quando eu..., na minha visão pedagógica, a criança ela é, ela não é uma criança que não saiba nada. Ela não é um papel em branco. Ela vem com bagagem. Então, não adianta dizer: só vou dar português, só vou dar a matemática, Só vou dar Geografia porque um conteúdo está interagindo com outro. Nem todos, mas a maioria. Você pode fazer uma interdisciplinaridade.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Bem, é muito importante que você não isole somente a alfabetização, como se fosse decodificar letras. Porque na minha concepção de professora, a alfabetização vai muito além disso. Uma coisa, é você, a criança saber ler decodificando letras. Outra coisa, ela sabe ler, interpretando aquilo que ela está lendo. O que é importante. Então, a partir do momento que você faz essa interdisciplinaridade, crianças que não sabe ler, mas eles veem placas de outdoor na rua; eles veem uma bula de remédio que a mãe toma; eles veem uma receita. Então, daí você pode puxar um gancho. Não necessariamente. Exclusivamente só na língua portuguesa. Mas, em outras situações. Ou seja, aproveitar situações até mesmo de improviso em sala de aula. Porque você tem que ver que a criança ela, enquanto você pensa num patamar. Tem crianças que pensa 2, 3 patamares. Por conta da realidade que ela vive. Principalmente de escola municipal. Porque muitos pequenos têm vivência maior do que o outro. Trabalha com o pai, trabalha com a mãe. Mesmo que não seja ganhando dinheiro, mas o pai precisa sair ou a mãe

precisa sair, leva ele. Então, eles têm uma vivência concretizada, uma vivência menos abstrata do que o aluno de escola particular, entendeu? Então, eu acredito que seja isso.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Vai depender muito da situação e do conteúdo que eu tiver dando. Como já te falei, se eu tiver oportunidade de puxar esse conteúdo e de conseguir ligar aquele conteúdo, como foi o aniversário de Recife. Eu estou falando aniversário, esse porque é mais recente, mas tem outras datas. Como vai vim o dia da escola, que é amanhã. Eu vou começar com eles. O que é uma escola? Quem já foi numa escola? As pessoas que trabalham na escola; se tem mãe; se tem pai que trabalhou na escola. Às vezes, não tem mãe professora, mas tem pai que vigia. Tem pais merendeiros. Então, eu parto muitas vezes da realidade dele. Se fosse uma escola particular, isso seria semelhante. Mas, não igual. Eu tento acoplar a realidade de cada escola, de cada criança, principalmente a idade deles.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não. Assim... particularmente... porque eu venho de uma escola... de uma realidade diferenciada. E assim, a partir do momento que eu passei a trabalhar como professora. Eu não conseguia isolar isso... é de mim. Eu não consegui isolar isso... porque é como eu te digo. A criança, ela não é um ser isolado. Ela vai aprender a falar, ela não aprende a primeira palavra com a, depois com b, depois com c, depois conceito um d e assim, sucessivamente. Ela aprende com uma tempestade de ideias. Então, eu tento fazer primeiro essa tempestade de ideias. Lógico! Depende da situação. Como eu já falei do dia.

Entrevistador: AGORA ESSE ESPAÇO É RESERVADO PARA ALGUM COMENTÁRIO, ALGUMA OBSERVAÇÃO OU CONSIDERAÇÃO SOBRE O TEU TRABALHO?

Entrevistado: Olhe, é complicado falar do meu trabalho. Porque assim... é complicado e é prazeroso. Porque eu venho de 2 realidades diferentes. Eu trabalhava numa escola particular onde eu era extremamente cobrada. Não que a criança aprendesse, mas que o conteúdo fosse dado. Que o livro fosse utilizado para dar resposta aos pais. Já nessa convivência que eu estou tendo na escola municipal que na realidade eu não sou efetiva. Eu sou da CTD que é contrato temporário. Mas, mesmo assim, eu trabalho como se fosse efetiva. Porque eu acredito que a partir do momento que eu passei a ser professora. Na minha cabeça, tem que estar muito bem definido aquilo que eu vou fazer. Independente se é municipal ou se é particular. Eu sou professora. E uma vez professora. Vou morrer, professora. Às vezes, a gente está numa fila de algum lugar, está ensinando. Está intrínseco em você. Porque eu não fui pra ser professora por conta do salário. Porque se a gente vê, se for professor por conta do salário, muitas vezes a gente desiste. Eu fui professor em que eu venho de uma família que teve a minha mãe como professora. Mas, ela nunca estudou, mas ela era professora. Porque a partir do momento que ela tentava ensinar a gente qualquer outra coisa, na minha cabeça, o professor vai muito além de dar conteúdo. É um educador para a vida. Então, eu por isso que eu digo: Há pouco tempo atrás teve uma situação de ser transferido de um aluno, de uma sala para minha, e esse aluno era extremamente agitado. Aí, me perguntaram: Não...! Você gostaria de ficar com ele? Eu digo: Olhe! A partir do momento que eu vou ser professora, eu sei aquilo que eu vou enfrentar. Então em vez de tá querendo moldar o meu aluno a mim. Eu tento entrar no universo dele para que ele se sinta confortável e daí eu conseguia prosseguir, porque a partir do momento que eu

bati de frente com ele, ele vai continuar a bater de frente comigo. Nem ele rende. E nem eu rendo no meu trabalho. Então, eu acho que a partir do momento você pretende ser professor, você tem que estar disposto a enfrentar diversas situações. Sabendo aquilo. Não vá ser professor, pelo clamor, pelo salário ou porque acha que popularmente tem 2 férias no ano. Porque isso não existe. Não! Principalmente, aqui no Brasil, sabe? Eu acho que é uma profissão extremamente desvalorizada. Mas, é uma profissão gratificante porque nenhum profissional é profissional sem ter passado pela mão do professor. O engenheiro, o médico ou nem que seja até hoje, estaticista. Ele passou pela mão de um professor. O cozinheiro passou pela mão de professor. Isso pra mim é gratifica. Eu já tive assim..., já tenho quase 40 anos de magistério. Mas assim..., me aposentei. Estou aposentada há 4 anos da escola particular. E voltei a trabalhar. Porque assim..., uma vez professor, você não deixa. É como se tivesse tirado alguma parte de mim. E assim..., todos que pretendem ser professor. Vá pelo amor também, não só o dinheiro. Mas pelo amor, sabendo que você é responsável por aquele ser. Eu estou te falando isso porque hoje eu encontro ex-alunos que são gerente de banco, ex-alunos que são médicos e ex-alunos também que não deram pra nada! Mas, a cada ex-alunos que você encontra que se deu bem na vida e você olhar e diz assim: Eu fiz parte daquela conquista. Isso pra mim, cobre qualquer coisa. Agora, o dinheiro é consequência porque a gente precisa sobreviver. E é isso.

ENTREVISTADO F

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 15 anos

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Coordenação Pedagógica

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: Eu parto de palavras geradoras e a gente começa a dinamizar a palavra. O que ela significa? Por exemplo: a palavra BOLA. O que é uma bola? É um brinquedo. Depois vou partindo do princípio quem é a primeira letra? Quem é a última? Se naquela palavra tem vogais. Tem? Quais são as vogais que aparecem na palavra? O que não é vogal? É o quê? Consoante. Aí, apresento as consoantes. Peço para eles identificarem as consoantes da palavra: Circular, pintar, identificar algo que destaque. Depois a gente parte para a questão do som.

Na palavra BOLA, quantas vezes abrimos a boca? E aí, eles contam. Ou levantando os dedinhos que eu acho menos confuso que as palminhas. Às vezes, na contagem das palmas eles se perdem e nos dedinhos não. Quando eles erram: -Vamos contar de novo. Aí, a gente faz essa recontagem e dali a gente parte tipo BOLA. Que outra coisa ou outro objeto começa com som do BO? Aí, eles começam a fazer outras relações ou com outros brinquedos e exercer outras coisas fora do campo semântico.

Gosto muito de trabalhar com ditados curtos. Tipo: cinco palavrinhas. Escolho essas cinco palavras onde eu faço todo esse levantamento de percepção de cada som e depois eu registro. Porque se eu fizer com uma quantidade muito grande de palavras. Eu não vou ter tempo hábil de trabalhar detalhadamente cada uma. E cinco eu consigo. Aí, eu começo: uma polissílaba, uma trissílaba, dissílaba e uma monossílaba.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: É trabalhar vários conteúdos juntos que é o que estou tentando fazer agora. Que às vezes, eu acho que a gente se perde um pouco, porque tudo que abrange muito, a gente não consegue fechar o suficiente e preciso. Eu acredito numa metodologia mais simples, mais objetiva. Que quando você, eles são pequenos a concentração é menor. Então, o tempo menor, eu consigo perceber que eles se concentram mais. Trabalho, falo, mas, bem rápido. Foco naquilo ali, acho melhor.

Não sei se posso dizer o que vou dizer agora; eu particularmente, não que a gente não fosse trabalhar: Ciências, Geografia História. Mas, eu acho que seria um conteúdo menorzinho exigido nessa fase inicial. Acho que a gente teria que focar mais a questão da consciência fonológica. Acho ela muito importante. A consciência fonológica viria primeiro e a interdisciplinaridade viria depois.

Se ele pelo menos conseguiu decodificar, aí a gente vinha com mais conteúdo porque ele já ia entender fazer no mínimo a leitura daquilo que a gente estava falando.

O processo de alfabetização primeiro ano em si, eu que assim. A gente pode falar pode. Mas, não perder tanto tempo nisso que focasse mais na questão da consciência fonológica.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Você fala de um tema maior e vai depois partilhando até chegar ao menor. Um exemplo: Você vai falar da Borboletinha. Você fala das fases da borboleta, da questão do casulo, tá. Traz toda aquela questão da transformação da metamorfose da borboleta. Então, assim, é interessante? É! Você está trabalhando ciências de uma forma geral. É legal? É! Mas, aí quando você já fez todo esse levantamento. Quando você vai partir para o básico que ele precisa básico, que é a palavra, ele tá cansado. Ele tá cansado. Então, ele já não vai dar mais aquela atenção devida.

Então, você começa a parlenda. Eu gosto muito de trabalhar com parlenda. Textos curtos. Texto pequeno. Material pequeno que tenha conteúdo dentro dele. Quando a gente começa trabalhando, sempre a gente consegue vê.

Inclusive, eu tenho um material para lhe mostrar aqui que eu achei na internet belíssimo que ele trabalha tanto com família simples, como as complexas, as palavrinhas chaves. Mas, é um texto curto. Então, não vai cansar ele. Você vai fazer uma interpretação com eles, uma exposição oral, mas na hora que ele vai centrar ali é uma coisinha pequena. Que é um grande erro dos nossos livros didáticos, textos muito grandes pra crianças que estão iniciando. Então, a criança não conhece nem um “B”, nem um “A”. Aí, vem um texto gigante. Ela não quer... e assim... sou a favor de textos, de gêneros textuais pequenos. Nada muito grande nessa fase inicial. Nada para perder o foco.

Justamente, quando o texto é pequeno, você consegue pegar quatro ou cinco palavrinhas daquele texto, aí, você vai trabalhar: letra inicial, letra final, som inicial, som medial, som final. Que outra palavra tem com mesmo som no meio da palavra MACACO? Aí, ele diz MALA. Então, ele começa a fazer relação. Se um texto é muito grande, ele vai ter muitas palavras, inclusive ele se cansa.

Inclusive esse material que existe do Recife para reposição da aprendizagem é fora da casinha. Eu já disse que não vou trabalhar com isso não. É fora da casinha com textos muito grande. Com contos de 3 páginas e meia para uma criança de 6 anos é absurdo. Tendo conto. Os mesmos contos menores. Tipo: maior clareza para eles que instiga mais eles do que uma coisa muito grande. Não, mais é você que vai ler. Mas se o texto for muito grande, em cinco em dez minutos eles se perde. Ele não vai conseguir fazer relação com que ele viu no início com o final.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Palavras geradores. Eu agora mesmo, eu tirei cópia de todos os meus livros adotados pela Rede e dali eu vou tentar pegar uma atividade de português que dê para casar com ciências e fazer um bloquinho. Agora, foco na palavra e num contexto geral todo.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Tenho. Tenho. Muitas. Pra elaborar elas de uma forma mais dinâmica. Por que as vezes, você na internet ou em outras fontes, você encontra atividades e faz: Que legal! Mas tem imagem que você já não consegue copiar e colar e remontar a atividade. Para aquela necessidade daquele aluno. Por outro lado, eu tenho a ideia e consigo fazer. Mas, é trabalhoso. Mas, minha briga é com o computador. A minha dificuldade é de formatação e de lhe dar com

as novas tecnologias de elaborar e montar. De forma, que desperte a atenção deles. Tenho a ideia de fazer. Mas, a dificuldade é na montagem e fazer utilizando as tecnologias.

Na verdade, minha dificuldade maior é na elaboração relacionada ao uso do computador. No caso de talvez até tempo, para formatar. Mas, a ideia de fazer eu tenho.

A minha briga hoje é com o computador. Aí, é em si é a formatação de lidar com o computador de elaborar, elaborar, montar. Ou seja, para montar e de forma que desperta a atenção deles.

Veja, eu tenho esse material tanto como as sílabas simples com as sílabas complexos. Textos curtos. Não é aquela velha história do “boi babou”. Mas, ele trabalha; tem a questão da leitura, numa interpretaçãozinha curta. Aí, aqui ó: lê as palavras e desenhos espaços de ler, vai relacionar e depois tem a questão da produção textual. Que assim, para um primeiro ano chegar aqui, a caminhada é longa. Mas, a gente consegue e nessa mesma perspectiva desse trabalho eu tenho esse material com as famílias simples.

Assim, com a produção escrita, ele tem a noção da escrita, mesmo que ele escreva errado, mas ele tem que começar.

Outro problema que temos é que as pessoas que pensam a alfabetização na Rede, assim como em todo, desconhecem essa base. Pensam nas coisas fora da caixinha. Infelizmente.

Veja é a mesma perspectiva desse material aqui já com as familiázinhas simples. Que eu plastifico que é uma coisa que fica para uso deles.

Está vendo? É um textinho simples, palavrinhas simples. Aí vem, eu é o que eu estou lhe dizendo: traz a questão do primeiro momento feito agora. Eu estou com alguns alunos com problemas de coordenação motora. Não sabe pegar no lápis, mas é você ensina o movimento do lápis. Como ele vai pegar? E aí, ele vai fazendo uma coisinha simples. Veja que não são atividades extensas. Elas são curtas, mas que tem um objetivo bem definida.

Entrevistador: ESPAÇO RESERVADO PARA COMENTÁRIOS, OBSERVAÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado. A rede disponibiliza um material muito denso. Gostei mais do Pra Valer. Embora fosse muito repetitivo, mas eu gostei mais. Eu opto em criar atividades e seguir aquilo que funciona. O que eu vejo que eu vou perder tempo, eu nem chego lá. Pronto, acabamos de receber agora um material do Mind Lab. É bom.

Mas, no cotidiano escolar você não tem esse tempo. Porque se você for ...ah! Mas é uma brincadeira que vai trabalhar raciocínio lógico. É! Mas, o tempo que a rede coloca, você não tem tempo. E você tem que dar conta. Você tem que dar conta disso aqui, de uma forma dinâmica. Mas veja, aqui na escola a gente tem alguns Projetos: Tem o Mind Lab, Criança Alfabetizada; tem a proposta de Recomposição hoje da Rede; tem o Árvore... Onde é que eu tenho tempo hábil, dentro do cronograma normal, para trabalhar os livros didáticos e toda essa proposta? Não dá tempo.

E aqui na escola a gente tem Lego, tem mesa interativa, tem tudo. Mas, cadê o tempo hábil para tudo isso? Eu acredito em uma proposta mais curta, mais significativa do que aquela coisa muito... E quem disser que faz tudo também... Não faz. Quem muito faz, não faz nada.

ENTREVISTADO G

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de atuação no magistério: Dezesete anos

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: O diagnóstico, né? Primeiramente a gente precisa fazer essa avaliação diagnóstica pra identificar qual é o cenário, né? Que a gente tá trabalhando, então elas identificam quais são os níveis de escrita, quais são os níveis de leitura, alfabetização matemática e tudo né em relação a tudo como é que é como é que estão os conhecimentos prévios e a partir daí elas vão traçar né as metas né os objetivos de aprendizagem e vão fazer as intervenções, vão pensar nos objetivos e vão pensar quais são as estratégias que serão desenvolvidas, né? Ao longo do processo, né? De ensino e aprendizado

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: É um conjunto, né? Várias disciplinas ao mesmo tempo.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Eh... eu acredito que especificamente seria um trabalho que contextualiza esse processo de alfabetização. né? Que vai direcionar, que vai trazer uma Abordagem. né? Que vai conectar com outros saberes com os saberes sobre história, sobre geografia, sobre outros Conteúdos programáticos não, né? Que matemática também. E é nessa perspectiva que a gente procura trabalhar dentro da unidade.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO DE INTERDISCIPLINARIDADE NA SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA?

Entrevistado: Eh...vamos como eu posso falar né? Eu pego um tema né? Gosto muito de trabalhar da seguinte forma um livro paradidático eh abordando no caso agora no carnaval Frevolina. (livro paradidático). Trabalhei com eles o texto eu aí eu já vou trabalhar ciências eu posso trabalhar artes daquele texto daquele livro paradidático inicialmente eu desenvolvo né? Os conteúdos que eu posso trabalhar quais habilidades que os alunos terão que ser desenvolver no decorrer daquele período né? Pode ser semanal ou quinzenal vai de acordo com o planejamento.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Às vezes aparece, né? É uma coisa que requer cuidado, tempo né? Pra que a gente possa realmente elaborar aquela atividade dentro também da realidade dos alunos. Para que todos né? Sintam-se inseguros na realização. Caso a maioria ou um número de alunos não atinja nós podemos também refazê-la para atender a necessidade daqueles alunos.

Entrevistador: ESPAÇO É RESERVADO PARA FAZER ALGUM COMENTÁRIO, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SEU TRABALHO E ALGUMA OBSERVAÇÃO

Entrevistado: Oi, atualmente né? Depois desse período pandêmico onde as crianças ficaram afastadas os dois anos da escola eh assim eu percebo que eh preocupante, né? A situação dos alunos por conta desse afastamento. Porque aquelas aulas online não supriram e assim não ajudaram. A gente sabe também que tem a questão da família, a família não tem uma preparação, não tem condições de dar esse suporte às crianças. Então assim o nosso trabalho desde dois mil e vinte e um né está mais difícil, mas eu tento dar a melhor maneira possível atender as necessidades dos meus alunos ano passado também eu trabalhei com o segundo ano e assim eu vi, eu senti que alguns evoluíram, que alguns adquiriram a leitura e a escrita, alguns ficaram, né? Não tão preparados, mas assim, é gratificante quando você olha pra e você vê que seu aluno está evoluindo a pequenos passos mas que você pare e diz poxa eu estou tentando eu estou conseguindo né? Então assim eu sempre busco atender as necessidades dos meus alunos e né? A realidade de cada um. Não é fácil, mas não é impossível. E eu amo o que faço, né? Ensinar, gosto muito.

ENTREVISTADO H

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 26 anos.

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Especialização em Coordenação Pedagógica

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS SUAS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Através de...de... é... de práticas pedagógicas com usando muito o prático. Então, eu uso muito: o rótulo, eu uso tampas, alfabeto móvel. Tudo que está ao meu alcance, né? O meu objetivo é fazer com que ele aprendam a ler e escrever.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: É.. juntar tudo. É.. numa coisa só, não é? Todas as disciplinas de todas... até a maneira de vida das crianças, né? A família... É um conjunto de tudo.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Ah!... eu entendo que aí eu tenho que... mesclar o meu conteúdo junto com o que a crianças sabe pra obter o meu resultado. Pelo menos, eu faço assim. Assim que eu entendo essa, essa interdisciplinaridade.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Eu aplico através de atividades para completar ficha de leitura, é... pesquisa em livros, revistas. É... pesquisa também na mídia e muito, muito, muito historinhas infantis. Contos, músicas, parlendas. É dessa maneira que eu consigo. Que eu preciso fazer.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não. Tenho não.

Entrevistador: ESPAÇO É RESERVADO PARA VOCÊ FAZER ALGUM COMENTÁRIO, ALGUMA OBSERVAÇÃO OU CONSIDERAÇÃO SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Bom. Eu sou professora há 26 anos. Eu gosto muito do que eu faço. Eu sou professora por vocação mesmo. Mas, a minha, a minha maior dificuldade não é junto só com as crianças. É com a família e com o poder público. Então, a minha dificuldade maior é isso. Porque hoje, eu vejo que a família não tem mais um... uma vontade, sabe? Joga as crianças na escola e não tem uma preocupação em a ver as atividades..., em ajudar, né? Não existe, mas a

preocupação. Há um desleixo muito grande, uma falta de vontade muito grande em fazer realmente esse papel da família. Essa é minha maior dificuldade é com a família.

ENTREVISTADO I

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de atuação no magistério: 10 anos

Formação Docente: Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Psicopedagogia Clínica e Institucional

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Através do método fonético de alfabetização.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Interdisciplinaridade a relação entre os conteúdos abordados em sala de aula.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Importante porque é... reúne vários conteúdos e assuntos inerentes à alfabetização. Nesse caso, na relação.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICA?

Entrevistado: Através dos conteúdos abordados é... e sempre de forma contextualizada. Todos os assuntos, dessa forma, se relacionam. Nesse caso, é... na alfabetização também.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: ESPAÇO RESERVADO PARA ALGUM COMENTÁRIO, OBSERVAÇÃO OU CONSIDERAÇÃO SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: É. Como eu já trabalho com o primeiro ano alguns anos é... Um desses anos, eu alfabetizei minha turma é... criando poemas. Então, para cada letra do alfabeto, tinha um poema. Então é... Os alunos, mesmo aprendendo de memória, né? Eles conseguiam é... participar das atividades, é... relacionar palavras do poema. Ler de memória e, depois, de um certo tempo, é... escrever os poemas que eram estudados em sala de aula. Então, a letra b trabalhava o fonema, a ler, o texto, a estrutura do poema e um desses anos, no final do ano, os alunos conseguiram é... produzir é... alguns, é... de uma forma coerente. Outros, de uma forma, é... mais prática. Mas, fizeram uma releitura de uma história que era contada de forma bem espontânea no final da aula. Então, os alunos escutavam todos os dias uma parte dessa história, e no final do ano, houve a escrita de um livro coletivo com todos os alunos.

ENTREVISTADO J

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 24 anos.

Formação Docente: Graduação em Pedagogia

Curso de Pós-Graduação: Especialização em Supervisão Escolar

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Então. Assim... é... cada ano que eu vou percebendo a dificuldade da turma. No início do ano quando a gente faz a sondagem, eu vou traçando é... os objetivos para eu trabalhar naquele ano que eu consigo perceber que não deu certo no ano anterior. Eu não faço no ano seguinte. E o que é que eu percebo que... teve um bom resultado. Logo, a gente vai tentando aprimorar no decorrer do ano. Eu vou trabalhando assim; como as turmas são mistas, né? A gente tem alunos que estão mais avançados do que outros. Eu vou procurando trazer atividades que possa atender tanto a um quanto ao outro.

Aqui na escola, a gente tem o dia da reclassificação. Da reclassificação, não é do reagrupamento. E aí, nesse dia, eu faço os grupos na sala para poder trabalhar com os meninos e sempre bota assim; num grupo, por exemplo, com 5 crianças, eu coloco uma que está mais avançada junto com as outras, que tem um pouquinho mais de dificuldade que aí aquele fica como se fosse um aluno monitor para poder ajudar os outros amigos na sala.

Sim. Eu tenho uma sala, o banner com as famílias silábicas, as atividades que eu vou fazendo com eles. Eu vou estimulando eles a entenderem é... a junção da consoante com as vogais para eles poderem formar as sílabas. Eu tenho esse quadro da consciência fonológica na sala também, que a gente vai trabalhando a palavra: quantas sílabas? Letras? letras iniciais? finais? Para eles começarem a ter a consciência.

Isso aí, por exemplo, trabalhei a palavra palhaço. Eu escrevo no quadro e coloco a família do “P”, LH e do “Ç” (cedilha) para eles poderem ver como que a gente faz. E eu tenho aqui na sala, porque eu trabalhei com educação infantil ano passado, o material do “Descobrir”, que é esse que está aqui no cantinho. E ali eu tenho fichinhas para eles completarem a palavra com a letra que está faltando, tem o alfabeto móvel e aí vou trabalhando dessa forma com os meninos procurando sempre assim está estimulando eles a lerem, a conhecer as letrinhas, identificar quem são os colegas que tem aquela letra. Inclusive, foi o que eu apresentei lá na no seminário. Eu apresento a eles também as letras em libras, como eu fiz o curso, eu faço essa introdução eles

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: É...seria uma forma de eu trabalhar com um conteúdo, mas é... incluindo outras disciplinas juntas. É..., por exemplo, quando eu trabalho, a casa, posso trabalhar a região, local que o aluno está. Trabalho a palavra casa. E tudo o que tá envolvido ali; casa, família, o espaço, o caminho que eu faço para poder sair da escola para minha casa, da minha casa pra escola, o que que eu observo no caminho? Então, dessa forma, eu vou trabalhando com eles, não é? Interdisciplinaridade.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Então. É como eu falei com você agora é... estou trabalhando, é... casa, né? Cômodos da casa, é o que que eu tenho naquele local e, a partir daí, a gente vai fazendo...

Geralmente, eu faço lista de palavras no quadro com eles também. E aí, a gente vai trabalhando essas palavrinhas e eu coloco no quadro da consciência fonológica.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO DE INTERDISCIPLINARIDADE EM SUAS SITUAÇÕES PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: É nessa forma do dia a dia que eu falei agora, né? Tô trabalhando..., por exemplo, plantas. É como que se desenvolve a planta? E aí, a gente vai vendo as palavrinhas: que planta? É qual é o nome dessa plantinha?

Ano passado nós fizemos na sala, na escola um Jardimzinho, não. Nós. Nós plantamos coentro, uma hortinha. Plantamos coentro. Vimos que Na... Na.. Areia tinha minhoca. E, na hora foi uma surpresa grande para as crianças. Aí, fui trabalhando a palavra minhoca com eles ano passado. Eles ficaram super surpresos de encontrar minhoca ali na Terra que eles não conheciam. Aí, puderam tocar na minhoca. É... então, é dessa forma que a gente vai fazendo, né? Eu trago conteúdo, mas em cima do conteúdo eu vou trabalhando a parte de linguagem com eles também.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Geralmente é... eu pesquiso na internet, né. Todo ano, é... eu vou buscando materiais novos para poder trabalhar com a minha turma. É muito difícil, eu usar o material do ano anterior para atividades desse ano. Então, eu sempre procuro. E quando eu vou procurar, geralmente, já tem a sequência, não é, das atividades. A sequência didática. E aí tem português, tem matemática, é ciências e assim eu vou trabalhando.

Entrevistador: AGORA, ESSE ESPAÇO É RESERVADO PARA COMENTÁRIO, OBSERVAÇÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS DO SEU TRABALHO.

Entrevistado: É... então. Com relação a... questão das crianças. Eu observo muito que eles gostam de participar da aula. É sempre que a gente traz novidades. Eles ficam muito interessados e querendo descobrir mais a respeito do que a gente está trabalhando ali. Como foi a questão da minhoca. Eles fizeram várias perguntas, aonde que era a cabeça da minhoca? Que eles não estavam vendo. Não conseguiam observar. E, aí a gente vai.. foi... Foi uma novidade para eles. Eu também não esperava que a minhoca estaria ali na Terra. E aí, algumas perguntas no dia eu não consegui responder. Eu tive que pesquisar para depois a gente poder conversar melhor sobre a questão da minhoca, que foi muito engraçado. Eu acho assim, que a gente às vezes precisa um pouco mais da participação da família. É o que eu percebo na nesses anos que eu venho trabalhando. Porque, eu comecei na escola particular e quando eu vim morar aqui em Pernambuco, eu comecei a trabalhar na escola pública. Na minha cidade, eu trabalhei um ano em escola particular, mas a maioria dos alunos que eu tinha, tinham vindo de escolas particulares. Então, não apresentavam tantas dificuldades. E o que eu percebo com os meus alunos é que ainda falta um pouco da participação da família para poder ajudar a gente nesse processo de aprendizagem das crianças. Os alunos que têm é um acompanhamento, é mais próximo da família, eu percebo que eles conseguem se desenvolver melhor. Os outros que não têm essa participação mais efetiva, apresentam um pouco mais de dificuldade.

ENTREVISTADO K

DADOS DE INVESTIGAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 28 anos

Formação Docente: História

Curso de Pós-Graduação: Gestão Escolar

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Eu utilizo a consciência fonológica. Isso ocorre trabalhando no dia a dia no miudinho. Pegando o texto. Eu não gosto de trabalhar diretamente da letra pra depois ir pro texto. Eu pego um texto. Coloco o texto no quadro, ou no numa folha sulfite, ou numa folha de cartolina; e a partir daí, a gente vai trabalhando...

Primeiro, a gente lê o texto várias vezes. Decora mais ou menos aquele texto. Depois a gente vai procurar as palavras no texto. Há uma variedade de texto pode ser uma contação de história, pode ser uma poesia, pode ser um texto a partir do texto deles mesmo criado por eles dentro da sala de aula. A partir de uma temática, de um desenho. A gente vai criando esses textos e os textos vão servindo como elementos pra gente estudar as palavras. Aí, a gente estuda sempre do macro pra o micro.

Aí, a gente vai fazer a reconstrução. Porque aí a gente pega essa palavra depois. Pega esse texto. Aí, a gente vai pros campos semânticos. Aí, eles criam as palavras deles. Aí, eles vão pra outro... pra produção, né?

Primeiro a leitura. Depois, encontrar as palavras dentro do texto. Depois, pra ter o texto montar o texto de novo. É... de várias maneiras. Então, eles veem sempre o todo e depois a gente vai pro miudinho; e quando a gente vai pro miudinho; aí, a gente vai ver a palavra. E a palavra a gente vai contar: primeira letra, a última letra. Quantas letras? Quantas sílabas? É... aí, começar esse trabalho e a partir desse trabalho, eu pego as letras móveis, passo pra eles e a gente vai criar é... novas palavras, a partir das palavras daquele texto. Dos campos semânticos mesmo. É assim... é um texto falando sobre animais. Então, eles vão pegar os animais criar um monte de palavras. Então, agora vocês vão criar palavras.

A gente estudou o lobo. A história do lobo mau. Então, agora vamos pegar as palavras que tem no Lobo Mau. Ou então, um tema e passo pra eles. Pronto. Se for, é... Chapeuzinho Vermelho. No Chapeuzinho Vermelho, eu vejo, o que que tem na cesta da vovó?

Eles vão pegar as coisas que se colocam numa cesta e vão escrever os nomes numa... no... na... letra móvel. Depois, que eles escrevem o nome na letra móvel, aí, eu vou ajudando de banca em banca. Se vier alguma letra errada. Se tiver algum ponto é... incompleto. Eu vou ajudando. Vou fazendo as intervenções. E aí, eles vão criando e um vai ajudando o outro. Né?

Uma criança, de certa forma, é... o... a zona de desenvolvimento proximal. Vão ajudando um ao outro, e aí, vai se criando e vai se construindo. Geralmente, eu trabalho em é.. em grupos. Vão construindo as palavras. Depois que eles constroem as palavras... e os é... distribuo fichas. E eles vão colocar esses nomes nas fichas. E aí, a gente vai colocar numa num determinado local na sala, num painel com essas palavras. Pra eles, sempre se reportarem. Pra eles... vão ter um referencial dentro da sala palavras que eles construíram. Eles encontram as palavras porque como foram eles que fizeram, então, eles... eles encontram tudo. E encontra dos amigos. Porque eu sempre faço uma apresentaçãozinha. Cada um tem que dizer a sua palavra. Tem que dizer o que foi e colar. Então, isso aí, faz com que haja uma interação dentro da sala de aula e um crescimento muito grande. Por exemplo: eles fazem a palavra maçã. Aí, da palavra maçã, ele com esse “ma”, eles fazem associações com outra... Pode fazer associação com outras, ou ele pode ter aquela..., aquela palavra ali como referencial. Pode ter uma figura ao lado. Ou não ter

figura nenhuma. Mas, como foram eles que colocaram. Eles sabem onde foi que colocaram a palavra.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: É quando você consegue misturar tudo isso. Você consegue colocar Matemática... porque aí você... pronto! Se você pegar a maçã. Você consegue trabalhar matemática, consegue trabalhar... Se você fizer dentro da sala de aula, quando você não fez um monte de palavras? Não trabalhou como os meninos? Depois disso, você pode montar uma tabela com eles. Qual foi a palavra que saiu mais, né? Qual foi a palavra que é mais comum de vocês? Quem mais gostou dessa palavra? E aí, a gente pode construir um gráfico de barra. Então, a gente já fez a interdisciplinaridade com Matemática. A gente depois pode também, fazer uma feirinha. Já que... ele teve só... um... é... frutas e legumes. Estou dando um exemplo só disso aí, né? Então, a gente pode fazer uma feirinha dentro da sala de aula. Colocar preços, né? E vender. Aí, fazer aquela questão da... do... sistema monetário de troca e venda, né? As barraquinhas. E aí, a gente pode fazer muita coisa. Também a gente pode ver localização. Vocês vão ver o Lobo mau. Como eu trabalhei no ano passado. A gente foi ver é... a questão do... de... Geografia. Onde é que fica localizado os lobos aqui no Brasil? Que aqui no Brasil, o lobo é diferente. O lobo não é aqueles lobos da história. Mas é o lobo-guará. Onde é que o lobo-guará é... está localizado? Aqui tem muito material. Tem muito livro dessa história. E tem umas... uns... atlas são bem antigos. Mas, aí a gente pegou os Atlas, foi olhar nos Atlas e depois eu passei um documentário pra eles. Aqui a gente tem um monte de computadores, ou seja, é... se você é da rede você sabe né? Que a gente ganhou a caixa de computadores. Assim, os computadores vão pra sala de aula, subdisfera dos computadores. Só eu passar o link pra eles. Eles entram, e aí, a gente começa a ver as coisas, o material. Tenho meninos especiais que eu trabalhei com eles com massinha. Enquanto, os meninos estavam construindo é... os gráficos, as tabelas e os mapas. O menino, o menino especial estava construindo o lobo com massa. Massa de modelar. Ele não trabalha com escrita, mas aí, ele já trabalhou com massa de modelar, mas o mesmo assunto.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: É isso. É tá sempre atento para aproveitar o máximo possível para que eles aprendam, para que eles é assimilem os conteúdos de... é... da construção mesmo, da... do... da... leitura e da escrita. Com... assim...?! atrelado com os conteúdos da disciplina, né, das disciplinas.

Entrevistador: E O LETRAMENTO, COMO É QUE VOCÊ ENTENDE?

Entrevistado: Isso. É o tempo todinho, você está lendo com os meninos, né? Porque assim, não adianta eu chegar e só falar ou deixar ele de lado. Então, a gente está sempre com os textos na mão. Está sempre com... com histórias, contação de história, texto, a palavra. Então, isso tem que estar muito dentro da sala de aula. A sala de aula não pode ser uma sala de aula lim... vazia. Assim, não pode ser uma sala de aula... tudo tem que estar em cartaz. Tudo tem que estar construído e eles têm que estar construindo isso, porque não adianta um letramento que eles não possam construir. Então, tem que ser como: eu sou a escriba, eu escrevo para eles. Mas, depois, isso aí não vai ficar perdido. Isso aí, vai pra pra parede. Na parede, eles vão lá marcar as palavras principais, as palavras chaves. Então, o texto e a palavra para ir na alfabetização

tem que estar o tempo todinho entrelaçado. Não pode ficar...é... perdido lá. Eu escrevi um texto, botei lá e pronto, esqueci.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Num é isso que estou dizendo pra você. Essa perspectiva de tá tudo interligado, tá? Uma coisa puxa a outra, né? Vai puxando e vai fazendo. E assim, uma coisa importante também é, você está com tudo planejado. Porque se não tiver no miudinho..., Aí, como hoje você vinha para cá, eu trouxe esse caderno para mostrar para você todas as atividades tem que estar muito bem atrelada, não adianta...você colocar uma atividade e você não ter...é...ter... o planejamento. Então, eu tenho o planejamento. É.. aquele planejamento de é... objetivos. É... como é o nome? É... metodologia, tudinho.

Mas, eu tenho. Eu tenho o objetivo também. Mas, eu tenho meu planejamento de atividade por atividade. Então tá tudo, ó?! Todas as atividades tá aqui ó?! Conhecer o meliante dos contos de fada. Eu só trouxe um vermelho. Aí trabalhar o campo semântico que são... É... assistir um vídeo sobre a Chapeuzinho. Pronto! cantar a música, produzir palavras. O que tem nos gêneros alimentícios? frutas e doces e bolos. Então, pegar as palavras em torno disso. Quando trabalhou Lobo Mau... aí, a gente foi a casinha de palha, casinha de madeira, casinha e de tijolos. Como são os elementos que constroem uma casa de... de cada uma das casas? Depois, os 3 é... dos Três Porquinhos também, cada porquinho tem um instrumento, não é? Um não é? Gosta de tocar, não é? o preguiçoso.

Eu gosto de estar tocando, tocando, tocando e não gostou de trabalhar. Então, por isso, que construiu uma casinha de palha. Então, quais são os instrumentos musicais? Outros instrumentos musicais? Aí, eles fizeram essa relação dos instrumentos, certo? Ingredientes para cozinha. Por que um é bem gordinho, gosta de comer muito? Então, o qual são os elementos da cozinha Pra Ele cozinhar? Quais são os ingredientes? E... os utensílios. E o outro são ferramentas de trabalho, é braçal. Né? que é o..É o pedreiro. Então, o que é que ele precisa para construir a sua casa? Depois, veio os cartazes, exploramos e pegamos todas as palavras que a gente trabalhou. Eles construíram na letra móvel. Depois eles construíram no papel e depois a gente montou em ordem alfabética. Aí, teve lugar, letra a, por exemplo, teve 3, 4 palavras. A letra b só teve uma. A letra, não sei o que teve não sei quantas. E aí, isso aí foi tudo para parede. Aí, quando a gente perguntava uma palavra com a letra b. Aí, eles iam na parede e procuravam com a letra “B” e encontrava as palavras que estava com a letra b. Depois a gente fez...o julgamento do Lobo Mau. Aí, criamos uma ficha técnica do Lobo Mau, fizemos um mapa regional. É... depois, procurando do texto. É... propaganda? Aí, fizemos uma propaganda. Já que não tinha mais perigo, porque o Lobo Mau foi absorvido. Então, vamos fazer uma propaganda para passear nessa Floresta? Aí, a gente foi passear na floresta. Depois, disso aqui, os meninos ficaram loucos. Aí, a gente..., eu tenho aqui um desenho no meu, no meu caderno, que é uma bruxinha. E eles ficaram um pouco por essa bruxinha, e como eu tinha meu material de sala de aula, que era o material da gente, a gente construiu isso aqui também, não é? Tem outros materiais em sala de aula. É, eu tinha muita roupinha de Emília e minha aluna, ela estava muito agitada. Ela não queria ficar em sala de aula. Então, ficava saindo... que ela era especial. Ela era autista sem a oralidade. Então, ela precisava ter esse momento de... de ficar dentro da sala de aula. Meu Deus, o que que eu faço? Aí, criei as perucas da Emília e coloquei nela. Aí, ela não quis no começo. Ela não quis. Aí, o que é que eu vou fazer? Pronto! Envolver os meninos. E ao envolver os meninos e botei todo mundo de peruca. Pronto! Ela, num instante, botou a peruca também. Todo mundo estava de peruca. Aí, cantamos a música do sítio. Começamos a ver o sítio. Daqui a pouco, eu entrei no sítio Pica-Pau amarelo. Daqui a pouco, eu entrei noutra coisa. Aí, com a Cuca era o desenho que estava no caderno e eles ficaram

interessados. Aí, a gente foi pra Cuca. Que era uma bruxa. E da Cuca, já emendou para pegar outras bruxas, o caldeirão. O que é que botava no caldeirão? O que que eu faço no caldeirão? Aí, peguei poesias. Pronto! tá aqui é a parte chata, né? A parte que a gente tem que fazer, mas não é uma parte gostosa de fazer. A parte gostosa de fazer são as atividades. Essa parte daqui são as obrigatórias. Essa parte aqui é para a gente se situar. Para a gente ter nossos é... pressupostos. É ...a gente precisa ter para poder seguir o trabalho e...um dos...das minhas referências, foi um livro chamado é...Psicanálise dos contos de fada que é do Bruno. Beber. Eu não se dizer o nome não. É...eu gostei muito. Mas, eu também trabalhei com outro. Trabalhei com aquele da narrativa que é da rede também, que é um laranja que tem narrativas de contos de fada, de fábulas de... éé... vários outros. Tem vários gêneros. Aí, eles, eles deram para a gente, acreditar que faz muitos anos. Aí, eu também tenho esses livros e eu gosto muito. E, eu gosto muito de ler. Aí, leitura é meu...É, é assim,... é minha paixão. E aí, eu passei tudo isso, aí?! A partir disso, aqui... é uma bagunça.

A gente vai fazendo e vai fazendo acontecer.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Não. Que eu gosto muito.

Entrevistador: ESPAÇO É RESERVADO PARA COMENTÁRIOS, OBSERVAÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Aí, eu adoro ensinar. Eu não sei... Eu demorei muito para decidir. Não é... eu só vim me decidir, aos 27 anos. Foi quando eu me decide finalmente o que eu queria ser. Mas, quando eu decidi...eu fechei.

ENTREVISTADO L

DADOS DE INVESTIGAÇÃO

Atuação no Magistério: 35 anos

Formação Docente: Letras

Pós-Graduação: Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A ÇEREM E A ESCREVEREM:

Entrevistado: É... muita coisa, vem mudando ao longo dos anos. Assim, eu tenho a impressão, inclusive, que a educação ela passa por modismos. Principalmente, na área de alfabetização. É... eu compreendo que a gente vinha numa metodologia muito antiquada, que era muito tradicional. Aí, depois foram e foi surgindo a questão da alfabetização no método fônico. Depois, vem outras questões mais amplas. Eu participei de uns cursos de atualização na Federal com pessoal que hoje, eu acho, que chamam de primeiras letras também. Mas era... Eu não lembro. Não lembro o nome agora. Mas, é aí a gente vai juntando hoje um pouco da perspectiva construtivista, um pouco da perspectiva fônica, e eu acho que o professor na verdade ele tem que ter segurança do que ele está trabalhando. Então, a questão foi metodológica, não é que eu me perdi, que eu falo muito.

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: Eu junto um pouco de cada coisa. Porque como eu tenho muitos anos de magistério, eu passei pelo ensino muito tradicional depois. Veio para o ensino mais construtivista. Juntei um pouco que eu fiz cursos também do método fônico.

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?.

Entrevistado: Eu tô me perdendo e não digo. Eu uso muitos textos, textos de uso cotidiano, muita parlenda. Muitos poemas. Eu amo poema. Inclusive foi meu tema de trabalho, foi a poesia na sala de aula como um excelente instrumento para alfabetizar. Então, eu uso através de textos.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Eu entendo que a gente nunca consegue trabalhar, principalmente, nos anos iniciais. A gente não consegue trabalhar. Uma disciplina só isolada, principalmente que a gente consegue colocar a língua portuguesa praticamente em tudo. A gente está dando uma aula de matemática e entra outras questões sociais. Entre questões de Geografia. Então, eu acho muito importante o professor que possa transitar através de todas as disciplinas e sempre que possível, ele fazer da sua aula, é trazer um pouco disso... além da sua disciplina. Eu estou um pouco confusa nas coisas que eu estou falando que eu estou falando assim, pensando tudo de uma vez, e está me escapando palavras. Mas, é isso, é... a disse, é..., eu não vou dar uma aula unicamente de matemática. Na aula de matemática, surgem questões de outras disciplinas e a gente vai é... introduzindo. Embora a aula continue sendo matemática.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Veja, eu já considero até como interdisciplinaridade. Quando eu aproveito que estou trabalhando ciências, por exemplo. Foco em algum termo ali que eu estou destacando também para alfabetizar e continuo trabalhando conteúdo lá de ciência. Esse lá, sobre a água, importância da água e por que não? O que vem na área da parte de alfabetização trabalha a lista, não é? Já é um gênero textual. Trabalho a lista. Que pode ser lista de palavras relacionadas a água ou que lembrem água que lembre todo o cuidado para não desperdiçar água e por aí vem, vai. Então, foi só um exemplo, eu vou aproveitar e trabalho uma lista. É..., eu posso fazer uma interdisciplinaridade, por exemplo, com a arte. Eu posso pegar algum artista que trabalhou essa questão da arte... através da água, ou uma pintura mais aquosa, foi o que eu fiz ultimamente foi com a Aquarela. Assim, parece um pouco perdido, mas a gente que está no dia a dia da sala de aula vai sabendo encaixar tudo.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NAS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Na verdade, quando eu faço meu planejamento, eu já tenho esse cuidado de ver outra disciplina que pode ser contemplada ali. Já eu já tenho esse cuidado. E, às vezes, eu nem me preparei para aquilo, mas surge no decorrer da aula, suje. E aí, a gente tem que incorporar. Como professor, ele tem experiência, ele consegue acrescentar outras coisas sem dificuldade ao seu planejamento, mesmo que não tenha sido lá detalhado.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADES EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Não tenho, não. Desculpa, é que eu nem terminei você perguntar. Mas, eu não tenho, não. Por sinal, eu faço muito isso. Como eu lhe dei o exemplo, ainda pouco da água e, por aí, vai. É... A gente tem que introduzir um pra alfabetizar, a gente está muito preocupado em ensinar essa criança a ler e a escrever. Mas, a gente não pode abrir mão do conhecimento de mundo, da sua vida social. Dele enquanto pessoa. Então, essas coisas vão tem que ser contempladas. Seja, no gênero textual que eu coloco. Seja, no filme que a gente assiste nas discussões que a gente, na alfabetização, tem muita roda de conversa para trabalhar a oralidade dessa criança. Então, são assuntos interessantes para se discutir.

Entrevistador: ESSE ESPAÇO É RESERVADO PARA COMENTÁRIOS OU OBSERVAÇÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Eu vou falar do meu trabalho de um modo geral. Na verdade, eu tenho mais de 35 anos de magistério, porque eu comecei muito cedo sem ter registro em carteira. Mas, entrei na prefeitura muito novinha. Eu tinha 21 anos. Então, eu amo meu trabalho. Eu... Eu tenho uma paixão pelo que eu faço. Eu tenho muito desgosto quando a gente chega como neste momento que a gente tem que brigar por uma coisa que é nosso direito. Quando a gestão se recusa a pagar o piso do professor. Brinca com a vida do professor. Em compensação, compra projetos caríssimos, mas não investe no professor. Me incomoda isso da culpa do fracasso escolar, recai sempre no professor. A gente tem muita coisa pra levar em consideração. Agora, apesar de todas essas questões, eu tenho uma paixão muito grande pelo que eu faço. Eu sou uma apaixonada pela, pela educação e, principalmente, pela alfabetização. Eu amo alfabetizar.

ENTREVISTADO M

DADOS DE INVESTIGAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 32 anos.

Formação Docente: Graduação em Pedagogia

Pós-graduação: Psicopedagogia Clínica e Institucional

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E A ESCREVEREM?

Entrevistado: É pra ler, para escrever, a gente usa sempre uma forma assim..., do mais alto ao mais baixo, o contexto, palavras geradoras. E aí, depois a gente vem decodificar os símbolos. Com a separação entre os símbolos de letras. Números. Depois, a gente vai associar os fonemas, né? E os grafemas para ela ter uma alfabetização assim mais funcional.

Entrevistador: O QUE É PARA VOCÊ A INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: A interdisciplinaridade no meu ver, experiência que a gente já estudou também, já viu até hoje. Dentro do que eu entendo, é... a interdisciplinaridade é interdisciplinar todas as disciplinas, onde busca trazer a criança para que ela possa ter uma melhor leitura de mundo no conhecimento mais abrangente, entendeu? Dentro do conhecimento dela, com as demais disciplinas, onde, por exemplo, a gente está ensinando sobre a natureza, mas dali a gente também vai enfatizar as demais disciplinas, português, matemática, geografia, enfim. É um leque bem amplo, né? A interdisciplinaridade.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: É mostrar a criança que ela tem uma condição de, além de ler e escrever. Ela também vai entender o que é que ela está fazendo no assim, entendendo o que ela está fazendo. Construindo é um processo de formação que ela precisa ter dentro do conhecimento de mundo e junta mesmo e formar uma coisinha só lá.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO INTERDISCIPLINAR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?

Entrevistado: Assim sempre eu estou..., por exemplo: a gente hoje direciona mais para português e ciências.

Nas práticas pedagógicas têm sempre trabalhando assim. Hoje a gente tem condição de trabalhar mais o português, mas não deixar de trabalhar no português. A matemática é a ciência, Geografia e a gente faz uma unificação para que fica facilitado para que no dia a dia a criança esteja trabalhando português, matemática de uma forma ampla.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Hoje, a BNCC, ela dá um leque bom a gente. Ela ajuda muito nessas atividades, porque ela, além da gente, tá pesquisando, buscando lá a gente também, tá vendo o que já é uma atividade que já vem organizada dentro do que a gente tá objetivando na aula, né?

Entrevistador: AQUI FICA UM ESPAÇO ABERTO PARA VOCÊ. FAZER ALGUMA ALGUM. COMENTÁRIO ALGUMA OBSERVAÇÃO OU CONSIDERAÇÃO SOBRE O SEU TRABALHO.

Entrevistado: Assim, eu gosto muito de trabalhar com alfabetização, é, apesar do da experiência que a gente que eu tenho, né? Dentro desse ramo, eu gosto muito de ver o desenvolvimento da criança, é... o progresso dela. A formação. Ela começa aqui, daqui a pouco ela está naquele desenvolvimento maior. Conhecendo mais a leitura, entendendo o que está construindo, o que está fazendo, entendeu? É muito importante, é muito assim, gratificante, a gente vê que a criança, partiu de um 0, para um...se ela chegar num seis, num oito, a gente já está contente. Se ela for para mais ainda. A gente vai ficar mais feliz ainda. Eu gosto muito desse, desse processo de alfabetização dentro da formação dela.

ENTREVISTADO N

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Tempo de Atuação no Magistério: 17 anos.

Formação Docente: Pedagogia.

Pós-Graduação: Psicopedagogia e em Neuropsicopedagogia.

Entrevistador: COMO VOCÊ ENSINA AS CRIANÇAS A LEREM E ESCREVEREM?

Entrevistado: É inicialmente eu realizo uma diagnose, né? Para identificar o nível de leitura e escrita que os alunos estão. Pra que dessa forma a partir desse dessa observação eu possa trabalhar dentro da realidade de cada aluno pra ver qual nível ele está, né? Atualmente, pra tentar da melhor maneira possível suprir essa necessidade dele para que ele consiga ler e escrever compreendendo.

Após essa diagnose, eu preparo as aulas, né. Conforme a maneira que vá suprir, né? Atende a realidade de cada aluno. Organizando eles. Eh... inicialmente em grupos de acordo com o nível que ele se encontra. Eh... através de dinâmicas, material de uso concreto, né? Gosto muito também de estimular a prática da leitura com momentos de leitura.

Eh... atualmente, eu estou com trabalhando com eles né? Momento da leitura onde ao iniciar a aula todos os dias, eu disponibilizo uma caixinha com alguns tipos de textos, né. Já dentro desses níveis de leitura e escrita. Eh... sílabas, palavras, frases. Eh... pequenos textos pra apresentar a esses alunos a diversidade, né? De como ele pode trabalhar a leitura e a escrita.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE?

Entrevistado: Interdisciplinaridade é ...são ações pedagógicas né? Desenvolvidas articulam com esses saberes de diversas áreas de ensinosa né? Que se conectam entre si né? Se articulam a partir de um mesmo conteúdo com olhares eh conectados e diferentes abordagens acho que é isso.

Entrevistador: O QUE VOCÊ ENTENDE POR INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

Entrevistado: Bem, olhe! Diante, diante, da diante da, na minha prática, o que é que eu posso dizer né? Sobre interdisciplinar. A Interdisciplinaridade no processo de alfabetização ajuda muito, né?! Porque a partir das outras disciplinas eu também vou abordar a leitura, a escrita de forma diferenciada e de forma lúdica também trabalhando com material concreto na disciplina de matemática entre outras situações.

Entrevistador: DE QUE FORMA VOCÊ APLICA O PROCESSO DE INTERDISCIPLINARIDADE NA SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA?

Entrevistado: É...vamos como eu posso falar né? Eu pego um tema, né? Gosto muito de trabalhar da seguinte forma: Um livro paradidático eh... abordando no caso agora no carnaval Frevolina (livro paradidático). Trabalhei com eles o texto, aí eu já vou trabalhar ciências; eu posso trabalhar artes daquele texto, daquele livro paradidático. Inicialmente, eu desenvolvo, né? Os conteúdos que eu posso trabalhar. Quais habilidades que os alunos terão que ser desenvolver no decorrer daquele período, né? Pode ser semanal ou quinzenal vai de acordo com o planejamento.

Entrevistador: VOCÊ TEM DIFICULDADE EM ELABORAR ATIVIDADES ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR?

Entrevistado: Às vezes aparece, né? É uma coisa que requer cuidado, tempo né? Pra que a gente possa realmente elaborar aquela atividade dentro também da realidade dos alunos. Para que todos né? Sintam-se inseguros na realização. Caso a maioria ou um número de alunos não atinjam, nós podemos também refazê-la para atender à necessidade daqueles alunos.

Entrevistador: AGORA PROFESSORA ESSE ESPAÇO É RESERVADO PRA SENHORA FAZER ALGUM COMENTÁRIO, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O SEU TRABALHO E ALGUMA OBSERVAÇÃO.

Entrevistado: Oi! Atualmente né? Depois desse período pandêmico onde as crianças ficaram afastadas os dois anos da escola eh....assim eu percebo que eh...preocupante, né? A situação dos alunos por conta desse afastamento. Porque aquelas aulas online não supriram e, assim, não ajudaram. A gente sabe também que tem a questão da família, a família não tem uma preparação, não tem condições de dar esse suporte às crianças. Então, assim, o nosso trabalho desde dois mil e vinte e um né? Está mais difícil. Mas, eu tenho dado a melhor maneira possível para atender às necessidades dos meus alunos.

No ano passado também, eu trabalhei com o primeiro ano e assim eu vi. Eu senti que alguns evoluíram, que alguns adquiriram a leitura e a escrita, alguns ficaram, né? Não tão preparados, mas assim..., é gratificante quando você olha e você vê que seu aluno está evoluindo a pequenos passos. Mas, que você pare e diz: poxa! Eu estou tentando. Eu estou conseguindo né? Então, assim eu sempre busco atender às necessidades dos meus alunos, né? A realidade de cada um. Não é fácil. Mas não é impossível. E eu amo o que faço, né? Eu gosto muito de ensinar.